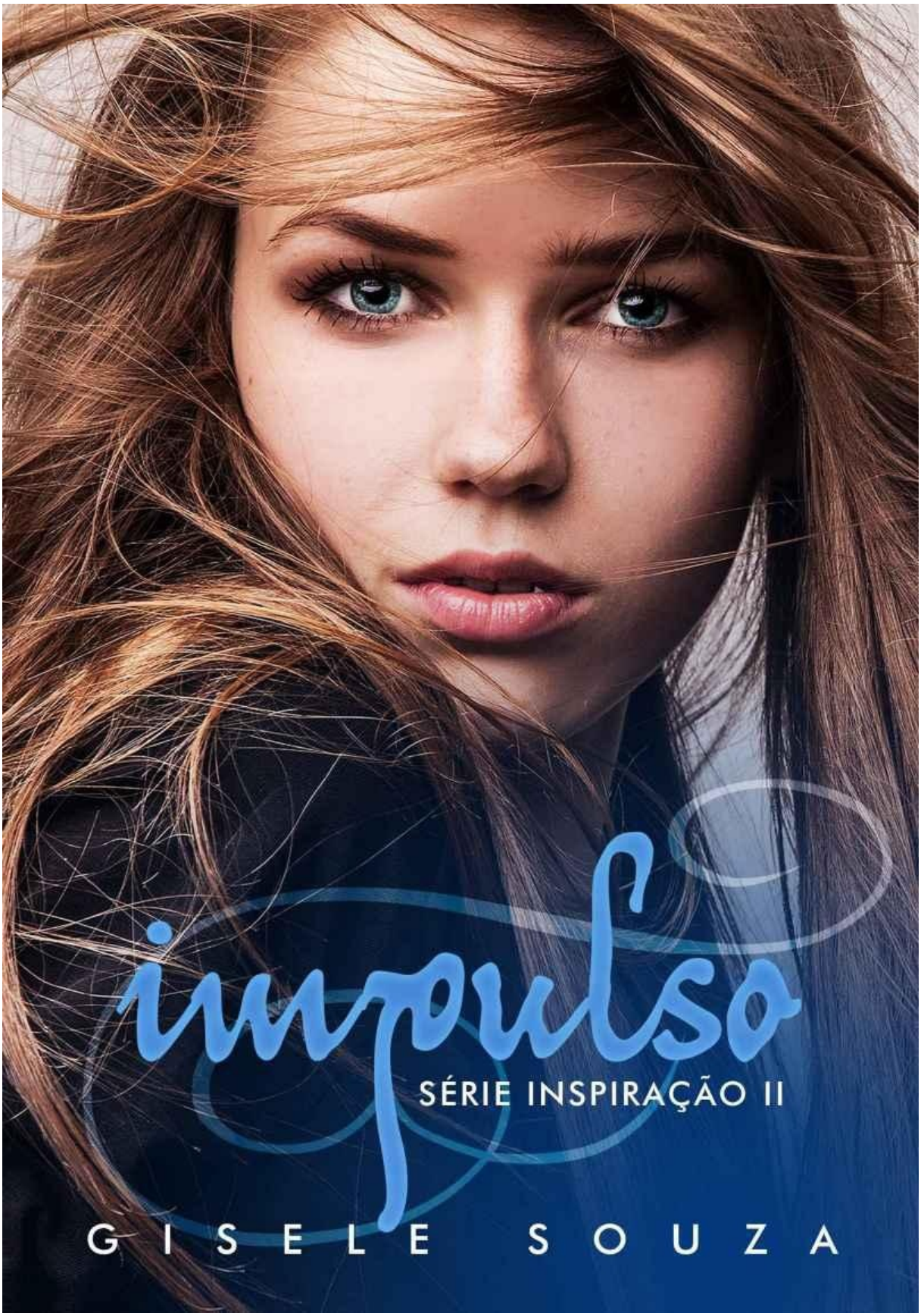

impulso
SÉRIE INSPIRAÇÃO II
GISELE SOUZA

**IMPULSO**

*Vontade louca, impulso incontrolável, amor, luxúria.*

*Seguir ou negar?*

GISELE SOUZA

Copyright © 2014 Gisele Souza

**Capa:** Renato Klisman

**Revisão e Copidesque:** Carla Santos

**Diagramação Digital:** Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da

imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera

coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de

quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

*“Entrego-me cegamente ao impulso que me arrasta.”*

(Jean Racine)

*“Somos punidos pelo que negamos.*

*Cada impulso que tentamos sufocar persevera em nosso íntimo e nos intoxica.”*

(Oscar Wilde)

**SUMÁRIO**

**NOTA DA AUTORA**

**PRÓLOGO**

**CAPÍTULO 1**

**CAPÍTULO 2**

**CAPÍTULO 3**

**CAPÍTULO 4**

**CAPÍTULO 5**

**CAPÍTULO 6**

**CAPÍTULO 7**

**CAPÍTULO 8**

**CAPÍTULO 9**

**CAPÍTULO 10**

**CAPÍTULO 11**

**CAPÍTULO 12**

**CAPÍTULO 13**

**CAPÍTULO 14**

**CAPÍTULO 15**

**CAPÍTULO 16**

**CAPÍTULO 17**

**CAPÍTULO 18**

**CAPÍTULO 19**

**CAPÍTULO 20**

**CAPÍTULO 21**

**CAPÍTULO 22**

**CAPÍTULO 23**

**CAPÍTULO 24**

**CAPÍTULO 25**

**CAPÍTULO 26**

**CAPÍTULO 27**

**CAPÍTULO 28**

**CAPÍTULO 29**

**CAPÍTULO 30**

**CAPÍTULO 31**

**CAPÍTULO 32**

**CAPÍTULO 33**

**CAPÍTULO 34**

**CAPÍTULO 35**

**CAPÍTULO 36**

**CAPÍTULO 37**

**CAPÍTULO 38**

**CAPÍTULO 39**

**CAPÍTULO 40**

**EPÍLOGO**

**CAPÍTULO BÔNUS**

**BÔNUS EXTRA**

**AGRADECIMENTOS**

**A AUTORA**

**CONTATO**

**OUTRAS OBRAS NA AMAZON**

**NOTA DA AUTORA**

*Impulso* é o segundo livro da série *Inspiração*, composta de quatro obras.

Cada uma focará em um casal protagonista e contará uma história diferente.

Siga esse impulso e emocione-se com essa linda história de amor.

**PRÓLOGO**

Quando a vida te impõe certas situações, você tem que erguer a cabeça e seguir em frente. Pelo

menos, era assim que eu pensava.

Para quem olha de fora, pode achar que tive uma vida tranquila porque minha irmã pagou por

meus estudos, não tive que trabalhar para me sustentar até ficar mais velho.

Cursei faculdade de

Medicina e me formei com louvor. Sou um médico residente em Ortopedia com um futuro brilhante

pela frente.

Só que quando você tem um peso em seus ombros, como ser responsável, o melhor aluno, um

irmão exemplar, você simplesmente não vive, não erra. Isso é inadmissível. Sempre serei grato por

Lala ter me criado e transformado no homem que sou hoje. Ela me deu amor, carinho e atenção. No

mesmo dia que perdemos nosso pai, minha mãe se enterrou com ele. Desde então, tudo de bom que

ela era se foi e, por isso, nos abandonou; não fisicamente, mas restou apenas uma casca vazia do que

já havia sido. Sei que não devia odiá-la, pois ela sofreu muito com a perda do seu amor. Contudo,

para um garoto era complicado pensar assim. Eu queria somente seu apoio e carinho, e não tive.

Fiquei muito tempo reprimindo uma mágoa que se construiu desde a minha infância, e foi

libertada de uma vez só, uma fúria e irresponsabilidade tomou conta de mim porque foi provocada

por apenas uma pessoa. Acho que não levo bem uma rejeição.

Apaixonei-me pela primeira vez na escola primária. A garota era da minha sala e *nerd* como eu.

Até que foi legal enquanto durou; jamais esqueci o meu primeiro beijo. Mas só

isso. Nada que

abalasse minhas estruturas. Porém, houve alguém que conseguiu fazer do meu coração um terremoto

de grau cinco na escala Richter.

Quando eu conheci Sabrina Petri, senti nela uma liberdade que nunca experimentei. Tive um

vislumbre de um amor forte, sincero e livre.

Ela era linda com aqueles olhinhos claros que me encantaram profundamente. Além disso, era

divertida como eu tinha dificuldade de ser, não tinha papas na língua, falava o que bem entendia e

não se arrependia. Tornamo-nos bons amigos. Adorava sair com ela. Sentia-me protetor, não o

protegido como estava acostumado.

Ela era daquele tipo de garota que gosta de dar uma de durona, só que no fundo eu sentia que ela

precisava de muito carinho e foi o que lhe ofereci. Deixei-me levar, e fiquei totalmente apaixonado.

Com ela, eu podia viver sem amarras. Nunca me esqueceria do nosso primeiro beijo.

A primeira vez que visitei a casa da família do Bruno, amigos e parentes não perderam a chance

de conhecer a responsável pelo “garanhão” da família Petri se amarrar. Eram pessoas boas e

amigáveis. Porém, subitamente, me vi rodeado de meninas de várias idades. Eu estava acostumado a

esse tipo de atenção na faculdade, mas não queria dizer que ficava confortável. Além do mais queria

passar um maior tempo com Sabrina e não conseguia.

Eu estava um pouco louco por ela. Não sabia aonde iria nos levar a “amizade” que surgiu,

contudo podia perceber que a recíproca era verdadeira. De repente, uma loira, que era muito bonita e

gostosa, se aproximou sentando-se ao meu lado e falou no meu ouvido que estava morrendo de

vontade de me mostrar o seu quarto. Sua mão deslizou pelo meu braço dando um leve aperto. Eu não

tive tempo de recusar. Com os olhos azuis enraivecidos, Sabrina veio em nossa direção e empurrou a

garota na piscina, com cadeira e tudo. Gritou com ela para que mantivesse distância de mim e saiu

pisando duro.

Eu não sabia o que fazer até Layla vir me alertar. Saí em disparada casa adentro a procurando.

Encontrei-a na varanda da frente, sentada na cadeira de balanço com os olhos fechados. Parecia

realmente chateada; eu não sabia como agir. Era inexperiente em relação aos sentimentos femininos.

— Sabrina, o que você está fazendo?

Ela abriu os olhos e me fitou. Percebi que havia muita dor em seu interior.

— Desculpe pelo show. Descontrolei-me, não vai acontecer mais, prometo.

Aproximei-me devagar para não alarmá-la. Não podia adivinhar do que ela era

capaz.

— Por que fez aquilo?

— Não sei. — Suspirou, fechando os olhos.

Fiquei incomodado com aquela situação constrangedora e, de repente, queria sair dali.

— Vamos dar uma volta? Sei lá, passear, espairecer.

Ela se virou e sorriu levemente.

— Vamos, sim.

Acompanhei-a até o carro e sentei no banco do carona. Percorremos a cidade sem ter onde

parar. Depois de um tempo, Sabrina se aproximou de uma praça afastada da avenida principal. Tinha

um rio ali onde os casais costumavam andar abraçados, observando a noite e ficar namorando.

Descemos e sentamos em um dos bancos. Havia uma fonte com uma estátua de mulher nua. Uma

dessas obras que eu não entendo bem. Mas aquela coisa de pedra me lembrou da mulher sentada ao

meu lado. Sabrina parecia maleável, brincalhona e extrovertida. Mas, quando você a conhece melhor,

percebe que é quase feita de pedra. Alguma coisa havia acontecido para que endurecesse seu

coração. Ela achava que eu não percebia, porém, a cada investida minha, ela dava um passo atrás e

isso estava se tornando extremamente frustrante.

Seus olhos estavam perdidos, vagando para qualquer lugar que não fosse o meu rosto. Peguei

seu queixo entre os meus dedos e a fiz me encarar.

— O que você está pensando? — Ela engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Nada com que tenha que se preocupar, no momento eu só quero esquecer. — Abriu os olhos

me encarando; era tão intenso tudo que se passava dentro dela. Dizem que os olhos são o espelho da

alma e, naquele momento, Sabrina estava exposta para mim, totalmente vulnerável. — Me faz

esquecer tudo, Lucas.

Movi-me no automático e aproximei a boca do seu rosto. Minha intenção era apenas dar um

beijo leve na bochecha, mas Sabrina se virou e enlaçou meu pescoço em um beijo arrebatador que

sugou todas as minhas boas intenções, literalmente. Deslizei a língua por sua boca quente e gemi de

prazer. Ela se acomodou com as pernas em cada lado das minhas, segurando meu rosto com as duas

mãos e assaltando minha boca freneticamente.

Segurei sua cintura e não me fiz de rogado. Ela estava tão entregue que podia tomá-la ali mesmo

que não haveria resistência, porém não era com ela machucada e confusa que a teria. Somente com

sua entrega total.

Daí por diante eu fiquei totalmente e irremediavelmente perdido. Tornamo-nos

amigos e ela se

afastou ainda mais de toques íntimos.

Resolvi dar uma decisão em nosso relacionamento. Mas ela quebrou meu coração dizendo que o

que tínhamos era somente amizade e nada mais. Eu tinha quase certeza de que o que eu sentia era

recíproco no mesmo grau e intensidade. Talvez tenha interpretado errado o que ela disse aquele dia

sobre fazê-la esquecer. Fui um tolo apaixonado e me enganei. Em consequência dessa rejeição, tudo

o que reprimi por anos se libertou de uma vez só. Não sei bem por que me transformei em um cara

meio odioso, que usava as mulheres apenas como objeto. Eu não era assim, não foi desse jeito que

minha irmã me criou. Mas não consegui desviar dessa minha nova conduta e tentei esquecer o amor

que tinha por aquela garota que queria ser apenas minha amiga.

Só que, após quatro anos, eu ainda tinha Sabrina gravada a ferro e fogo em meu peito. Não havia

como escapar de algo que havia se enraizado dentro de mim, e desconfiava que nunca existisse

alguém que se assemelhasse ao que eu sentia por ela.

***

Estávamos em uma noite dos caras no *Beer*, enquanto as meninas estavam na casa da minha

irmã.

Fazíamos isso, às vezes, e era bem legal, porém estava com muita vontade de ir para casa.

Não havia nada de muito interessante no bar. As mulheres passavam e se insinuavam, mas com a

lembrança do beijo que invadiu minha mente e toda a merda que veio depois não estava de bom

humor.

Alberto conversava com Bruno e Heitor em uma mesa de frente para o balcão. Ele levantou a

cabeça e me encarou franzindo a testa, fez uma careta e se levantou aproximando-se.

— Qual é, Lucas? Que cara mais feia é essa para um dia que era pra ser divertido. Afinal,

não é todo dia que a gente vê o garanhão do pedaço se enforcar. — Balançou as sobrancelhas,

sorrindo.

Não consegui segurar minha risada, o humor do Alberto era sempre muito contagiante. E no

fim das contas, era pura verdade. Mas não que Bruno não estivesse feliz em se enforcar, o cara era

apaixonado por minha irmã.

— Não se preocupe comigo, estou bem.

— Aham, sei! Bom, só digo o seguinte... Não se importe tanto com alguém que não liga para

você. É perda de tempo, eu sei! — Sua voz soou tão amarga que o encarei.

— Está falando da Ana?

Suas narinas inflaram e ele desviou o olhar. Quando voltou a me olhar, percebi que em seus

olhos havia apenas saudade e mágoa.

— Não importa! Apenas ouça o que eu disse. — Sorriu amargamente. — Bem, mas como

disse... hoje é o dia de comemorar que o mané vai se enforcar. Vamos lá beber até cair.

Levantou-se e voltou para a mesa dos caras, sorrindo e mexendo com Bruno, que nem se

importava com as provocações do amigo. Respirei profundamente e o segui. Conversamos mais um

tempo e, de repente, a porta foi aberta por um furacão de cabelos castanhos. Seus olhos vagaram

pelas mesas até encontrar seu alvo. Ao meu lado, vi que Bruno ofegou baixinho, mas eu ouvi sua

respiração falhar. Layla não tinha uma cara muito boa.

— Acho que tem gente em apuros! — Heitor deu voz ao que eu pensava.

Bruno virou-se para Alberto e o fuzilou.

— O que você disse para ela?

— Que teríamos uma despedida de solteiro com muitas *strippers*. — Sorriu dando de

ombros.

Bruno levantou-se de um impulso e saiu em disparada, não antes de soltar um *babaca* para o

amigo. Ele se aproximou da Layla e falou com ela, que discutiu um pouco até que foi calada por um

beijo. Desviei o olhar e encarei Alberto.

— Por que fez isso, cara? Não sabe o quanto a Layla é esquentadinha?

— Lucas, meu amigo, veja bem: eu falei uma mentirinha, sabia que ela viria atrás. Foi só para

apimentar a relação, eles não podem cair na rotina. E depois de uma explosão dessas, vão passar a

lua de mel felizes.

Fiz uma careta. Na cabeça do meu amigo louco isso poderia ajudar, mas, mesmo assim eu

tinha receio, minha irmã não era fácil. Porém pareceu que seu plano deu certo, Bruno e Layla saíram

abraçados e nem se despediram.

— Bom, já que o “enforcado” se foi... também vou nessa, pelo visto a reunião das meninas já

acabou. Vejo vocês amanhã, vistam-se direito, hein, seus malucos. Nada de roupa de motoqueiros.

Eles sorriram e assentiram. Achei melhor ir embora de uma vez. Não estava me sentindo à

vontade e o dia seguinte seria um acontecimento importante para a Layla e queria dormir bem.

Cheguei em casa rapidamente, pois já era tarde e o trânsito estava tranquilo. O carro da

Sabrina já estava na garagem e me preparei para ignorá-la. Não estava a fim de jogar conversa fora.

Nossa vida morando juntos não foi fácil. Estávamos sempre no limite e prontos para explodir. E se

ela puxasse conversa, ou viesse com as provocações sobre as mulheres com quem eu saía, com

certeza teria briga das feias.

Mas ao entrar em casa vi que tudo estava escuro e em silêncio. Fui até seu quarto e não havia

qualquer movimento, acendi a luz do corredor que iluminou o cômodo e a vi deitada na cama.

Sabrina estava deitada de bruços, dormindo tranquilamente. Vestia apenas uma blusa velha e

uma calcinha; e o engraçado que era uma das minhas camisetas antigas que achei ter perdido. Podia

parecer loucura, mas um orgulho se apoderou do meu peito por ela usar algo que me pertencia.

Nesse tempo que vivemos juntos, Sabrina nunca me tratou diferente de um amigo. Às vezes,

eu notava certa atração física, mas parava por aí. Nunca expressou sentimentos como os que havia

em meu coração. Suspirei e foquei meu pensamento no fato que ainda a tinha ao meu lado. Isso devia

bastar, né?

Só que não bastava, pois eu sempre quis e vou querer mais do que o cargo de amigo dela. Eu

a queria por inteiro. De corpo e alma. Nunca me contentaria com metade do que ela poderia me dar.

Eu necessitava de tudo. Meu coração só seria acalentado se ela retribuísse ao meu amor.

Esperava que não demorasse demais, porque um sentimento pode se desgastar por falta de

reciprocidade.

Fui dormir, porque o dia seguinte seria importante e eu teria que fingir, mais uma vez, ser

quem eu não gostava. Estava cansado dessa vida de homem galinha e sem coração. Já percebia que

estava chegando a hora que minha máscara de rebeldia cairia.

Meu último pensamento antes de fechar os olhos foi para a mulher que dormia no quarto ao

lado. Fiz uma oração pra que não demorasse para ela estar em meus braços. Já não aguentava mais.

***

Quando Ana Luíza me ligou dizendo que nos reuniríamos na casa do Bruno, não achei que seria

isso que estava acontecendo. Tinha um cara vestido de bombeiro dançando no meio da sala. E, meu

Deus, ele arrancou a calça num puxão ficando apenas de tanguinha.

Layla alternava entre encarar o cara e a Ana, que pulava e gritava. Achei que minha cunhada iria

desmaiar. Tive que agir antes que fosse tarde e ela tivesse um troço. Aproximei-me e a puxei pela

mão, levando-a para a cozinha.

— Layla, respira! Você vai ter um ataque.

Seus olhos verdes arregalados se viraram pra mim e ela abriu e fechou a boca.

— Sabrina, Ana é maluca! Onde ela estava com a cabeça quando pensou em trazer um *stripper*

pra casa? Ai, meu Deus! Se Bruno fica sabendo, a casa vai cair na minha cabeça.

— Calma, ele não vai. Saiu com o Alberto e os meninos.

Ela assentiu, mas subitamente me encarou.

— Filho da mãe, ele disse que levaria o Bruno para uma despedida de solteiro. Eu mato o

Alberto!

Ela saiu pela porta dos fundos com a chave nas mãos e furiosa. Bem, se realmente tinha um caso

parecido com o que tínhamos na sala, Alberto estava ferrado.

Voltei para a sala e o bombeiro de tanguinha rebolava na frente da Larissa, que tentava não

olhar, mas, sem poder evitar, dava uma conferida no material do cara. E a Ana? Quase morria de rir.

Chamei sua atenção, e ela se levantou segurando a barriga, que devia estar doendo de tanto rir.

— Que foi, Sá? Onde está nossa cunhadinha querida? O bombeiro ali quer apagar o fogo dela.

— Riu mais um pouco.

— Ela foi atrás do Bruno. Parece que Alberto ia levá-lo para uma despedida de solteiro. O

ameaçou de morte se tivesse *stripper*.

O sorriso de Ana esmoreceu, seus olhos adquiriram um tom escuro e ela torceu a boca numa

careta.

— Bem, ele tem experiência nessas coisas.

— É, né? E pelo jeito você também! O que me diz do bundinha redonda ali?

Ela virou-se e encarou para onde meu dedo indicador apontava. O bombeiro dançava, passando

a mão pelo corpo. Na verdade aquilo estava mais engraçado que *sexy*.

— Até que ele é gatinho. Mas me diz, Sá. O que você quer?

— Temos que esvaziar a casa e, pelo que conheço da nossa cunhada, logo ela estará aqui com o

nosso irmão. E você quer que o Bruno saiba que trouxe um cara pra dançar pelado para a sua futura

esposa? — Arqueei uma sobrancelha esperando a reação que sabia que viria.

Ana fez uma careta, mas logo começou a despachar o pessoal. Levou uma bronca da Larissa e

ainda passou a mão no bombeiro antes de sair. Peguei meu carro e parti antes que Layla voltasse com

o Bruno. Em casa, estava tudo escuro e presumi que Lucas ainda não havia retornado. A decisão de

continuar morando ali foi minha, por contenção de despesa e pelo fato de não conseguir me afastar.

Mas ver o vai e vem dele nas baladas me incomodava demais. Sei que não tinha o direito, porém não

queria dizer que doía menos.

Tomei um banho rapidamente e voltei para o meu quarto, procurei no guarda-roupa alguma coisa

confortável para vestir. Encontrei uma camiseta velha que roubei do Lucas uns meses atrás. Levei-a

até o rosto e aspirei o perfume que havia sido mantido no tecido. Fechei os olhos e deixei a saudade

me consumir, meu coração pedia sempre por ele e não podia.

Vesti a camiseta e deitei de bruços, sem conseguir pegar no sono. Era sempre assim, enquanto

ele não chegava em casa ficava preocupada. Após meia hora ouvi o barulho da porta se abrindo e

fechando, fingi que estava dormindo e senti-o me observando. Era um ritual quando me encontrava

“dormindo”. Não demorou muito, e saiu entrando em seu próprio quarto.

Virei-me na cama e encarei o teto. Por que a vida tinha que ser tão complicada? Por que eu não

o esquecia de uma vez? Estava entrando em um tipo de autodepreciação e não gostava de me sentir

assim, já estive nesse caminho e prometi a mim mesma nunca mais ficar assim. Por ninguém! Estava

na hora de sair desse poço que me enfiei. Era hora de deixar o passado de lado e viver minha vida,

nem que significasse estar sem a presença do único homem que amei.

## CAPÍTULO 1

*Sabrina*

Sabe quando seu coração parece ser quebrado em pedaços? Quando alguém pisoteia e ainda ri

da sua desgraça? Era assim que me sentia. Eu o amei desde o primeiro momento

em que o vi. Lucas

me encantou como nenhum outro foi capaz. Mas depois do fiasco que provoquei, ele nunca mais me

procurou. Tratou-me como uma amiga-irmã. Jamais tocou no assunto. Parecia que havia passado uma

borracha em tudo.

Foram quatro anos em que me amaldiçoava por ter sido tão idiota. Por ter tido medo de algo

inconcebível. Lucas não era *ele,* nunca me trataria daquela maneira. Claro que me arrependi

profundamente, quase no mesmo momento em que me deixou no banco, sentada e me lamentando.

Mas quando fui procurá-lo, vi que tinha saído com a vaca da vizinha loira. Desde então não me

importei mais. Mentira deslavada, eu tentava não me importar. Era um desfile constante de periguetes

ao redor. De todos os tipos, parecia querer esfregar na minha cara que ele havia seguido em frente.

Não que eu vivi como uma freira, longe disso. Agora com vinte e três anos tive minha quota de

encontros quentes, mas nenhum deles me abalou como Lucas havia feito. Eu não me envolvia

emocionalmente com meus casos, que eram poucos, mas satisfatórios até certo ponto.

Além do fato de ter sempre controle, qualquer movimento brusco me apavorava. Com o Lucas

eu teria que me render. Ele sempre fora minha fraqueza, e vê-lo mostrando nitidamente que tinha uma

vida, que estava feliz vivendo daquela maneira, com muitas mulheres, machucava demais. Nunca o

deixei perceber que tinha alguém, porque apesar de tudo eu tinha receio que ficasse com ciúmes.

Sei que você está se perguntando: “Ué, mas se ainda estão morando juntos, então pra que ficar

sofrendo?”. A resposta seria: “Sim, sou uma idiota”. Eu não sei, talvez eu deva ter um lado meio

masoquista. Ele tinha o cuidado de não levar as “garotas” enquanto eu estava em casa. Mas, às vezes,

eu chegava cedo do trabalho e dava de cara com algumas cenas nada agradáveis. Nunca foi explícito

demais, Lucas tinha a cautela de permanecer com a nudez dentro do quarto, mas seus beijos molhados

também faziam meu coração sangrar.

Aí você vai pensar: *Mas por que você não sai, garota? Pra que ficar vendo e ouvindo coisas*

*desagradáveis?* Minha resposta seria: *Ele não deixou*. Eu juro que uma vez tentei, mas Lucas

arrumou um monte de desculpas para que eu ficasse. Disse que era mais difícil se virar sozinha.

Então, como também era difícil me imaginar longe, acabei ficando.

Eu sei que boa parte de toda a confusão é minha culpa. Fui insegura, medrosa e impulsiva. Mas,

cara, se eu pudesse estrangular cada idiota sem noção que passava pela cama dele, eu faria. Juro,

sem nenhum remorso. Mas não, eu me controlava diariamente com uma paciência que até mesmo

Buda ficaria orgulhoso. Piorou quando ele virou médico residente. Nossa, como caía de mulheres em

cima dele! Será que era porque ficava gato de branquinho, e todo competente e dedicado com o seu

trabalho? Às vezes, eu queria que ele fosse feio... Talvez diminuísse o assédio. Mas acho que não,

beleza não tinha nada a ver com o charme do Lucas. Ele era lindo, sim! Só que nada comparado com

a sensualidade do seu olhar e gestos.

Será que eu estava querendo tê-lo de volta? Não saberia dizer ao certo. Perdi a esperança de

algo a mais, exatamente no dia em que ele saiu e foi viver suas aventuras, porém algo despertou em

mim ao vê-lo tão normal, um vislumbre do homem que amava e há muito tempo se foi. Talvez seja

por isso que me mantive nos bastidores, Lucas raramente se mostrava o cara por quem me apaixonei.

Agora eu estava sentada em uma mesa reservada no casamento do meu irmão e com uma taça de

*champagne* na mão, observando Lucas dançar com a irmã.

Layla enrolou três anos pra concluir o matrimônio, apesar de eu achar que já estavam casados

há muito tempo. Ela dizia querer fazer tudo nos mínimos detalhes, e não decepcionou. A mulher se

superou totalmente. Foi uma das cerimônias mais lindas que já tinha visto. Mas, apesar de toda a

felicidade que o ambiente exaltava, me bateu uma melancolia que só Deus para explicar.

Não havia motivo, a alegria contagiou todo mundo com a união do casal, que, aliás, estavam

lindos, pois o amor deles era quase palpável. O vestido da noiva era um tomara que caia, justo e

drapeado, nada de modelo convencional para ela. Bateu o pé com a costureira quando disse que

queria uma faixa no quadril em tom vermelho, que caía junto com a cauda, toda rendada e cravejada

de pedrinhas brilhantes. Seus cabelos castanhos estavam soltos e emolduravam seu rosto sorridente.

E enquanto eu observava minha cunhada, que havia se tornado minha melhor amiga, o marido a

roubou dos braços do irmão, que cedeu prontamente. Bruno estava impecável em seu traje preto,

tentei focar minha atenção no noivo e desviar o olhar de como Lucas estava bonito com aquele terno.

Ele havia levado Layla até o altar, foi emocionante e meu coração se apertou ao vê-lo tão lindo lá.

Fiquei observando a dança dos recém-casados. Nunca tinha visto meu irmão tão feliz. Depois

que conheceu seu anjo, como ele ainda a chamava, só transbordava felicidade.

Tentei não reparar no cara que vinha em minha direção: Lucas. Ele não veio ao casamento

sozinho, porque levou de rebote um de seus troféus. Uma loira peituda siliconada, com um vestido

totalmente vulgar. Sinceramente? Eu quase não o reconhecia mais, porque não agia mais como o cara

que eu havia me apaixonado anos atrás.

Lucas sentou-se ao meu lado e me observou atentamente, desde meus saltos até o colo desnudo

pelo vestido. Continuei bebericando o *champagne* tentando não me importar, só que nem sentia mais

o gosto. Meu corpo todo estava em alerta com a proximidade e o perfume que exalava. Ele inebriava

meus sentidos. Aproximou-se quase colando aquela boca carnuda em meu ouvido.

— Você tá linda, Sabrina — sussurrou com a voz rouca.

Só faltei desmaiar, pois quando falava daquela maneira eu ficava igual gelatina. Meu vestido

era um tomara que caia longo, de cetim, estilo sereia e azul-marinho. Igual ao das outras, nada de

muito especial. Mas ao olhar intenso do Lucas eu me sentia linda, e não gostava, pois logo ele iria

atrás de sua acompanhante e Deus sabia como eu me sentia ao vê-lo com outra pessoa.

— Er... Obrigada — meio que me engasguei.

Ele sorriu safado e se encostou à cadeira fazendo com que o paletó se abrisse

mostrando a

camisa branca de botão que não escondia seus músculos peitorais. Subitamente me subiu uma raiva

sem tamanho por ele estar ali. *E cadê a sua maldita acompanhante? Não devia estar mimando*

*aquela garota em vez de estar mexendo com meu juízo?*

— Lucas, por que você está aqui? Cadê a vadia sem cérebro da vez?

O sorriso que havia em seu rosto morreu na hora. *Ué, será que ele achava que não tinha*

*notado a mala que trazia grudada em seu braço?*

— Não a chame assim, Sabrina. Você não conhece a Kiara.

Como se eu me importasse...

— Ok, não conheço. Mas aquele tipinho, a gente fareja de longe.

Ele levantou uma sobrancelha e sorriu cinicamente, fazendo-me odiá-lo e amá-lo ao mesmo

tempo.

— Quer dizer que está farejando agora? Virou algum tipo de animal ou algo assim? — Ele

sempre vivia me provocando, nossa relação nesses anos todos foi assim. Um brigando com o outro,

só que no fim a tensão sexual gritava mais alto e fazíamos as pazes, porém nenhum dois tomava a

iniciativa de começar qualquer coisa além do carinho fraterno.

— Você me entendeu, seu idiota! — Desviei o olhar para que não visse o quanto ele me

incomodava.

— Sabe, Sabrina, se baixasse essa crista de se achar a melhor em tudo, ficaria mais fácil

conviver com você. Estou cansado dessa merda!

Levantou-se e saiu disparado em direção à mesa que a vadia loira estava. Fez um sinal e ela se

ajeitou toda sorridente, acompanhando-o para onde quer que fossem. Devia ganhar um prêmio de

consolação por ser idiota o bastante para estar com aquele babaca. E dali pra frente a festa virou uma

merda pra mim. Eu não sabia ao certo o que o irritou, não dava a mínima, na verdade ele poderia se

explodir que eu nem ligaria.

Minhas irmãs vieram falar comigo, perguntar o porquê de estar com aquela tromba de elefante,

mas eu não queria conversar com ninguém. Se aparecesse uma alma para dar um soco no Lucas eu

ficaria feliz, porém achava meio impossível. Ele era o queridinho entre minha família. Meu desejo

foi quase atendido quando Layla se aproximou preocupada.

— O que foi, Sabrina? O que meu irmão aprontou dessa vez?

Layla estava tão chateada com Lucas quanto eu. Não entendia o porquê de ele ter se tornado tão

safado. Só que eu sabia que em parte era culpa minha, mas não iria estragar o dia dela com

lamentações. Estava tão feliz. Eu resolvia os meus próprios problemas, afinal

tinha vinte e três anos,

pelo amor de Deus!

— Não foi nada, cunhada. Ele deve ter ido espairecer — bufei internamente, até parece que com

a animação da vadia eles iriam caminhar pelo quintal.

— Sabrina, não ofenda minha inteligência. Eu sei como Lucas está agindo. Não vou me meter

porque ele é adulto. Mas não entendo o porquê de você ainda estar morando com ele.

Às vezes, nem eu me entendia. Mas Layla merecia uma explicação, e eu sempre fui sincera com

ela.

— Ah, você sabe o que eu sinto por ele, mas já estou começando a ficar de saco cheio. Não

estou aguentando mais. Foram malditos quatro anos de agonia, agora que meu trabalho na empresa de

administração se fixou e estou ganhando legal, por isso querendo procurar um apê só pra mim. Sei

que fui uma burra de tê-lo rejeitado na época e teimosa o suficiente para não dar o braço a torcer,

mas já deu.

Layla assentiu e prendeu os lábios, pensativa. Adorava minha cunhada, que tinha um jeito doce e

não gostava de incomodar ninguém. Parecia inquieta com alguma coisa e não conseguia encontrar

palavras para se expressar.

— O que foi, Layla? Você pode contar comigo, sabe disso. — Ela olhou pra mim com os olhos

marejados e se aproximou mais.

— Eu tô grávida — sussurrou.

— O quê?!

— Psiu, Sabrina. Fica quieta, ainda não contei para o Bruno. Eu sei que ele devia ser o primeiro

a saber, mas queria contar na lua de mel. Porém, como nós não vamos mais viajar para muito longe,

decidi contar hoje à noite. No entanto não aguento mais segurar. Precisava dividir essa felicidade

com alguém. — Ela tinha um sorriso lindo em seu rosto delicado.

— Oh, Deus! Eu vou ser tia de novo. Que maravilha, Layla. Você vai ser uma ótima mãe. —

Minha confiança nela se devia aos anos em que foi uma mãe substituta para Lucas.

Dei-lhe um abraço de lado por conta de estarmos sentadas, mas que valeu, porque todo gesto de

carinho vindo da Layla era maravilhoso. Minha cunhada exalava amor!

— Estou muito animada, Sabrina. Por mais que eu tenha sido mãe do Lucas por tanto tempo,

agora é um sentimento diferente. Será que sou uma irmã má por me sentir assim e diferenciar o amor

que estou sentindo?

Nossa, isso não tinha nem cabimento! Ela sempre fora excepcional, fez de tudo para que o irmão

tivesse do bom e do melhor e ainda tinha dúvidas se tinha sido o suficiente.

— Claro que não, Layla. Você fez tudo por ele. Até mais do que qualquer um faria. Por que isso

agora? Pensei que já tivesse se desligado dessas inseguranças.

Ela torceu a boca e baixou os olhos para as mãos entrelaçadas em seu colo.

— É porque ele está tão estranho. Estou me sentindo fracassada.

Droga, não gostava de tocar no assunto do que aconteceu há quatro anos. Mas não deixaria

minha cunhada, que tanto batalhou pelo irmão, se sentir assim.

— Não é sua culpa. O que aconteceu é que eu o rejeitei. E Lucas decidiu que era melhor

galinhar... Então, pode tirar toda essa merda dessa cabecinha e vai ser feliz. E olha, seu marido está

te devorando com os olhos. Vai até ele e esquece os problemas.

Realmente, Bruno não desgrudava os olhos da esposa. Ai, ai, só queria ver a reação daquele

pateta quando soubesse que iria ser pai.

— Ok. Hum, você sabe se ele foi embora?

Layla nem precisava dizer que “ele” era o Lucas. Só a cara de envergonhada que fazia quando

pronunciava seu nome na minha frente já denunciava seu desconforto. Não tinha muito sentido, já que

eu morava junto com o dito cujo.

— Acho que não, deve tá por aí pegando aquelazinha siliconada que trouxe. Por quê?

Minha cunhada fez uma careta na menção da “acompanhante” do irmão.

— Ele prometeu cantar comigo antes de eu ir embora. Mas tudo bem, já deve aparecer.

Olhou-me cheia de pena e saiu ao encontro do seu garanhão, como ela cismava de chamar,

mesmo ele tendo tomado jeito. Era lindo ver o amor entre os dois.

Mas eu odiava aquele olhar, as pessoas achavam que eu estava tão desesperada que ainda vivia

com ele. Já aguentava aquilo há muito tempo. Iria falar com Lucas quando chegasse em casa.

Mudaria-me o mais breve possível. Não estava nem me reconhecendo mais, era uma pessoa que

falava o que queria e na hora que bem entendia. Com ele por perto parecia uma gatinha manhosa.

Levantei-me e fui andar pelo quintal. Como a festa foi montada na casa da minha mãe, eu tinha

liberdade total, porque conhecia todos os esconderijos ao redor. Caminhei por entre a área

arborizada nos fundos. Mamãe adorava a natureza, por isso morava em uma propriedade tão grande

para não abrir mão do verde, então uniu o útil ao agradável ligando a modernidade da cidade à

calmaria de ter um lugar gostoso para relaxar.

Quando cheguei perto do banquinho que costumava sentar e pensar na vida — o tal que dei o

fora no cara que tanto me importava —, ouvi gemidos e sussurros que partiram

meu coração. Parecia

ser uma constante quando se relacionava a ele. Aproximei-me para confirmar se aquilo era mesmo

verdade. Mas peguei apenas um vislumbre, só que não me enganava. Lucas estava transando com a

vadia. Antes que eles me vissem ali, eu virei as costas e corri, já que a extensão da casa da minha

mãe era grande. Papai deixou uma boa herança quando se foi.

Diminuí o ritmo e passei a me arrastar em silêncio até um banco afastado do meu de costume,

porque não voltaria mais lá. As lembranças seriam dolorosas demais. Sentia como se estivesse

caindo em um buraco sem fim. Recostei e fechei os olhos, tentando afastar aqueles sons da minha

mente. Mas sabia que seria impossível, pois eu tinha uma mania de guardar as coisas que me

magoavam a ferro e fogo dentro de mim. Nem após o desastre com o meu ex, eu me senti tão

quebrada.

Se antes eu ainda tinha dúvidas de que poderia sair da casa, agora era certo. Não conseguiria

conviver mais com ele. Não depois de comprovar o que estava acontecendo.

Lucas não me amava mais, ele estava me punindo por tê-lo rejeitado e arrumou a maneira mais

dolorosa de fazer isso: segurando-me e demonstrando o que eu havia perdido.

Só que não seria mais assim. Eu iria sair da sua vida para sempre.

## CAPÍTULO 2

*Lucas*

Depois de uma noite horrível de lamentações decidi não ir ao casamento sozinho, liguei para

Kiara e a convidei. Ela prontamente aceitou, mas ao chegar acompanhado por ela e ver Sabrina

sozinha me senti um idiota total. Até que ela me provocou como sempre, despertando o pior de mim.

E agi impulsivamente carregando minha acompanhante para os fundos. Queria apenas distrair a

cabeça e talvez dar uns amassos, porém a minha amiguinha, que tinha outras ideias, foi logo

levantando o vestido e me convidou para transar ao ar livre. Juro que tentei resistir, afinal era o

casamento da minha irmã, mas a raiva falou mais alto. Contudo não sentia nada enquanto estava ali.

O que Sabrina fazia comigo era pra lá de fodido. Eu tinha uma mulher gostosa à minha

disposição e a única coisa que conseguia sentir era repulsa de mim mesmo, de repente peguei um

vislumbre de cabelos negros correndo na direção oposta. Não deu para ver direito, pois havia uma

árvore na frente que atrapalhava a visão. Senti-me muito mal e não consegui prosseguir, mesmo

sendo solteiro e não dever nada a ela e a ninguém me senti um cafajeste total.

Kiara não percebeu meu incômodo, ainda bem, não gostaria de ter que me

explicar. Apesar de

não termos nada sério, eu tinha certeza que não gostaria de saber em quem eu estava pensando

enquanto transava com ela. Afastei-me e saí de dentro dela, que me olhou com frustração. Não

conseguia terminar nada com a cabeça tão cheia.

Não tinha orgulho de ter me tornado tão otário. Muito longe disso, mas não pude evitar, foi

infantilidade da minha parte o que fiz. E me sentia um completo idiota. Acabei decepcionando quem

eu menos queria. Minha irmã não aprovava o estilo de vida que estava tendo, e mesmo não falando

nada eu percebia. As mulheres com as quais me relacionava não eram exatamente “garotas de

família”, e Layla não gostava. Mas quem estava reclamando? Eram fáceis, práticas e sem amarras.

Decidi terminar logo a merda que tive a brilhante ideia de fazer. Essa porcaria de temperamento

e homem das cavernas nervosinho que adquiri, só me colocava em fria.

Kiara logo se recuperou da decepção por não ter tido a transa que desejava e olhou para a

minha calça que já estava fechada, franzindo a testa.

— O que foi, querido? Está tendo problemas de ereção? Deixa-me cuidar de você. — Levou a

mão para o zíper da minha calça, mas eu logo segurei seus pulsos a impedindo.

— Não, tá tudo bem... — Droga! Não sabia o que dizer, ela já estava fazendo

careta da minha

recusa. — Eu tenho que voltar para a festa, Layla deve estar me procurando. Nós vamos fazer um

dueto, não posso negar nada à minha irmã.

Kiara deu de ombros e fez biquinho. Ridículo! Será que ela achava que ficava *sexy* parecendo

uma criança birrenta?

— Por que você é tão ligado à sua irmã? Parece um garotinho. E ela é bem chata pro meu gosto,

não larga do seu pé! — Deu um sorriso debochado.

Ok, pausa aí. Essa garota iria rodar, ninguém falava da Layla assim. E eu não ia deixar que

ficasse no casamento dela dizendo isso.

— Passou dos limites, querida. Vamos, vou te levar até o portão e chamar um táxi. Você já devia

saber pelas outras enfermeiras que não se deve falar da Layla assim, e se o Bruno sabe ele dá um

jeito de te botar no olho da rua. — Realmente, meu cunhado ficava possesso com as insinuações das

enfermeiras no início do namoro, ainda mais agora que estavam casados.

Já fui andando e nem escutei os protestos dela vindo atrás de mim. Se tinha uma coisa que não

admitia era falar da minha irmã. *Que vaca, quem ela pensava que era?* No caminho, eu mandei uma

mensagem para a central de táxi e solicitei no endereço. Em cinco minutos, teria um carro a postos.

Esperei impaciente para me livrar daquele peso. Tinha que rever minhas companhias, não daria

para ficar mais com esses tipos de mulheres. Cansava-me de suas conversas sem nexo. Graças a

Deus, o táxi não demorou a chegar e coloquei a chata pra dentro do carro, já pagando o motorista, e

ainda dei um bônus por ter que aguentar aquela gralha.

Esperei até o automóvel sumir e voltei para a festa. Respirei fundo para encarar o rosto

magoado da mulher que tanto amava, mas que se mantinha à distância. Eu sei, sou um idiota! Nem eu

me entendia. Era uma porra de uma incógnita que não conseguia decifrar.

Varri meus olhos pelos convidados e não a encontrei. Ué, onde ela tinha se enfiado? Nem pude

tentar achá-la. Layla vinha em minha direção furiosa. Droga!

— Onde você estava, Lucas?

Cara, quando minha irmã ficava brava eu tremia na base. Juro por Deus, ela parecia um anjo

como o Bruno dizia, mas a garota era um vulcão em erupção. Logo dei um passo atrás e levantei as

mãos em rendição.

— Calma irmãzinha, não estou fazendo nada.

— Agora! Onde está aquela garota que você trouxe? — Apesar de linda de noiva, ela parecia

uma onça pronta para atacar.

— Ela foi embora. Não estava a fim que ela ficasse para o resto da festa. Por quê?

Layla colocou as mãos nos quadris e me olhou carrancuda. Conhecia bem aquela expressão. Eu

estava em apuros, ela sempre mordia o lábio quando estava brava. Devia ser para se segurar e não

fazer algo que iria se arrepender. Eu tinha que começar a pegar umas manias assim, talvez não fizesse

tanta burrada.

— Você realmente não vê o estrago que faz, Lucas? Sabrina ficou arrasada por você ter vindo

acompanhado de um dos seus rebotes.

Fiquei aliviado por minha irmã não saber de toda a merda que aconteceu. Se Sabrina realmente

presenciou minha idiotice era bom ninguém mais saber, já bastava ser uma decepção para a mulher

da minha vida. Não precisava adicionar minha irmã nisso.

— Por que ela iria ficar arrasada, Layla? Foi a própria Sabrina que me rejeitou. Eu a queria

muito... — A única pessoa que eu conseguia ser transparente era com a minha irmã, que me entendia

de todas as maneiras.

— Vocês dois devem ser burros, não é possível! Mas tudo bem eu não vou me meter, porque

uma coisa que aprendi é que em briga de marido e mulher não se mete a colher. Vamos cantar aquela

música que me prometeu e não cumpriu. Tá na hora, seu chato!

Sorri amplamente e abracei os ombros da minha irmã. Ela ficou muito mais tranquila depois que

se envolveu com o Bruno. Sua personalidade havia mudado totalmente. Era uma nova mulher.

Caminhamos em meio às mesas e as pessoas acenavam cumprimentando-a. Eu não gostava tanto

do palco quanto ela, mas, às vezes, satisfazia suas vontades. Como ainda cantava no *Beer,* ela me

pedia para fazer duetos e até mesmo executar um solo. E eu sempre atendia.

A escolha que fizemos há algumas semanas era muito legal. Como sempre, o repertório da minha

irmã eram músicas com letras significativas. Ela nunca cantava por cantar, sempre tinha um

sentimento em meio a tudo.

Nos acomodamos no palco que foi montado no meio do jardim com os microfones e demos o

sinal. Ela não iria usar o violão, só seriam nossas vozes e a banda contratada.

— Oi, pessoal. Obrigada por estarem aqui, esta data é muito especial. Meu marido que o diga.

— Ela sorriu em direção ao Bruno, que a cumprimentou com uma piscadela. Cara, esses dois era

dose de se ver, melados ao extremo! — E como muitos pediram, eu e meu irmão vamos fazer um

dueto com *Cruisin' Together*, de Huey Lewis & Gwyneth Paltrow.

Ela se virou para mim com um sorriso lindo no rosto e os olhos brilhantes. Layla

sempre ficava

linda cantando. Tinha muito orgulho da mulher que havia se tornado. O primeiro verso era meu.

Esperei a introdução da música e comecei a cantar.

*“Baby vamos viajar*

*Pra longe daqui*

*Não se confunda*

*O caminho está livre*

*E se você quiser, terá para sempre*

*Não é para ser só uma noite baby*

*Então deixa a música controlar sua mente*

*Apenas relaxe e você descobrirá*

*Que vai voar para longe*

*Fico feliz que você esteja no meu caminho*

*Adoro enquanto estamos viajando juntos*

*A música é tocada para o amor...”*

A nossa separação foi tão importante para mim quanto pra ela. Ficamos unidos por muito tempo

e cada um seguiu sua vida. Mas, mesmo assim, o elo que nos uniu por todos os anos em que Layla foi

minha mãe era inquebrável. Minha irmã não sabia, mas tinha salvado minha vida.

Visualizei Sabrina no meio de todas as pessoas. Ela tinha os olhos inchados e

vermelhos.

Alguma coisa em mim despedaçou. Saber que poderia ser a causa daquele sofrimento acabou

comigo. Não gostava de vê-la daquela maneira.

E de alguma forma eu tinha certeza que era minha culpa que seus olhinhos claros estavam tão

tristes. Aquilo me fez quase perder a voz. Dei uma gaguejada e Layla franziu a testa, seguiu meu olhar

preocupado. Vendo o mesmo que eu, fechou o semblante e balançou a cabeça em descrença.

Nem quis terminar a música, dei um olhar cheio de significado para a minha irmã e larguei o

microfone na caixa de som partindo em direção à Sabrina. Podíamos não ter nada, mas ainda assim

ela era minha amiga.

Corri como um louco para alcançá-la. Ela nem mesmo ouviu minha aproximação, estava parada

na porta da cozinha com um braço encostado na parede e a cabeça baixa. *Merda, por que eu tinha*

*que ser um idiota? Mas o que eu iria fazer? Tornar-me um ermitão, sozinho esperando sua boa*

*vontade em me querer?*

Aproximei-me devagar e colei meu nariz em seu pescoço. Nunca mais avancei o sinal com ela.

Não, desde que me recusou. Mas era impossível resistir ao seu perfume maravilhoso, quando sentia

tanto. Sempre que estava relaxado em casa e numa boa, eu aproveitava um pouco. A proximidade que

conseguia furtar, era como um bálsamo para o meu coração que tanto ansiava por essa mulher.

Notei seu corpo ficar tenso e vi quando levantou a cabeça sem olhar para trás. Enlacei sua

cintura, a prendendo ao meu corpo e sussurrei em seu ouvido:

— Onde você estava indo com tanta pressa?

Sabrina ficou em silêncio. Droga, a situação não era das boas. Aquela mulher falava pelos

cotovelos, tê-la sem palavras não era um bom sinal.

— Sá, me diz o que tá acontecendo. Eu não gosto de te ver sofrer.

Tive a impressão que falei alguma besteira, porque a mulher se tornou uma pilha, e

desvencilhou-se do meu abraço — que pena, estava muito confortável seu corpo macio no meu —, e

virou para mim com os olhos azuis furiosos. Suas pupilas estavam dilatadas e mordia o lábio com

raiva. Mesmo assim, continuava linda.

Mas o que mais me incomodou foram as marcas de lágrimas, ainda frescas em seu rosto bonito.

A minha vontade era me aproximar, enxugar seu rosto e acalentá-la por toda a noite, porém eu sabia

que se avançasse seria rechaçado. Estava cansado de ser recusado por ela. Tinha um orgulho dentro

de mim que não conseguia deixar pra lá.

— Você é um idiota sem noção, Lucas! — ela praticamente gritou o que todo mundo parecia

saber, menos eu.

— Não estou entendendo, Sabrina. O que aconteceu pra ficar toda nervosinha?

Cara, eu era um babaca total. Eu sabia que não tinha sido confortável para ela me ver com a

Kiara. Mesmo Sabrina não querendo nada comigo, além de amizade, eu sentia certa atração física

vindo dela. E tinha certeza que me ver com outra mulher feria seu ego.

— Inacreditável! Você fica fodendo essas vadias por aí, em público, e ainda não sabe o que

aconteceu? Você é um babaca!

Sabrina estava furiosa. Gesticulava muito e parecia prestes a explodir. E como eu sou um filho

da puta, decidi colocar mais lenha na fogueira.

— Mas o que você tem a ver com isso? Não me quis e agora fica toda bravinha por eu estar

transando? O que você queria, Sabrina? Não ia ficar te esperando a vida inteira. Você não é a única

mulher no mundo, mesmo elas não sendo tão gostosas quanto você! — Eu não sabia o que ela tinha,

que me fazia ser um idiota, mas não conseguia evitar. Quando percebia, já tinha soltado a merda.

E a consequência disso? Um tapa, bem dado no meio da cara. A garota tinha a mão pesada.

— Você é um idiota, Lucas. Eu vou embora, estarei procurando um apê pra mim

amanhã. Não

aguento mais essa merda! — ela soluçava e gritava.

Senti um frio na barriga e uma dor que não tinha nada a ver com o tabefe que levei.

Não ter Sabrina comigo todos os dias ia ser o meu fim. Mesmo estando separados, por uma

porcaria de fenda enorme, ainda era como uma calmaria em meu coração revolto poder vê-la todos

os dias, mesmo que fosse com aquele pijama ridículo do *Mickey*.

— Você não pode ir embora, Sabrina! — Sei que soei desesperado, mas estava pouco me

lixando para a minha dignidade naquele momento.

Sabrina abaixou a cabeça, parecia esgotada. Seu peito subia e descia com a respiração rápida,

por estar ofegante de raiva, enquanto as lágrimas caíam sem parar em seu rosto.

— Não aguento mais, Lucas. Foram quatro anos de agonia. Não foi fácil ver aquele monte de

mulher entrando e saindo do seu quarto.

Nunca entenderia as mulheres. Se ela não me queria, por que isso a incomodava ou machucava?

— Sabrina, me ajuda aqui. Nosso arranjo é bom para os dois. Você não paga aluguel e

economiza. Eu tenho relacionamentos sim, mas nunca a deixei ver ou ouvir nada. — Respirei fundo,

me preparando para o que diria a seguir. — O que aconteceu hoje não foi premeditado, agi sem

pensar. Nunca faria nada para machucá-la. Quando fico com raiva das nossas brigas, viro um idiota

sem noção.

— Que briga, Lucas? Eu só perguntei por que você não estava com a vadia sem cérebro da vez.

— Tá aí. Esse é o motivo. Você não me quis e fica julgando as meninas com quem eu saio.

Ok, Kiara não tinha nada na cabeça mesmo. Mas não iria dar esse gostinho pra ela saber que

tinha razão. Sabrina já era egocêntrica o bastante, obrigado.

— Você não me deu tempo de me arrepender, Lucas. Se eu quis ou não, nem importa mais. Eu

não quero mais isso. — Gesticulou entre nós com o dedo. — Tô fora.

E saiu em disparada pra dentro de casa, enquanto eu fiquei estático. O que ela quis dizer com

aquilo? Como assim eu não dei tempo? Sabrina me recusou mesmo sabendo o que eu sentia, e queria

dela. E em quatro anos não deu indicação nenhuma de ter se arrependido. Sempre me tratou como um

amigo e fazia piadinhas constantes das garotas que eu saía. Mas se eu fosse forçar minha mente,

desde que comecei a residência no hospital e aumentou o assédio de mulheres, ela ficou estranha.

Ficava nervosa e chateada.

Será que ela estava pronta para ceder? Será que tinha visto que fomos feitos para ficarmos

juntos? E eu fui idiota o bastante para não perceber os sinais.

E queria sair da minha vida? Tão rápido? Sem ao menos se explicar? Ela estava enganada se eu

iria deixar assim. Não mesmo!

Saí do meu estado catatônico e entrei na casa à sua procura. Ela ia ver quem era teimoso nessa

história.

## CAPÍTULO 3

*Sabrina*

Quando eu o vi no palco com Layla, o meu coração acelerou. Idiota traidor. Aquela voz rouca

inebriava meus sentidos, era como um entorpecente. Enquanto mil coisas passavam pela minha

cabeça, parecia que o meu Lucas antigo estava de volta, porque ele sempre ficava lindo ao lado da

irmã. Acho que por isso consegui aguentar todos esses anos morando na mesma casa. Apesar dos

momentos esporádicos, ele não era exatamente o mesmo homem. Só que agora tive um vislumbre

dele e tinha certeza que ficaria guardado para sempre em mim.

Tive que sair em disparada quando o vi descendo do palco, não queria que me visse no estado

em que me encontrava. Eu era muito orgulhosa para admitir que o episódio no jardim havia me

machucado demais.

Então ele veio e colou seu corpo bem próximo ao meu, fiquei tensa. A minha primeira reação

era pular em seu colo, enlaçar minhas pernas em seus quadris e beijar aquela boca gostosa que

provei apenas uma vez em um deslize. Como fui idiota em negar tudo o que Lucas tinha a me

oferecer, porque ele havia sido o único que eu estaria disposta a abrir meu coração depois do fiasco

com meu ex e, mesmo assim, me fechei e o perdi. E já era tarde demais. Muita coisa rolou. Muita

merda se passou. Odiava admitir, mas no fundo ainda estava quebrada pelo que Rick me fez.

Ele parecia confuso com a minha reação. Eu tinha minhas dúvidas quanto à inteligência do

Lucas. Como não havia percebido todos esses anos o meu interesse? Ou será que ele era tão

orgulhoso quanto eu para não dar o braço a torcer? Só que eu não ficaria ali para descobrir. Era

doloroso demais olhar em seus olhos e imaginar que há pouco estavam fixados em outra mulher.

Acho que nunca me esqueceria do que quase presenciei.

Entrei em disparada depois de soltar que não viveria mais com ele. Não levou muito bem, como

eu previa, mas não tinha alternativa.

Estava na frente do meu antigo quarto quando senti uma mão forte segurando meu braço. Antes

mesmo de olhar pra trás, já sabia que era ele. Seu toque estava gravado a ferro em mim. Amaldiçoei-

me por ser tão desequilibrada quando Lucas estava envolvido.

Arrastou-me para um quarto qualquer fechando a porta logo atrás de si. Encostou-me à parede e

fixou seus olhos verdes nos meus. Sua expressão era de raiva e confusão. Prendi a respiração, era

difícil vê-lo daquela maneira. E podia parecer idiotice minha, mas um medo repentino assolou meu

coração. Minhas pernas ficaram bambas e cairia se ele não estivesse tão próximo.

— Você não faz isso comigo, Sabrina! Solta uma bomba dessa e vai embora como quem não

quer nada?

Não queria responder, sabia que iria acabar falando demais, como antes. Deveria ter ficado em

silêncio, não era bom que ele soubesse da minha fraqueza. Tentei sair, mas ele prendeu as duas mãos

em meus pulsos prendendo-os com força na parede, porém não chegavam a machucar. Só me senti

incomodada por estar presa, essa sensação não era boa para mim.

— Me deixa sair, Lucas! — Desviei o olhar. Não aguentaria encará-lo por muito tempo sem

expor meus sentimentos.

— Não sem você me dizer o que está acontecendo. Por que quer ir embora? Você não pode me

deixar.

Era muita audácia ele exigir uma coisa dessas depois de esfregar cada mulher que levava pra

cama na minha cara. Mas como uma idiota que sempre fui, vacilei um pouco ao seu tom sofrido.

— Como não? Aliás, nós nunca estivemos juntos mesmo... Somos apenas amigos que dividem a

casa para evitar custos excessivos.

Lucas estreitou os olhos e aproximou seu rosto do meu, muito perto para a minha sanidade

mental.

— Você sabe que não somos apenas isso. — Encostou seu quadril na minha barriga, deixando

evidente o quanto me desejava. — Não sei por quanto tempo você conseguiu esconder isso, Sabrina.

Mas se você não fosse tão cabeça-dura teríamos algo há muito tempo.

— Rá, como se eu fosse querer sobras. Você pegou metade do hospital e ainda mais um pouco

da cidade. Conseguiu ser mais galinha que o Alberto.

Ele sorriu de lado, desdenhoso.

— Alberto saiu de linha há quatro anos quando tomou uma decisão. Mas não vamos falar dele...

Quer dizer que está com ciuminho?

— Idiota!

Tentei me desvencilhar e soltar as minhas mãos que estavam presas, mas era

impossível. Ele

tinha um aperto forte e possessivo. Por mais que eu odiasse admitir, mesmo sendo a mim, aquilo

estava me excitando. O que não era natural, meus relacionamentos eram com caras fáceis de levar e

eu estava sempre no comando. Não costumava transar com qualquer um, tive encontros esporádicos,

mas de repente já não me satisfazia, era como se cansasse de estar sempre à frente. Nunca baixei a

guarda, exceto para o homem furioso e excitante que segurava meus pulsos.

— Como ousa insinuar que eu quero algo de você, Lucas? É muito pretensioso. Não, você não é

nada importante. Será que ficou claro agora?

O babaca teve a audácia de sorrir.

— Você não vai se safar dessa vez, Sabrina. Fiquei uma porra de quatro anos pulando de galho

em galho por sua culpa. Não queria nenhuma daquelas mulheres. Só você me faz ficar duro como

estou agora. Eu era um idiota ingênuo por ter acreditado em tudo que você disse naquele dia, mas não

sou mais. A experiência desses anos me fez bem. Sei quando você está mentindo, suas pupilas se

dilatam e seus olhinhos perdem o brilho lindo. — Aproximou os lábios roçando levemente em minha

boca. — Não serei mais um tolo. Você vai ser minha, custe o que custar!

Uma imagem piscou em minha mente: Nosso primeiro beijo, anos atrás. Foi em

uma saída louca

quando eu joguei aquela vadia na piscina, Lucas veio atrás de mim com essa mesma atitude de

homem das cavernas. Eu não resisti e foi explosivo, se eu não estivesse tão perturbada na época teria

percebido que só ele era capaz de fazer aquele fogo todo acender em mim.

Ofeguei e fechei os olhos tentando me controlar para não atacá-lo como uma louca. Meu peito

subia e descia com a respiração rápida. Lucas não se moveu um milímetro, estava com a boca

próxima à minha e tinha certeza que aqueles olhos verdes que incomodava meu sono estavam abertos

e atentos a cada reação que eu tinha, resolvi atacar. Era a melhor arma.

— Como já disse, eu não quero resto. Sobras não são para mim. Se eu quisesse isso, eu o teria

tido aquele dia em que estava bêbado há uns meses atrás, quando você veio com um papinho meloso

querendo transar no sofá. Não, Lucas. Eu mereço mais que você.

Com o objetivo atingido, senti a pressão em meus pulsos aliviarem. Não ousei abrir os olhos,

sabia o que veria ali. Ele não gostava das vezes em que chegava bêbado, ficava extremamente

envergonhado no dia seguinte.

E aquele dia não foi diferente. Quis saber tudo que aconteceu logo que acordou, eu só fingi que

estava tudo bem. Nada de mais. O que era longe da realidade, nessas horas ele

ficava alegre e

falante. E deixou escapar o quanto me queria. Tive que reunir todas as minhas forças para não ceder

às investidas bêbadas, mas muito eficazes de me levar pra cama. Confesso que fiquei tentada, mas

sabia que no dia seguinte ele não se lembraria.

E, claro, o adicional de dizer que não queria sobras e insinuar que ele era um resto, magoou seu

orgulho. Ainda de olhos fechados senti-o se aproximando de novo. Seu hálito fez cócegas em meu

pescoço quando ele se inclinou para falar no meu ouvido:

— Não adianta querer me atingir, Sabrina. Por agora você fica livre. Mas eu vou tê-la, custe o

que custar. Eu espero o tempo que for.

Soltou-me subitamente e saiu batendo a porta. Eu desci pela parede e sentei no chão tentando

colocar meus sentimentos em ordem. Estava muito confusa. Meu coração batia acelerado, e meu

corpo todo tremia. Eu não entendia o que ele queria, mas eu não seria mais uma de suas conquistas.

Que eu iria me mudar já estava certo, mas tinha que ter coragem de dizer adeus à sua amizade

também. Não seria fácil. Depois de tanto tempo era rotina vê-lo todos os dias só de cueca *boxer*

tomando café pela manhã, mesmo que fosse torturante.

Sorri tristemente ao lembrar as vezes que ficamos batendo papo até quase meio-

dia, sem

perceber que ainda estávamos do mesmo jeito que acordamos. Perder essas coisas era o que doeria

mais. Lucas acabou sendo meu porto seguro, algo que aliviava toda a dor que havia dentro de mim.

Mas não podia mais viver assim, era doloroso demais. Amar e não ser correspondida é muito

ruim.

Fiquei mais um tempo no chão e notei que na verdade era o meu antigo quarto, onde um dos

momentos mais difíceis da minha vida aconteceu. Lucas não sabia o que havia ocorrido comigo. Na

época foi horrível, mas aprendi a lidar. Não conseguia permanecer muito tempo naquele quarto.

Levantei-me e caminhei em direção à porta, com um suspiro virei a maçaneta e notei a casa

silenciosa.

Do lado de fora eu sabia que me esperavam familiares querendo conversar e matar a saudade, e

outras pessoas importantes que se preocupavam comigo. Mas acima de todos estaria o homem que

mexia com meu coração e minha alma. Não tinha certeza se conseguiria resistir por muito tempo.

Andei devagar pela casa retardando ao máximo ter que encontrar seus olhos novamente. Já na

sala pude escutar os burburinhos das pessoas na festa. Subitamente a porta se

abriu e Ana entrou

bufando com Alberto em seu encalço, com cara de cachorro pidão. Ele sempre mantinha esse

semblante perto dela.

Bem, parecia que certas pessoas tinham mais problemas que eu. Não entendia o motivo de todo

esse rebuliço. Minha irmã devia ter uma teimosia de ferro, porque eram mais de dez anos resistindo

às investidas dele. Quatro anos pra cá elas se intensificaram de uma maneira absurda, pois Alberto

costumava ficar plantado na porta do hospital em que Ana trabalhava só pra vê-la sair. Chegava a ser

hilário vê-lo assim, o todo pegador se arrastando por uma mulher.

— Cara, eu já te disse. Se quiser dançar, pega uma vassoura. São iguais àquelas “varetas” que

você costuma sair mesmo... — Ana parou com as mãos apoiadas no balcão da cozinha, de costas pra

ele, mas pude ver que fechou os olhos respirando fundo.

Eles não tinham me visto, não que eu quisesse fuxicar, mas se eu saísse ambos poderiam ficar

envergonhados por ter presenciado algo íntimo. Então me encostei no canto da sala e esperei

terminarem o arranca rabo de sempre.

Alberto se aproximou, mas não tocou minha irmã.

— Larga de ser teimosa, Ana. Eu quero dançar com você, nada mais justo, eu sou o padrinho e

você é a madrinha. Qual o problema?

Ela se virou subitamente, de onde eu estava não dava pra ver muito bem, mas eu apostava que

estava mordendo a boca de raiva. Era uma mania que tinha.

— O problema é você, seu cafajeste. Eu não quero que você me toque.

Ele sorriu, debochado.

— Você gostava quando eu te tocava.

Pude perceber que Ana estava nervosa, ela se inclinou para trás tentando fugir da abordagem

dele, mas estava presa. Parecia uma porcaria de um *déjà vu*.

— Eu era uma idiota. Não quero você perto de mim nunca mais. Tenho nojo de você, não sei

onde você andou se esfregando, muito menos com quem.

O semblante do Alberto se fechou e ele estreitou os olhos se aproximando da minha irmã.

— Faz muito tempo, Ana Luiza. Eu não sou mais um moleque, já te pedi perdão mil vezes, mas

você parece não ouvir. Eu ainda te amo da mesma maneira que na época em que estávamos juntos.

Mas vai chegar uma hora que vou me cansar e quando acontecer, vai dar merda. Quando tomo uma

decisão definitiva, já era.

— Eu vou adorar, pelo menos ficarei livre de você — Ana tentava soar firme, mas só quem a

conhecia bem notaria o vacilo em sua voz quando não estava certa do que dizia.

E infelizmente para

ela, Alberto era uma dessas pessoas.

— Aham, sei... Continue dizendo isso até você acreditar. Mas agora nós vamos dançar a porra

da música, e você vai estar quietinha. Cansei de brigar. Se não estiver lá fora em dez minutos, eu

venho te buscar nem que for pelos cabelos.

Ele saiu e Ana ficou ofegante. Uau, eu nunca vi o homem daquele jeito. Achei que minha irmã

iria sair quebrando as coisas, histérica. Mas fiquei surpresa com sua reação. Ela sorriu discretamente

e abaixou a cabeça. Achando que estava sozinha, levou as mãos ao coração e respirou fundo, se

afastou da bancada e foi andando devagar em direção à porta da cozinha. Antes de abrir a maçaneta,

fechou a cara.

Que merda!

Eu nem ia tentar entender aqueles dois, minha vida já era bem complicada. Saí e encontrei

Alberto e Ana, lado a lado. Ambos estavam com a cara fechada e pareciam desconfortáveis. Se eu

não tivesse presenciado a atitude contraditória da minha irmã ia ficar até com pena, mas depois

daquilo, nem sabia o que pensar.

Avistei Bruno se aproximando com seu terno preto, lindo. Meu irmão parecia muito feliz. Eu não

podia nem imaginar sua reação quando soubesse que seria pai.

— Sá, você vai ter que dançar com o Lucas.

Legal, era só o que me faltava.

— Bruninho, meu irmão. Será que não dá pra ser com o Heitor? Ele também foi padrinho. Bota

o Lucas com outra, por favor?

Ele torceu a boca e fez uma careta.

— Ok, ele vai me matar, mas eu sei como é ruim pra você estar perto dele.

Meu irmão se via em uma sinuca de bico porque, além de ser cunhado dele, os dois tinham se

tornado grandes amigos. Após todos saberem que ele tinha salvado a vida do irmão da sua amada,

vimos como a amizade entre ambos se intensificara. Então eu estava realmente grata por pensar em

mim acima de tudo.

— Obrigada!

— Beleza, vai começar em cinco minutos, o Heitor tá perto do *DJ*. Ele tá louco pra mexer no

bar. Eu disse que nada de trabalho, mas o homem não para quieto.

Todos tinham se tornado bons amigos. Heitor cativava com seu jeito educado e gentil. O homem

parecia um *bad boy*, mas parava por aí. Eu o chamava de ursinho. E só a mim era permitido esse

privilégio. Ele dizia que eu parecia uma boneca com os olhos azul-clarinhos.

Sorri e fui à procura do meu par. Ele estava encostado na parede com um copo na mão e

olhando a multidão. Eu sempre o notava recluso, quieto. Nunca o vi com ninguém. Não entendia,

Heitor era lindo e *sexy*. Eu sabia que tinham muitas mulheres no *Beer* loucas para darem o bote,

porém não dava atenção a nenhuma delas. A única pessoa que eu sabia com certeza que ele havia

saído era Elisa, a garçonete, mas também foi casual, acabou no mesmo dia que aconteceu. Com

certeza tinha encontros esporádicos, nada permanentes.

Heitor era misterioso e triste. Não sabia o que poderia ter acontecido, mas devia ser muito sério

para o homem carregar tanto pesar em suas costas.

Aproximei-me e toquei em seu ombro, ele se virou lentamente e sorriu.

— Ei, boneca, o que tá fazendo aqui?

— Sou seu par de dança, ursinho.

Ele me avaliou de cima a baixo. Não tinha nenhum interesse malicioso nele, apenas diversão.

— Com esse pezinho pequeno? Eu vou esmagar seus dedos. Não sei dançar.

Estiquei-me nas pontas dos pés e sussurrei:

— Eu também não! — Arregalei os olhos, divertida com meu segredo.

Ele sorriu lindamente e pegou minha mão.

— Então vamos! Mas espero que tenha um plano de saúde. Ah, e o seu cavalheiro de armadura

branca está louco pra vir te salvar. Se olhar matasse eu estaria esticado, mortinho no chão.

Olhei na direção em que ele indicou e avistei Lucas nos olhando com raiva mortal. Dei de

ombros e fui para a pista de dança, porém não estava focada, porque pensava demais e isso não era

bom.

O que seria de mim a partir de agora?

Meu corpo e meu coração queriam algo, e eu sabia que só me faria sofrer.

Será que seria forte o suficiente para aguentar toda a pressão? Ou a alternativa era ter apenas

encontros casuais, tirá-lo do meu pensamento e dizer adeus logo em seguida?

Resolvi parar de pensar um pouco e me divertir ao lado de um cara lindo e engraçado.

## CAPÍTULO 4

*Lucas*

Depois de vê-la dançando com Heitor, e querer torturar meu amigo lenta e dolorosamente,

acabou o suplício, graças a Deus. O casal vinte partiu em lua de mel em meio a muitas felicitações.

Era muito bonito ver a felicidade daqueles dois. Eu sempre quis o melhor para minha irmã, e

finalmente ela encontrou o cara que faria tudo que estivesse ao seu alcance e além para que Layla

fosse feliz.

Com um sorriso no rosto observei-os se afastarem para uma viagem curta, mas merecida. Bruno

não poderia se desligar muito tempo do hospital e minha irmã não queria ficar sem cantar.

Varri meus olhos por todo o canto procurando Sabrina. Já havia virado rotina estar sempre à sua

procura. Só que não a encontrei em lugar algum. Poucas pessoas permaneciam no quintal da dona

Marisa. Somente amigos íntimos e familiares ainda estavam conversando e bebendo alguma coisa.

Aproximei-me de uma Ana furiosa, e decidi abordar o paradeiro da irmã caçula antes de ela soltar

fogo pelas ventas.

— Ana, você viu a Sabrina? Estou indo embora, e queria saber se ela precisa de uma carona pra

casa. — Tinha a necessidade de me explicar para Ana, mas não entendia bem por quê.

Ana Luiza não era alguém fácil de lidar. Apesar de ser muito boa pessoa, seu gênio forte irritava

até o mais calmo dos homens. Não sabia como Alberto insistia tanto em algo que era evidente que

não iria rolar. Devia ser coisas do amor, esse sentimento que nos transformava em panacas totais.

— Ela foi embora com o Heitor, que estava indo verificar o fechamento do bar e ofereceu

carona.

Puta merda! Precisei me segurar para não ser grosseiro, ela não tinha nada a ver com meu surto

repentino de mau humor. Mas tive que fechar as mãos em punhos para conter minha raiva súbita. Era

sempre assim quando se tratava da Sabrina. Tudo muito intenso.

— E faz muito tempo que eles saíram? — falei entre dentes.

Ana arqueou uma sobrancelha, com um olhar zombeteiro me mediu de cima a baixo.

— Sabe, querido. Você é uma gracinha, um menino muito bom. Layla te criou direitinho. Porém,

como uma praga que assola todos os homens, sem exceção, você acha que seu pau é o único que vale

a pena. Tenho uma grande novidade, essa porra é tudo igual. Você se esfrega em qualquer rabo de

saia e ainda quer que Sabrina fique te esperando? — Sorriu maliciosa. Não disse que ela era

geniosa? — Acorda, garoto! Ela não vai ficar solteira por muito tempo. Acho até que esperou

demais. Porém, como você é uma fofura, vou te dizer. Eles saíram há uns dez minutos...

Não esperei nem mais um segundo, parti em direção ao carro. Quanto mais cedo chegasse em

casa melhor. Interromperia qualquer coisa que pudesse estar acontecendo, mas ainda pude ouvir Ana

gritando:

— Não seja idiota, Lucas. Orgulho é uma merda!

Sabia bem disso. Tanto eu quanto Sabrina erramos em não dar o braço a torcer. Fomos

imprudentes e impulsivos.

Saí em disparada pela cidade. Em quinze minutos estava estacionado na garagem. Não havia

nem sinal do Heitor. Ainda bem, porque iria dar merda se ele estivesse dentro de casa.

Nós ficamos muito amigos. Depois que Layla saiu da nossa casa, eu me senti independente e

comecei a me divertir e sair mais. Frequentava o *Beer* direto com o pessoal da faculdade e depois

com os amigos do hospital. Era um *point* bem badalado. Em todos os anos, o bar só cresceu.

E, claro, tinha o adicional da minha irmã cantar muito bem e chamar clientes para o

estabelecimento. Por mais que Bruno tentasse, ela nunca cogitou a ideia de gravar e se

profissionalizar, dizia que seu único sonho já havia se realizado.

Então, por ventura da minha amizade com ele, não gostaria de ter que dar umas porradas no

sujeito por querer roubar a minha garota. Mesmo não sendo a título oficial, Sabrina era minha e

ponto! Era só uma questão de tempo até que se concretizasse.

Mesmo ela sendo um poço de teimosia, eu a amava com loucura.

E realmente poderia ser essa a qualificação do que tínhamos. Porque sofrer por anos sem nem

mesmo se ligar no que um ou o outro queria era loucura. Mas agora eu sabia o que ela queria de mim.

Por mais que Sabrina negasse e tivesse sentimentos que queria esconder, eu não a deixaria fugir tão

facilmente.

Respirei fundo e abri a porta do carro. Ela estava um pouco furiosa comigo, não sabia como seu

humor se encontrava, teria que ser cauteloso. Iria devagar, ou então a assustaria. Sabrina era retraída

por algum motivo, eu não sabia direito o que aconteceu, mas iria descobrir. Era a única maneira de

fazê-la confiar em mim, porém eu tinha um prazer estranho em vê-la com raiva. Ficava extremamente

linda. Devia ser masoquista e não sabia.

Entrei pelos fundos, porque se ela estivesse na sala assistindo televisão a surpreenderia como

gostava de fazer. Iria agir como se nada tivesse acontecido.

Mas a casa estava em silêncio, se não fosse pelo som abafado que vinha do quarto que ela

ocupava, poderia dizer que estava vazia. Na sala retirei os sapatos para não fazer barulho, tirei o

paletó e afrouxei a gravata. Como era de madrugada imaginava que ela podia estar dormindo com a

música tocando, como fazia de vez em quando.

Aproximei-me lentamente e encostei-me à parede do corredor. Fixei meu olhar na porta como se

assim pudesse conjurar Sabrina abrindo e se deixando levar por tudo o que sentíamos.

A música leve que tocava dentro do quarto me deu um aperto no peito. Tive que esfregar a mão

para ver se conseguia aliviar um pouco. Ela ouvia *Don't Know Why,* da Norah Jones. Aquela letra

era muito forte. Em uma estrofe dizia tudo o que nós dois passávamos.

"Meu coração está encharcado de vinho

Mas você vai estar na minha mente

Pra sempre"

Senti meus olhos ficarem marejados, meu peito doía de tanto tempo perdido. Naquele momento

eu prometi a mim mesmo que não iria perder a mulher da minha vida por nada nesse mundo.

E a razão da minha alegria e tristeza abriu a porta. Meu coração parou por um milésimo de

segundo. Sabrina tinha os cabelos molhados jogados nos ombros e uma camisola rosa minúscula, que

não deixava nada pra imaginação.

Olhava-me com confusão no olhar. Só então eu percebi que realmente estava fazendo papel de

louco parado no meio da madrugada em frente à porta da garota. Parecia um tarado. Desencostei da

parede e dei um passo à frente. Ela, claro, recuou.

— Queria saber se chegou bem em casa. Aí ouvi a música e achei que estivesse dormindo.

Sabrina arregalou os olhos azul-clarinhos e mordeu o lábio inferior, causando-me um arrepio na

espinha. Amaldiçoei mentalmente. Estava louco para segurá-la pela nuca e encher de beijos aquela

boca deliciosa. A lembrança de anos atrás ainda estava gravada em mim, mas desgastada. Estava

frenético para sentir tudo que se acendia quando estava ao lado dela.

— Você está aí há muito tempo? — sua voz estava rouca e arranhava em meus ouvidos.

— Não, cheguei há pouco.

Ela assentiu e abaixou a cabeça. Dei um passo à frente e me peguei erguendo o seu queixo para

que pudesse observar seus olhos brilhantes. Sabrina resfolegou.

— Você sabe que é inevitável, né? — falei baixo quase sussurrando. Mas percebi que ela me

ouvia perfeitamente. Suas pupilas dilataram e entreabriu os lábios, me deixando louco. — Eu não

vou desistir. Você é minha há muito tempo. Só não sabe disso.

Sua respiração estava tão acelerada quanto a minha. Tentei ao máximo me conter. Se fosse

incisivo ela recuaria. Não permitiria que eu abrisse caminho. Ela me expulsaria sem nem pestanejar.

E antes que ela pudesse dizer qualquer coisa que me fizesse falar merda, dei um beijo na sua

testa com carinho e me afastei. Pude sentir o peso do seu olhar nas minhas costas e forcei minhas

pernas seguirem adiante até o meu quarto. Só lá dentro me permiti relaxar. Encostei-me à porta e

respirei fundo pra não voltar e tê-la exatamente do jeito que eu queria.

Afastei-me e vasculhei a bagunça em busca de alguma roupa para um banho rápido, pois como

já era madrugada de domingo e não tinha plantão no hospital poderia dormir até mais tarde.

E na manhã seguinte, colocaria meus planos em prática.

***

Sonhos molhados. Parecia um adolescente. Era uma porcaria de rotina. Só que desta vez foi tão

real que quase tive um treco. Aquela porcaria de camisola devia ser proibida a não ser que você

estivesse disposta a aguentar as consequências. Droga!

Sentei-me na cama para avaliar o estrago. Suspirei resoluto e levantei, minha meta do dia era

tomar um banho relaxante e colocar o meu plano em prática. Sabrina não saberia o que fazer e como

reagir, era perfeito. Um sorriso se espalhou em meu rosto. Mal podia esperar para a finalização da

minha estratégia.

A porta do seu quarto estava aberta, sinal que já não se encontrava lá. Devia estar na cozinha.

Era um hábito que ficássemos altas horas conversando no café da manhã, quando estávamos os dois

em casa. Só esperava que por causa de toda a merda que aconteceu não mudasse

isso.

No banheiro larguei a cueca no meu cesto e abri o boxe. Tomei um banho rápido, mas relaxante.

Não queria me atrasar, se ela ainda estava em casa era por pouco tempo. Logo estaria na rua com

alguma desculpa para ficar longe de mim.

Sabrina era assim, quando a coisa esquentava ela dava um jeito de fugir. Parei em frente ao

espelho e observei meu reflexo. Estava mais velho e maduro. Com vinte e cinco anos poderia dizer

que vivi muito, coisas boas e outras nem tanto. Tinha orgulho de tudo o que fiz, até mesmo dos erros.

Com eles aprendi a dar valor ao que realmente importava. Nunca fui santo e não seria, porém se

havia uma coisa que tinha aprendido é nunca desistir. E não iria!

Armei meu melhor sorriso e fui em direção à mulher mais teimosa e maravilhosa do planeta.

Estava ainda molhado quando cheguei à cozinha. Como previa, Sabrina estava na bancada tomando

café e comendo *cream cracker*, mas pronta para sair, porque sua bolsa já estava em local estratégico

na sala.

Fingi que não me incomodava. Ainda estava de cueca, era normal andar assim pela casa.

Tínhamos um nível de intimidade que amigos normais não possuíam, porque a cada suspiro que

Sabrina dava me excitava a um nível quase doloroso.

Ela se virou e me presenteou com um olhar faminto. Percorreu todo o meu corpo e tive a certeza

naquela hora que Sabrina me queria de todas as maneiras que pudesse, porém logo disfarçou e

murmurou alguma coisa que não pude captar. Cheguei ao seu lado e dei um beijo em seu rosto, como

fazia todos os dias quando a via pela primeira vez.

— Bom dia.

Minha vontade era ficar mais tempo ao seu lado sentindo seu perfume delicioso. Mas como não

era esse o plano, me afastei para pegar uma caneca e pude senti-la me observando a cada passo. Era

até um pouco incômodo, na verdade. Mas não me importava desde que fosse em mim que aqueles

olhos lindos estivessem fixados.

Sentei-me e não olhei em sua direção. Ela continuava em silêncio. Percebi que também devia

estar usando de alguma estratégia, porém por motivos diferentes dos meus. Mas o vencedor eu já

sabia quem seria.

Estendi a mão e peguei um biscoito para passar manteiga, notei que suas mãos estavam cruzadas

em cima da mesa e um leve tremor passou por seu corpo. Sorri de lado e levantei os olhos.

Ela me encarou como nunca fez antes. Seus olhos queimavam em mim como

dois faróis. Eu não

entendi a mudança repentina de atitude. Seus lábios carnudos e rosados imploravam por um beijo

meu. Sabrina estava corada e ficava linda assim.

— Que foi, Sá?

— O que você quer de mim, Lucas?

Sua respiração estava acelerada e podia apostar que estava com o coração acelerado no peito,

porque o meu parecia que iria explodir.

— Como assim?

— Não seja idiota. O que aconteceu ontem? Por que estava na porta do meu quarto?

Fechei os olhos e procurei relaxar. Essa não era uma boa abordagem. Se eu dissesse qualquer

coisa, ela fugiria como estava acostumada.

— Já te disse, estava preocupado — tentei soar desinteressado, mas era complicado por tudo o

que carregava dentro de mim.

— E você acha que eu vou acreditar nessa merda?

— Acredite no que quiser, Sabrina. Só queria saber se estava bem. Eu estava cansado e a

música me relaxou.

Ela bufou e franziu a testa. Ficava tão bonitinha assim.

— Sei, ok. Já que é assim que você vai agir, tudo bem. Hoje estou saindo para

procurar um

apartamento.

Merda, tinha esquecido daquilo. Teria que fazer alguma coisa para impedi-la sem demonstrar o

quanto isso me incomodava.

Balancei a cabeça como se não me importasse.

— Ok, eu posso ir com você pra te ajudar? Sabe, muita gente gosta de se aproveitar de uma

garota sozinha.

Sabrina estreitou os dois faróis azuis em minha direção, me avaliando. Em anos de aprendizado

sabia esconder bem minhas reações, eu tentava sempre me camuflar para que minha irmã não se

preocupasse com nada mais que o necessário. Virei um *expert*.

— Na verdade, o que você quer? Se está sendo sincero, pode ir. Mas se for pra atrapalhar, fique

em casa. Ou quem sabe, vá atrás das suas enfermeiras sem cérebro.

Ela tinha que atacar. Era seu mecanismo de defesa. Mas eu não me importei e fingi não ter

escutado.

— Não, é sincero mesmo. Só vou vestir uma roupa e já te alcanço. — Me levantei e fui em

direção ao quarto. No meio do caminho parei e olhei para ela. — Ou você acha que está bom pra eu

ir assim?

Sabrina não resistiu e me avaliou de novo. Senti-me como uma presa. Minha gata tinha fome.

Percebendo minha provocação, ela fechou a cara e desviou o olhar.

— Veste uma porcaria de roupa de frio.

— Ué, mas tá calor. Acho que vou até sem camisa...

— Não! — gritou histérica.

Eu sorri e caminhei em direção ao quarto, mas pude ouvi-la praguejando. Adorava provocá-la,

ficava tão bonitinha. Sabrina não perdia por esperar, eu estava pronto para conquistá-la e só havia

uma maneira de fazer isso.

## CAPÍTULO 5

*Sabrina*

Quando a coisa quer desandar é complicado.

Nada parecia querer dar certo pra mim. Rodamos a cidade toda e não encontrei um mísero

apartamento que valesse a pena. E pra completar, Lucas colocava defeito em todos. Às vezes, quando

eu gostava de algum, ele achava problemas e me convencia do contrário.

Tinha um último endereço para visitar, dos mais de dez que encontrei em um site na internet.

Estava torcendo para que fosse viável. Porém, meus sentimentos e pensamentos estavam em conflito:

feliz e triste ao mesmo tempo, porque não conseguia conceber a ideia de me afastar do Lucas, ainda

sendo o melhor a fazer.

Percorremos a cidade e fomos parar na periferia, um local mais afastado do centro. Não vi nada

de mais no lugar, a não ser que era muito longe do meu trabalho. Lucas logo endureceu o corpo e

olhou pra mim com seus olhos verdes suplicantes.

— Sabrina, vamos embora. Esse não é um lugar pra você morar. Nem sabe como é a

vizinhança...

— Calma, Lucas. Nem entramos pra ver como é. Não seja preconceituoso.

Ele respirou fundo e saiu, eu o segui e paramos em frente ao prédio. Olhei tudo ao redor e gostei

do que vi, era um lugar simples, mas bem conservado. Abri a porta e para minha surpresa saiu um

bando de crianças correndo e gritando.

Sorri ao imaginar que seria legal ficar em um lugar cheio de bagunça boa. Eu podia parecer um

pouco impulsiva, mas havia um lado maternal em mim que ninguém conhecia. Lucas caminhava ao

meu lado em silêncio, observando tudo. Devia estar maquinando algum defeito para me fazer mudar

de ideia. Mas fiz uma promessa de não escutar nada do que ele dissesse.

Subimos quatro andares de escada e paramos em frente a uma porta antiga de madeira

descascada. Bati e aguardei, o inquilino atual ainda estava ocupando o apartamento. De acordo com

as informações no site, ele se mudaria para uma casa que havia acabado de adquirir, mas tinha ficado

para receber os interessados em alugar e mostrar a residência.

Escutei passos do lado de dentro e logo a porta se abriu. Eu quase caí pra trás. Um cara de

quase 1,90m abriu a porta, e era lindo de morrer. Não pude de deixar de ter a reação de todas as

mulheres ao ver um monumento daqueles.

Comecei olhando os pés descalços, ele vestia uma calça de moletom cinza, que deixava pouca

coisa escondida, já que era bem visível o contorno das suas coxas grossas, subi mais um pouco e

fiquei salivando por sua barriga tanquinho. Sério! O cara não era depilado como o Lucas, tinha

cabelos espalhados por seu tórax malhado, seus braços eram cobertos de tatuagens, não que eu

estivesse prestando atenção a elas. Aqueles bíceps estavam me deixando meio louca. No rosto

marcado por um maxilar forte e queixo quadrado tinha desenhado um sorriso irônico conhecedor do

seu encanto. Em seus olhos castanho-esverdeados havia um brilho malicioso, e ele me avaliava da

mesma maneira que eu, seus cabelos desgrenhados e a barba por fazer davam um charme a mais.

Jesus, morri e fui pro céu dos homens gostosos!

— Olá, posso ajudá-los? — Aquela voz grave era capaz de fazer uma mulher se

derreter aos

seus pés, como um sorvete em dia ensolarado.

— Oi, sou Sabrina Petri e esse é meu amigo Lucas. Nós viemos pelo anúncio do aluguel.

Ele sorriu mostrando todos os dentes alinhados, e *pasmem* havia uma covinha em cada lado da

sua bochecha.

— Ah, sim. Tinha esquecido que você mandou o *e-mail* Sabrina. Prazer, meu nome é Alex Wolf.

— Estendeu a mão e segurou a minha levando-a aos lábios. Ainda era um galanteador. Meu cérebro

gritava “perigo” o tempo todo.

Ouvi um grunhido vindo do Lucas. Nossa, havia me esquecido dele por um minuto.

— Wolf? — Lucas tinha um tom zombeteiro na voz.

Sem tirar os olhos hipnotizantes dos meus, Alex respondeu:

— Sim, minha mãe era aficionada em livros sobrenaturais de metamorfose. Sabe como é?

Não sei por que, mas ele me fazia querer rir o tempo todo. Devia ser o magnetismo que

emanava, o cara era sexo ambulante. Imaginei que meu acompanhante não estaria muito feliz com

aquilo. Mas, quem ligava?

— E o que você faz, Alex? — Nunca vi o Lucas tão sem noção. Disse o nome do sujeito com um

desdém sem tamanho e ainda ficava futricando na profissão do cara. Pelo amor de Deus, estávamos

só visitando o local.

— Sou professor de *Muay Thai* na academia do centro da cidade... Podem entrar, vou te mostrar

o ambiente, ainda tem algumas coisas minhas por aqui, não levei tudo pra casa nova.

— E por que você quis se mudar, Alex? — Credo, por que, de repente, minha voz ficou tão

fina?

— Aqui é muito distante de tudo. Consegui juntar uma graninha e comprar meu próprio apê. Não

é grande coisa, mas é meu! — Deu de ombros como se não fosse tão importante realizar o sonho de

ter seu próprio canto.

Entramos na sala e o local era bem arejado, dava uma sensação de conforto. Porém, como ele

disse, tinha o empecilho da distância. Lucas nos acompanhou com uma carranca. Achei graça, porque

ele nunca agiu daquela maneira com nenhum amigo meu.

Alex era pura simpatia, além de lindo, claro. Mostrou-nos cada cantinho falando dos prós e

contras do apartamento. Segundo ele os vizinhos eram meio barulhentos, por conta de terem filhos

pequenos, mas não se incomodava porque gostava da bagunça. Identifiquei-me na hora.

Depois de nos oferecer um suco que recusamos, fomos até a saída.

— Sabe, gata, acho que aqui não é o lugar mais adequado para você ficar. Talvez, se puder

esperar, na terça me mudo e vejo se tem alguma coisa no meu prédio novo. O que acha? — Sorriu

com os olhos fixos nos meus.

— Nossa, eu adoraria. É mais perto do trabalho e do centro da cidade. Aliás, eu gostaria que

me desse seu telefone e da academia que dá aula. Estava pensando em entrar em alguma luta mesmo.

Sabe como é? Mulher sozinha andando pela rua é perigoso, gosto de me sentir segura.

— Com certeza, muito bom que pense assim. Só um minuto, que vou anotar e volto.

Ele saiu em direção ao quarto e tive que apreciar aquele bumbum durinho na calça de moletom.

Acho que cheguei até a virar a cabeça, porque ouvi uma rosnação atrás de mim que parecia um monte

de cachorros loucos. Assustada por ter esquecido totalmente do Lucas e olhado a bunda do cara, me

virei de olhos arregalados.

Ele tinha uma expressão de morte no olhar.

— Sério, Sabrina? *Muay Thai*?

— Ué, qual o problema? Eu gosto de me exercitar e já queria fazer aula de luta mesmo. Quer

melhor coisa do que conhecer o professor?

Ele estreitou os olhos e se aproximou. Muito perto, minha cabeça gritava.

— O problema é que você ficou toda assanhadinha com o “professor” — falou entre dentes,

estava tão próximo que sentia o calor da sua respiração no meu nariz.

— E daí? — Dei de ombros.

— E daí que você vai ver, se ficar dando mole pra ele.

A cada palavra dita, ele dava um passo em minha direção. Estávamos na casa de um quase

desconhecido, e a eletricidade que emanava entre nós estava a todo vapor. Qualquer um que nos

visse, até mesmo de longe, perceberia que alguma coisa rolava. Mas Lucas não me queria, a vida

dele era diversão e, apesar de nunca tê-lo deixado ver, eu também tive meus encontros esporádicos.

Nada sério, porém não era nenhuma santa em ficar quatro malditos anos sozinha.

Só que nenhum chegou aos pés do acontecia comigo quando era Lucas o envolvido, na verdade

achava que nunca chegaria. O que era uma porcaria, porque eu tentava a todo custo ser alguém

diferente e amar quem me desse valor.

— Lucas, se afasta! — Estava muito nervosa com aquilo, seria no mínimo constrangedor se

Alex presenciasse toda aquela ceninha.

— Por que, Sabrina? Do que você tem medo?

— A gente conversa em casa, ok?

— Por quê? Aqui me parece bom. — Seus lábios estavam muito próximos, me preparei para um

ataque que não veio.

Um barulho no corredor fez com que nos afastássemos, estava corada de vergonha e podia sentir

minhas bochechas queimarem. Era horrível essa reação cada vez que Lucas estava perto demais.

— Desculpem, demorei a achar uma caneta. Metade das minhas coisas já foram embora.

Alex se aproximou e estendeu um bilhetinho com uma letra típica de homem.

— Me liga, então. E aparece mesmo na academia, tenho uma turma especial de mulheres. Você

vai gostar, tenho certeza.

Deu pra perceber que ele era um conquistador nato. Possuía uma cara de safado, e não tinha o

menor pudor em demonstrar que conseguia o que queria com seu charme.

— Ok, Alex. Te ligo na quarta pra ver se conseguiu o apartamento.

— Beleza. — Em seguida, ele se virou para o Lucas, que parecia um cão raivoso e só faltava

espumar, e estendeu-lhe a mão. — Bom te conhecer, Lucas. Cuida da sua amiga para que fique bem

até as aulas, o mundo anda muito violento para uma garota tão bonita ficar andando sozinha.

— Você não precisa dizer isso, cuidei dela por quatro anos.

Uau, nem ia corrigir, senão podia dar merda. Homens era uma espécie engraçada, ficavam se

medindo e competindo em um tipo de torneio que não entendia muito bem. Parecia até aqueles

desenhos animados, só faltavam levantar a perna e ver quem fazia xixi mais alto.

— Ok, Alex. Obrigada, vamos indo porque não almoçamos e Lucas fica estranho quando tem

fome.

O tal parecia que nem me escutou, encarava Alex sem nem piscar. Dei as costas e caminhei

dando um tchauzinho ao Alex. Lucas me seguiu pisando duro, nem liguei, mas sabia que vinha merda

quando entrássemos no carro.

E não deu outra.

— Porra, Sabrina. Você mal conhece o cara e já vai pedir pra ver apartamento. Vizinha daquele

sujeito? — ele falava socando o volante.

— Qual o problema, Lucas? Eu sei me cuidar e não é como se eu estivesse pulando na cama

dele. Se bem que não seria de todo ruim. — Mordi a unha com o pensamento.

— O QUÊ?! — Ele quase estourou meus tímpanos.

— Credo, que bicho te mordeu?

— Sabrina, não brinca comigo. Você já quer transar com esse cara? — Deve ter virado um

costume repentino ele ficar rosnando.

— Hum, não seria ruim. Ele é um gato. Ainda tem aquela fala mansa...

— Porra, você tá de sacanagem! Estava na cara que ele queria te pegar. E sabe como caras

como aquele agem? Eles pegam e jogam fora!

— Igual ao que você faz?

Isso o fez calar a boca. Toda aquela pinta de “sou todo macho” caiu no chão junto com seus

olhos. Ele abaixou o olhar e balançou a cabeça.

— Sabe que nós fizemos muita merda nesses anos, né? Mas te digo uma coisa, me arrependo de

cada mulher que tive. Não por ter transado por aí, mas porque realmente não era o que eu queria.

Mas tudo bem. Você insiste em não entender e parece nem tentar.

Deu partida no carro e seguiu o caminho de volta ao centro da cidade. Decidi não entrar em

detalhes a respeito do que ele disse, mas algo estava martelando na minha cabeça.

Se ele não queria estar com todas aquelas mulheres, por que vadiou tanto? Seriam coisas de

homem?

Droga, bicho complicado! Depois somos nós que dificultamos tudo. Eu sabia da minha parcela

de culpa em tudo, fui medrosa e fraca na época, porém logo me arrependi e olha que nem era tão

tarde assim. Foi ele que estragou tudo em um impulso.

Acho que nosso relacionamento todo foi regado a esse sentimento. Era o que nos movia.

Percorremos todo o caminho em silêncio absoluto. Em frente da nossa casa, Lucas parou o carro

e aguardou para que eu descesse.

— Você não vem?

Ele negou, cabisbaixo. Eu não gostava de vê-lo chateado assim, me dava uma dor lacerante no

peito.

— Não, vou comprar algo pra gente almoçar. — Nem uma vez Lucas olhou em minha direção.

— Você tá chateado?

Ele suspirou e encostou a cabeça no volante.

— Não, Sabrina. Eu nunca vou conseguir ficar chateado com você. Só... fiquei com ciúmes.

— O... O... quê? Como assim? — Devia estar escutando demais, não podia acreditar naquilo.

— O que tem de tão estranho? Você nunca demonstrou interesse por nenhum cara na minha

frente. A primeira vez dói, né?

É, eu sabia bem o que ele estava falando. Quando ele levou aquela oxigenada na festa do seu

próprio aniversário, foi como se meu chão tivesse sido tirado de mim. Então decidi nem me explicar,

porque na verdade eu não tinha nada a dizer. Flertei com um gato e ponto. Eu era solteira e

desimpedida.

— Ok, te espero. Vou fazer uma sobremesa.

— Tudo bem.

Desci do carro e fui andando até a porta da frente, antes de virar a maçaneta percebi que ele

ainda não tinha dado partida. Olhei pra trás e Lucas me olhava da mesma maneira de quando nos

vimos a primeira vez no bar. Tinha ternura em seus olhos, desejo, mas algo diferente. Parecia triste e

desanimado.

Eu não podia fazer muita coisa para mudar aquilo, porque meu próprio coração estava em

frangalhos há muito tempo. Entrei e fechei a porta. Tinha que usar de todas as minhas forças para dar

adeus. Não podia mais viver assim.

## CAPÍTULO 6

*Lucas*

O ciúme é uma coisa que te corrói por dentro, como ácido. Eu saí para aplacar minha vontade

de esganar aquele Alex, o cara que deu em cima da Sabrina descaradamente, e a bonita ainda teve o

desplante de me apresentar como amigo.

Amigo?

Nós éramos mais do que isso há muito tempo. Rodei a cidade e demorei mais do que o

necessário, nosso restaurante preferido ficava a poucos minutos de casa. Mas eu

precisava me

acalmar antes de fazer merda.

Não sabia dizer quantas vezes soquei o volante. Estava frustrado com a situação. Eu a queria em

um desespero que chegava a doer, e tinha a impressão que Sabrina havia desistido de nós, porque

estava flertando abertamente com os caras. Eu fui muito estúpido por demorar tanto tempo para

perceber que o que ela sentia por mim não era coisa de amigo, mas um desejo de mulher. Um

sentimento que te leva às alturas, e despenca sem nenhum aviso.

Depois de gastar bastante combustível passei no restaurante japonês que frequentava e peguei

nosso almoço. Sabrina já devia estar azul de fome. A caminho de casa pensei em como iria reagir,

ela já havia notado meu ciúme e eu tinha confirmado. Porém, não queria que ela percebesse o quanto

tudo mexia comigo profundamente, no fundo ainda tinha receio de ser rejeitado de novo.

Estacionei e desci do carro, acionei o alarme com as mãos abarrotadas de caixinhas, respirei

fundo e entrei pela porta da cozinha. Já havia se tornado um hábito tentar surpreendê-la. Mas tinha

me esquecido que não estávamos em um clima para brincadeiras.

Encontrei Sabrina sentada na bancada da cozinha com o queixo apoiado na mão e olhando para

um garfo que estava rodando entre os dedos. Parecia entediada. Levantou os olhos e me olhou

intensamente. Minhas pernas quase cederam com o que vi em seu rosto.

Era algo parecido com saudade. Tentei não demonstrar que havia me abalado, de imediato.

Tínhamos muito que conversar. E não podia apressar as coisas, queria mais do que uma noite de sexo

alucinante com a Sabrina.

— Trouxe comida japonesa. — Abri as sacolas e comecei colocando as caixinhas em cima da

bancada. Sabrina não se moveu um milímetro, podia sentir o peso do seu olhar em mim.

Levantei os olhos e vi que ela me observava atentamente. Um calafrio subiu em minha espinha,

não estava preparado para encarar os meus sentimentos. Desde nossa briga no casamento da Layla,

meu relacionamento com Sabrina ficou muito estranho. O que era tranquilo estava intenso.

— O que foi? Não queria comida japonesa?

Sabrina não disse nada. Levantou-se e deu a volta parando atrás de mim, fechei os olhos e tentei

me distrair. Aquela proximidade me deixava louco, seu corpo emanava um calor que colocava meus

sentidos em alerta total. Podia sentir sua respiração acelerada. Virei-me e a encarei. Ela era mais

baixa que eu, estava com a cabeça inclinada para trás com seus olhos azuis fixos

em mim e a

boquinha vermelha entreaberta, implorando para ser beijada.

— Por que você ficou com ciúmes, Lucas, se em todos esses anos você não teve a mínima

consideração com os meus sentimentos? O que está acontecendo? Por que agora?

Droga! Ela tinha razão, desfilei com mulheres na sua frente sem nem pensar que poderia

machucá-la. Estava anestesiado, com o orgulho ferido. Tinha levado sua decisão a sério demais e

acabei machucando quem eu menos queria.

— Porque a droga do meu coração estava ferido, e meu ego foi jogado fora. O que você queria

que eu fizesse? Você me rejeitou! Eu abri a porra do meu coração e você pisou nele, Sabrina! — Eu

não queria me exceder, mas aquilo tudo estava entalado na minha garganta.

— E você pegou a primeira sirigaita que encontrou. Sabia que fui atrás de você naquele dia? Eu

te vi saindo com aquela oxigenada e me arrependo de ter pensado em voltar atrás na minha decisão,

eu estava com meu coração machucado. Só precisava de tempo para colocar tudo em ordem, mas

você esperou? Não! Essa porra de orgulho masculino, que não pode ser rejeitado. Eu te magoei?

Beleza, eu acredito. Mas você também. Se gostava tanto de mim, como disse na época, por que se

satisfez no corpo de outra? — Sabrina sussurrava olhando em meus olhos, estava matando-a dizer

tudo aquilo, tinha certeza. Mas não havia outra maneira. Tínhamos muita carga para carregarmos,

fomos muito idiotas, e a sinceridade era sempre a melhor opção. Nenhum estava certo em tudo,

porém eu acreditava que sempre há uma segunda chance.

— Enquanto eu fodia cada garota com a qual estive nesses quatro anos, a única que me vinha à

cabeça, a mulher que me deixava e ainda deixa duro é você, Sabrina. Não me orgulho dessa merda.

Mas antes eu estar fodendo por aí, do que chorando pelos cantos. E sabe do que mais? Eu cansei

dessa porra, você vai ser minha! Não quero mais ninguém, nunca quis. Fui idiota o suficiente em ser

educado, devia ter te beijado e mostrado o quanto pertencemos um ao outro.

Sabrina estava ofegante. Seu peito subia e descia. Meu coração estava acelerado com toda a

emoção que sentia. Era uma mistura de raiva e amor. Conosco era assim, muita loucura.

— E o que você pretende fazer com isso? Já parou pra pensar que eu não quero mais? Que

posso ter enjoado? Que posso estar enojada?

Uma vez um amigo da faculdade me disse que mulheres magoadas eram ferinas, que usavam até

seu último resquício de respiração para machucar quem as ofendeu. Eu dava

razão pra ele agora.

— Eu tenho certeza que não. Você me quer com a mesma intensidade que eu a quero. Não

adianta negar. Essa porcaria de experiência que adquiri me ensinou alguma coisa de bom, sei ler

muito bem quando uma mulher me quer. — Quando eu era pequeno, minha irmã dizia pra mim que, às

vezes, é melhor manter a boca fechada.

Sabrina desferiu um tapa na minha cara, tinha certeza que ficaria vermelho. Parece que se

acostumou a fazer isso, torcia para que não virasse um hábito. Mas aquilo aguçou meu lado

*neandertal*, estreitei os olhos e avancei. Ela se afastou de costas até bater na parede da cozinha. Eu

coloquei os dois braços ao lado da sua cabeça e aproximei meu rosto ao dela.

— Você pode me bater até cansar essa mãozinha. Isso só me excita mais. E sabe o quê? Chega

dessa merda, não vou mais perder tempo. Você não vai escapar dessa vez.

Não a deixei pensar mais. Aproximei meus lábios e beijei sua boca ferozmente, não era doce

nem sentimental, mas para firmar o meu ponto de vista. Sabrina resistiu e tentou empurrar meu peito,

mas acabou se rendendo. Fechou os olhos, só assim me permiti relaxar e aproveitar.

Levei uma mão à sua cintura e colei nossos corpos. Agarrei seus cabelos e assaltei sua boca.

Era o paraíso, sua língua quente fazia uma dança enlouquecedora. Nossa respiração se misturava, eu

comecei a me esfregar nela, prendendo-a na parede. O corpo de Sabrina era delicioso. Ela era

magra, mas tinha curvas em cada parte. Há muito tempo não me sentia tão bem em estar nos braços de

uma mulher. Para mim não havia outra.

Porém, subitamente, ela retesou o corpo e mordeu minha boca. Dei um grunhido assustado e abri

os olhos separando nossas bocas. O brilho em seu olhar era excitado e magoado.

— Você pensa que sou uma dessas malucas sem cérebro que você fica, Lucas? Acha que pode

me beijar e se esfregar, que fica assim mesmo? E os anos que fomos magoados, não conta? Acha que

eu tenho um botão de liga/desliga? — estava histérica gritando e esbravejando.

— Você simplesmente vai continuar com isso? Deixar tudo que há entre nós ir embora por causa

de orgulho e teimosia? Já não basta todo esse tempo que sofremos? Porque eu também sofri. Você

acha que não sei dos caras que você saiu? Sei muito bem como dói.

Ela arregalou os olhos surpresa. Não pretendia falar isso, pois não achava relevante. Mas ela

pediu. Uma vez fui buscá-la no trabalho e Sabrina estava saindo com um mauricinho metido a besta,

não sabia se rolou alguma coisa. Mas doeu.

— Que foi? Eu sei que você também não ficou me esperando, então não me

venha com

hipocrisia dizendo que sente nojo de mim por ter ficado com outras mulheres. A única que eu quero é

você, porra! Isso não conta? — estava me excedendo de novo, mas Sabrina tinha o poder de me

deixar enlouquecido.

— Eu não sei, ok? Tenho que pensar, essa proximidade me deixa perturbada. Fizemos muita

merda. Não sei se daríamos certo com tanta mágoa guardada. — Ela olhava em meus olhos com tanto

rancor que me encolhi interiormente.

— Sabrina, você que fica guardando essa merda toda. Eu só sinto muito pelo tempo que

perdemos, o resto não importa.

Ela abaixou a cabeça e encostou a testa no meu peito. Apesar de tudo, ainda éramos amigos e

um apoiava o outro incondicionalmente.

— Eu não sei se sou capaz de esquecer cada garota que você andou. E o que aconteceu no

casamento está gravado na minha cabeça. Não sei se consigo ficar com você assim.

Sabia que tinha feito merda no momento em que puxei aquela garota para o jardim. Mas estava

tão louco das suas rejeições constantes que nem pensei direito.

— Aquilo foi a burrada mor. Sinto muito.

— Não foi, a pior foi quando você puxou aquela vaca loira no seu aniversário. Ali sim meu

coração despedaçou. Não sei bem se ele tem conserto, Lucas. Preciso de um tempo.

— Tudo bem, mas você não vai embora, né?

Não conseguia conceber a ideia de tê-la longe de mim.

— Vou sim, apesar de tudo ainda continuo com a ideia fixa de me mudar. Não dá pra ficar mais

assim. É muito sofrimento.

Eu acariciava seus cabelos macios e aproveitei a oportunidade de estar tão perto para inalar seu

perfume doce.

— Por favor, não me abandone. — Sentia as lágrimas se formando em meus olhos. Meu coração

estava comprimido e não tinha pra onde correr.

— Não fale assim. Deixa-me livre por um tempo. Vamos ficar separados pra ver no que dá? É

melhor do que a gente tentar e acabar perdendo até mesmo a nossa amizade. Você é muito importante

pra mim.

Levei a mão até o seu queixo e elevei seu rosto para poder olhar em seus olhos azuis.

— Ok, mas não foge de mim, tudo bem? E não vá morar em qualquer lugar para se afastar. Só se

achar um apartamento legal é que deixo você ir.

— Ok. Vamos almoçar que está esfriando. Você sabe que odeio comida requentada. — Me deu

um sorriso amarelo.

Concordei com a cabeça, mas antes dei um selinho leve em seus lábios. Tentei transmitir tudo o

que sentia ali. Mesmo não tendo dito com palavras, eu queria que ela soubesse o quanto a amava.

Fechei os olhos e gravei na memória o sabor daqueles lábios. Não sabia com certeza quando os

provaria novamente, mas prometi a mim mesmo não esperar tanto.

Afastei-me e virei de costas, não conseguiria enfrentar seus olhos e me distanciar. Sentei na

bancada e abri as caixinhas de comida, ela se acomodou devagar no banco à minha esquerda.

Depois da pegada que tivemos, tê-la tão perto iria me incomodar muito, mas não iria me afastar.

Meu plano meio que foi por água abaixo depois disso, porém não importava, porque a sinceridade

sempre é o melhor caminho.

Almoçamos tranquilamente sem dizer uma palavra, quando acabamos joguei as embalagens

vazias na lixeira. Sabrina pegou da geladeira minha sobremesa favorita: *Nutella* com morango. Acho

que ela queria adoçar meu humor.

— Hum, por que o doce?

— Queria que fosse algo especial. Sempre tivemos bons momentos na cozinha,

não é verdade?

Assenti e me sentei novamente, ela colocou a travessa à minha frente e pegou duas colheres.

Sempre fazíamos assim, comíamos direto da vasilha.

Dei uma colherada e levei à boca. Cara, não existia doce mais gostoso. Uma imagem surgiu em

minha mente. Só havia uma maneira de ficar ainda melhor: espalhado no corpo da mulher deliciosa à

minha frente.

Abri um sorriso com a imagem e olhei em seus olhos. Sabia que estava com cara de safado,

como ela costumava dizer, mas não me importei, eu iria atacar com todas as minhas armas.

— Com certeza, e podem ficar ainda melhores.

Ela corou em um rosa lindo e minha mente fértil voou ainda mais, porém recebi um banho de

água fria.

— Eu vou procurar a academia amanhã. Quer ir comigo? — Ela não me encarou com essa

declaração. Seus olhos estavam fixos na travessa à nossa frente.

— Que academia?

— A que o Alex trabalha, vou fazer as aulas.

Virei minha cabeça de imediato, não podia acreditar naquilo.

— Você vai continuar com essa ideia?

— Como assim? Eu disse que ia fazer e vou. Estou te convidando, se vai ou não é problema seu.

E, aliás, se ele falar do apartamento no prédio eu vou lá conferir.

Puta merda! Era só o que me faltava. Sabrina morando e tendo aulas com aquele lobo.

— Eu vou. Preciso voltar a malhar. Mas você vai me esperar? Essa semana estarei no plantão

diurno, saio às 19h.

— Ok, amanhã vou dar uma organizada na minha agenda. Então, vamos essa semana à noite e

semana que vem de manhã. Beleza, vai ser legal.

Só se fosse pra ela. Apesar de gostar de malhar e fazer exercícios, não estava nada animado

pelo fato do filho da puta do Alex ficar cobiçando a minha garota.

## CAPÍTULO 7

*Sabrina*

Dizem que depois da tempestade vem a calmaria. Eu não concordava. Nós explodimos e então

entramos em um acordo, mas meus sentimentos estavam uma verdadeira luta. Eu não tinha certeza se

era aquilo que queria. Por mais que Lucas me deixasse louca e morrendo de vontade de beijar a sua

boca e todo o seu corpo maravilhoso, ainda havia mágoa em mim. E eu não era uma pessoa que dava

o braço a torcer. Um defeito claro da minha personalidade, que não tinha boa utilidade.

O jeito era me distrair com o trabalho, em minha mesa havia pilhas e pilhas de relatórios para

analisar e planilhas para fazer. Apesar de amar o que fazia, às vezes queria algo mais animado,

porque o tédio reinava naquela segunda-feira.

Tudo que aconteceu nos dias que se passaram voltaram à minha mente como um filme. Revivi

nosso beijo e nossa esfregação na cozinha, a briga durante e após o casamento. Era uma merda de

montanha-russa. Não vou dizer que odiava aquilo, porque, às vezes, era bom e discutir com o Lucas

apimentava o meu dia.

Do outro lado do escritório pela porta aberta da minha sala percebi um dos meus colegas me

observando, sorri e acenei. Passamos algum tempo juntos e nos envolvemos quando entrei na

empresa, o que não foi uma boa ideia, já que ele sempre estava cercando ao meu redor. Apesar de

ser uma graça, o sexo não foi grande coisa. E não estava disposta a repetir a dose.

Com a manhã se arrastando tinha que fazer o tempo passar para logo à noite, estava animada.

Tanto para rever o Alex, que era uma deliciosa tentação, quanto para observar o Lucas fazendo

exercícios, que para um médico estava em ótima forma. Na verdade, eu estava fodida!

Além de mexer comigo profundamente e amá-lo muito, Lucas era *sexy* pra caramba. E tínhamos

uma história dolorosa e também de uma amizade linda. Era complicado explicar a ligação que

tínhamos, ele foi o primeiro que mexeu comigo de uma maneira tão intensa. Nem mesmo o idiota do

Rick me fez sentir tanto.

Alex era lindo, safado, cachorro e certeza de sexo quente. O melhor? Uma página em branco,

sabia que não podia levar a sério, seria algo casual e delicioso. Minha libido já estava em alerta pra

provar todo aquele corpo maravilhoso. Porém, ele não era alguém que eu pudesse comandar, e meu

alerta de perigo estava ligado.

Ok, eu não era uma santa. Nada de ficar só olhando. Estava em uma seca de meses por não

encontrar nada que me interessasse a ponto de esquecer o Lucas, nem que fosse por algumas horas.

Era bom afogar mágoas em vários orgasmos.

Fui arrancada dos meus devaneios molhados pelo barulho chato do meu telefone celular. Estendi

a mão e o peguei dentro da bolsa, e vi que na tela piscava a carinha da minha irmã Ana Luiza

mostrando a língua. Sorri e fiz uma careta, preparando meu ouvido para broncas de como estava

dormindo no ponto esperando a boa vontade do Lucas em cair na real.

— Fala, sua chata! — Eu tinha mais liberdade em falar assim com ela do que com Larissa.

Minha irmã mais velha era muito séria e ficava tensa em fazer brincadeiras.

— Não fala assim comigo, pirralha! — Deu uma risadinha baixa, devia estar no hospital. —

Como você está?

— Bem, na medida do possível. — Suspirei, não estava a fim de contar toda a merda que

acontecia comigo.

— Hum... O bonitinho conseguiu te alcançar no sábado?

— Como assim? Você sabia que ele ficou atrás de mim?

— Aham, parecia que tinha roubado seu brinquedo favorito, uma graça. — Ana adorava Lucas,

mas não era feliz em me ver sofrendo por ele. — Ficou meio louco quando eu disse que você tinha

saído com o delícia do Heitor.

— Ah, foi você, né, cachorra? Ele parecia mesmo perturbado quando chegou em casa. — Agora

entendia toda aquela cena na porta do quarto. Lucas estava com medo de eu estar com alguém, e não

preocupado com o meu bem-estar.

— Você sabe que não resisto em vê-lo coradinho de raiva. Fica uma gracinha, apesar de, às

vezes, ser um pateta. Mas não foi por isso que liguei. Layla entrou em contato e estão voltando

amanhã, pediu para irmos todos ao *Beer* na quarta. Ela tem uma novidade pra contar. Eu não sei o

quê, mas é convocação geral.

Abri um sorriso na hora. Eu sabia qual era a novidade, mas não iria dizer que fui a primeira a

saber o segredo. Todos da família eram meio possessivos e ciumentos em relação à minha cunhada, e

podiam ficar chateados.

— Beleza. Hum, e isso quer dizer que o Alberto vai estar lá. Você sabe disso, né?

Ouvi um barulho de alguma coisa caindo e Ana xingando baixinho. Ela perdia as estribeiras

quando o assunto era o médico lindo e loiro que mexia profundamente com seus sentidos. Mesmo

negando, agora eu não acreditava mais, depois daquela cena na cozinha nem queria saber.

— Sei, vai ser uma tortura ver aquela cara sorridente dele. Mas o que a gente não faz pela

família. — Suspirou dramática. — Então tá, pirralha. Te vejo lá, vai ser por volta das oito horas,

antes dela se apresentar. Vou desligar e voltar para os meus pacientes. Beijo.

— Beijo. Fica bem.

Desliguei e fiquei pensativa. A vida era uma porcaria de roda gigante, sempre dando voltas e

parando no mesmo lugar. Ana estava há mais de dez anos fugindo do Alberto e ele sempre atrás.

Antes só queria a amizade e nem isso ela concedeu. Aí do nada, resolveu reconquistá-la como era

antes do que aconteceu. Não que eu soubesse, mas ela se recusava a falar qualquer coisa.

Voltei meus pensamentos ao trabalho. Tinha até o final do dia para enviar as planilhas pro meu

chefe. Como eu tinha menos de um ano na empresa, não podia bobear. Gostava de fazer tudo certinho,

sem falha. Odiava pegar planilhas mal organizadas.

Separei por cores e assuntos, o que ficaria bem explicativo. Com o aumento do salário há meses

atrás, e não tendo o custo de pagar aluguel, tinha conseguido juntar uma graninha. Quando encontrasse

o apartamento iria dar uma boa adiantada nos pagamentos, talvez até dar uma entrada em um carro

novo. Já estava na hora de trocar o meu, porque eu o tinha desde os dezoito anos quando Bruno me

deu, porque fora incumbido de me entregar este presente que papai deixou.

Às vezes, nós desconfiávamos que ele soubesse que estava doente do coração e não nos disse

nada para poupar-nos. Por que, como alguém que morre, de repente, deixa tudo arranjado? Pensões a

perder de vista e presentes para a vida toda?

Apesar de ser muito nova e não lembrar muito dele, sentia a falta de ter um pai presente. Bruno

tentou fazer esse papel, mas era diferente. Eu sempre soube que ele era meu

irmão e levava muito a

sério o que ele dizia. Fui uma adolescente rebelde e chata. Prova disso era a merda que fiz com meu

ex.

Mas passado tem que ser deixado lá.

A manhã passou mais rápido do que imaginei. Já era hora do almoço, decidi visitar meu

restaurante preferido perto do escritório, que tinha uma comida italiana da melhor qualidade. Depois

que Layla começou a namorar o Bruno passamos a apreciar muito massa, pois ela cozinhava muito

bem.

Já no elevador senti uma presença atrás de mim. Imaginei quem podia ser. Arrisquei uma olhada

de rabo de olho e vi que Felipe estava prostrado, olhando direto pra minha bunda.

Bufei internamente, o cara parecia um garanhão, mas na verdade era daqueles tipos que gozava

em dois segundos e ainda não satisfazia a parceira de maneira alguma. Ficamos apenas uma vez, mas

parecia que ele tinha gamado, pois não largava do meu pé.

Felipe era moreno chocolate e tinha um “quê” de menino mau. Malhado ao extremo, devia ser

esse o problema da sua impotência. Muito anabolizante pra ficar forte.

Virei-me e o cumprimentei com um sorriso amarelo. Não pretendia dar falsas esperanças a ele

de maneira alguma. Uma repetição daquela noite e eu me jogaria de uma ponte.

— Oi, Sabrina. Indo almoçar?

Ai, como não percebi que ele era um chato na época? Eu só saía esse horário para almoçar, não

era de ficar vagando pelo prédio.

— Aham. — Me virei para esperar o elevador e suspirei entediada.

— Hum, também estou. Podemos ir junto, se você quiser. O que acha? Tô pensando em uma

saladinha.

Ele era um pouco estranho, normalmente homem nem liga para o que vai comer, pelo menos não

os que eu conhecia. As mulheres, sim, escolhiam sempre saladas e passavam fome, menos eu. Apesar

de quase não engordar, gastava tudo na academia. Era uma mulher que comia muito.

— Então, Felipe... Eu vou comer massa hoje. O *Mamma's* tem muita coisa boa e engordativa.

Tô precisando me acabar na comida. — Sorri com a minha trapaça. Eu sabia que iria horrorizar o

cara, ele era meio neurótico com mulher comendo muito.

— Que isso, gata? Você vai engordar assim. Tá tão linda.

— Ah, nem ligo. Minha mãe é fofinha, se ficar igual a ela tá ótimo. — Dei de ombros.

Ele arregalou os olhos e sacudiu a cabeça. Segurei um risinho que subia na minha garganta.

Seria mal-educado rir da cara dele, na sua frente.

— Ok, então eu vou sozinho. Não sou chegado a massa. Mas cuidado se ficar gorda, vai ficar

sozinha.

Que idiota!

— Sabe, Felipe, antes sozinha com um vibrador bem grande, do que com um cara de verdade

que não me dá o prazer que meu amigo de pilhas me proporciona. — Sorri e entrei no elevador que

acabava de chegar. Olhei pra ele, que continuava parado do lado de fora, e mostrei em um gesto com

o polegar e o indicador o mínimo que achava.

Ele fechou a cara e grunhiu, indo em direção à escada. Quando a porta se fechou, caí na

gargalhada. Há tempos não me divertia assim. Estava precisando voltar à velha eu. Era muito bom,

não gostava muito da menina séria que havia me tornado.

Costumava ser sarcástica e falante. Estava na hora de retomar minha vida, como era antes do

ocorrido com aquele babaca do Rick.

Só de me lembrar daquele palhaço, meu estômago revirava. Eu nunca contei tudo aos meus

irmãos. Não tinha coragem, era vergonhoso demais. Eles só sabiam de uma aposta que havia feito

com os amigos, mas omiti grande parte do que ocorreu.

No térreo, caminhei entre as pessoas que seguiam com suas vidas normais e torcia para que a

minha ainda fosse assim. Estava sempre cautelosa e com medo de esbarrar com um daqueles idiotas

dos amigos do Rick, e eles falarem qualquer coisa sobre o passado.

Não sabia se havia feito certo escondendo tudo o que passei, mas era complicado.

Eles já me conheciam no restaurante, por isso fui até o balcão fazer o pedido, mas o atendente

me deu um sorriso e gritou para a cozinha:

— *Mamma,* Sabrina tá aqui. Prepara a macarronada que ela gosta. — Ela concordou, gritando

de volta:

— Já vai sair?!

— Obrigada, Rodrigo. Como tá a sobremesa hoje?

— Hum, do que você tá precisando? — Arqueou as sobrancelhas grossas.

— Um bom balde de sorvete com chocolate derretido estaria ótimo.

— Seu desejo é uma ordem, querida. Vai, pode se sentar que o garçom já leva seu almoço.

Vamos caprichar no queijo.

— Obrigada.

Eu adorava ir naquele restaurante, não era chique nem nada. Mas tinha um ambiente familiar e

acolhedor. Estava cheio por causa do horário, mas minha mesa de sempre estava reservada. *Mamma*

adorava me receber, uma vez até tentou empurrar um dos seus oito filhos pra mim. Não que não

fossem bonitos, mas os meninos eram muito jovens. O mais velho tinha acabado de completar vinte

anos. No mínimo, eu gostava de caras da minha idade.

No entanto, eram meninos legais, gostava de bater papo com eles. Até ajudei o mais velho a

escolher a faculdade que iria cursar. Era coisa da cabeça dela mesmo.

Fiquei observando o movimento das pessoas. Quem frequentava o local eram normalmente gente

boa e feliz, que iam em pares ou grupos. Mas sempre havia algum solitário como eu. Um homem por

volta dos seus quarenta anos estava sentado na mesa ao lado da minha com uma expressão triste e

fiquei curiosa pra saber o que o deixava assim, porém não seria intrometida. Desviei meu olhar e

aguardei. Não demorou muito para que um dos meninos trouxesse a minha macarronada. E era um

baita prato.

Agradeci e comecei a comer. Aquela massa estava uma delícia, tudo era feito à mão, desde o

macarrão até o molho com os tomates que colhidos no jardim. Terminei tudo em tempo recorde.

Achei que não era tanto assim como imaginava porque não havia mais nada no prato.

Uau, estava muito cheia. Porém, quando olhei para o lado, tinha a sobremesa

vindo ao meu

encontro.

— Aqui, minha flor. Seu sorvete com chocolate derretido.

Oh, meu Deus! Eu amava aquele lugar.

— Obrigada, *Mamma*. Vai ser um sopro no meu dia tedioso.

Ela se acomodou na cadeira à minha frente e ficou me observando. Além de ser uma mulher

linda, Carolina, como se chamava, tinha não mais do que cinquenta e cinco anos. Era gordinha e

possuía seios fartos, um coração de ouro e acolhia quem fosse como um filho.

— Oh, coitadinha. Coma tudo. Então, minha linda, como foi o casamento do seu irmão?

— Ah, *Mamma*... foi lindo. Layla e Bruno estavam felicíssimos.

— Que bom. Eles são um casal muito bonito.

Assenti e voltei para o meu sorvete.

— E aquele bonitinho do irmão dela, que veio com você algumas vezes?

Engoli o sorvete de uma vez fazendo gelar tudo na minha cabeça. Por aquela eu não esperava,

ela sempre prestava atenção, mas, às vezes, que trouxe o Lucas estava atrapalhada na cozinha.

— Como você sabe dele?

Ela abriu um sorriso maternal, lindo.

— Oh, querida, eu vejo tudo da minha cozinha. Só não vim cumprimentá-los pra não te

envergonhar. Mas seus olhinhos brilham quando fala dele.

Suspirei pesadamente. Cara, eu era tão óbvia assim?

— Ah, é complicado. Eu e Lucas temos uma história de muita mágoa. Pretendo me afastar.

— Mas você gosta dele? — Franziu a testa, sorrindo.

— Sim. Muito.

— Então não há mágoas, querida. Somos humanos, propensos ao erro. Agora me diz: “É melhor

perdoar e amar intensamente? Ou ter metade da felicidade com outra pessoa por um orgulho bobo?”.

Ela sorriu e se levantou.

— Não é pra me responder. Apenas pense nisso. Deus sabe que meu falecido marido não foi

santo. Mas acabou que meu amor era muito grande, éramos jovens e idiotas. Criamos uma família

linda, mas porque eu perseverei. Não me arrependo. Agora termina o seu sorvete e volte amanhã.

Ok?

Assenti com lágrimas nos olhos. *Mamma* era um doce. Saiu falando em italiano com o seu

caçula de dez anos. Segundo me contou, seu marido havia falecido há dois anos e estavam todos se

adaptando, mas ela não sofria porque os anos ao seu lado valeram a pena. Só ficou a saudade de um

bom marido e pai.

Minha cabeça deu um nó, estava ficando louca. Tudo que disse fazia sentido, porém era muito

difícil apenas esquecer.

Achava melhor deixar levar e ver no que ia dar. Nós precisávamos de um tempo separado,

porque eu necessitava de novos ares. E ia começar com minha nova aula na academia. Faltavam

apenas algumas horas pra ir. Aproveitaria ao máximo.

## CAPÍTULO 8

*Lucas*

“Lucas, vou pra academia antes do que combinamos. Te encontro lá. Beijo, Sá.”

Recebi a mensagem da Sabrina às três da tarde. Estava uma pilha de nervos desde então. A

ideia de ela chegar sozinha naquela academia me incomodava. Era um prato feito para o lobo

faminto.

Não havia o que fazer a não ser esperar o tempo resolver passar mais rápido. Um residente

trabalha muito. Por mais que tenhamos algumas aulas práticas na faculdade, nada como a loucura e a

correria de um hospital para te tornar um bom profissional. Como eu estava me especializando em

Ortopedia tinham casos que, confesso, pareciam impossíveis, e chegava até a pensar: “Cara, já era.

Esse vai perder a perna”. Mas não, meu supervisor, o *badass fix bones*, como nós o chamávamos,

vinha e consertava um osso quase destruído.

Adorava essa área. Como ainda estava em início de residência tinha uns bons anos pela frente,

auxiliava e aprendia o máximo. Desde o jardim eu absorvia tudo que os professores passavam, por

não termos muito recurso acabei adquirindo essa habilidade. E era feliz com isso, sempre dei valor

ao que conseguia.

Ainda estava olhando a tela do celular resmungando baixinho quando senti uma presença atrás

de mim. Virei-me e vi que Alberto estava com a mão no queixo sorrindo e franzindo a testa em

gozação.

— Cara, você virou um gatinho. O que tá resmungando aí? — Inclinou o queixo apontando para

meu telefone.

— Ah, Sabrina vai à academia sozinha. O que é uma droga! — Estava indignado, tinha muito

planos para conversarmos antes de chegar ao local em que meu primeiro concorrente de peso estaria.

— E?

— O idiota do Wolf vai estar lá... — O que mais poderia dizer? Alberto era um babaca de

natureza. Apesar de termos nos tornado bons amigos, ainda assim ele pegava muito no meu pé.

— Wolf?

— É... Ridículo, né? Mas o cara é isso mesmo, Alberto, um lobo, só faltou comê-la na minha

frente. E o pior? Sabrina deu mole, gostou da atenção. — Ainda não havia conseguido engolir aquilo.

— Lucas, sei que sou o último a dar esse tipo de conselho, pois fui e sou um filho da puta. Mas

você é um idiota da pior categoria.

— Ah, o sujo falando do mal lavado.

— Eu disse que devia ser o último a dizer isso... Mas por isso mesmo eu digo... Perdi muito

tempo, cara. Sabe o que é ser aficionado por alguém há mais de dez anos? É uma porra! Eu tentei

esquecer. Juro! Transei com metade da cidade, mas, mesmo assim, não deu certo. Agora eu concentro

toda a minha energia em reconquistá-la, mesmo levando um fora atrás do outro. Estou persistindo,

foram quatro anos. Tô ficando cansado, não sei se vou continuar. Mas ainda não desisti, tenho

esperança que aquela cabeça-dura esqueça o passado. — Suspirou passando a mão pelo cabelo. —

Você ainda tem chance, não fez uma merda tão grande quanto a minha. Pelo menos vocês se

mantiveram no nível da amizade e pode usar isso a seu favor na hora de rastejar.

— E o que você fez, cara? — Devia ser uma coisa enorme para alguém ficar magoado por tanto

tempo.

— Não vou falar sobre isso. Ela me fez jurar que ninguém mais saberia. Então, se ela falar um

dia eu fico bem, mas fora isso não posso... — Sacudiu a cabeça, parecendo cansado.

— Entendo, mas eu não sei mais o que fazer Alberto. Admito que fiz merda, foram quatro anos

fazendo a mesma porcaria. Mas agora caí na real e não sei como agir. Tem esse cara, que tenho

certeza que vai dar em cima dela. E Sabrina deu indício de poder cair na dele. Não sei o que fazer

pra recuperar a minha boneca.

Alberto franziu os lábios, pensativo.

— Olha, Lucas, Sabrina não é fácil, mas é um pouco mais maleável que a Ana. E tem o

adicional de vocês serem amigos, nem isso eu tenho. Ataca por aí, não dá brecha para outro cara. É

fria... Se ele conseguir entrar em campo, vai ser difícil tirar.

— Não pretendo. Eu vou cair em cima com tudo. — Estava disposto a atacar com todas as

minhas armas, mesmo não sendo justo. Quem estava ligando?

— Isso aí, irmão. Você vai ao *Beer* na quarta? Fomos convocados. — Pelo jeito ele também

tinha recebido o memorando.

— É, vou sim. O casal tá de volta. — Sorri com a perspectiva de rever minha irmã. Estava com

saudades.

— Ok. Bom, vou indo. Tenho que ver as crianças na UTI. Boa sorte com o furacão Sabrina. —

Sorriu, divertido.

— Rá... Muito engraçado.

Observei Alberto sair e fiquei imaginando se teria que esperar tanto tempo para ser perdoado.

Devia ser desgastante e frustrante. Não me imaginava naquela situação. Fiquei desejando uma mulher

que não teria, porém não tinha nenhuma perspectiva de tê-la em meus braços.

***

Depois de um banho rápido no vestiário do hospital, me arrumei casualmente com calça jeans e

uma camisa verde. Minha roupa de academia já estava na mochila. Não queria me atrasar. Saí a

passos rápidos para o estacionamento e destravei o alarme do carro.

Seria uma viagem curta, já que a academia era no centro da cidade. Olhei a hora e já havia

passado das sete da noite. Droga, fiquei preso em uma cirurgia e me atrasei. Só esperava que Sabrina

ainda estivesse lá. Do jeito que era apressadinha podia muito bem ter ido embora só de birra.

Passei pela cidade tentando furar o trânsito o mais depressa possível. E era uma merda, horário

de *rush* ficava uma loucura. Mas, enfim, cheguei ao meu destino e estacionei na vaga de alunos.

Desci com a mochila nas costas e fui ao encontro da minha garota.

Parei na recepção e me registrei. O procedimento era simples, pagava a matrícula e ia atrás de

um *personal*. Mas como eu já tinha um programa da outra academia nem precisaria. A menina me

olhava de cima a baixo, visivelmente interessada. Não dei bola, porque meus pensamentos estavam

em uma garota de olhos azuis, que me tirava do sério. Às vezes, queria bater na sua bunda de tão

teimosa que era.

Antes de me trocar, resolvi procurar onde eram realizadas as aulas de *Muay Thai*. A menina da

recepção me indicou o caminho e fui andando devagar, observando todo o ambiente. A academia era

bem arejada e possuía aparelhos de última geração. Gostei muito, afinal não seria uma perda de

dinheiro mudar de academia só por causa da Sabrina.

Avistei o octógono da porta, e para minha surpresa Sabrina estava lá no meio com o professor.

Como sempre, estava linda. Vestia um top preto e uma bermuda vermelha solta. Em suas mãos havia

faixas da mesma cor que o calção. Estava concentrada e olhava o Alex com atenção, não havia me

notado.

Ele lhe mostrava um golpe e encostei-me à porta para observar. Alex posicionou os braços da

Sabrina em defesa, na frente do corpo e mostrou o que faria. Girou o corpo e

levantou a perna,

batendo exatamente onde tinha mostrado.

Sabrina sorriu e falou alguma coisa com o professor. De repente, ele a abraçou e falou qualquer

coisa em seu ouvido que a fez corar. Alex girou o olhar e me viu parado. Sorriu, e bateu continência

com dois dedos.

Filho da puta! Ele sabia que eu estava ali desde o início. Estreitei os meus olhos e observei-o

cercar a minha garota de todos os lados. Sabrina virou o rosto e seu sorriso morreu. Fechei a cara e

esperei ela sair do octógono.

Quando se aproximou, pude perceber que estava ofegante e suada. Seus olhos azuis brilhavam

lindos. Eu ficava hipnotizado por eles, pois desde o início havia sido dessa maneira. A garota me

tinha em suas mãos e não sabia.

— Oi, você demorou. Achei que não vinha. — Pude perceber o quão sem graça estava.

— E você nem ia notar minha falta, né? — Eu sei, o monstro dos ciúmes se mostrou. Dane-se,

estava morrendo de vontade de esmurrar o cara, colocar Sabrina sobre o ombro e mostrar a ela quem

mandava.

— O que você quer dizer, Lucas? Nós combinamos, certo? Estava te esperando, mas como

demorou, eu vim pra aula.

Ela estava brava e ficava linda assim. Assenti e mordi o lábio desviando o olhar, não conseguia

me conter. Devia beijá-la ali mesmo, talvez assim ela calasse a boca.

— Ah, tenho uma novidade — sua voz soou animada.

Voltei minha atenção ao seu rosto e percebi que estava corada e alegre. Só torcia para que o

Alex não fosse a causa disso.

— O quê?

— Alex encontrou um apartamento no andar abaixo do dele. Ligou pra imobiliária, que disse

que vai estar disponível na próxima semana. Não é o máximo?

Porra! Isso doía. Ver a felicidade da minha garota por estar indo para longe de mim era demais.

Tive uma vontade meio louca de jogar a cabeça para trás e uivar de raiva.

Meu peito pegava fogo, era como se estivesse arrancando meu coração e levando embora.

— Hum, e você confia nele pra morar tão perto? — tentava a todo custo arrumar uma desculpa

para Sabrina recusar.

— Eu mal te conhecia e fui morar com você.

*Ouch!* A mulher queria me matar.

— Ok. Você é que sabe da sua vida. — Dei de ombros tentando não transparecer tudo o que

sentia. — Gostou da aula com o lobo?

— Para Lucas, não fica zoando com o nome do cara. Acho até charmoso... — Ela sorria olhando

para o chão, corada.

— O quê?! Tá, eu nunca vou te entender mesmo — aumentei o tom da minha voz, estava nervoso

e com ciúmes. Péssima combinação.

— Eu sei que não vai. Já provou isso há quatro anos.

Olhei pra ela, nós tínhamos combinado em esquecer o passado, mas pelo visto não seria

possível.

— E você é teimosa demais pra admitir qualquer coisa, né? Só eu que tô errado? Você não fez

nada?

— Porra, será que você pode ser menos idiota? — A essa altura Sabrina já estava gritando feito

louca.

— O que tá acontecendo aqui? Vocês estão gritando e assustando o pessoal.

Alex se aproximou e o cara só vestia um calção preto. Olhava pra mim com cara de reprovação

e tive uma vontade infantil de mostrar o dedo do meio pra ele.

Acho que quando Sabrina estava envolvida, eu não ficava muito racional.

— Não foi nada, Alex. Só o Lucas, como sempre, sendo um idiota.

Sabrina estava empenhada em me magoar. E estava conseguindo muito bem até

agora.

— É, Wolf. Tá tudo bem, na verdade, já estou indo. Vou me trocar, tenho uma série longa pra

fazer. Se você quiser carona Sabrina, vai ter que me esperar. — Eu estava sendo idiota, mas não

podia evitar.

— Eu te levo se quiser, gatinha. Vim de moto hoje.

Merda, fiquei com vontade de gritar em negativa. Mas me mantive quieto e sereno, não

mostraria fraqueza na frente dele.

— Não, agradeço, mas eu vou pro mesmo lado que ele. Vim direto do trabalho e não passei em

casa, acabei deixando meu carro. Não vou cometer esse erro novamente.

Mas que porra é essa? Agora pegar carona comigo era um erro? Sabrina tinha essa mania de me

atacar quando estava chateada. Já estava acostumado, porém tinha um adicional na história, o cara

estava louco para eu sair de cena.

— Bom, eu tô indo. Até mais tarde Sabrina, tchau lobo.

Virei-me e saí dali antes de dizer algo que me arrependeria. Sempre que ela me provocava, eu

acabava falando ou fazendo merda. Pude sentir seu olhar em minhas costas e me forcei a não virar.

Meu ego estava machucado.

Caminhei a passos lentos até o vestiário. Quando cheguei lá deixei meus

sentimentos virem à

tona. Queria socar alguma coisa, bater naquela cara do idiota do Alex.

Por que era tão difícil ficar com a mulher que amo? Por que ela tinha que ser tão teimosa e

linda?

Porra, eu ia acabar ficando maluco!

Andei até a pia e olhei para o meu reflexo no espelho. Meu rosto não era mais o mesmo de

quando a conheci. Afinal, havia envelhecido, estava mais maduro fisicamente. Meus sentimentos é

que era uma bagunça, às vezes, parecia um adolescente ciumento e raivoso.

Olhos verdes como os da minha irmã devolveram meu olhar, e me senti envergonhado por tudo

que aprontei. Se fosse sincero, tratei as mulheres como qualquer objeto. Foi um meio para afogar

minhas mágoas e saudades de uma garota que me enlouquecia. Mesmo que elas fossem fáceis, eu não

tinha o direito de usá-las como se fossem nada.

Minha irmã me ensinou melhor que isso. Teria que me segurar para não manter-me nesse círculo

vicioso no qual me meti. E ainda conseguir minha garota de volta.

## CAPÍTULO 9

*Sabrina*

Eu não podia negar que Alex era um gato, e me deixava tentada a milhares de coisas que

surgiam em minha mente. Acabei convidando-o para ir ao bar na quarta-feira, foi meio que repentino.

Quando vi, já tinha falado e não podia voltar atrás. Sabia muito bem que Lucas não ia gostar, era

evidente seu desgosto pela minha nova amizade.

Porém, o cara havia me feito um favor, encontrando um apartamento para me mudar. Apesar de

estar animada, eu sentia um aperto no peito. Você se acostumar a alguém e com certa situação, é uma

droga. Não conseguia tirar da cabeça que estava traindo Lucas, o que era uma idiotice! Ele havia

feito sua escolha, tinha tido muitas mulheres e esfregado na minha cara. Contudo, depois da

“pegação” que tivemos na cozinha, percebi que eu o queria tanto quanto ele me desejava, às vezes

achava que até mais. Não sei dizer.

Sentia-me um pouco mal por tratá-lo daquela maneira perto do Alex. Mas era puro instinto me

defender, tipo uma armadura. Pude ver em seus olhos verdes a decepção por eu estar saindo de casa,

porque a intimidade que havia criado com Alex o incomodou profundamente.

O vi saindo em direção ao vestiário e tive vontade de chamá-lo de volta, pendurar-me em seu

pescoço e esquecer-me de tudo. Só que meu orgulho era grande e estúpido demais.

Adorei a aula de *Muay Thai*, além do fato do professor ser tudo de bom, o

exercício era ótimo.

Muita técnica e aprendizado, mas tinha que ter disposição, porque era bem cansativo. Teve um golpe

em particular que peguei bem rápido, se chama *spin back kick*, no qual o lutador dá um giro e acerta

o adversário com o calcanhar. Fiz direitinho, Alex ficou satisfeito e disse que tinha uma ótima

lutadora em mãos.

E por falar nele... Eu estava tendo uma visão privilegiada. O cara era deliciosamente gostoso.

Só de calção preto e faixas enroladas nas mãos, seu peito musculoso e suado me dava vontade de

lamber cada gominho do abdômen definido. E fora que era muito paciente e sedutor. Suas alunas se

resumiam a jovens e lindas. Mas, segundo ele, as turmas eram separadas por faixa etária, já que com

as senhoras idosas tinha que pegar mais leve.

Aquele olhar sedutor e o sorriso com covinhas deixava as mulheres babando, literalmente. Teve

até uma aluna fingindo tropeçar para cair em cima dele. Infantil? Verdade, mas ela tirou uma

casquinha.

A aula tinha terminado e Alex se aproximou, sorrindo sedutoramente, com suas covinhas

aparecendo como nunca. Oh, Deus! Tinha que me segurar.

— E aí, gatinha. Tá indo embora? — sua voz era, como sempre, preguiçosa.

Como se houvesse

acabado de acordar e ainda estivesse sonolento.

— Não, vou procurar o Lucas. Ele tá meio de mau humor, mas já deve ter descontado nos

halteres. — Sorri, apesar de estar nervosa com sua aproximação repentina.

— Hum... Você tem alguma coisa com ele? Lucas me pareceu um pouco possessivo...

Arregalei os olhos e corei. Alex havia percebido nossa pequena briga quando chegou.

— Não, somos só amigos que dividem uma casa. A irmã dele é casada com o meu irmão.

Então... somos família. — Dei de ombros.

— Entendi, mas tem alguma coisa entre vocês. Pude perceber a tensão, acho que todos ao redor

perceberam. — Arqueou uma sobrancelha.

Decidi disfarçar, não gostava de falar com ninguém da minha relação com o Lucas. Era

complicado até pra mim. Imagina para um estranho?

— Impressão sua. Mas por que pergunta?

— Porque quero saber se tenho um rival para conquistar você.

Fiquei sem fala, olhei em seus olhos e me derreti um pouco. Ele estava dando em cima de mim,

era óbvio. E ainda por cima seríamos vizinhos. Seria um passo para sexo casual. Não que não tivesse

feito antes, claro que sim. Porém, depois de toda a confusão no casamento, achei

melhor me isolar e

balançar meus sentimentos.

Todavia tinha que admitir que um deus como o Alex, tentando me seduzir seria difícil, quase

impossível, resistir. Não era tão forte assim. Por isso resolvi procurar o Lucas logo.

— É... Vou procurar o Lucas, nos vemos na quarta? Já que amanhã não tem aula...

— Com certeza, pena que vai demorar tanto. Vai querer carona para ir ao bar? — Alex gritava

sexo até falando de casualidades.

— Não, obrigada. Virei de carro, não quero incomodar.

Ele se aproximou colocando a mão em meu rosto e acariciou com o dorso dos dedos.

— Incômodo nenhum. Adoraria tê-la na garupa da minha moto... — Sorriu malicioso meio de

lado.

Puta merda, o cara ia me matar! Será que alguém já morreu de excitação excessiva?

— É... Quem sabe outro dia? — Sorri, sem graça.

Alex se aproximou, colando a boca em meu ouvido, ainda com a mão em meu rosto e sussurrou:

— Eu vou cobrar!

Minha respiração parou. Seu hálito quente provocava arrepios em minha pele, quase soltei um

gemido frustrado. Estava há meses sem sexo, e do nada, surge dois gatos me provocando. Eu já disse

que não era forte o suficiente para aguentar?

Ouvi uma risada rouca em meu ouvido e ele se afastou, me olhando nos olhos.

— Pode ir. Até quarta... — Se afastou com aquele andar descontraído. Tinha sedução emanando

de cada poro daquele homem.

Virei-me e fui no piloto automático ao encontro do Lucas. Outro que me deixava maluca!

O avistei no aparelho de *crossover,* ele fazia um exercício com dois elásticos nas barras que

levantava o peso dos dois lados, levando o braço em arco na frente do corpo. Fiquei paralisada, ele

havia trocado o jeans por uma bermuda preta folgada e uma camiseta branca que estava colada em

seu peitoral. Por mais que visse Lucas sem camisa, fazendo exercício era outro patamar de

maravilha.

Seus músculos definidos saltavam à visão de quem estivesse interessado em observar. E estava

lotado, garotas de idades aleatórias estavam paradas observando. Claro, Lucas era lindo e *sexy*. E

parecia alheio a tudo à sua volta. Estava concentrado em sua série enquanto olhava no espelho à sua

frente.

Sabe, esses caras de academia que fazem careta quando levantam peso? É

estranho, né? Pois

nele não era. Ficava mais sensual fazendo uma caretinha de força. Nesse momento, meu pensamento

voou e tive milhares de imagens invadindo minha mente.

De repente, nossos olhares se cruzaram pelo espelho e ele parou o exercício. Não estava com

uma expressão amigável em seu rosto. Ele desviou o olhar e caminhou até o canto onde tinha uma

garrafa de água e uma toalha de mão. Enxugou o rosto que estava suado e virou a garrafinha na boca.

Aproximou-se, quase colando seu peito no meu. Percebi que estava ofegante do esforço físico,

mas mantinha seus olhos verde-escuros fixos em mim.

— Já acabou a aula? — Balancei a cabeça concordando, parecia ter engolido a língua de tão

lindo que ele estava. — Ok, eu já estou terminando, só falta a esteira. Me espera na recepção, vou

fazer uns dez minutos e tô indo.

Afastou-se sem nem me deixar falar. Será que estava tão bravo assim comigo?

Peguei minha bolsa e caminhei para a área de entrada, que tinha uma menina observando

atentamente o movimento da academia, enquanto lixava suas unhas. Sentei-me e retirei o *iPod* da

bolsa, se era pra esperar que fosse ouvindo música. Passei pela lista enorme e parei em uma

especial: *Primeiros erros,* do Capital Inicial.

Enquanto a melodia tocava em meus ouvidos, me transportei para quando não tinha nenhuma

preocupação e nem qual passo dar, se iria magoar alguém, e caso eu seguisse meus instintos se iria

me machucar. Não conseguia mais me visualizar assim.

O quanto o ex me mudou era conhecimento só meu. Ninguém sabia o que eu senti, o que

aconteceu. E provavelmente ficaria assim.

Senti uma mão em meu braço e levantei os olhos das minhas mãos entrelaçadas. A garota da

recepção estava parada ao meu lado, querendo falar alguma coisa. Parei a música e tirei os fones do

ouvido.

— Oi, posso ajudar?

Ela mordia os lábios, visivelmente nervosa, era até bonitinha. Por volta dos dezenove anos,

cabelos longos, tingidos de vermelho e olhos castanho-escuros.

— Queria te fazer uma pergunta. Posso sentar?

— Claro! — Me afastei para dar espaço.

— Meu nome é Adriana, mas pode me chamar de Dri.

— Ok, Dri. O que você precisa?

— Fico meio sem graça... Mas eu vi você conversando com aquele cara de camiseta branca.

Merda! E o ciúme começou a se formar em meu peito. Adivinhava onde isso nos levaria. Já

havia passado por situação similar.

— Sim, o Lucas?

Ela sorriu mostrando um *piercing* nos dentes brancos.

— Isso, ele é um gato. Uau! Então... queria saber se é seu namorado? Me perdoe se for, mas

decidi perguntar antes de fazer qualquer besteira. Já me envolvi com caras comprometidos e não é

legal.

Tive que reprimir um grunhido. Minha vontade era de gritar e dizer que sim, ele era meu. Mas a

realidade era bem diferente.

— Não, Dri. Lucas é meu amigo, na verdade, somos família.

Ela arregalou os olhos escuros e bateu palminhas. A garota era uma criança, e queria se meter

com o Lucas? Ele tinha aquela cara de menino sedutor, mas era um cafajeste.

Ok, sei que estava sendo irracional. Mas faria qualquer coisa para melhorar a situação sem

parecer possessiva.

— Bem que você podia falar com ele, né? Eu iria, na verdade, até pensei em fazer um

movimento, mas ele chegou e entrou tão depressa que nem tive chance. Parecia querer encontrar

alguém, agora sei que era você.

Oh, então ela já havia dado mole pra ele, que a tinha rejeitado. E melhor, à minha procura?

Interessante...

— Olha, Dri . Vou te dizer a verdade. Lucas não é um cara que você queira se envolver. É um

ótimo amigo, muito gentil e educado. Contudo, ele não para com ninguém, está sempre galinhando,

não sei por quê. Com certeza ele vai destruir seu coração.

Ela levantou uma sobrancelha, divertida.

— E quem tá falando de coração? Só queria uma noite pra transar com aquele cara maravilhoso,

eu estou longe de relacionamento.

Nossa, não se fazem meninas como antigamente. A Dri era bem sincera no que queria.

— Hum, entendi. Mas, mesmo assim, não acho uma boa ideia...

— O que não é uma boa ideia? — Levei um susto com a voz rouca do Lucas nos interrompendo.

Ele estava parado na porta da recepção, com as mãos na cintura e as pernas separadas. Quanto

da conversa será que ele ouviu?

— Hum, você já terminou? Nem vi que se passaram dez minutos.

— Não passou. Eu que saí antes. O que não é uma boa ideia, Sabrina?

Pude notar em seu rosto fechado e olhos semicerrados que ele estava bravo. Mas antes que

pudesse dizer qualquer coisa a garota se levantou e parou ao meu lado.

— Oi, meu nome é Adriana, mas pode me chamar de Dri.

Revirei os olhos, ela devia falar isso pra todo mundo que conhecia pela primeira vez.

— Oi Dri, já tínhamos nos falado quando eu cheguei, não? Precisa de mais alguma coisa para a

matrícula? — A voz do Lucas suavizou um pouco falando com ela, mas ainda se mantinha sério.

— Não, tá tudo certo, só queria me apresentar — ela quase ronronou.

— Apresentada. Agora se nos der licença, nós precisamos ir pra casa. Tchau, até mais.

Lucas saiu puxando meu braço, deixando uma Adriana bem chateada. Não pude conter meu

sorriso ao olhar por cima do ombro, ela fez uma careta e marchou para atrás da mesa novamente.

Bem feito, vadia!

Contudo, estranhei a atitude dele. Se fosse há algum tempo, ele teria flertado de volta. Se fosse

maior de idade, para o Lucas já estava bom, porém aquela coisa toda me deixou confusa.

Ele praticamente me arrastava pra fora do prédio da academia até o estacionamento. Paramos

ao lado do carro e Lucas estacou.

Seu corpo todo estava tenso e pude ver que permanecia chateado. Ele se virou com uma

expressão no rosto que nunca tinha visto.

— Nunca, Sabrina. Nunca diga que não é uma boa ideia alguém me conhecer. Não seja hipócrita

em falar que sou um galinha. Nós não tivemos porra nenhuma nesses quatro anos pra você ficar toda

sentida por eu ter transado com um monte de mulheres! — Sua voz saía entrecortada, e percebi que

estava tentando se controlar. — Você nunca teve a decência de me dizer que sentia algo por mim.

Como eu ia adivinhar? E a merda de não ter dado tempo pra você se arrepender? Besteira! Minha

irmã me ensinou a respeitar a vontade dos outros, não ser inconveniente. E foi o que fiz. Você podia

muito bem ter ido atrás de mim e me parado se me viu saindo. Mas não... Você prefere ter seu orgulho

estúpido intacto do que ser feliz. E agora fica me chamando dessas coisas? Vai se ferrar! — gritou

descontrolado. — Pelo menos eu não estou flertando abertamente com ninguém agora que sei o que

você sente por mim.

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

Depois de dizer isso tudo, ele simplesmente se virou, abriu a porta ao lado do motorista e

sentou-se atrás do volante destravando o outro lado. Sua expressão era horrenda, porque a pura raiva

refletia em seus lindos olhos verdes, outrora tão amáveis.

Fiquei estacada onde havia me deixado, absorvendo todo aquele ataque. E não pude deixar de

refletir se era verdade. Eu me fazia de vítima com ele? Lucas não sabia de nada que havia acontecido

comigo, mas de certo modo tinha razão. Eu tinha que manter meu orgulho intacto, afinal era o que me

restou.

Lucas virou o rosto pra mim ainda mais enraivecido. Seu peito subia e descia rapidamente. O

meu maior medo estava batendo em minha cara. Nossa amizade estava sendo ameaçada.

Só esperava que pudesse me mudar antes de se completar esse ciclo. Lucas era importante

demais para perdê-lo. Se não pudesse tê-lo como homem por qualquer motivo que fosse, eu queria

conservar o amigo.

Só esperava não ter destruído tudo de uma vez.

## CAPÍTULO 10

*Lucas*

Depois de falar tudo que estava entalado na minha garganta há muito tempo,

permaneci em

silêncio. Não queria mais nenhum confronto com a Sabrina. Ela tinha o poder de me irritar

profundamente. De homem maduro e responsável, eu me tornava um adolescente imaturo. Aquilo tudo

já estava me chateando.

Chegamos em casa e fui direto para o quarto me acalmar. Não estava no humor para nada, ainda

mais se ela viesse com outras provocações. Percebi que ela parou em frente à minha porta pela

sombra dos seus pés, mas por algum motivo desistiu e se afastou lentamente. Esperei a casa ficar em

silêncio e fui tomar um banho.

Debaixo da água fria fiz um balanço da minha vida. Apesar de tudo, eu fui um menino normal,

mas ter minha mãe ausente o tempo todo não foi fácil. O que compensava era o amor e o carinho da

Layla. Ela me ensinou tudo que era bom, e o que é preciso para ser um homem leal e responsável.

Tudo bem que certos princípios se perderam um pouco por alguns anos. Mas o essencial é que

sempre quis alguém para ter ao meu lado. Devia ser algum complexo, eu não podia conceber a ideia

de ver quem me importa se afastar.

Quando Layla foi morar com Bruno tentei não transparecer minha angústia, mas fiquei muito

aflito, porém sabia que era importante para o nosso crescimento. Estava na hora de cortarmos certos

laços. Fomos unidos demais. Eu amei minha irmã por toda a vida. E quando me vi sozinho, entrei em

um desespero interno que quase me sufocou. Só melhorou quando pensei em convidar Sabrina pra

morar comigo. Seria muito bom, porque eu já a amava.

Sempre fui um cara romântico, e pensei numa melhor maneira de fazer o convite: declarando o

que sentia por ela. Foi um desastre! Ali desprendi todos os meus laços, toda aquela fragilidade e

inocência que minha irmã cultivou em mim por medo que eu me magoasse, porque ela sempre foi

superprotetora.

Sabrina acabou com tudo num só dia. Então fui um idiota estúpido, e agi por impulso. Não que

estivesse arrependido, nem perto. Mas podia ter esperado, porque não estaria tão magoado como

agora. Contudo, a culpa não era exclusivamente minha, como Sabrina sempre frisava. Ela também

poderia ter deixado a teimosia de lado.

Agora não havia muito que fazer. Eu ainda a amava, mas no momento estava exausto e não tinha

nenhuma vontade de pensar numa estratégia de como ter a Sabrina de volta. A única coisa que queria

era deitar na cama, dormir e esperar por mais um dia de trabalho para matar a

ansiedade de rever

minha irmã. Apesar de morarmos separados, nos víamos quase todos os dias. Fora o fato que Bruno

falava dela frequentemente. Era como se eu estivesse ao seu lado.

Saí do chuveiro e enrolei uma toalha na cintura, nem me preocupei em me secar. Estava uma

noite quente e o corpo molhado me manteria longe do calor por mais tempo. Caminhei lentamente

pelo corredor, parei em frente à porta do quarto da Sabrina, que estava escutando música, como

sempre fazia antes de dormir. E não pude de deixar de proceder com a rotina de sempre. Encostei-me

à parede, fechei os olhos e me deixei levar.

A melodia de *When I Was Your Man*, do Bruno Mars, invadiu meus sentidos, e quando percebi

estava cantando junto. Aquela música falava tanto que pude sentir meus olhos marejarem.

*“... Meu orgulho, meu ego*

*Minhas necessidades e meu jeito egoísta*

*Fizeram uma mulher boa e forte como você*

*Sair da minha vida*

*Agora nunca, nunca conseguirei limpar*

*A bagunça em que me meti*

*E me assombra sempre que fecho meus olhos...”*

Aquilo tudo me matava por dentro. O que fazer quando a pessoa que você mais ama está fugindo

do seu alcance? Como agir para que ela não vá, mesmo percebendo que é o que precisa? Em meu

rosto deslizaram lágrimas de tristeza e saudade. De algo que realmente nunca tive.

Eu nunca ansiei muito, apenas fui de acordo com a maré. Porém, algo se quebrou dentro de mim

quando a vi sorrir. Seus olhos azuis felizes era o que mais me alegrava nos anos em que passamos

juntos. Foi seu sorriso que me deu força para continuar, suportar e assisti-la todos os dias, mesmo

sabendo que não era minha.

Um barulho suave chamou minha atenção e desencostei da parede. Sabrina entoava a música

suavemente. Sua voz não era das piores, mas não foi isso que advertiu e sim os pequenos soluços

vinham do quarto. Meu coração se quebrou. Não suportava saber que estava sofrendo.

E foi ali que tive um pensamento que quase me pôs de joelhos. Sabe quando amamos tanto

alguém que almejamos a sua felicidade, mesmo que seja longe de nós? Então, se era difícil demais

para a minha menina eu a deixaria ir, mesmo que aquilo me estraçalhasse. Acho que esse é o

verdadeiro sentido do amor incondicional.

Minha vontade era adentrar aquele quarto e fazê-la ver o quanto nós dois seríamos bons juntos.

Só que a vida é muito mais complicada do que desejamos. Eu tinha que respeitar sua decisão mais

uma vez.

Afastei-me do seu quarto antes que ela me pegasse novamente espreitando. Não que houvesse

acontecido outras vezes. Sabrina tinha mania de ouvir música dormindo e eu sempre ficava por ali

escutando, vendo se teria algum indício de que ela me queria. Até há pouco tempo ela não ouvia

coisas tão significativas.

Já deitado na cama fechei os olhos me preparando para tudo que viria. Meu coração estava

cheio de um sentimento que não somos capazes de imaginar o quão doloroso pode ser até

experimentá-lo: saudade. Eu já estava acostumado por tudo que passei em minha vida, contudo sentir

aquilo por motivos tão diferentes era algo totalmente novo e intenso. Então, me lembrei de uma frase

de *William Shakespeare*:

*“Conservar algo que possa recordar-te seria admitir que eu pudesse esquecer-te.”*

Existem pessoas que não dá pra esquecer, nem se você tentar.

***

A melhor coisa pra mim em um dia de trabalho é saber que você fez algo de bom

para alguém.

Quando chegava um paciente para engessar eu ficava todo animado, ainda mais quando era criança...

Chegou uma menina com o braço machucado e teria que colocar tala e gesso. Só que muitas ficavam

assustadas, mas aprendi sobre uma coisa que animava as crianças em meu período de treinamento

quando ganhei a bolsa para a faculdade.

Tinha adesivos coloridos guardados na gaveta. E sempre que colava alguns no gesso delas, elas

ficavam radiantes. Essa garotinha tinha por volta de oito anos e havia caído de uma altura razoável

enquanto brincava, não chegou a fraturar o osso, mas este saiu do lugar. E não era algo indolor, ainda

mais pra alguém tão pequeno.

Quando colei as florzinhas em seu braço, ela ficou tão feliz, que me deu um abraço desajeitado

de lado e saiu saltitando. E era assim que eu ficava satisfeito por ter escolhido a profissão de

médico. Na verdade, Bruno dizia que não era uma escolha que a gente fazia. Era um dom que nos era

dado, apenas bons profissionais chegam a se sentir realizados em ajudar os outros.

Depois de guardar tudo na sala de repouso dos pacientes, fui em direção à clínica chamar o

próximo e topei de frente com Kiara. Droga, tinha conseguido evitá-la por quase

cinco dias! Estava

bom demais pra ser verdade. Tentei desviar, mas não foi possível. Ela deu uma corridinha e parou ao

meu lado com um sorriso malicioso.

— Oi, gato. Pensei em você esse tempo todo. Temos que repetir a dose daquele dia, adorei

transar em local aberto. — Passou a unha por meu braço, me dando asco.

Cara, tem mulher que não tem desconfiômetro. Eu dei um fora nela, fui grosso, estúpido e ainda

assim ela tentava alguma coisa.

— Oi, Kiara. Er... Não podemos repetir, aquela foi a última vez. E não foi legal aquilo que fiz.

Sinto muito, fui muito rude. — Tentei ser educado, mas frio. Não queria dar falsas esperanças.

— Ah, que graça. Não precisa de mãos e dedos comigo, querido. Eu gosto de você rude.

Fiz uma careta e a encarei. Que garota estranha!

— Não, eu não quero mais. Arruma outro cara. — O jeito era ser ríspido.

Ela fechou a cara e estreitou os olhos, me fuzilando com um olhar cínico. A mulher era meio

assustadora.

— Então, é isso? Você tá me dispensando mesmo? — Ela soava realmente louca. — É por que

falei da sua irmã? Sinto muito, retiro tudo que disse.

— Não, é que não gosto de você. Eu não vou transar com você de novo. Agora

se me dá licença,

tenho mais pacientes para atender.

Ela comprimiu a boca e franziu a testa.

— Quer dizer que você me usou e agora joga fora? — ela só faltou gritar pra todos ouvirem, sua

voz elevou um tom mais estridente.

— Kiara, você dá margem para os caras agirem assim. Não se faça de santa, nós sabemos que

não é. Tenha um pouco de autoestima e não corra atrás de mim. Eu tô fora, não vou mais ficar

contigo.

— Hum, você vai ver, Lucas. Ninguém me trata assim, seu palhaço. — Saiu pisando duro em

direção à área de repouso. Dei de ombros e segui meu dia. O resto foi tranquilo.

Estava a caminho do vestiário quando meu celular tocou. Tirei-o do bolso e vi que minha irmã

estava ligando. Seu rosto sorridente alegrou meu dia.

— Ei, Lala. Como você está? Estou morrendo de saudades. — Pude ouvir sua risada do outro

lado.

— Também estou, irmão.

— Ah, que bom. E como é a vida de casada? Já está entediada?

— Rá, muito engraçado, seu bobo. Você sabe que não dá pra ficar entediada com o meu

garanhão.

— Ugh, Lala. Não, por favor, sem detalhes.

Ela gargalhou do outro lado, Layla mudou totalmente, nunca havia feito brincadeiras desse jeito

antes. Estava muito mais solta e desinibida.

— Ai... ai... Bom, tô te ligando pra avisar que já estou de volta. Amanhã você vai ao *Beer*, né?

— Claro, e vou perder a chance de ver o babaca do Bruno amarrado por completo? — Sorri,

adorava provocar meu cunhado.

— Tá. Deixa ele te escutar... Bom, hoje nós vamos descansar. Temos uma novidade.

— Você não vai embora, né? — ofeguei.

Meu coração afundou com a ideia da minha irmã ficar mais longe do que já estava.

— Não Luquinha, é outra coisa. Mas você ficou estranho. O que foi? — sua voz estava

preocupada como eu conhecia bem.

— Nada não...

— Lucas, eu te conheço. O que está acontecendo?

Respirei fundo, temendo o que ela diria.

— Lala, eu te decepcionei?

— Como assim, irmão? Claro que não, você é um cara ótimo.

— É que andei pensando na vida e fiz algumas escolhas erradas, estou sendo

uma pessoa

diferente do que era. Não sei se gosto de mim assim.

O silêncio era uma coisa difícil de acontecer com minha irmã. Pensei até que ela tinha

desligado.

— Hum, entendi. Bem, eu não ia me pronunciar, mas já que você está tocando no assunto... Eu

não acho certo o modo como agiu esses anos. Creio que todos têm que errar pra aprender algo na

vida. Ninguém é perfeito, Lucas. O melhor você já fez. Entendeu que está errado e vai tentar mudar.

Nunca ficaria decepcionada com você, te criei muito bem pra saber a espécie de homem que se

tornou. Só estava confuso, o que é totalmente compreensível.

Minha irmã era a melhor mulher do mundo, sem sombra de dúvidas.

— E se nesse meio tempo perdi algo que realmente me importava?

— Aí cabe a você se esforçar ao máximo pra ter de volta. Ainda dá tempo.

Meu coração se aliviou um pouco com o que ela disse.

— Ok, Lala. Obrigado por tudo. Só queria te dizer que você foi, e continua sendo, muito

importante na minha vida. Desculpe se fui um babaca esses tempos.

— Irmão, te amo demais. Agora vou indo, Bruno quer ver um filme. Beijo, te vejo amanhã.

Desliguei e guardei o celular no bolso. Troquei-me rapidamente e fui pra casa porque não

estava a fim de ir à academia, queria banho e cama. Dias mais lentos eram cansativos.

Quando estacionei em casa pude perceber que Sabrina não estava fora, seu carro na garagem era

um indício. Estranho... Achei que iria pra academia. Assim que entrei, um aroma delicioso me

brindou. Ela estava cozinhando, sempre fazia várias guloseimas quando estava nervosa ou feliz por

alguma coisa.

Tinha medo de descobrir qual das opções era a correta.

Quando a vi, tive um pequeno infarto. Ela tinha fones no ouvido e estava vestida com um

*shortinho* curto rasgado, top de malhar preto e seus cabelos negros estavam presos em um rabo de

cavalo. Sua cintura delineada pedia para ser acariciada, assim como sua bunda torneada. Sabrina

dançava, provocante. Minha vontade era de sentá-la no balcão e fodê-la ao esquecimento, até que nós

dois estivéssemos tão esgotados que ninguém conseguiria abrir a boca para magoar um ao outro.

Agi sem pensar, dei dois passos e parei atrás dela, que tensionou e parou de dançar. Coloquei as

mãos em sua cintura fina, acariciei por algum tempo e deslizei até sua barriga escorregando

lentamente. Fechei os olhos e aproveitei para sentir a pele quente da mulher. Desci a boca até seu

pescoço, inalando seu perfume provocante, beijei lentamente, passei a língua por sua pele sentindo

seu gosto eletrizante. A mulher me acendia sem fazer nada. Com os dentes tirei um fone de seu ouvido

e sussurrei de olhos fechados:

— Eu tentei respeitar sua vontade, Sabrina. Juro que sim, mas não dá mais. Eu estou morrendo.

Não quero mais brigar. Quero afundar dentro de você, uma e outra vez. Vamos dar uma pausa. Deixa-

me te amar?

## CAPÍTULO 11

*Sabrina*

Existem decisões que mudam sua vida completamente. Em meus vinte e três anos, já tive que

tomar muitas, algumas foram boas outras nem tanto. Porém, estava em uma sinuca de bico, se eu

recusasse o que meu corpo e coração queriam tinha certeza que me arrependeria amargamente

depois. E se eu aceitasse poderia me machucar. Tudo bem que Lucas não era um total cafajeste. Mas

será que eu poderia confiar nele? Será que meu coração estava pronto pra se abrir totalmente?

Após nossa briga no dia anterior, chorei em meu quarto me lamentando o quanto perdi. Não

sabia se estava realmente sendo hipócrita acusando ele, ou se era um mecanismo de defesa. Então,

resolvi cozinhar para tentar voltar a uma boa convivência. Não imaginei que Lucas teria uma atitude

tão incisiva e me colocaria numa decisão tão importante.

Decidi seguir uma máxima que aprendi há muito anos: *Carpe Diem*.

Sua respiração no meu pescoço levava a um novo patamar de excitação. Esvaziei minha mente

de toda precaução e me deixei levar. Fechei os olhos e senti tudo. Seu corpo grande e musculoso

estava a um milímetro de distância do meu, podia sentir o calor que emanava dele me provocando.

As mãos em minha barriga haviam parado de se movimentar, esperando uma resposta. O local onde

Lucas havia lambido estava formigando. Meu coração pedia aos gritos por um pouco mais de

proximidade.

Levei minha mão para trás em seu pescoço e passei em meio aos seus cabelos macios. Pude

ouvir sua respiração se acelerar e seu corpo relaxar. As mãos subiram um pouco e parou próximo

demais aos meus seios, que estavam sensíveis por antecipação.

— Sabrina, eu preciso da resposta. Quero ouvir você dizer. Deixa-me te amar?

Oh, Deus! Aquela voz rouca ia me matar. Mas eu não queria pensar em amor, não naquele

momento. Mesmo que isso estivesse implícito, ele nunca sairia de mim, nem se tentasse. Contudo, eu

queria apenas sentir.

— Lucas, faça sexo comigo. Me foda! Não fale de amor agora, por favor... — Engoli em seco

esperando uma rejeição.

Ele ficou em silêncio e seu corpo endureceu atrás de mim. Já me preparei para sair,

envergonhada. Mas logo Lucas colou seu corpo junto ao meu e aproximou a boca do meu ouvido.

— Não tem como eu te foder sem amar, Sabrina. Com você nunca vai ser só sexo! Eu não vou

falar mais nada... Vou entrar em você como desejamos desde o início. Mas fique ciente a todo

instante que não é uma porra de sexo sem sentido! O meu corpo clama pelo seu, e meu coração já te

pertence há muito tempo.

Nem tive tempo de dizer nada. Lucas segurou em minha cintura, me virando e olhando em meus

olhos. Seu olhar queimou em mim, tinha desejo, raiva, decepção e amor. Sua respiração estava

rápida como se houvesse corrido uma maratona. Mordi os lábios em nervosismo, as palavras haviam

fugido da minha mente. Estava tudo em branco.

Eu estava a ponto de desistir quando Lucas desceu a boca na minha. Ai, eu estava perdida!

Devia vir com um selo de advertência. Era puro pecado. Ele me invadiu com sua língua quente,

lambendo e me deixando louca. Ele puxou meu corpo nos colando e senti tudo.

Por estar com pouca

roupa, cada músculo definido do homem podia ser localizado. Fora a ereção dura e pulsante em meu

estômago.

Lucas não me beijava, ele estava devorando minha boca. Entre mordidas e gemidos, eu lambia e

chupava sua língua. Ele tinha um gosto maravilhoso, meu coração estava tão saturado de tantas coisas

que tinha vontade de gritar. Não queria nem pensar sobre isso.

De súbito ele me levantou e automaticamente enlacei as pernas em seu quadril. Percebi que

estava andando a caminho do quarto, mas então me liguei.

— Lucas, as panelas. Tenho que desligar — tentei falar enquanto me beijava. Não era fácil,

porque o homem tinha uma língua que nossa...

Ele soltou a boca da minha e andou até o fogão, sem desgrudar seus olhos dos meus. Estendi a

mão e desliguei todos os botões. Lucas caminhou a passos largos, entrou em seu próprio quarto,

fechou a porta com o pé e olhou em volta. Aproximou-se da cama e me deitou levemente. Não

desgrudei as pernas dele. Ele abaixou-se ficando cara a cara comigo.

Olhou em meus olhos tão docemente que senti um aperto no peito. Seus lábios estavam inchados

e molhados das minhas mordidas. Eu não queria nada leve e lento. Tinha muita tensão sexual entre

nós. Lucas levou uma mão até meu rosto e acariciou, passando-a em meu pescoço e cabelo. Prendeu

os fios entre os dedos e puxou, me fazendo arquear a cabeça para trás.

— Agora você vai ser minha! Eu vou te foder ao esquecimento, exatamente do jeito que devia

ter sido ontem à noite. Não se feche pra mim, Sabrina. Entenda de uma vez por todas, porra. Eu te

amo! — Seus olhos verdes estavam brilhantes e me fazia querer me esconder de tanto que podiam me

ler somente observando.

— Não, Lucas. Por favor, sem amor. Isso é complicado. — Desviei o olhar.

Ele puxou mais meus cabelos, me fazendo encará-lo.

— Como complicado? Você me quer e eu te quero! O que tem de tão difícil para você admitir?

— Não é tão simples. Você não entende...

— Então me explica, por que você não me deixa te amar do jeito que eu quero? Eu quero te

entender, Sabrina.

— Agora não, depois. Por favor. Só quero você dentro de mim... Eu preciso!

Fechei os olhos esperando sua decisão. Naquele momento era a única coisa que podia dar a ele.

A maneira que podia ser.

— Ok. Mas não vai ficar assim. Me solta! — Levou as mãos aos meus calcanhares tentando

desvencilhar-me dele.

— Não, por favor, eu preciso de você! — sei que soei desesperada, mas naquele momento me

sentia realmente assim com a possibilidade do Lucas me rejeitar.

— Eu também... Quero tirar nossas roupas, não dá pra transar assim.

Assenti e desentrelacei minhas pernas da sua cintura. Lucas se levantou olhando em meus olhos,

desceu o olhar por meu corpo e sorriu malicioso. Gente, como ele era lindo!

— Na verdade, você tem pouca roupa. Até que não seria tão difícil.

Corei, surpreendendo-me. Muito difícil ficar envergonhada por algum homem me ver sem roupa,

só que com Lucas eu despia muito mais que meu corpo.

Olhei seu corpo maravilhoso e ofeguei. Pensando que, enfim, poderia explorar cada pedacinho

que ansiei por tanto tempo. Ele puxou a camisa sobre a cabeça e jogou em algum canto do quarto,

desfez a fivela do cinto e desabotoou a calça jeans descendo por suas pernas lentamente. Não pude

deixar de notar o volume em sua cueca *boxer* preta.

Levantei os olhos e me deparei com seu rosto sorridente.

— Tá gostando de olhar? — Levantou uma sobrancelha.

— Você nem imagina.

— Sua vez agora.

Sentei-me retirando o top e fiquei de joelhos para descer o *short*. Estava só com uma calcinha

de renda azul. Os olhos do Lucas se estreitaram daquele jeito sonolento que eu tanto amava. Já iria

tirar a calcinha, mas ele me interrompeu.

— Ainda não, por isso mantive a cueca. Se ficar sem nenhuma barreira entre nós, eu não vou

aguentar. Meu tesão é muito grande. Você é a mulher mais linda que eu já vi.

Ele se aproximou ficando de joelhos na cama. Pegou-me por debaixo do braço e me levantou.

Fiquei de pé à sua frente. Seu hálito soprava em minhas coxas fazendo-me arrepiar toda.

— Lucas, não me provoca. Eu te quero demais! — Olhei pra baixo, seu sorriso safado estava

em toda sua glória.

— Não quero te provocar, apenas te provar.

Levou a mão até a barra da minha calcinha arrastando pernas abaixo. Seus olhos levantaram

lentamente, desde meus pés ao meu sexo depilado. Lucas ergueu as mãos passando por minhas coxas,

seu toque era macio e forte.

— Tem certeza que você quer apenas sexo? — falou com a voz rouca, olhando-me nos olhos.

— Sim!

Ele assentiu desviando o olhar, mas pude perceber certa dor em seu rosto.

— Ok.

Perdi o fôlego quando ele, subitamente, me jogou na cama.

— Então, vou te saborear como eu quiser.

Com o rosto na altura das minhas coxas, ele baixou a boca deliciosa direto em minha vagina.

Sua invasão me deixou totalmente louca. Sua língua fazia coisas comigo que nunca experimentei em

minha vida. Podia sentir cada parte do meu corpo se arrepiando com cada lambida que dava,

enquanto seus dentes se juntaram à brincadeira e arqueei meu corpo em loucura.

O clímax me pegou tão forte e rápido que perdi totalmente a noção de onde eu estava. A única

certeza que tinha era da respiração rápida do Lucas em minhas pernas. Com os olhos fechados me

deixei relaxar com os espasmos restantes em meu corpo.

Então, subitamente, fui arrastada pra beirada da cama e fiquei com as pernas em suspenso. Abri

os olhos atordoada com o ataque repentino, um medo antigo me assolou, mas foi dissipado quando

olhei em seus olhos verde-escuros de desejo. Lucas nunca me faria mal.

— Eu quero que saiba uma coisa. Eu vou te foder. Contudo, no final você não vai conseguir

fugir do que sentimos, eu não vou deixar.

Meu coração disparado se transformou em uma corrida tresloucada, estava sem fôlego pelo

orgasmo e não consegui dizer nada. Lucas estava ajoelhado no meio das minhas pernas e se inclinou

colando o peito musculoso em meus seios sensíveis. Seu rosto pairava sobre o

meu, ele tinha o rosto

sério e pude perceber a tensão em seu corpo. Levei minha mão ao seu rosto e acariciei levemente.

Meus sentimentos por ele nunca estiveram tão aflorados.

— Faça amor comigo, por favor. Faz-me esquecer...

Ele fechou os olhos e relaxou. Então entrou em mim num só impulso. Senti como se eu

precisasse dele dentro de mim para sobreviver. Era algo que nunca tinha conhecido. Estava

completa, alucinada. Agarrei seus ombros e finquei as unhas em sua pele. Lucas gemeu e se moveu,

estocando em mim com força. A cama balançava e se arrastava. Tínhamos muitos anos de tesão

reprimido. Enlacei minhas pernas em sua cintura e sincronizei com seus movimentos.

Lucas afundou o rosto em meu pescoço e mordeu meu ombro, me fazendo gritar de prazer. Senti

em mim o clímax surgindo novamente. Ele passou um braço por minha cintura, me prendendo ao seu

corpo e aumentou ainda mais os seus movimentos. Estava literalmente me fodendo ao esquecimento.

Não conseguia pensar em nada. Meu corpo estava em chamas, com os gemidos e rosnados que emitia

em meu ouvido.

— Não estou aguentando mais. Eu vou gozar, Lucas.

— Isso, goza gostoso no meu pau. Quero sentir você toda molhadinha antes de

chegar lá.

Então, me quebrei. Foi tão intenso que minha visão ficou preta. Arqueei minhas costas e gritei

seu nome.

— Porra, você tendo um orgasmo é lindo, mulher! Se segura, é a minha vez.

Nem deu tempo de assimilar o que ele disse. Segurei em seus braços e joguei a cabeça pra trás.

Lucas estocou mais umas três vezes, e se derramou em mim com um grito rouco. Seu corpo

convulsionava a cada jato do seu sêmen.

Estávamos suados e cansados. Lucas deixou seu corpo descansar em cima de mim. Enlacei seu

pescoço e fechei os olhos avaliando todo o estrago. Meu corpo latejava e estava saciado, mas minha

mente e coração estavam em frangalhos. Naquele momento percebi que o amor que sentia por ele se

elevou ao nível máximo. Assustada era pouco pra dizer como me sentia, apavorada era um adjetivo

melhor. Eu não queria magoá-lo nem a mim. O que fazer? Meu Deus, eu era uma bagunça.

As lágrimas inundaram meus olhos e não pude contê-las e nem o soluço sofrido que se formou

em meu peito. Quando percebi estava desencaixada do Lucas e deitada na cama com ele pairando em

cima de mim, enquanto me fitava preocupado.

— Eu te machuquei, Sabrina?

— Não... É que... Ai, meu Deus! — tentei falar em meio aos soluços, mas era impossível.

Ele me abraçou e me aninhou em seu peito como se fosse uma criança pequena. Deixei todo o

meu sentimento extravasar em lágrimas grossas. Lucas murmurava palavras de conforto e acariciava

meus cabelos. Abracei sua cintura e fechei os olhos.

Meu peito doía demais. Tê-lo daquela maneira tão intensa — como eu suspeitava que fosse ser

—, foi mais do que previ. Seria impossível retirá-lo do meu coração, porque Lucas fazia parte da

minha alma.

Chorando em seus braços, eu acabei adormecendo.

Era tarde quando abri os olhos novamente e Lucas estava adormecido ao meu lado com o braço

em volta da minha cintura, protetoramente. Pensei em tudo que havíamos passado, e meu peito doeu.

Um soluço ameaçou subir em minha garganta, mas o sufoquei. Não queria acordá-lo, ainda tinha

muito medo do que poderia acontecer se permanecesse ao seu lado.

Desvencilhei-me delicadamente, e levantei da cama. Olhei o homem que amava e que era meu

melhor amigo. Como as coisas foram ficar tão complicadas? Por que eu fui abrir minha boca grande

e dizer o que sentia?

De certo modo eu estava confortável com nosso relacionamento. Então por que

agora, depois de

tantos anos, eu fui estragar tudo? E ficou ainda pior com o sexo incrível que fizemos.

Não podia permanecer naquele quarto, seria demais. Dei uma última olhada no amor da minha

vida. Recolhi minhas roupas e saí do quarto, deixando minha felicidade com ele.

## CAPÍTULO 12

*Lucas*

Fazia tempo que não dormia tão bem. Após ver o amor da minha vida chorando em meus braços,

me senti um completo filho da puta. A tomei como outra qualquer, sendo que Sabrina era importante

demais pra mim. Depois que ela adormeceu, ainda fiquei observando seu rosto lindo. Ela tinha uma

feição tão suave que parecia uma boneca. E a vi se quebrar. Não entendi bem o que a levou ao ataque

de choro, nem perguntei. Às vezes precisamos apenas deixar sair, desabafar tudo o que guardamos

dentro de nós.

Sua respiração leve me hipnotizou e acabei adormecendo também, sonhos do que tínhamos feito

invadiram meu sono. Nunca senti tanto tesão na minha vida. A mulher era perfeita, se não me

controlasse eu acabaria com a brincadeira rápido demais. Porra, parecia um adolescente! Mas

também, quatro anos passando vontade era natural. Contudo teria certeza que na

segunda vez eu

aproveitaria cada pedacinho do seu corpo maravilhoso. Na verdade, pretendia fazer isso logo que

acordasse. Acabaria me acostumando, dormir com seu corpo quente ao meu lado.

Abri os olhos, e a primeira coisa que vi foi o espaço vazio ao meu lado, onde antes tinha uma

linda mulher de cabelos negros e olhos azuis. Levantei o braço e passei a mão pelo lençol, a cama

estava fria. Ao perceber isso, a decepção me abateu e amaldiçoei-me baixinho por ter sido um

babaca. Sabrina só queria sexo, como ela mesma disse. Eu a abracei como um homem apaixonado e a

única coisa que estava interessada era em alguns orgasmos que teve.

Ok, eu também tive minha parcela de prazer. Na verdade nunca tive tanto em uma só foda. Mas

pensei que finalmente ela cairia em si e me deixaria entrar, que deixaria toda a teimosia de lado.

Enganei-me novamente, estava virando um padrão eu ser feito de trouxa.

Minha vontade era de gritar a agonia que havia em meu peito e extravasar toda a dor que sentia.

Queria socar paredes e quebrar as coisas, esses impulsos sempre me acometiam quando o assunto

estava relacionado a ela. Só que desta vez agiria diferente.

Não iria mais correr atrás, tinha sido eu desde o início. Não mais, se Sabrina quis só uma foda

comigo é o que teria. Ia tratá-la exatamente da maneira que trato as mulheres de uma noite só.

Levantei-me devagar e pude perceber resquícios da noite passada. A cama estava toda

desarrumada e podia sentir seu perfume pelo quarto. Puxei com raiva o lençol fazendo uma bola e

tirei a fronha do travesseiro. Ia lavar qualquer vestígio que me lembrasse da noite maravilhosa e

também o que sucedeu depois.

Carreguei aquela trouxa para a lavanderia e joguei dentro da máquina. Não estava pensando em

nada. Só queria me livrar de todo o vestígio da Sabrina em mim. Mas o perfume ainda estava me

incomodando, meu corpo todo cheirava a mulher e sexo. Percebi que estava nu na área aberta do

quintal. Joguei sabão na máquina e liguei o ciclo de lavagem.

Fui direto para o banheiro. O perfume remanescente vinha de mim e queria arrancá-lo fora de

uma vez. Abri o registro e a água gelada anestesiou minha pele, lavando um pouco da raiva que

sentia.

Fechei os olhos e joguei a cabeça para trás. Em minha cabeça *flashbacks* do nosso sexo

maravilhoso vieram com tudo, fazendo meu pênis latejar dolorosamente. Levei a mão direita ao meu

membro endurecido e me deixei levar. Imagens do seu corpo nu me fizeram

gemer em prazer.

Movimentei meu punho duro e rapidamente para cima e para baixo. Nunca gostei de me aliviar

sozinho, achava um substituto muito fraco para uma boca gostosa, por exemplo. Mas tinha situações

arrebatadoras que exigiam alívio imediato. Em nenhum momento havia batido uma tão excitante. Só a

imagem do corpo macio da Sabrina me fazia querer gozar. As lembranças dos seus sons fracos me

levaram à beira do orgasmo. Em uma última investida derramei-me com um gemido rouco e abafado.

Minha respiração estava acelerada e meu coração batia muito rápido. Encostei a testa na parede

e fechei os olhos enquanto a água fria escorria por minhas costas. Com o corpo relaxado pude pensar

melhor, porque a raiva havia esmaecido um pouco. Droga, Sabrina me colocava em estado de

emergência em todos os sentidos!

Na mesma hora que a queria loucamente, sabia que tinha que manter distância. Uma mulher tão

complicada não era saudável para voltar à minha velha rotina. Pensando bem, acho que nunca mais

seria o mesmo.

Não depois da noite passada. Se para ela fora somente sexo, uma maneira de extravasar; pra

mim foi mais que isso, fiz amor em seu estado mais pleno. Precisava pensar em

como fazê-la

entender que, às vezes, existe somente uma pessoa que é destinada a estar ao nosso lado. E quando

não damos a atenção necessária perdemos o que poderia ter de mais belo.

Só que no momento estava muito magoado. Nem queria vê-la enquanto estava assim. Desliguei o

chuveiro e saí do *boxe*. Então lembrei que não havia levado nada comigo, tamanha a pressa de lavar

todo o vestígio dela em meu corpo.

Dei de ombros, estava na minha casa e se esbarrasse com ela que se fodesse. Saí pingando água

pelo chão, pois minha mente estava em um estado de transe total. Não percebia nada à minha volta,

estava quase na porta do meu quarto quando uma voz me chamou:

— Lucas, o que você está fazendo? — Mesmo de costas percebi que Sabrina estava tensa. Sua

voz vacilou um tom. Parei em frente ao meu quarto nu, molhado e tenso. Fechei os olhos, não

conseguindo encará-la.

— Estava tomando banho. Por quê?

— Mas você está nu...

— Acho que é assim que se toma banho, mas não tem nada aqui que você não tenha visto. O que

você quer? Fala logo. Tenho que ir trabalhar. — Sei que fui ríspido, porém não podia evitar. Havia

um buraco sangrando em meu coração que imaginei não se curar tão cedo.

— Er... Queria te perguntar se podemos deixar o que aconteceu ontem no passado e

continuarmos amigos. Não quero te perder.

Merda, a mulher parecia ter o prazer de me machucar! Se ela não queria me perder, por que me

abandonou no meio da noite?! Nem me dei ao trabalho de me virar.

— Ok, Sabrina. Não é importante. E, além disso, você vai embora, não precisa se preocupar.

Nem lhe dei chance para dizer mais nada. Entrei em meu quarto e só assim permiti que minhas

emoções viessem à tona. Olhei em volta, a cama sem lençol e minhas roupas espalhadas pelo quarto.

Naquele momento decidi não deixá-la perceber o quanto me magoava com aquela atitude. Se ela me

queria apenas para um meio de se satisfazer era o que teria.

Guardei meus sentimentos e fui trabalhar. A noite seria longa, e de qualquer maneira teria que

encarar Sabrina. O que me animava era o reencontro com minha irmã. Estava morrendo de saudades

do meu anjo da guarda.

***

Meu dia terminou a passos lentos. Nunca tinha tido um plantão maçante. Sempre fui muito

animado em exercer minha profissão, porém não estava no humor de conversar com ninguém. E ser

ortopedista consistia em trocar ideias com os pacientes, fiz o meu melhor em não descontar nos

outros minha própria frustração.

Fui ao bar assim que saí do hospital. Tinha levado roupa na mochila para me trocar. Não ia

passar em casa e ter o risco de encontrar a Sabrina, já bastava ter que enfrentá-la na frente de toda a

família sem poder demonstrar o quanto havíamos ficado íntimos.

Como tinha chegado cedo, provavelmente, daria tempo de curtir minha irmã um pouco, sentia

muita falta do seu sorriso todas as manhãs. Não que eu fosse deixá-la saber. Do jeito que Layla era,

ia se sentir culpada por ter se mudado e me deixado sozinho.

Chegando à porta do bar percebi que já havia bastante movimento. Era de se esperar, a volta da

estrela traria muitos clientes. Tinha pessoas que frequentavam o *Beer* só para vê-la cantar. Minha

irmã tinha um talento raro, ela cantava com sentimento e sua voz era grave e rouca, mulheres com

aquele tom era muito difícil de encontrar. Eu planejei cantar algo com ela naquela noite porque sentia

falta dos nossos duetos.

Avistei Layla sentada ao lado do marido, ela estava sorrindo e ele a alimentava com batatas

fritas. Os dois estavam muito felizes. Nunca vi minha irmã tão à vontade com alguém como ficava

com o Bruno, nem mesmo comigo ela se abriu totalmente. Ele havia lhe feito muito bem e eu seria

sempre grato.

Aproximei-me sem que percebessem, só fiquei observando seus olhares apaixonados e sorrisos

sinceros. Meu coração apertou e senti um frio na barriga. Aquilo era o que eu queria. O amor pleno e

feliz. Só não sabia se poderia ter com a Sabrina. Mesmo tendo muitos problemas, no final a escolha

de ser feliz partiria somente dela. Eu só poderia esperar que sim, pois para mim amor de verdade só

aparecia uma vez na vida.

— E aí, pombinhos, ainda não se cansaram um do outro? — Sorri ao me sentar, eu gostava de

provocá-los, mas sabia o quanto se amavam.

Bruno e Layla olharam pra mim sorrindo, porque sabiam que eu só estava implicando.

— E aí, garoto? Eu sei que você sentiu a falta do meu charme. Como andam as coisas no

hospital?

— Ah, tudo indo. Mas o seu substituto é um idiota! Não vamos falar de trabalho hoje. Estou com

saudades da minha irmãzinha.

Layla deslizou no banco vindo parar ao meu lado, o *Beer* tinha algumas mesas com aquelas

poltronas em U. Ela me deu um abraço forte e eu, como sempre acontecia, me

emocionei, porque o

elo que mantínhamos era algo lindo e sincero.

Ela se afastou, me encarando com os olhos marejados.

— Senti sua falta, Luquinha — sussurrou, sorrindo.

Inclinei-me e dei um beijo em sua bochecha.

— Eu também, irmã. — O amor que sentia por ela chegava a ser palpável, era agradecido por

tudo que fez. — E aí, me conta qual é a novidade...

Ela arregalou os olhos e sorriu enxugando algumas lágrimas que haviam escorrido por seu rosto.

— Ah, não. Só quando todos estiverem presentes. Mas queria te perguntar uma coisa... Você

pode cantar uma música? Adoro quando senta ao piano. Sabe que Heitor colocou um no bar só por

sua causa, né?

— Claro que canto. Estava pensando nisso vindo pra cá. Sabe que senti falta dos nossos duetos.

A cidade não é a mesma sem você, até sem o mala do seu marido. Mas queria tocar piano, meus

dedos estão coçando.

Bruno, que estava sentado na outra ponta, sorriu e jogou uma batata frita em mim. Nós tínhamos

nos tornado bons amigos. Após ter descoberto toda a situação da cirurgia que fez em mim, nos demos

melhor do que já era. Nós três concluímos que foi o destino, já que como

milhares de pacientes que

passaram pela sua mesa, ele acabou salvando o irmão do amor da sua vida.

— Ok, também senti sua falta, seu empata foda. — Bruno não cansava de me chamar daquela

maneira pelas vezes que atrapalhei os dois em momentos íntimos.

Layla corou instantaneamente. Mesmo com quatro anos de relacionamento, ficava envergonhada

em falar sobre isso perto de mim.

— Então, Lala... Eu vou ter que esperar todo mundo mesmo? Sou seu irmãozinho, poxa.

— Pode parar de chantagem emocional e essa carinha de pidão. Só vou falar quando todo

mundo estiver aqui.

Eu estava impaciente com a chegada iminente da Sabrina. Queria distrair minha cabeça, mas

pelo visto não seria possível.

— Tá bom. Já que não tem jeito, me contem como foi a viagem.

Layla contou em detalhes como se divertiram. Riu ao dizer como Bruno se desesperou quando

ela nadou um pouco longe da beira da praia. Pela cara do meu cunhado, ele não achou nada

engraçado. Minha irmã nadava muito bem e ele não tinha com o que se preocupar, contudo eu

entendia todo seu receio. Quando amamos alguém mais até do que a própria vida, ficamos como

loucos e superproterores.

Após colocarmos o papo em dia, Alberto chegou sozinho. Depois vieram Ana com Larissa e as

crianças, e dona Marisa. Adorava aquela mulher. O cunhado do Bruno chegou e foi logo falar com

Heitor no balcão. Juntei-me a ele e logo o restante dos rapazes.

Sentia a tensão entre Ana e Alberto mais do que de costume. Era impressionante aquela relação

durar tanto tempo, entre mágoas e brigas constantes. A cada segundo que passavam próximos era

como um campo de batalha. Nós, que éramos inteligentes, mantínhamos distância e neutros em toda a

situação.

— Então, Betinho... Quando você vai dar um chega pra lá naquele osso duro da Ana? —

Maurício, o marido da Larissa, implicava muito com a cunhada. Ele costumava dizer que para casar

com aquela mulher tinha que ter um puta saco. Não podia discordar, porém sua irmã mais nova

também não era fácil.

— Ah, Maurício. Eu, sinceramente, estou cansado dessa relação de gato e rato e preciso

espairecer, urgente! — Balançou a cabeça, parecendo derrotado.

Seus ombros estavam em um ângulo estranho, jogados para frente. Ele não lembrava mais o

garanhão sedutor. Suas energias estavam todas focadas em reconquistar Ana.

Arqueei uma

sobrancelha, em descrença.

— Vai desistir?

Ele sorriu com aquele jeito característico, que já vi várias vezes muitas mulheres se jogarem em

cima dele. Afinal, meu amigo não tinha sumido. Só mudado o alvo.

— Não mesmo. Mas tô querendo dar um tempo, sabe? Sei lá, viajar de moto, sinto falta às

vezes. Desde que decidi ter a Ana de volta parei com toda a diversão. Fora que meu companheiro de

estrada se amarrou.

Bruno, que estava ao seu lado, deu-lhe um tapa na testa. A rotina dos dois havia mudado muito

depois que ele conheceu minha irmã, porém sabia que não se arrependia.

Heitor, que estava em silêncio atrás do balcão observando, se aproximou.

— Também estava querendo dar umas voltas de moto. Podíamos marcar de ir juntos. Layla

voltou e a deixarei tomando conta do bar pra mim. O que acha?

— Poxa, seria uma boa mesmo. Dar umas voltas pelo litoral seria legal. Tem problema Bruno,

se ela tomar conta de tudo?

— Claro que não. E não deixe que ela saiba que você me perguntou. Meu anjo arrancaria suas

bolas por não perguntar diretamente para ela.

Rimos juntos com a imagem, era bem capaz de fazer isso, porque permitia que tomassem conta

da sua vida. Tinha sido independente por muito tempo. Alberto e Heitor engajaram em planos para

sua viagem, enquanto Maurício e Bruno estavam cochichando sobre alguma coisa.

A porta do bar foi aberta trazendo minha amada à vista. Ela estava linda em um vestido sem

alças azul-claro, quase do mesmo tom de seus olhos. Sabrina sorria como há tempos eu não via.

Naquele momento esqueci-me de toda a raiva que havia me feito passar. Levantei da banqueta

que estava sentado e coloquei a garrafa de cerveja no balcão. Ia me aproximar e exigir para que ela

assumisse o que tínhamos. Não tinha jeito, Sabrina era minha e eu dela. Entendi plenamente o que

Alberto passava com toda a situação de esperar pela Ana. Era inconcebível a ideia de pertencer à

outra mulher se não a que amava.

Dei dois passos em direção a ela e estaquei.

Sabrina não havia vindo sozinha, o Wolf estava logo atrás com a mão em sua cintura.

Puta merda! Nunca quis socar tanto alguém como naquele momento. O filho da puta se sentia

como dono da minha mulher. E ela sorria como uma adolescente embasbacada.

O ciúme surgiu com tudo. As dúvidas invadiram minha mente me fazendo quase

hiperventilar.

Fechei as mãos em punho, para não ir atrás dela e exigir explicações. De alguma maneira me achava

no direito, já que tivemos algo tão especial na noite passada. Senti alguém do meu lado, mas nem

olhei, porque minha atenção estava focada no casal que acabava de chegar.

Sabrina caminhou até a mesa onde estavam as mulheres e apresentou seu acompanhante.

Charmoso como era, cumprimentou a todas com seu sorriso cafajeste.

— Quem é aquele, Lucas? — Bruno estava ao meu lado perguntando desconfiado.

— É o filho da puta do Wolf, professor de *Muay Thai* da Sabrina — falei entre dentes.

— Merda!

Eu concordava. Quando você é galinha reconhece um da espécie de longe. E aquele lobo

transpirava carisma. Tinha um sorriso de dentes retos e aquele jeitão largado que hipnotizava as

mulheres.

Ana me viu parado e fez uma careta, minha expressão facial devia demonstrar o quanto estava

chateado. Ela inclinou-se e falou alguma coisa com a Sabrina, que se virou e nossos olhos se

encontraram. Ela corou fortemente, mas eu não daria o gostinho de perceber o quanto fiquei

magoado.

Aproximei-me lentamente como um predador à espreita, imediatamente Sabrina deu um passo

atrás. Podia sentir a presença dos caras às minhas costas. Deviam estar com medo de eu fazer alguma

coisa.

Não ia fazer nada de mais, nunca magoaria dona Marisa mostrando como sua filha estava

errando. O idiota do Alex se levantou e me encarou sério. Como se eu tivesse medo dele! Ele podia

ser lutador profissional, mas eu também era. Fazia *jiu-jitsu* desde que era pequeno, porém aprendi

uma coisa em minhas aulas, que é não usar os ensinamentos fora do tatame, ia totalmente contra o

mantra que pregávamos.

Ficamos frente a frente nos encarando. Desviei minha atenção e observei todos tensos

esperando alguma reação. Afastei-me e sentei ao lado da Layla, que respirou aliviada. Segurei sua

mão e a apertei levemente. De maneira alguma faria um show.

Observei que Sabrina estava pálida, ela se sentou ao lado da mãe e de Wolf e pude perceber

que estava desconfortável com a situação. Era normal que acontecesse, com certeza eu não estava

feliz. Mas quem mandou trazer o professor a um encontro familiar?

Em um murmúrio apresentou Alex aos rapazes, que responderam com um cumprimento educado.

Mas não vi boa vontade vindo deles, não devem ter gostado do intruso.

Sabrina mantinha os olhos baixos na mesa. Seu rosto ainda estava pálido. Para mim todos

sumiram ao redor e só existia ela. Apesar de o meu coração estar partido, senti um frio na barriga

quando ela me olhou. Seus olhos azul-clarinhos estavam marejados e sofridos.

Quase morri. Decidi ali que ia tê-la de qualquer maneira.

## CAPÍTULO 13

*Sabrina*

Eu não queria que acontecesse nada daquilo. Depois do nosso encontro de manhã, no qual Lucas

foi rude e insensível, meu mundo desabou. Senti toda a sua rejeição e foi como uma facada bem

funda. Ele estava lindo, nu, molhado e irritado no meio do corredor. Não se deu ao trabalho de pelo

menos se virar. Sua voz estava grossa e profunda. Saiu sem se despedir, notei na lavanderia sua

roupa de cama. Então entendi, ele queria tirar qualquer vestígio da nossa noite.

Não tinha o direito de ficar chateada, pois quem o deixou fui eu. Porém, imaginei que teria uma

reação distinta, mas não a indiferença. Senti-me como tantas outras que ele transou e descartou.

Pensei, então, que talvez pudesse deixar todo o meu receio de lado e lhe contar tudo... Eu sabia que

Lucas nunca me faria mal. Mas você ter lembranças dolorosas, que te fazem querer morrer ou

vomitar cada vez que elas te assolam, é horrível!

Tinha pavor de ele ficar sabendo e se enojar de mim. Sei que não fui culpada de nada. Mas

havia certos sentimentos em mim que dizia que poderia ter evitado, que se fosse mais forte poderia

ter lutado. E eu me apavorava ao imaginar Lucas tendo estes mesmos pensamentos.

Então, por que resolvi mexer no que sentia por ele se não tinha intenção de seguir em frente?

Simples, estava cansada de ver o amor da minha vida nos braços de outras. Então, por que meu

orgulho e teimosia não me deixavam livre para amá-lo? Deus, eu era complicada demais. Minha vida

tinha sido tão fácil, então em um único dia ela virou de cabeça para baixo. Perdi toda minha

autoestima e confiança.

Deixei toda lembrança dolorosa para trás e fui para um dia de trabalho cansativo. Felipe

continuava com suas investidas chatas e eu estava sem paciência. Dei um fora que ele não gostou

muito, e saiu xingando baixinho. O melhor foi a academia, onde extravasei toda minha energia na aula

de *Muay Thai*. Eu não queria mais levar o Alex, achei que machucaria o Lucas.

Só que não tive escolha, porque ele me seguiu com a moto até o *Beer*. Estava tensa por

antecipação ao que Lucas poderia fazer. Não era segredo seu desagrado para

com o Alex. Quando

entramos não consegui avistá-lo em lugar algum. Talvez viesse mais tarde. Contudo, quando Ana me

cutucou e disse para olhar para trás, meu coração caiu e senti como se fosse desmaiar. Seus olhos

transpareciam toda a dor e a mágoa. Neles vi refletido tudo o que não queria: decepção e asco.

Fiquei com medo de um confronto, mas Lucas, como sempre, recuou e se sentou ao lado da

Layla. Engoli em seco e me acomodei ao lado da minha mãe com Alex a tiracolo. Comecei a ter

raiva por ele estar ali, porém não o trataria mal. Já provoquei muita dor em pouco espaço de tempo.

Levantei os olhos e Lucas estava me encarando daquele jeito que só ele tinha. O amor refletido

em suas esmeraldas acalmaram um pouco meu coração.

— Então, já que estamos todos aqui, quero contar a novidade — Layla desviou minha atenção.

Já sabia qual era a novidade, porém me faria de desentendida. Do jeito que minhas irmãs eram

ciumentas, não iriam gostar de eu ser a única a saber.

— Fala logo, anjo. Quero receber os parabéns. — Bruno sempre estava sendo o engraçadinho.

— Então... descobri um pouco antes do casamento, mas quis esperar a lua de mel para contar ao

meu marido, que por sinal quase me matou por ter escondido por tanto tempo. —

Ela fez uma pausa

dramática. — Eu estou grávida!

Silêncio! Para uma família louca e barulhenta, eu esperava uma explosão. Não tantas caras

paradas e embasbacadas.

— Sério? Vocês estão chocados?! Eles são como coelhos, não se largam um minuto. — Era

verdade, eu achei que demorou a acontecer.

Minha declaração pareceu acordá-los porque piscaram juntos e assolaram o casal de

felicitações. Lucas sorria e abraçava a irmã. Eu fiquei meio aérea. Estava muito desconfortável, não

sabia como agir com a intimidade que havíamos tido. Ainda podia visualizar seu corpo delicioso se

movendo contra o meu.

Ele disse algo no ouvido da Layla, que assentiu e adiantou um passo.

— Então gente, pra comemorar o Lucas vai cantar tocando o piano. Vocês sabem que ele é

ótimo!

Meu coração desatou a bater forte. Andei como sonâmbula enquanto os irmãos se dirigiam ao

palco e Layla recebia as boas-vindas e os parabéns de quem estava próximo e ouviu o seu anúncio.

Parei a dois metros de distância do palco.

Lucas se acomodou ao piano e aguardou, enquanto minha cunhada

cumprimentava os clientes do

bar.

— Oi, gente. Que saudade eu fiquei de vocês, mas estava precisando de uma folga. Para

comemorar a minha volta, o meu irmão vai cantar. Ele escolheu a música, e vai fazer o

acompanhamento no piano.

Ela olhou para ele e sorriu afastando-se, e voltou à mesa ao lado do marido. Lucas começou a

tocar as primeiras notas de *Stay*, da Rihanna, e senti como se perdesse o chão. Ele corria os dedos

pelo piano de olhos fechados, sentindo o som. Mesmo não havendo se profissionalizado, não queria

dizer que não tinha o talento de Layla e colocava tanto sentimento em uma única música quanto a

irmã.

Começou a introdução e, então, abriu os olhos grudados diretamente nos meus.

*Foi uma febre o tempo todo*

*Um suor frio, uma pessoa impulsiva que acredita*

*Joguei minhas mãos para o alto, e disse: 'Mostre-me algo'.*

*Ele disse: 'Se você se atreve, chegue mais perto'*

Eu nem prestei atenção ao meu redor. Tudo se apagou. Só existia aquele homem no palco que me

sugava totalmente. Seus olhos estavam brilhantes de lágrimas não derramadas. Sorte a dele, as

minhas escorriam livremente.

Ele respirava pausadamente enquanto entoava aquelas letras tão fortes, e eu me afundava com os

sentimentos que havia no meu peito. Sabia que parecia uma louca no meio do bar chorando e

observando o pianista. Quando cantava, sempre me elevava a um nível totalmente surreal.

Lucas cantou e me despedaçou. Sua voz estava mais rouca do que o normal, resultado da

emoção que sentia. Com os olhos grudados em mim disse cada palavra, e eu entendi tudo. Ele queria

que eu ficasse.

*Não tenho muita certeza de como me sentir sobre isso*

*Algo no seu jeito de se mexer*

*Faz com que eu acredite não ser possível viver sem você*

*Isso me leva do começo ao fim*

*Quero que você fique*

Fechou os olhos como se não aguentasse mais. Eu pude perceber uma lágrima escorrendo dos

seus olhos. Foi a coisa mais linda que já ouvi.

*Oh, o motivo pelo qual aguento firme.*

*Oh, porque preciso fazer este buraco desaparecer.*

*É engraçado, você é quem está em ruínas, mas eu era a única que precisava ser salva.*

*Porque quando você nunca vê as luzes é difícil saber quem de nós está desabando*

Às vezes eu sentia como se as músicas fossem feitas para nós. Como poderia haver algo que se

encaixasse tanto? Me senti em suspenso como se observasse toda a cena de cima. Lucas continuou a

música, e eu não sabia o que fazer ou como agir.

Meu coração e minha alma gritavam para que eu o amasse sem reservas. Mas minha mente

persistia em reviver toda desgraça.

Percebi uma presença atrás de mim, seu cheiro inconfundível invadiu meus sentidos. Alex era

uma pedida fácil. Sexo alucinado sem compromisso, sem ter que abrir meu coração e sem ter que

contar minha maior vergonha. Ele permaneceu atrás de mim, em silêncio.

Lucas terminou a música e me encarou, parecia não se importar com os aplausos que ecoaram

pelo bar. Seus olhos verdes molhados me encararam como se pedisse algo. O que poderia fazer?

Meu Deus, eu iria enlouquecer! Apenas balancei a cabeça em negativa. Mesmo a certa distância

percebi sua decepção. Trancou o maxilar e observou o cara atrás de mim, como se o culpasse.

Mas o culpado de tudo de ruim que aconteceu na minha vida nunca tinha sido apresentado.

Uma mão forte segurou a minha, que estava fechada em punho ao lado do meu

corpo. Desviei o

olhar do palco e observei os olhos chocolates, que estavam atentos e brilhantes.

— Você o ama! Por que fica negando tanto?

Arregalei os olhos, assustada. Será que era tão óbvia assim? Meus sentimentos pelo Lucas eram

tão intensos que pareciam palpáveis para mim, porém não imaginava ser para os outros.

— Não sei do que você está falando, Alex. — Tentei soltar minha mão, mas ele segurou firme.

— Não minta pra mim, gatinha. Sou um cara observador, sei quando uma mulher está a fim de

um cara. E isso que você tem com o “esquentadinho” ali não é apenas físico, a situação é mais séria.

Só não sei o porquê de tanta negação.

— Não quero falar sobre isso. — Desviei o olhar.

Alex era lindo, mas também muito perspicaz. Eu consegui esconder meus sentimentos por tanto

tempo que posso ter-me descuidado. E alguém tão esperto podia ver mais do que eu estava disposta a

mostrar. Não achei mais uma boa ideia me envolver com um cara como ele.

— Ele te enganou, é? Porque se for o caso, estou disposto a te ajudar a dar o troco. — Sua voz

engrossou e olhei para o seu rosto boquiaberta. Alex sorria safado. *Ele realmente estava insinuando*

*o que eu achei que estava?* — Sei que você ficou interessada em mim, Sabrina. Não sou idiota, eu

também te queria. Esses lábios rosados e os olhos azuis me cativaram, adoraria tê-la debaixo de mim

e ver seu rosto corar de tanto esforço que faríamos. E depois eu ia ouvi-la gritar várias vezes

seguidas.

Achei que meu queixo estava no chão.

— É... Eu não sei se é uma boa ideia... — Antes de eu poder dizer qualquer coisa, vi minha

irmã se aproximando de nós. Então, percebi que o Lucas já tinha voltado para a mesa e nos

observava com o rosto contorcido em uma careta de raiva.

Ana balançou a cabeça indicando para que eu voltasse à mesa. Ao chegar ao nosso lado, Alex

se virou e sorriu. Esse cara era terrível, até a mulher mais controlada cairia em seus encantos. E se

alguém me contasse que minha irmã briguenta havia corado com apenas um sorriso, eu negaria e

chamaria a pessoa de louca. Mas eu vi com meus próprios olhos!

— Sá, nós vamos fazer os pedidos. Vamos sentar?

— Claro. Vamos lá.

Adiantei-me à frente, sabia que eles viriam atrás de mim. Layla estava sentada ao lado do irmão

e falava com ele em voz baixa. Lucas tinha os cotovelos apoiados na mesa e com uma mão segurava

um copo de *whisky*, depois sacudiu a cabeça para algo que a irmã disse e levantou os olhos.

A culpa é uma coisa que te corrói por dentro. Eu vi decepção e raiva nos olhos verdes que tanto

amava. Alguma coisa dentro de mim se quebrou naquele momento. Não consegui encará-lo por muito

tempo. Abaixei os olhos e segui adiante me sentando ao lado de Alberto, que estava estranhamente

silencioso. Alex se acomodou ao meu lado e ficou exatamente de frente para o Lucas.

A conversa fluiu, o tempo passou e relaxei um pouco. Layla e Bruno contaram sobre sua lua de

mel e nos divertimos com a loucura que foi quando minha cunhada contou ao marido que estava

grávida. Ela achou que ele iria desmaiar. Segundo meu irmão, ele ficou tão assustado e feliz que não

sabia o que fazer.

Ana, que estava sentada ao lado do Bruno, observava Alberto, mas logo desviava o olhar. Ele,

por sua vez, estava tenso e chateado, percebia pela sua voz ao zombar do Bruno por qualquer coisa,

realmente ele não estava tão relaxado como era normalmente. Alex se entrosou bem com minha

família, exceto com um. Justamente a pessoa que eu evitava olhar a todo custo.

Pelo canto do olho, percebi Heitor se aproximando. O moreno continuava lindo, ele era o meu

ursinho fofo.

— E aí pessoal, precisam de mais alguma coisa? Estrela? — Sorriu para Layla,

que devolveu

com o mesmo entusiasmo.

— Não querido, está tudo bem.

— Ok, então. Alberto não vá sem que possamos combinar sobre a viagem.

— Beleza, antes de ir pra casa vou ao bar para conversarmos. Será que no próximo fim de

semana dá pra você? Eu tenho uns dias de férias para tirar, posso ver se pode ser agora.

— O quê? Viagem? — minha irmã, que estava aparentemente alheia à conversa, se pronunciou.

Heitor olhou para ela e explicou:

— Nós vamos fazer um passeio de moto, preciso espairecer e combinamos de ir juntos.

— O quê? Que merda de ideia idiota é essa agora? — Ana soou um pouco desesperada demais

para o meu gosto. Alberto olhou para ela carrancudo e pude ver o músculo do seu maxilar pulsando.

— E o que você tem a ver com isso, Ana Luiza? — seu tom de voz estava grosseiro e ele

praticamente cuspiu seu nome.

— Eu... Er... Nada...

Arregalei os olhos, Ana estava gaguejando e balbuciando. Puta merda, era o dia de ver coisas

inéditas!

— Bom, porque você deixou de ter alguma coisa a ver comigo há muito tempo.

— Alberto se

levantou quase me derrubando no caminho, logo Alex se afastou e me puxou para que ele passasse

furioso.

Alberto foi em direção ao bar deixando um clima tenso na mesa. Minha irmã engoliu em seco e

começou a mexer no porta-guardanapos de cabeça baixa. Tentamos desanuviar o clima, mas a noite já

tinha virado de pernas pro ar.

Alex se aproximou do meu ouvido e perguntou se eu queria ir embora. Devia ter sentido o clima

tenso e pensou em ser gentil, mas eu ainda queria ficar. Já ia responder quando ouvi um grunhido do

outro lado da mesa. Levantei os olhos e Lucas nos observava, furioso.

— Por que você não se manca, cara? Aqui não é seu lugar! — Lucas nunca havia sido tão

grosseiro na vida. Nem mesmo com as descerebradas que ele andava.

— Não seja ridículo, Lucas. Sabrina me convidou. E acho que eu me dei bem com todo mundo.

Alex levantou o queixo em sinal de desafio. Não via algo bom vindo daquilo tudo.

— Acho que já deu de você por aqui — Lucas disse entre dentes.

— Eu já acho que não. Por que você não se conforma? Eu fui convidado e não vou sair até que

Sabrina diga.

Alex estava quase debruçando sobre a mesa e atacando Lucas, eu comecei a me desesperar com

tudo que acontecia.

— Conformar com o quê? Ela é minha!

— Então, por que ela está ao meu lado e não ao seu?

Todos da mesa observavam a troca de insultos entre os dois, parecia uma partida de pingue-

pongue. Lucas respirava pesadamente e tinha a cara fechada com os olhos semicerrados.

Ele desviou o olhar do Alex e me observou. Percebi que teria que fazer uma escolha.

Sabia que esse dia chegaria, mas não imaginava que teria que ser com toda a nossa família e

alguns curiosos próximos nos olhando.

Lucas se levantou, ficou de pé ao lado da mesa e me estendeu a mão direita.

— Você vem, Sabrina?

## CAPÍTULO 14

*Lucas*

Se há uma coisa que aprendi em minha vida, depois de tanto passar necessidades e sofrer por

algo que não tinha, era que o tempo passa muito rápido, e perder chances significava um grande

buraco em meu peito. Onde quer que eu esteja, Sabrina estaria sempre comigo.

A música que cantei mexeu tanto com ela quanto comigo. Sabrina soluçava copiosamente no

meio do bar. Segurei-me ao máximo para terminar aquela linda canção. Eu comecei a tocar piano

para tentar algo que animasse minha mãe, porque ela sempre pareceu orgulhosa da Layla, então me

apaixonei pelo instrumento. Em meus dedos dançavam sentimentos. E queria demonstrá-los a Sabrina

de uma maneira que não tivesse como fugir.

Até que o lobo apareceu e estragou tudo. Minha irmã tentou me acalmar, dizendo para que eu

respeitasse a escolha da Sabrina e não fizesse besteira. Por respeito à ela e todos à mesa respirei

fundo e relaxei um pouco. Mas, cara, eu nunca fiquei com tanta raiva de uma pessoa. Ele estava se

infiltrando sorrateiramente à espreita para qualquer fraqueza da minha linda. Ele sabia que a Sabrina

estava frágil e se aproveitava. Quando ele se inclinou e sussurrou no seu ouvido, eu não aguentei.

Minhas implicâncias podiam ser infantis, assim como o jeito que eu me impunha frente ao meu

rival. Mas não conseguia me segurar, porque Sabrina me transformava em um cara sem sentido. Há

quatro anos Bruno disse que eu tinha que dar uma decisão nela, eu fiz e deu no que deu. Desde então

fiquei cauteloso, media sempre as palavras e evitava me aproximar demais, pois não queria perder

sua amizade também.

Contudo, eu estava no meu limite.

Sabrina teria que escolher e o momento havia chegado, se ela me negasse seria o fim. Eu a

deixaria com sua vida vazia e tentaria seguir a minha. Sabia que não por inteiro, mas, às vezes, é

necessário ir em frente mesmo faltando o órgão mais importante do seu corpo. Meu coração seria

para sempre dela!

Aguardei ansioso de pé ao lado da mesa com a mão estendida. Sabrina me olhava fixamente,

podia ver em seus olhos azuis a batalha que travava dentro de si. Meu peito se apertou, pois não

gostava de vê-la sofrer. Depois Alex virou o rosto pra ela, e percebi que o cara estava tenso e rígido.

— Você vai, Sabrina? — Sua voz sempre firme vacilou um tom. Com certeza, ele notou o quanto

ela estava em dúvida e estava receoso quanto à sua resposta, pois isso daria a ele a certeza de quem

ela queria.

O pessoal na mesa aguardava em silêncio, e minha irmã tinha lágrimas nos olhos. Sei que ela

sofria com tudo isso, pois não gostava de me ver alterado. Porém, não havia nada que poderia fazer

para acalmar seus ânimos, apenas uma pessoa era capaz de mudar o rumo da minha vida.

Ana se aproximou da irmã caçula e cochichou em seu ouvido, séria. Parecendo

despertar de um

transe, Sabrina piscou e abaixou a cabeça. Meu coração acelerou, era agora.

— Sinto muito, Alex!

Ela pôs-se de pé e o lobo se afastou, lhe dando passagem. Alex encarou-me por alguns segundos

e sorriu de lado.

— Cuida dela, cara. — Assenti e ele se afastou saindo pela porta do bar.

De pé ao lado da mesa, ainda cabisbaixa, Sabrina tinha o corpo rígido. Entendendo essa atitude

como afirmativa, ganhei confiança de onde poderia pisar. Aproximei-me e levantei seu queixo. Ela

tinha lágrimas escorrendo por seu rosto, mas seus olhos brilhavam um pouco aliviados. Acariciei sua

bochecha com o polegar e aproximei minha boca dos seus lábios carnudos.

— Não chore mais, meu amor. Nós vamos ficar bem. Vamos sair daqui?

Ela assentiu e se virou para pegar sua bolsa no banco. Ana, dona Marisa, Bruno, Layla, Larissa

e Maurício tinham um sorriso em seus rostos. Estavam satisfeitos com o desenrolar de tudo. Peguei a

mão da minha garota e a puxei para o lado de fora sem olhar pra trás.

Percebi que ela havia vindo de carro, eu não iria me afastar logo agora que a consegui. Peguei

meu celular no bolso da calça jeans e mandei uma mensagem para que Bruno cuidasse de tudo. Como

ele tinha uma chave extra do carro, pois Sabrina sempre as perdia, seria uma

mão na roda.

Apesar de o meu coração estar cheio de felicidade, o ciúme ainda se infiltrava em minhas veias,

pois não me conformava de Sabrina levar aquele Wolf para a nossa reunião familiar. Estava me

esforçando para não falar nada, não queria estragar aquele momento.

Ela permanecia em silêncio, mas segurava minha mão com força como se fosse aquilo que a

mantinha em pé. Ao lado do meu carro destravei o alarme e abri a porta do passageiro e só assim

olhei em seus olhos. Sabrina me encarava com determinação e medo no olhar.

Devido à minha empolgação esqueci-me de verificar meus sentimentos. Em meu interior estava

sendo travada uma guerra. Fechei os olhos por um segundo tentando me acalmar, seria vergonhoso se

surtasse logo agora. Enquanto isso Sabrina soltou a minha mão e se acomodou no banco do

passageiro.

Porra, mas estava tudo indo muito errado! Não era para estar tão sem ação assim. Respirei

fundo e dei a volta no carro. Entrei e dei partida. O restante do caminho até nossa casa continuou o

mesmo silêncio constrangedor. Eu não sabia o que dizer ou fazer para amenizar a situação. Então,

alguns pensamentos chatos povoaram minha mente.

Será que ela se arrependeu? Será que queria ter ido com o Alex? Meu Deus, se

eu não

perguntasse iria enlouquecer, mas corria o risco de estragar tudo. Será que eu estava disposto a ter

apenas uma parte da Sabrina?

Depois de estacionar o carro em nossa garagem, olhei para o vidro da frente porque não havia

nada a dizer, mas apenas uma coisa me incomodava. Então decidi que se era pra falar merda, que

fosse completa.

— Por que, Sabrina? Qual o motivo desse sofrimento de tantos anos? Por que não se entregou

de uma vez, se o que sentia era o mesmo que eu? Por que me deixou te magoar? Por que arrancou

meu coração quando negou o meu amor?

Não olhei para o lado. O medo tomou conta do meu peito. Mas quando ouvi um soluço sofrido

vindo da minha garota não tive alternativa. Como sempre, ela estaria à frente de tudo.

Sabrina tinha o rosto banhado em lágrimas. Seus olhos azuis estavam vermelhos e meu coração

despedaçou. Perguntei-me quantas vezes isso iria acontecer quando ela estivesse envolvida. Pude

perceber que estava sufocando e querendo falar. Aproximei-me e a abracei como deu. Estávamos

desconfortáveis, porém acabei dando um jeito. Ela encaixou o rosto em meu pescoço e chorou por

um tempo que pareceu uma eternidade.

— Diz pra mim, meu amor? Quero fazer alguma coisa, ilumina meu caminho para que eu possa

te resgatar...

— Agora... não! Eu só quero que você me ame. Depois te conto tudo, eu prometo.

Em meio a soluços, minha amada fez esta promessa. Eu a faria minha, e dessa vez com sua

entrega total. Afastei-me, olhei seu rosto e enxuguei as lágrimas que desciam copiosamente. Com os

olhos baixos, ela segurou as minhas mãos que estavam em suas bochechas.

— Eu só tenho um pedido, Lucas.

— Qualquer coisa... — Eu faria tudo para tirar aquela tristeza do seu olhar.

— Siga seus instintos, me tome do jeito que quiser. Não precisa ser gentil. Eu preciso de você

por inteiro.

Porra! Não sabia bem o que ela estava me pedindo, porém meus instintos pediam que eu a

marcasse, que a dominasse, a fizesse entender de uma vez por todas que era minha! E não tinha nada

de gentil nisso tudo.

— Sá, eu quero te amar. Não me peça isso.

Ela se afastou das minhas mãos e me olhou nos olhos. O que tinha ali me fez recuar, uma mágoa

profunda. Minha garota estava despedaçada e eu não percebi.

— Eu preciso. Quero você desse jeito, tenho que trocar lembranças. Por favor, não me negue.

Preciso ser inteira de novo.

Havia sinceridade demais em suas palavras. Se fosse assim que ela me queria, assim me teria.

Assenti e Sabrina respirou fundo, aliviada. Abriu a porta e saiu do carro, afastando-se de mim e, em

seguida, entrou na casa. Preparei-me psicologicamente para o que viria e o que eu faria.

Saí e me dirigi à porta da cozinha. Entrei e estaquei. Sabrina estava no meio da sala, nua e

linda, de frente pra mim. Já havia parado de chorar e levantou o rosto olhando em meus olhos.

Estendeu as mãos com as palmas para cima.

— Vem, Lucas. Eu me rendo!

Eu estava como um idiota parado. Nós tínhamos transado apenas no dia anterior, porém naquela

luz e tão entregue, Sabrina era a coisa mais linda que eu poderia ter visto. Saindo do choque do que

tudo isso significava, eu estendi a mão na barra da minha camisa e puxei tirando-a pela cabeça, e

joguei em qualquer lugar. Desabotoei a calça e a deixei esparramada no chão, junto com o tênis e as

meias. Permaneci apenas com a *boxer* cinza. Não pretendia que tudo fosse rápido demais.

Contudo, senti um desespero repentino. Meu corpo e minha alma pediam para

que eu a tomasse.

E assim eu faria. Andei em sua direção e parei diante do amor da minha vida, mas também a mulher

que me fez sofrer. Tudo bem que ela sofreu junto, mas tudo começou com uma negativa que nos

matou.

— Depois dessa noite, não tem escapatória. Você vai ser minha, e se fugir eu vou até o inferno e

te trago de volta. Entendeu? Não há outra maneira.

Sabrina assentiu olhando dentro de mim. Um sentimento subiu em meu peito e tinha vontade de

gritar aos sete cantos do mundo que ela me pertencia.

Subitamente, a peguei pela cintura assustando-a um pouco. Eu não pensava mais, apenas segui o

instinto que me ordenava que a possuísse. Encostei Sabrina na parede e automaticamente ela enlaçou

minha cintura com as pernas grossas. Nossos corpos queimavam, pareciam brasas. Olhei em seus

olhos e aproximei minha boca da sua.

Eu não a beijei, simplesmente devorei seus lábios. Estava faminto por aquela mulher. Alguma

coisa tomou conta de mim quando ela se rendeu, então eu também estava rendido. Entregue à

necessidade mais básica: possuir!

Nossas línguas duelavam e Sabrina soltava gemidos e murmúrios. Aquilo só atiçava mais minha

vontade louca. Mordisquei seu lábio inferior e apertei sua cintura, Sabrina fincou as unhas em minhas

costas e só alimentou a luxúria que corria por minhas veias. Seus seios desnudos se esfregavam por

meu peito. Movíamo-nos em sintonia, estávamos famintos um pelo outro.

Alguma coisa me dizia que essa experiência não seria nada parecida com a que tivemos. Nunca

senti uma necessidade tão grande de estar com alguém. Afastei minha boca da sua e olhei em seus

olhos.

— Eu quero você agora. Tira minha cueca. — Não queria me afastar do seu corpo, portanto não

a soltaria.

Ela deslizou a mão por minha cintura arranhando minha pele e deslizou minha *boxer*, apertando

minha bunda. Meu corpo se arrepiou e meu pau ereto latejou de dor, por isso desvencilhei as pernas

do tecido. Desci minha boca em um seio farto e chupei com vontade, mordi o mamilo intumescido e

Sabrina gritou. Não estava sendo gentil. Queria estar dentro dela, estávamos encostados na parede da

sala, nus e loucos de tesão.

Desgrudei nossas bocas e a senti formigar, na noite anterior a necessidade foi tanta que não tive

tempo de apreciá-la como devido. Na verdade, acredito que nunca teria tempo suficiente.

Mas ficar sem venerar aqueles seios de pele macia e branquinha era um pecado sem igual. Não

estava aguentando mais. Enquanto eu a sugava, ela se esfregava em minha ereção e eu estava quase

gozando. Então dei um impulso e entrei em Sabrina de uma vez. Levei uma mão ao seio que não tinha

recebido carinho e apertei seu bico. Porra, eu estava alucinando!

Sabrina mordeu meu ombro e prendeu as pernas mais fortes, se movimentando e acabando com

qualquer resquício de sanidade em mim. A prendi na parede com as mãos para que parasse de se

mover. Ela largou meu ombro e levantou a cabeça.

— Me fode gostoso, Lucas. Faz-me sua completamente. Ame-me! Faz-me esquecer. Eu preciso

de você! — Sabrina gritou e jogou a cabeça para trás, era uma linda visão. Minha mulher estava no

auge do prazer. E perdi a cabeça. Capturei sua boca e estoquei em seu corpo com força. Eu estava

tomando o que era meu e foi negado. A possuía completamente como pediu. Só que não era só corpo,

podia jurar que senti minha alma se fundindo a ela.

Se antes Sabrina tinha meu coração, agora ela podia me quebrar em pedacinhos. E nós não

éramos silenciosos, pois gritávamos como loucos. Podia ouvir meus grunhidos e rosnados misturados

aos sons *sexies* que ela fazia.

Meu pau latejava querendo libertação, mas me impedi de ir antes dela. Mordi sua boca e ela

gritou mais.

— Lucas, eu vou gozar. Preciso. Vem comigo.

— Goza, meu amor. Eu vou com você. Te sigo onde for, Sabrina.

Senti sua boceta apertada latejar e Sabrina gritou alto o meu nome. Meu peito se inflou de algum

orgulho primitivo, eu não queria que acabasse ainda. Enlacei sua cintura a levando até o tapete.

Deitei-a levemente e nos encaixei de novo. Desci meu peso nela e apoiei os cotovelos ao lado da sua

cabeça. Acariciei seus cabelos negros e sorri. Não estava mais como um louco.

— Você não veio. — Mesmo ofegante, ela questionou o motivo de eu ter me segurado.

Sorri e beijei sua testa, continuava duro e dolorido, mas ainda queria amá-la como realmente

merecia.

— Temos tempo, agora eu quero te amar. Deixa?

Sabrina balançou a cabeça, concordando. E eu a beijei, não devorei seus lábios como antes.

Mas demonstrei todo o meu amor. Explorei cada canto da sua boca sentindo seu gosto e aspirando

seu perfume. Movimentei o quadril lentamente, seu calor me envolvia e alucinava. Eu tinha uma

música na cabeça e o seu ritmo suave e a letra era tão certa para o nosso encontro, que me deixei

levar: *The Scientist*, do Coldplay entoava e somente eu ouvia.

Eu manipulei seu corpo exatamente como um teclado de piano. Com os dedos tateei sua pele.

Separei nossas bocas e cantarolei em seu ouvido. Sabrina chorava e eu também. Tanta emoção veio

de uma vez que temi não me segurar: alegria, amor, exaustação por tudo que passamos, tristeza pelo

tempo perdido, êxtase por estar com a mulher que amo. Deus, eu a tinha!

Em um trecho perfeito da música, me aproximei do seu ouvido e cantei:

*“Tenho que lhe achar, dizer que preciso de você*

*E te dizer que eu escolhi você*

*Conte-me seus segredos, faça-me suas perguntas*

*Oh, vamos voltar pro começo”*

Em todo momento podia sentir a umidade de suas lágrimas. Distribuí beijos por seu pescoço e

rosto. Lambi a água salgada em sua bochecha. Beijei seus lábios com amor e devoção.

Meu coração estava repleto. Minha alma cantava e dançava. Olhei em seus olhos e sorri.

— Amo você, Sabrina.

Ela levantou a mão e deslizou por meu rosto, fechei os olhos e apenas senti seu toque.

— Também te amo, meu amor.

E aquilo foi suficiente para eu entrar no meu próprio nirvana. Joguei a cabeça para trás e me

entreguei ao sentimento mais intenso que alguém poderia sentir. Tive o orgasmo mais forte e ardente

da minha vida. Estava onde devia.

Eu a tinha. De corpo, alma e coração.

## CAPÍTULO 15

*Sabrina*

Eu me perguntei por quatro anos se algum dia poderia ser colada de volta depois de ser

quebrada em mil pedacinhos. Será que algum dia poderia ser inteira? Render-me? O amor é capaz de

curar uma ferida que sangrava o tempo todo?

Confesso que estava em dúvida. Ainda tinha medo do que poderia acontecer, mas minha irmã

sussurrou no meu ouvido: “Não perca essa chance, Sabrina. Não vire uma pessoa amarga. Vai!”.

Então, tomei a decisão de me abrir. Contar tudo. Mas ainda queria viver nosso amor completo

sem fantasmas à espreita. E eu me entreguei, estava rendida.

Lucas cantou e me amou com tanta intensidade que não pude segurar a emoção travada em meu

peito. Deixei tudo fluir, meu amor por ele não tinha fronteiras. Senti minha alma fundindo ao seu

corpo. Não seria mais inteira sem a sua presença. Então, percebi que poderia ter me curado há muito

tempo se tivesse me entregado. Quando deixei sair o que sentia, observei o meu homem em

felicidade plena. Com a cabeça jogada para trás e um sorriso nos lábios, Lucas chegou ao clímax. E

em meio à lágrimas de emoção me juntei a ele.

Uma gargalhada explodiu do seu peito, e a alegria era tão grande que me contagiou. Estávamos

deitados no tapete da sala, encaixados, saciados e apaixonados. Lucas baixou a cabeça e seus olhos

verdes brilhantes e lacrimosos estavam felizes. Estendi a mão e acariciei o seu rosto. Ele se inclinou

para o meu toque. Puxei seu pescoço e beijei sua boca com vontade. Senti uma aflição no peito, um

desespero. Parecia que o perderia a qualquer minuto.

Meu medo não era infundado, o que eu tinha que lhe dizer poderia acabar com tudo. Não sabia

se teria forças para aguentar uma rejeição, mas eu prometi e iria cumprir. Terminei nosso beijo, seu

corpo forte e suado estava encostado em mim. Lucas levou a mão aos meus cabelos e acariciou.

Abaixou a cabeça e sussurrou:

— Você me levou às nuvens quando confessou seu amor. Nunca fui tão feliz na minha vida.

Obrigado por me deixar te amar. Prometo nunca mais te magoar.

Meu coração despedaçou, apesar de estar feliz com sua declaração não queria que acabasse.

Desviei o olhar, pois não aguentava ver tanta felicidade ser extinta dos seus olhos. Lucas estava

apoiado nos cotovelos, portanto com as mãos livres. Então, puxou meu queixo e franziu a testa.

— Que foi? Disse algo errado? Vai me dizer que se arrependeu? Porque se for isso, eu não

aceito mais suas negativas.

Neguei com a cabeça.

— Me arrependi sim, por ter esperado tanto tempo.

— E por que fez então?

— Bom, se você quer mesmo saber temos que nos vestir. Não quero te contar desse jeito. —

Olhei para nossos corpos ainda colados.

Seria uma pena sair do seu abraço, mas para reviver aquele inferno eu teria que ter um mínimo

de conforto.

— Ok.

Levantou-se e estendeu a mão pra mim. Mais uma vez, eu aceitei. Ficamos frente a frente.

— Não importa o passado, Sá. Eu sempre te amei e vai ser assim até o fim. Ok?

Assenti, porque não podia falar nada. Minha garganta estava fechada de emoção. Só esperava

que depois de tudo, ele cumprisse essa promessa.

Lucas vestiu a *boxer* descartada perto da parede e eu fui para o quarto porque queria algo

confortável. Peguei um camisão velho e decidi tomar um banho para relaxar. Meu corpo estava tenso

demais. Não quis demorar, prendi os cabelos em um coque para não molhá-los. Abri o registro e

entrei, me lavei rapidamente de olhos fechados preparando o meu espírito para toda a carga iminente.

Quando os abri de novo, vi que Lucas estava parado na porta com os braços cruzados, e me distraí

um pouco observando seu peito musculoso e seus braços fortes. Ele sorriu amplamente.

— Quer companhia?

— Hoje, não. Precisamos conversar antes que eu perca a coragem.

Ele balançou a cabeça, concordando.

— Ok, então eu vou tomar um banho. Espere-me na sala. — Entrou no boxe, roçou o peito em

mim e abriu o registro.

Saí do chuveiro e peguei a toalha. Seus olhos verdes não desgrudavam dos meus. E eu não

conseguia me desvencilhar do seu magnetismo. Enxuguei-me e vesti o camisão.

Fui para o corredor e podia sentir seu olhar sobre mim. Soltei os cabelos e olhei sobre o ombro.

Ele estava estático no mesmo lugar, me observando. Sorri de lado e continuei meu caminho.

Era bom me sentir desejada, ainda mais antes do desastre que viria a seguir. Sentei-me no sofá e

encostei a cabeça, fechei os olhos tentando organizar o pensamento para tudo que diria. Não era

fácil, apesar de ter acontecido há muito tempo, mas todo aquele sofrimento ainda

estava gravado em

mim.

Senti uma mão quente em meu rosto e me assustei. Por um minuto minha respiração acelerou e

meu coração parou. Então, minha visão desembaçou e vi Lucas ajoelhado na minha frente com uma

expressão preocupada no rosto.

— Conta pra mim o que te assusta tanto. Eu quero te ajudar.

Assenti e me endireitei.

— Senta aqui. — Bati com a mão no lugar vago ao meu lado.

Lucas se levantou e notei que estava com outra cueca, agora vestia uma *boxer* azul-marinho.

Acho que nunca me acostumaria com o quanto ele era lindo e doce, algo que pra mim foi uma

surpresa desde o início.

— Eu vou te contar tudo, peço para que não me interrompa. Ou, então, não vou conseguir

continuar. Não vai ser fácil pra mim porque vou reviver tudo de novo. E quero que você mantenha

distância. Não me toque. É o único jeito. Ok?

Ele assentiu e eu engoli em seco. Fechei os olhos e comecei a contar ao amor da minha vida o

dia que entrei em um inferno. Sem que pudesse controlar as imagens, os sons, os cheiros e os toques

que não gostaria de recordar invadiram minha mente e voltei àquele dia,

revivendo tudo outra vez.

*Eu estava com Rick há três meses, nos conhecemos numa balada. Fomos apresentados por um*

*amigo em comum. Ele era lindo e sedutor. Com cabelos loiros bagunçados, olhos cor de mel e um*

*sorriso de matar, ele possuía duas covinhas que emolduravam seu rosto quase angelical. Tive a*

*impressão de que havia conhecido o cara certo. E depois de uns amassos no banheiro do clube, ele*

*pediu meu telefone.*

*Começamos um namoro calmo sem muitos problemas. Ele não era possessivo ou ciumento,*

*nada que indicasse perigo. Todos da minha família aprovaram minha escolha, porque foi meu*

*primeiro namorado sério. Na verdade, a única que duvidava do seu caráter era minha irmã*

*Larissa. Ela dizia que os quietinhos eram os piores. Bom, eu não dei ideia. Adolescente só quer*

*fazer o contrário do que te aconselham, parecia até pirraça, pois eu não sentia nada mais que*

*atração por ele.*

*Seguimos nosso relacionamento sem percalços. Eu era virgem e não tinha a intenção de*

*transar tão cedo, mas ele começou a pressionar. Com dois meses de namoro, ele disse que já*

*estava na hora e me amava. Eu fiquei tão encantada que acreditei e acabei me*

*convencendo de*

*que o amava de volta. Mas, ainda assim, persisti na decisão que devíamos esperar, e a contragosto*

*ele aceitou.*

*Com exatamente três meses, ele me deu um ultimato. Disse que estava em abstinência sexual*

*e se não déssemos esse passo ele iria procurar outra. Senti um frio na barriga com a perspectiva*

*de ser traída, podia não gostar dele tanto assim, mas aquilo não foi confortável. Então concordei,*

*procurei saber o dia que minha casa estaria vazia e o convidei. Já que seria minha primeira vez*

*queria que fosse em um lugar que me sentisse segura. Não podia estar mais errada quanto a isso.*

*Foi em um final de semana, que era feriado. Os vizinhos estavam quietos dentro de casa, pois*

*estava chovendo. Arrumei meu quarto e esperei Rick chegar. Ele nunca havia sido tão pontual. Às*

*20h, ele tocou a campainha e desci as escadas correndo, pois estava nervosa e quase perdendo a*

*coragem. Abri a porta e notei que veio no carro do pai. Um 4x4 com vidros escuros.*

*— E aí, gata? Tá linda, hein! — Olhou em volta e sorriu. — Estamos sozinhos?*

*— Sim, minha mãe saiu. Só volta amanhã.*

*Observei seu semblante, ele estava eufórico e bonito como sempre. Vestia uma calça jeans*

*desbotada e uma camisa preta.*

*— Ótimo! Vamos subir?*

*Assenti e andei na frente. Notei que ele estava muito quieto e olhei pra trás. Rick estava*

*digitando no celular. Achei estranho, mas não me intrometi. Talvez fosse algo importante.*

*O frio na barriga não diminuiu. Estava com o coração acelerado, não de um modo bom. Mas*

*ainda bem que chegamos ao meu quarto logo. Rick entrou e encostou a porta.*

*— Vem cá.*

*Engoli em seco e dei um passo à frente. Ele colocou as mãos frias em meu rosto e esfregou a*

*bochecha em meu pescoço.*

*— Vai ser legal, não precisa ter medo. Sou eu, ok?*

*Assenti e ele foi tirando minha blusa. Corei envergonhada, já que nunca tinha me despido*

*para ninguém. Fiquei apenas de sutiã e a saia de viscose. Rick sorriu e passou as mãos pelos meus*

*seios. Fechei os olhos, não estava confortável. Alguma coisa me dizia que não seria tudo aquilo*

*que as meninas falavam na escola. Talvez fosse o meu parceiro. Não consegui responder na hora,*

*pois estava nervosa demais.*

*Ele tirou meu sutiã e deixou-me nua da cintura pra cima.*

*— Senta ali. — Apontou para a cama. Não sabia que o cara seria tão frio assim.*

*Talvez eu*

*tivesse problemas e não sabia, porque não estava nem um pouco excitada.*

*Virei-me e caminhei ao lado da minha cama. Sentei-me e aguardei. Ele retirou a camisa e*

*desabotoou a calça, mas não veio pra mim, abriu a porta e saiu no corredor. Franzi a testa. O que*

*ele ia fazer?*

*Estava incomodada com tudo aquilo. Tapei meus seios com as mãos até ele voltar. Escutei um*

*barulho na porta e ele apareceu nu com a roupa na mão. Seu pênis já estava ereto e com*

*preservativo. Só que logo atrás tinha um cara, que nunca tinha visto na vida, com uma câmera na*

*mão.*

*Arregalei os olhos e me desesperei.*

*— O que é isso, Rick? O que ele está fazendo aqui?*

*O cara sorriu e se encostou à porta. Olhou-me de cima a baixo. Fiquei com nojo dele, minha*

*mente voou para o que o idiota do Rick iria fazer.*

*— Calma gata, ele só veio filmar nossa primeira vez. Quero guardar de recordação. —*

*Depois se aproximou, acariciando o próprio membro.*

*— Quê?! Não, você enlouqueceu? Vá embora, eu não quero mais. Leva seu amigo e procura*

*outra que aceite esse tipo de coisa.*

*Rick fechou a cara e se aproximou com o dedo em riste.*

*— Você acha que vai dar o fora agora? — Olhou pra trás. — Liga essa porra, cara!*

*Ele pegou em meus ombros e me jogou na cama, subiu em mim afastando minhas pernas. Eu*

*lutei e tentei me desvencilhar, mas ele era mais forte. E com a facilidade da saia, não adiantou*

*espernear.*

*Eu perdi minha virgindade de uma maneira horrível e dolorosa. Ele me machucou e eu*

*sangrei muito, mas o que mais lamentei foi minha inércia no ato. Achei que devia ter resistido*

*mais, gritado. Rick ria da minha cara e seu amigo filmava todo o ato. Ainda tentei me soltar, mas*

*ele imobilizou minhas mãos e terminou sua crueldade.*

*Quando acabou, se aproximou do meu rosto e falou:*

*— Se você contar para alguém, eu vou espalhar esse vídeo pela internet. Todo mundo vai ver*

*sua boceta sendo fodida por mim. Entendeu, Sabrina? Eu vou embora e você vai ficar quietinha.*

*Tchau, delícia.*

*Minha cabeça entrou em parafuso. Fiquei em choque. Estava machucada e dilacerada.*

*Estilhacei-me ali e tive a certeza que nunca mais teria todos os meus pedaços de volta.*

*Rick juntou suas roupas e saiu do quarto. Observei-o se afastando com o amigo*

*a tiracolo, só*

*quando ouvi o carro dando partida me permiti agir. Gritei como uma louca e lamentei tudo que*

*aconteceu. Sabia que aquilo estaria guardado na minha memória para sempre. De alguma*

*maneira permiti-me extravasar toda a dor em meu peito.*

*Os vizinhos ouviram toda a confusão que fiz e foram me procurar, bateram na porta e*

*perguntaram se tinha algum problema. Resolvi encontrar uma desculpa e logo os despachei.*

*Passei a noite debaixo do chuveiro tentando tirar toda a nojeira dele do meu corpo. Chorei*

*muito e minha alma sangrava. Pedi a Deus que tirasse toda aquela dor. Só que ela não passou.*

*Quando minha mãe chegou no outro dia, os vizinhos contaram tudo e ela veio me questionar.*

*Estava preocupada, mas eu disse a ela a mesma mentira, inventei desculpas e ela acreditou.*

*Contei que me arrependi de ter transado com ele, que fiz algo impulsivo e que Rick havia feito*

*uma aposta entre os amigos. Na verdade, não era uma mentira total. Ele realmente fez uma aposta*

*e a filmagem era pra comprovar. Ele apenas adicionou o estupro como bônus.*

— Então, Lucas. Esse foi o motivo de ter te rejeitado, não conseguia tirar tudo aquilo da cabeça,

eu estava machucada, ainda estou. Quando te conheci tinha se passado uma

semana, e não havia como

me entregar para alguém. — Suspirei, contar tudo me esgotou profundamente. — Fui idiota? Sim,

você não é como ele. Mas qualquer movimento brusco me assustava. Não podia dizer nada a

ninguém, não queria arriscar ter meu vídeo espalhado e fora que morri de medo de você sentir nojo

de mim. Ainda estou. Fiquei por um ano inteiro sem ninguém, você foi o mais perto de um

relacionamento físico que tive naquela noite no parque. E depois eu estava no controle de tudo. Os

homens que me envolvi eram todos submissos e você tem força só no olhar.

Eu estava com o rosto banhado em lágrimas, meu peito doía. Tinha um nó na garganta que não

descia. Minha camisa estava molhada e toda torcida pelas minhas mãos.

— Acho que sou culpada por tudo. Como fui confiar? Por que escondi? Eu mereço todo o

sofrimento desses anos...

Fui arrebatada do sofá. Lucas me levantou de um impulso só e me encaixou em seu quadril. Eu

estava sentada em seu colo com uma perna de cada lado. Olhei em seus olhos e ele chorava como

uma criança. Fiquei com medo de ver repulsa, mas só tinha sofrimento.

— Você guardou isso todo esse tempo? — Sua voz estava rouca de tanto chorar.

— Sim, não contei primeiro por medo de ele cumprir a ameaça, depois por vergonha. —

Abaixei a cabeça, não conseguia encará-lo por muito tempo.

— E onde está esse filho da puta? Onde ele mora?

Arregalei os olhos, alarmada.

— Por quê? O que você vai fazer? — minha voz vacilou, estava a ponto de quebrar em soluços.

— Sabrina, entenda uma coisa. Você é minha e eu vou te proteger! Vou acabar com a raça desse

cara, que nunca mais ele vai se encostar em ninguém.

— Lucas, não. Eu imploro.

— Você nem precisa saber o que vai acontecer, mas não tente me impedir. Eu vou pegar esse

vídeo de volta, ele não vai ficar com essa imagem sua. Se eu soubesse disso antes, teria tido fim há

muito tempo. Você se manteve sozinha se envenenando. E sua família sabe? Bruno?

Neguei com a cabeça.

— Não Lucas, eu não contei a ninguém.

— Sabrina, eu vou falar com o Bruno.

Tentei sair do seu colo, o desespero me consumia. Meu irmão saberia da maior vergonha da

minha vida.

— Você não pode fazer isso, por favor.

Lucas segurou meu rosto entre suas mãos quentes e acariciou minha bochecha com os polegares.

— Sabrina, quando aconteceu aquilo tudo com a Layla, eles me deixaram de fora. Eu quase

enlouqueci, não vou fazer o mesmo com seu irmão. Mas fica tranquila. Vai dar tudo certo. —

Suspirou. — Agora, deixa eu te abraçar, meu coração está despedaçado.

Deitei a cabeça em seu peito nu e deixei minhas emoções lavarem a minha alma. Lucas me

abraçou tão carinhosamente que me senti uma criança. Chorei pelo que pareceram horas. E ele só

sabia me acariciar e cantar baixinho. Adormeci com sua voz sussurrando em meu ouvido:

— Eu te amo, minha princesa. Vou cuidar de você.

## CAPÍTULO 16

*Lucas*

Nos amamos a noite toda. Eu a embalei, acariciei seu rosto, deslizei as mãos por seus cabelos.

Aspirei seu perfume, medi cada pedacinho de pele do seu corpo. Amei Sabrina com tudo que tinha.

Coloquei em cada carícia sentimentos profundos, deixei bem claro em cada palavra dita que a amava

e que ela era a mulher mais linda do mundo.

Não toquei naquele assunto em nenhum momento. Apenas apreciei tudo o que vivíamos, porém

não queria dizer que tinha esquecido tudo o que havia me contado. Enquanto ela narrava o que passou

e o que o filho da puta lhe fez, um turbilhão de emoções invadiu meu peito. Eu

tive uma vontade

louca de abraçá-la e chorar até o amanhecer, mas também um impulso raivoso que me instigava a

caçar o cara e acabar com a sua raça.

Contudo resolvi apenas amá-la. Acreditei que era o que Sabrina precisava. Com certeza não era

bom esconder todo aquele sofrimento, sem ter ninguém para contar e desabafar. Não podia conceber

a ideia de alguém que se aproveita da confiança conquistada para aprontar uma dessas com uma

pessoa que diz amar, apenas para se aproveitar e abusar.

O ser amado deve ser valorizado ao máximo, desejado com volúpia e delicadeza. Deve-se

proteger, não magoar. Ouvir, conversar, se deliciar com cada momento e ser fiel aos sentimentos que

lhe é oferecido.

Mas nunca machucar! Um abuso sexual não precisa ser com penetração. Apenas tocar sem

permissão já é uma invasão, que pode trazer traumas irreversíveis.

Observando Sabrina adormecida em meus braços, deixei toda minha angústia sair porque não

permiti extravasar, pois ela precisava de apoio. Porém, não conseguia mais segurar e, imaginar o que

minha amada sofreu, fez com que o nó na minha garganta ficasse quase insuportável. Era difícil

respirar.

As lágrimas quentes molhavam meu rosto e peito, quando percebi já estava soluçando em

silêncio. Senti uma dor insuportável no coração e tive vontade de gritar. Desvencilhei-me do corpo

da Sabrina para não incomodá-la, preocupar meu amor era a última coisa que queria.

Levantei e fui para o banheiro. Abri o chuveiro e entrei debaixo d'água fria e chorei como nunca

havia feito. Já não me aguentava em pé, fui deslizando pelo azulejo e sentei no chão apoiando a

cabeça nos joelhos enquanto a água fria caía em meus ombros. O barulho do chuveiro abafou meus

soluços.

Descarreguei toda minha frustração por não poder ter feito nada e ainda não fazer, mas naquele

momento prometi achar esse cara e fazê-lo pagar. Pouco me importava se foi há quatro anos. Poderia

passar quarenta anos que, quando eu o encontrasse, ele iria pagar por cada minuto de angústia que

Sabrina havia sofrido.

Estava tão entregue ao lamento que não percebi o barulho da porta se abrindo. Só quando ela se

abaixou e me enlaçou em seus braços que me dei conta da altura dos sons que fazia. Aos meus

ouvidos parecia morrer de dor. Amaldiçoei-me por dar mais essa aflição a Sabrina.

— Lucas, não chore. Por favor, não fique assim.

Abracei minha garota forte e sussurrei em seu ouvido:

— Dói demais saber o que você passou, não sei o que fazer para reparar isso. Você precisa de

mim e eu estou arrasado.

— Você já fez demais, meu amor. Consertou grande parte do meu coração machucado.

Balancei a cabeça e tentei me acalmar, não queria que ela tivesse que consolar-me. Mas não me

saía da cabeça que podia fazer algo a mais, só não sabia o quê.

— Me promete que não vai esconder nada de mim? — Me afastei do seu abraço e encarei seu

rosto. Sabrina chorava silenciosamente.

Droga, não devia ter me deixado levar pelas emoções. Ela precisava de carinho e apoio, não ter

que me consolar.

— Prometo.

Assenti e me levantei, puxando-a pelos braços para que ficasse de pé.

— Ok, daqui a pouco vai amanhecer e a primeira coisa que vou fazer é ir à casa do Bruno.

Sabrina arregalou os olhos e respirou pesadamente. Percebi que estava à beira de um ataque de

nervos, a abracei e acariciei seus cabelos, agora molhados, para que se acalmasse.

— Não precisa se assustar, ele não vai fazer nada com você. Eu prometo.

Ninguém mais vai te

machucar, meu amor. Contudo, eu vou atrás daquele cara. E Bruno vai comigo, tenho certeza. Você

não está mais sozinha.

— Mas e se minha família me odiar porque escondi isso tudo? E se me culparem? Se acharem

que eu o acobertei? Eu não sei se aguento uma rejeição.

Afastei-me do seu corpo e olhei em seus olhos azuis. Minha linda estava atordoada, seu rosto

lindo transfigurado, seus olhos estavam esbugalhados e vermelhos, e seus lábios roxos. Droga, a água

estava fria! Peguei seu queixo e levantei, dando um beijo leve em sua boca.

— Escuta uma coisa. Você não foi culpada de nada, e tenho certeza de que a reação da sua

família vai ser bem parecida com a minha. Ninguém vai te rejeitar Sabrina, e, em relação à questão

de “acobertar”, você estava apenas se protegendo. Não fique pensando demais. Vem, deixa te

enxugar e vamos para o quarto, porque eu quero te abraçar.

Deitei minha mulher na cama e fiquei acalentando-a pelo resto da madrugada. Não consegui

dormir. Minha cabeça estava a mil. Assim que o sol entrou pela janela, levantei-me e liguei para o

hospital. Disse para que encontrassem alguém para me substituir, pois não iria trabalhar. Depois falei

com Bruno, avisei que estava indo à sua casa e queria conversar. Ele disse que

me aguardaria.

Assim que me arrumei rapidamente, eu deixei Sabrina dormindo, porém, antes de sair, deixei um

bilhete em seu travesseiro. Tinha apenas uma letra de música que ficou martelando em minha cabeça

o tempo todo, depois que fizemos amor pela última vez. Acho que ela entenderia o que quis dizer.

Saí antes que ela despertasse. Segui o caminho até a casa da minha irmã e vi que Bruno já me

esperava na porta. Pelo jeito devo ter transmitido minha angústia na voz. Meu cunhado me conhecia

bem, sabia quando tinha alguma coisa errada.

Desci do carro e acionei o alarme. Caminhei devagar até a varanda da frente e me preparei para

o que teria que dizer. Mas não deixaria de contar, a família tinha o direito de saber para poder ajudar

Sabrina a superar e se curar.

— O que foi, Lucas? Notei sua voz estranha.

Respirei fundo e olhei nos olhos do meu cunhado.

— Layla está em casa, né? Tá dormindo?

— Sim, chegamos tarde do bar ontem. O que foi? Você e Sabrina não se acertaram? Achei que

estava tudo bem.

— Estamos bem, mas é outra coisa. Podemos nos sentar? Não quero te contar em pé.

— Claro, vamos entrar.

Bruno se virou e abriu a porta da sala. Entrou e sentou na poltrona de frente para o sofá grande.

Acomodei-me e olhei pra ele.

— O que eu tenho pra te contar não é legal, cara. Mas você tem o direito de saber.

Ele franziu a testa, confuso.

— Fala logo. Tá me assustando.

Assenti e comecei a relatar o que aconteceu a Sabrina, omitindo certos detalhes que ele não

precisava saber pra não sofrer como eu. Apenas quando terminei, tive coragem de olhar pra cima.

Bruno tinha os olhos arregalados e respirava fortemente. Havia raiva e tristeza estampadas em

seu rosto. Não sabia que reação ele teria, vindo de um irmão qualquer uma seria esperado.

Só não estava preparado para o seu grito de dor.

O sofrimento do cara era evidente na tensão do seu corpo. Ele se levantou e começou a chutar e

socar a poltrona que estava sentado. Nem me movi, pois faria o mesmo se soubesse da Layla. Tanto

que o fiz longe deles quando descobri o que aconteceu à minha irmã. Ele xingava e gritava como um

louco.

Assustada, Layla saiu do quarto de pijama e já ia se aproximar do marido, quando me levantei e

fui ao seu encontro.

— Deixa o Bruno, Lala. Depois que passar, você vai até ele.

Layla virou os olhos esbugalhados pro meu lado. Acho que não tinha percebido minha presença

até aquele momento.

— O que aconteceu? Por que ele está desse jeito?

— Depois você vai ficar sabendo. Basta dar o apoio que ele vai precisar.

Ela assentiu e aguardou pacientemente enquanto Bruno descontava toda sua raiva e frustração,

que eu sabia que estava sentindo, na poltrona. Tão subitamente quanto começou, parou. Ele caiu de

joelhos no chão e apoiou os braços no tapete. Chorou como uma criança, podia ouvir seus soluços do

outro lado da sala.

— Vai, Lala. — Minha irmã prontamente atendeu, ela estava confusa e assustada. Porém, não

questionou ou pestanejou, abraçou o marido e sussurrou em seu ouvido, tentando confortá-lo.

Bruno não se moveu, apenas passou o braço em volta da Layla. Podia ver suas costas se

movendo com seu pranto. Ela acariciava seus cabelos, se sentou e puxou o marido para o seu colo.

Nunca tinha visto o meu cunhado tão desesperado.

Claro que eu não fui diferente, apenas não pude extravasar na hora. Precisava dar apoio a

Sabrina e mostrar que eu a queria com a mesma intensidade de antes. Meu peito se comprimiu com

aquela cena. Graças a Deus, eu tinha vindo sozinho.

Depois que pareceram horas, ele se acalmou e sentou, ainda de cabeça baixa. Ele acariciou o

rosto da esposa e enxugou as lágrimas. Olhou pra mim e vi muita tristeza em seu olhar.

— Como ela tá? — sua voz estava baixa e rouca.

— Deixei-a dormindo, não queria incomodá-la. E queria te contar sem ela estar aqui, não sabia

sua reação. E realmente foi melhor assim.

Ele assentiu e Layla olhava entre nós, ainda mais confusa.

— Dá pra vocês me contarem agora?

— Lala, depois eu te conto. Agora não vai ser legal. — Não queria que Bruno sofresse mais.

— Não Lucas, tudo bem. Sei que pra você também está sendo difícil, mas eu estou bem agora.

Layla tem o direito de saber, eu me descontrolei. — Desviou o olhar para a esposa. — Anjo, seu

irmão veio me contar que quando Sabrina teve aquele rolo todo com o ex, não foi só aquilo que

imaginamos. Ela foi forçada e filmada. Escondeu de nós todo esse tempo.

— Oh, Deus! — Layla colocou a mão na boca. — Onde ela tá, Lucas? Preciso ir até lá agora.

Assenti e olhei para o Bruno.

— Nós vamos atrás dele!

Não havia outra opção, o cara ia pagar. Mesmo se Bruno não concordasse, eu iria sozinho.

— Com certeza, mas agora eu só quero abraçar minha irmãzinha. Diga-me Lucas, como ela

ficou ao te contar?

Eu não gostava de lembrar todo o sofrimento estampado em seu rosto. Em todo o relato ela

enrolava a camisa nas mãos em sinal de nervosismo. Mas não podia tocá-la naquele momento.

Respeitei sua vontade e sofri junto com ela.

— Ela está bem na medida do possível. Eu cuidei dela. Contudo, enquanto falava

provavelmente reviveu tudo. — Fui sincero mesmo sendo difícil para ele saber que a irmã sofria.

— Vocês se entenderam?

— Sim, agora ela é minha! — Minha convicção o surpreendeu e um sorriso triste surgiu em seus

lábios.

— Bom ouvir isso. Sabrina merece alguém como você, pena que se conheceram tarde.

Eu concordava, mas a vida é assim. Tudo tem seu tempo. Layla, que estava chorando em

silêncio, se levantou e aproximou-se. Me deu um abraço e apoiou a cabeça em meu peito.

— Obrigada por você ser tão bom, Luquinha. Tenho orgulho do homem que se

tornou. Agora

vamos cuidar da nossa menina. Ela já deve ter acordado. Vou trocar de roupa para podermos ir. —

Afastou-se e levou a mão ao meu rosto, acariciando levemente. Depois subiu as escadas que levava

ao seu quarto. Bruno já havia se levantado e caminhado até a janela. Estava de costas com os ombros

tensos e a cabeça baixa.

— Lucas, nós vamos atrás desse cara ainda hoje. Não vai ficar assim! Você já ligou para o

hospital? Se quiser, eu ligo.

— Eu já pedi que me substituíssem.

Ele balançou a cabeça e depois ficou olhando pra fora.

— Sabrina sempre foi uma menina levada, eu costumava chamá-la de pestinha. E não era à toa.

Ela era a mais moleca, brincalhona e sensível. Quatro anos atrás eu vi seu brilho apagar, não

consegui entender o porquê. Achei que era por ter sido enganada e pensei que poderia acabar logo e

se acertar com você. Precisava só de um empurrão. Mas não adiantou, ela construiu um muro enorme

que ninguém podia transpor. Depois desse tempo escondendo essa angústia, fico pensando se ela será

capaz de se levantar de novo, porque minha irmã parou no tempo. — Virou-se pra mim e me encarou.

— Só você vai conseguir, cara. Sei que é pedir muito, mas não desista dela. Por

tudo que pode

acontecer fique com a minha irmã, ame-a como ela nunca foi amada. Trate-a com tanto carinho, que

seja até chato e meloso. Seja para a Sabrina o que sua irmã é pra mim.

Ele não precisava me pedir nada daquilo. Eu a amava desde o momento que coloquei meus

olhos sobre ela. Mas entendi o que Bruno queria: uma segurança. Uma certeza que eu estaria com ela

para o que desse e viesse. Eu não o decepcionaria.

— Não se preocupe, meu amigo. Eu amo sua irmã com tudo o que tenho e não vou deixá-la.

Mesmo que ela me mande embora, eu sou teimoso o suficiente.

Bruno sorriu e se aproximou. Éramos quase da mesma altura. Passou um braço pelo meu ombro

e bateu de leve.

— Minha irmã é uma mulher de sorte, cara. Vou indo na frente, leva a Layla. Quero ver a

Sabrina, sozinho. Pode ser?

Assenti e ele se afastou. Pegou as chaves do carro na mesa ao lado da porta e saiu. O amor que

Bruno tinha pela sua família era o mesmo que eu tinha por Layla. E nós protegíamos nossas meninas.

Ninguém ficaria impune se as magoasse.

O filho da puta que nos aguardasse!

## CAPÍTULO 17

*Sabrina*

Depois de tudo o que sofri não conseguia dormir direito. Acordava assustada com pesadelos

horríveis daquele dia fatídico. Tinha vezes que meu terror noturno era tão forte que não aguentava

ficar sozinha no quarto, saía para a varanda e olhava o amanhecer chegar. Tinha medo que, se eu

fechasse os olhos, veria o rosto do Rick novamente.

Contudo, após desabafar com Lucas e amá-lo a noite inteira, meu coração estava leve. Dormi

um sono tranquilo sem sonhos, bom ou ruim. Só que quando acordei e ele não estava lá, me

desesperei por ter sido demais tudo que lhe contei. Minhas inseguranças vieram totalmente de uma

vez só, até que vi um bilhete na cabeceira da cama.

Com as mãos trêmulas, peguei o papel bem dobrado com meu nome na frente e li a seguinte

frase: *Leia que você vai entender*.

No papel tinha rabiscado a letra de uma música de rock popular brasileira, que eu era fã: *Só*

*Hoje*, do Jota Quest. Meus olhos lacrimejaram ao perceber o que ele queria me dizer. Havia um

trecho sublinhado que fez meu coração acelerar e paralisar ao mesmo tempo.

*“Hoje eu preciso ouvir qualquer palavra tua*

*Qualquer frase exagerada que me faça sentir alegria*

*Em estar vivo”*

Eu entendi, Lucas me queria de qualquer jeito, de qualquer maneira. As lágrimas desceram e eu

sorri. Não chorava de medo ou tristeza, mas de uma alegria imensa que tomou conta do meu peito.

Deu-me uma vontade louca de pular e dançar e foi o que fiz. Vestia apenas a camisa do meu amado e

fiquei de pé na cama, pulei e gritei feliz como uma menina, coisa que há anos não era.

Depois dessa estripulia toda, caí deitada com os braços esticados e sorri para o teto. Apesar de

toda a mágoa, ainda sentia um gosto de felicidade. Talvez seria possível, teríamos tempo.

O barulho da campainha chamou minha atenção. Levantei e coloquei um *short*, não imaginava

quem poderia ser, já que Lucas havia saído, então não poderia ir de qualquer jeito. Nem tinha ideia

onde ele poderia ter ido. Aliás, tinha sim. Só não queria pensar na reação do meu irmão. Cheguei à

porta rapidamente e abri. Minha respiração parou ao ver Bruno com os ombros caídos e os olhos

vermelhos e inchados.

Não tive tempo de falar qualquer coisa porque fui arrebatada por um abraço forte e Bruno

soluçou com o rosto enfiado em meus cabelos. Envolvi meus braços em seu pescoço e deixei-o

desabafar. Não sei se ele não se aguentava em seus pés, mas estava bem pesado, por isso acabei

sentada no chão com meu irmão mais velho em meu colo chorando como uma criança.

Meus olhos se encheram de lágrimas, não pelo que eu sofri, pois já tinha chorado o suficiente

por isso, mas ao ver meu irmão sofrendo por algo que me aconteceu. Esse era um dos meus maiores

medos. Ver a minha família triste por minha causa.

Acariciei seus cabelos negros tão parecidos com os meus. Quando percebi já estava soluçando

e Bruno se agarrava às minhas pernas, cada vez mais forte. Não soube dizer quem consolou quem,

mas apesar de toda a angústia, eu senti uma liberdade ao deixar tudo sair. Sabia que podia contar

com alguém, que se quisesse conversar ele estaria ali pra mim.

Abaixei-me e sussurrei em seu ouvido:

— Não fique assim, irmão, eu estou bem! Por favor, não chore mais.

Só que ele ainda continuou. Por uns bons dez minutos permanecemos na mesma posição. Seu

pranto foi diminuindo e Bruno levantou o rosto, me observando. Engoliu em seco e passou a mão

pela minha bochecha.

— Você está bem mesmo? — Assenti. — Me diga por que escondeu isso todos esses anos,

Sabrina?

Desviei o olhar, envergonhada. Bruno se sentou à minha frente e puxou meu queixo, me

encarando.

— Não minta!

Pisquei algumas vezes pra tentar espantar a emoção que me consumia quando lembrava tudo.

Olhei pra fora, pois a porta permaneceu aberta.

— Ele me ameaçou, filmou tudo e disse que se eu contasse para alguém iria espalhar o vídeo na

internet. Eu não poderia suportar que vissem todo aquele horror.

— Mas existem advogados, Sabrina. Nós iríamos processá-lo por tudo que te fez. Aquele filho

da puta estaria preso agora. Imagina só. Ele pode ter feito isso de novo. Não quero que se sinta

culpada, mas em uma situação dessas esconder é a pior solução.

— Eu sei, você acha que não pensei nisso por todos esses anos? Mas quando estava recente eu

fiquei muito abalada, não conseguia me olhar no espelho sem lembrar o que aconteceu. E depois que

melhorei o suficiente para viver, já tinha passado muito tempo. Como ia provar?

— Entendo. Mas você podia ter nos contado antes. Não deve ter sido fácil guardar isso por

tanto tempo.

— Não foi, eu só contei ao Lucas porque não aguentava mais me esconder dele.

— Ele te machucou?

— Claro que não, ele me consertou!

Bruno sorriu tristemente e se aproximou, me abraçando meio atrapalhado.

— Fico feliz por você ter alguém pra te apoiar. Muitas mulheres não têm o apoio da família e

vivem com essa angústia por uma vida inteira. Algo tão forte e traumático tem que ser colocado pra

fora, ficar guardando não pode ser bom. Saiba que sempre estaremos prontos a te ajudar.

Emocionei-me por ter o apoio incondicional do meu irmão. Balancei a cabeça, concordando e

nos levantamos. Já ia fechar a porta quando vi o carro Lucas parando ao lado do *Civic* do Bruno.

Layla desceu em disparada e veio correndo em direção a casa.

Alcançando-me, ela me abraçou apertado e carinhosamente, transmitindo tanta paz do jeito que

só ela sabia. Abracei minha cunhada, amiga e irmã. E fechei os olhos. As lágrimas não vieram,

estava me sentindo amada. Plenamente!

Layla se afastou e vi que seus olhos verdes, tão parecidos com os do irmão, estavam cheios de

tristeza.

— Não fica assim, Lala. Eu estou bem.

Ela balançou a cabeça e se aproximou do meu ouvido:

— Amo você, Sá. Saiba disso, ok?

Um nó se formou em minha garganta. Eu nunca fui maltratada ou senti falta de

amor pela minha

família, mas, mesmo assim, ouvir quem se importa com você em momentos que precisamos, é um

bálsamo ao nosso coração.

Desviei o olhar da Layla e vi o amor da minha vida vindo em minha direção. Ele sorriu e se

aproximou, me abraçando. Fiquei um pouco envergonhada, não estava acostumada a demonstrar

intimidade perto da nossa família. Contudo, Lucas parecia não se importar nem um pouco.

Aproximou os lábios do meu pescoço e me deu um beijo molhado.

— Viu o bilhete que lhe deixei mais cedo? — Concordei com a cabeça. — E entendeu o que eu

quis dizer?

Afastei-me e olhei em seus olhos.

— Entendi!

Lucas sorriu amplamente e me beijou na boca. Deus, eu nunca ia me cansar disso. Acabei

esquecendo que Bruno e Layla estavam presentes e enlacei seu pescoço. Retribuí seu beijo na mesma

intensidade, nossas línguas dançavam e se enrolavam. Seus lábios carnudos se moviam nos meus com

vontade, parecia que nunca seria demais. Poderia provar sua boca por uma eternidade. Muito cedo

ele se afastou e observei seu rosto corado. Nossa respiração estava acelerada. Estendeu a mão

passando por meu rosto.

— Você está linda, minha princesa.

Sorri e olhei para os lados. Meu irmão e minha cunhada não estavam na sala. Corei

envergonhada por ter perdido o controle. Mas acho que quatro anos guardando tantos sentimentos

libertos de uma vez só fazia isso com a pessoa.

— Eles foram pra cozinha. Vem, Bruno quer falar conosco.

— Como você sabe que foram pra cozinha?

— Porque ele disse. Você não ouviu?

Neguei e ele sorriu. Droga, eu ficava tão concentrada no Lucas que perdia a noção de tudo.

Bruno e Layla estavam abraçados, encostados no balcão. Falavam baixinho e sorriam. Acho que

não nos perceberam, deviam ter o mesmo deslumbramento um pelo outro como eu e Lucas.

— Temos boas lembranças aqui, né, Anjo? Sente falta?

— Às vezes, mas estou feliz onde você estiver, meu garanhão.

Bruno estendeu a mão e acariciou o rosto da esposa. Presenciar o amor e o carinho entre eles

era lindo. Permaneciam apaixonados e felizes. Às vezes eram até inconvenientes...

Lucas pigarreou chamando a atenção deles. Bruno se afastou da bancada e deu de ombros.

— Essa bancada traz muitas lembranças, fazer o quê. Relembrar é viver.

Layla ficou vermelha como um pimentão porque ainda se envergonhava com o jeito do meu

irmão, que não tinha mudado nem um pouco. Continuava arrogante e sarcástico.

— Ah, cara. Que merda, muita informação. — Lucas sorriu e se aproximou do banquinho se

sentando. — Agora temos que conversar e decidir o que fazer.

Bruno assentiu se virando pra mim.

— Nós vamos atrás desse cara, Sabrina. Ele vai pagar por tudo.

— Mas e se acontecer alguma coisa com vocês?

— Como assim, Sabrina? Nada pode acontecer conosco. Vamos pegar esse vídeo e destruir,

provavelmente ele fez isso mais vezes com outras pessoas e podemos denunciá-lo.

— Mas vocês podem ser presos. — Minha cabeça não estava captando o que eles diziam.

Minha visão estava construindo imagens de Lucas e Bruno tirando satisfações com as próprias mãos.

E dando alguma coisa errada.

Lucas me puxou pelo braço, fazendo com que me sentasse em seu colo. Acariciou meus cabelos

colocando algumas mechas atrás da orelha.

— Sabrina, não vamos fazer nada de mais. Mesmo porque se acontecer alguma coisa com ele

perdemos a razão e não queremos isso, mas acho que um soco bem dado, o filho da puta merece.

Tudo bem que vai ser difícil parar depois. Contudo, vai dar tudo certo. Pode confiar.

Olhando Lucas e Bruno percebi que as coisas poderiam ter sido diferentes anos atrás. Se eu

tivesse contado a eles não teria passado por tudo sozinha.

— Tudo bem, mas eu vou com vocês.

— O quê?! — Bruno se afastou dos braços de Layla e se aproximou segurando minhas mãos,

fazendo me levantar. — Você não está falando sério!

— Estou sim, eu quero jogar fora tudo que esteve entalado na minha garganta.

Layla se aproximou do marido e colocou uma mão em suas costas.

— Deixa ela ir, Bruno. Sabrina precisa disso. Verdade?

Assenti e desviei meu olhar para Lucas sentado ao meu lado. Ele tinha a cabeça baixa e olhava

para o chão. Soltei das mãos do Bruno e parei à sua frente, envolvi seu rosto e olhei em seus olhos.

— Que foi? Ficou chateado?

Ele negou com a cabeça e levantou os braços, me envolvendo em um abraço forte e carinhoso.

— Só não quero que você sofra. E se você reviver tudo ao olhar para aquele desgraçado?

— Eu preciso! — falei com convicção. Às vezes, confrontar seus medos é o melhor tratamento.

Lucas me observou atentamente e suspirou.

— Ok, mas se ele falar alguma gracinha tá fodido.

— Eu sei...

Ficamos mais algum tempo em casa. Preparei café para todos e partimos logo em seguida.

Deixamos Layla em casa, mesmo ela querendo nos acompanhar Bruno não achou saudável, pois

podia rolar muito estresse e estando grávida não seria bom.

Como só eu sabia onde Rick morava, indiquei o caminho. Estávamos em um silêncio pesado

dentro do carro. Ninguém se atrevia a falar. Quando Bruno estacionou em frente à casa do meu ex-

namorado quase perdi a coragem. As lembranças me atormentaram naquela hora. Estava quase

pedindo pra voltar quando a porta da frente se abriu e Rick saiu do mesmo jeito que me lembrava:

arrogante e nojento.

Uma fúria subiu em meu peito, que não pude controlar. Saí em disparada, eu iria matar o filho

da puta.

## CAPÍTULO 18

*Lucas*

— Caralho!

Não tive chance de fazer nada. Estava sentado ao lado de Sabrina no carro. Ficamos em silêncio

durante todo o trajeto. Quando paramos percebi que ela estava tensa, parecia prestes a fugir. Mas

quando um cara saiu da casa, tudo mudou.

Sabrina disparou porta afora correndo como uma louca. Ela não gritou antes de chegar ao lado

dele. Acho que o cara nem viu o perigo em sua direção. Pela velocidade que ela estava, derrubou-o

no chão e começou a socar seu rosto e arranhá-lo. Eu e Bruno saímos atrás dela e nos aproximamos.

Seus gritos podiam ser ouvidos a quilômetros de distância.

— Seu filho da puta, você não vai me fazer chorar mais. Desgraçado, nojento, asqueroso.

Nunca. Mais. Vai. Me. Tocar. — A cada soco era um xingamento.

Esperamos, deixando-a ter seu tempo com ele. Acho que Sabrina tinha o direito de extravasar

toda sua raiva e angústia. O cara tentava se desvencilhar, mas uma mulher decidida não era fácil de

segurar.

Vê-la daquele jeito fez meu coração ficar ainda mais apertado, pois tudo que sofreu calada não

deve ter sido legal. Uma lembrança ruim tem o poder de envenenar uma pessoa pouco a pouco.

Pensamentos negativos alimentam ainda mais esse mal, fazendo de alguém apenas uma casca vazia.

O cara tentava se desvencilhar sem sucesso, ele pedia para que a impedíssemos de continuar e

cobria o rosto com os braços. Puxei-a pela cintura. Não foi fácil segurá-la porque ela se debatia

querendo ir pra cima dele novamente.

— Me larga, Lucas. Ele merece apanhar mais! — Sabrina estava enlouquecida, sua voz ficou

esganiçada de tanto gritar, xingando o idiota.

— Eu sei disso. Mas você já teve sua chance. Se acalma.

Nesse momento o cara se levantou enxugando o canto da boca sangrando. Observou-nos e sorriu

para Sabrina em meus braços.

— Então, a putinha achou outro cara? O que foi, Sabrina? Não ficou satisfeita com a nossa

última trepada?

Eu já ia agir quando ele foi derrubado no chão de novo por um soco de direita do Bruno. Meu

cunhado se aproximou do idiota caído e se abaixou ficando cara a cara com ele.

— Lava essa porra de boca pra falar da minha irmã, desgraçado. Você tá mais do que ferrado e

te aconselho a calar a boca. — Puxou o cara pela camisa e o colocou de pé. — Você mora sozinho

aqui?

Sabrina, que respirava forte, se soltou de mim e deu dois passos à frente. Logo me aproximei,

porque ela já tinha batido o suficiente no idiota.

— Não, se ele ainda mora aqui é porque vive com os pais. — Ela falava como se quisesse

vomitar.

A minha vontade era partir pra cima dele e socar sua cara até me cansar. Mas tinha que manter a

calma, não podia colocar tudo a perder.

— Bom, ainda é cedo e eles devem estar em casa. Vai moleque, chama seus pais, que temos

umas coisinhas a conversar. — Bruno deu um empurrão nele e quase o derrubou novamente. Devia

estar tonto depois de tanta porrada.

— O que vocês têm que conversar com eles? Eu não fiz nada!

Não aguentei, até aquele momento me mantive calmo, apenas apoiando a minha garota, porém o

bastardo se fazendo de desentendido despertou a minha raiva. Aproximei-me ficando frente a frente,

eu era um pouco mais alto do que ele. Estreitei os olhos e deixei bem claro para que não houvesse

dúvidas de onde ele estava se metendo.

— Olha só, cara, eu vou dizer isso uma vez para que entenda. Essa mulher maravilhosa aqui é

minha. Eu quase a perdi por causa da merda que você fez. Nunca se dirija a ela sem permissão, não

se aproxime da Sabrina. Se encostar nela, mais uma vez, eu acabo com você. Nós viemos tomar

providências para que nunca mais abuse de qualquer garota.

O verme teve o desplante de sorrir. Tudo bem que seu rosto já estava vermelho e sangrando.

Mas era uma coisa que eu estava disposto a piorar.

— E como você vai fazer isso? Já faz tempo que aconteceu, ninguém vai acreditar que eu a

forcei. E pra falar a verdade, Sabrina bem que gostou. Ainda escuto o gemidinho dela no meu ouvido.

— Filho da puta... — Já ia partir pra cima dele quando Bruno me segurou pelo braço.

Virei a cabeça e, então, percebi que não estávamos mais sozinhos. Um casal, por volta de

cinquenta anos, estava parado na porta assistindo toda a cena. Eram os pais do ex da Sabrina.

Eles estavam com os rostos torcidos em uma careta angustiada, pareciam assustados. Imagino

que não seja legal ouvir do próprio filho que ele fez mal a alguém. A senhora tinha lágrimas nos

olhos e se aproximou do filho.

— Filho, diz que é mentira. Fala pra sua mãe que você não fez isso com essa pobre menina. Por

favor, não me dá esse desgosto.

Ele abaixou a cabeça e sorriu. Acho que era meio louco, porque estava fodido e ainda ria.

Desesperada, sua mãe pareceu assustada ao ver a expressão em seu rosto.

— Só com ela não, *mamãe*. Mas com todas que me recusaram. Porra, eu sou tudo que elas

poderiam querer!

— Oh, Deus! Eu não te dei educação? Como você foi fazer uma coisa dessas?

A pobre mulher estava horrorizada e parecia prestes a desmaiar. O marido se

aproximou de nós

sem olhar para o filho e observou Sabrina.

— Quanto tempo tem isso, menina? — a voz do senhor estava embargada de emoção.

— Faz quatro anos que esse nojento encostou em mim.

O pai do cara abaixou a cabeça com as mãos na cintura, respirou fundo e olhou Sabrina nos

olhos.

— E, pelo que entendi, você não deu queixa. O que quer, na verdade?

Adiantei-me um passo. Eu entendia que estavam abalados, mas quem sofreu nessa história toda

por anos foi a Sabrina.

— Senhor, sou o namorado da Sabrina e ela me contou na noite passada o que seu filho fez. A

situação é a seguinte: ele não apenas abusou dela como também filmou e a ameaçou em espalhar o

vídeo na internet se ela o denunciasse. Por isso o silêncio de anos.

O pai fechou a cara ainda mais e se virou para o filho. Eu só não temi por ele porque merecia

todo o castigo imposto.

— Onde está esse vídeo, Rick? É melhor você dizer que o tem e que não o espalhou... — Com a

ameaça, o rapaz deu dois passos pra trás e o sorriso debochado morreu em seu rosto.

— Eu não tenho, apaguei logo que saí de lá.

Bruno se aproximou. Meu cunhado era alto e intimidante. Nós lutamos juntos por anos. Depois

que Sabrina quis trocar de academia, eu me separei da turma. Então, o carinha estava mais do que

ferrado se decidíssemos fazer justiça com as próprias mãos.

— Duvido, caras como você gostam de guardar troféus para relembrar das suas conquistas. Eu

não vou sair daqui até ter esse vídeo.

— Eu acho bom você encontrar esse vídeo agora! — vociferou o pai dele.

Ele concordou com a cabeça e já ia se afastando. Soltei a mão da Sabrina e me adiantei. Não ia

perder a oportunidade de lhe dar a prensa merecida.

— Eu vou junto, quero ver se não vai fazer cópias. — Olhei para o dono da casa pedindo

permissão. Afinal, eu tinha educação e não iria entrar na residência dos outros sem mais nem menos.

Ele assentiu e se aproximou da esposa, que não parava de chorar. Sinalizei para que Bruno

cuidasse da Sabrina e segui o bastardo dentro da casa. A moradia era grande, bonita e bem

organizada. Subimos um lance de escadas e paramos em frente a uma porta. Ele olhou pra mim e

sorriu de lado.

— Então, você tá pegando meus restos?

Nem pestanejei, o cara estava de costas pra mim e assim o imprensei na porta. Peguei seu braço

direito torcendo pra trás e com a outra mão segurei seu pescoço. Sei que devia estar doendo, pois

não era confortável aquela posição.

— Eu já disse para não mencionar o nome dela, filho da puta. Acho bom ficar pianinho até eu

ter tudo em mãos. Entendeu? — Assentiu e o soquei na porta antes de soltá-lo. Caras como ele tem

esse negócio: são valentões com as mulheres, faz-se de fodão para os amigos e contam vantagens em

suas aventuras. Mas na hora que aperta, eles enfiam o rabinho entre as pernas e saem de cabeça

baixa. Covardes!

Ele entrou no quarto e se sentou em frente ao *notebook* aberto em uma mesa ao lado da cama.

— Eu quero todas as cópias de todos os vídeos.

— Não tem nenhuma. Apenas essa...

Prostrei-me às suas costas e observei o que fazia. Ele abriu uma pasta codificada com o nome:

*gatinhas on-line*. Dei apenas um peteleco em sua cabeça, queria fazer muito mais. Ele se encolheu e

logo salvou os vídeos em um *pen drive*.

— Agora deleta. E, se você tiver mais alguma cópia disso e está me escondendo, vai se ver

comigo. — Ele fez o que mandei e me estendeu o dispositivo sem olhar pra trás. Peguei-o e segurei

seu pescoço novamente. — Agora aguarda a polícia, seu filho da puta. Sabe o

que acontece com

caras bonitinhos como você na prisão? Viram mulherzinha... Acho que vai gostar, seu lance não é

forçar? Pois é isso que terá de volta. Já ouviu falar na lei de ação e reação? Ela é certa e não falha.

Espere e verá.

Dei-lhe um empurrão e saí. Estava louco para me livrar dessa situação toda. Queria ficar com

minha mulher e abraçá-la o dia todo, mas sabia que ainda teríamos muita emoção neste dia.

Desci as escadas sem ser seguido pelo bastardo. Seus pais estavam em um canto da varanda do

lado de fora, e Bruno e Sabrina bem afastados. Estendi o *pen drive* ao meu cunhado e me aproximei

do casal.

— Eu queria avisá-los que vamos dar queixa. Isso não ficará impune.

A senhora soluçou e escondeu o rosto no ombro do marido, que assentiu e respirou fundo.

— Tudo bem, meu filho merece depois de tudo. Acho até que depois dessa denúncia

encontraremos outras. Vou forçá-lo a me entregar todos os vídeos e eu mesmo vou à delegacia.

A esposa se afastou com os olhos arregalados.

— Mas, querido, assim ele vai ficar mais encrencado ainda.

— Eu sei, Fátima. Mas é preciso, que tipo de pais somos nós que não ensina seu filho quando

erra? Temos que tomar providências, acho que nós o mimamos demais. — Depois se virou para

Sabrina. — Sinto muito, menina.

Sabrina se afastou do irmão e ficou ao meu lado, segurou minha mão e me olhou nos olhos,

sorrindo.

— Não é culpa de vocês. Há uma coisa chamada livre-arbítrio, pode ser até que o deixaram

solto demais. Mas foi ele que fez suas escolhas, e estão agindo certo lhe educando, nem que as

medidas sejam extremas. Apesar de tudo, não tenho raiva de vocês.

A mãe do idiota se jogou nos braços da Sabrina e chorou. Meu peito se encheu de orgulho pela

mulher que minha amada era.

Despedimo-nos e rumamos para casa. Estava louco para tomar um banho e relaxar. Só que

Bruno parecia ter outras ideias, fez o trajeto contrário e percebi que estava indo para a casa da mãe.

Notando a mudança, Sabrina ficou tensa em meus braços. Senti minha camisa molhando. Minha

menina estava chorando. Droga, esse encontro iria ser difícil!

Provavelmente Layla ligou para as mulheres, que estavam esperando. Sei que não iam julgar ou

criticar, apenas ajudar, mas não gostava de ver Sabrina sofrendo ainda mais. Podia adiar esse

confronto por mais um dia.

Passei a mão pelo seu rosto capturando uma lágrima. Ela levantou a cabeça e me observou com

seus olhos azul-clarinhos que tanto amava. Sua boca carnuda estava avermelhada e não resisti.

Abaixei a cabeça dando um beijo carinhoso e reconfortante.

— Vai ficar tudo bem. Eu não vou sair do seu lado — falei em seus lábios.

Senti-a sorrindo e levantei a cabeça.

— Eu sei, você é meu príncipe salvador.

— Não, sou apenas um homem apaixonado. Quero te ver feliz o mais rápido possível, vamos

acabar com isso e ficar em casa o dia todo. Ok?

Sabrina assentiu e levou a mão em meu rosto. Me esfreguei em sua palma, sentindo a maciez da

sua pele.

— Sabe, Lucas. Arrependo-me de não ter dito nada. Sofremos por quatro anos à toa. A culpa foi

toda minha.

Segurei seu queixo e a encarei.

— Não diga isso. Você fez tudo no seu devido tempo, precisava de espaço. Não digo que foi

certo se afastar e esconder tudo, mas não vou te criticar. E eu não fui santo nisso tudo, tenho minha

parcela de culpa. Devia ter prestado atenção e notado o que você sentia por mim. Agora estamos

juntos e não vou te deixar ir, princesa. Você é minha!

Ela assentiu e se recostou em meu peito novamente. Senti um alívio poder dizer isso tudo. Eu

não era feliz pelo que fiz. Senti-me um filho da puta total enquanto ela me contava seu sofrimento.

Se eu soubesse de tudo, ou desconfiasse, não teria sido tão galinha. Durante o tempo que sofria,

eu saí transando para afogar a dor de amar e não ser correspondido. Não sei dizer se me perdoaria

por isso, mas eu tentaria.

Se dependesse do meu amor e empenho, Sabrina seria a mulher mais feliz do mundo!

## CAPÍTULO 19

*Sabrina*

Eu descarreguei toda a raiva que sentia em gritos chutes e socos. Não sei se fiz bem, mas

quando o vi feliz e inteiro enquanto eu me despedacei por anos, tive que agir. Era o mesmo nojento

que me lembrava, e ainda se vangloriou de sua atrocidade. A única coisa que me deu força depois

que passou a adrenalina foi saber que eu não estava sozinha. O amor e o apoio do Lucas foram

essenciais naquele instante.

A reação dos pais do Rick foi de dar pena. Sua mãe não parava de chorar e o pai estava

arrasado, porque ambos não paravam de pedir perdão. Senti uma calmaria em meu peito. Não me

descontrolei mais. Mas quando entramos no carro novamente deixei as lágrimas descerem aliviando

a angústia dentro de mim. Pensar que poderia ter evitado através de uma denúncia que tantas meninas

tivessem sofrido o que eu sofri, me arrasou completamente. Lucas me abraçou e não disse nada,

apenas me deu seu ombro.

Estávamos indo para a casa da minha mãe. Já imaginava o que encontraria lá. Mal percebi o

caminho que percorremos, porque estava curtindo o colo que recebia. Quando Bruno parou, olhei em

volta e avistei minha mãe parada na varanda da frente. Sempre tão linda e forte, ela parecia acabada.

De longe podia ver seus olhos vermelhos. Tinha os braços cruzados e com uma mão cobria a boca.

Estava saindo, quando vi minhas irmãs e Layla se juntaram a ela na varanda.

Todas estavam tristes e chorando, porém estavam ali para me ajudar e, ao mesmo tempo, me

apoiar. Fiquei aliviada por não precisar falar nada. Engoli em seco e abri a porta, mas antes de sair

Lucas segurou o meu braço. Olhei em seus olhos lindos e senti o amor que tinha por mim.

— Não fique com medo, elas só querem te abraçar.

Assenti e saí. Abaixei os olhos e fui andando sozinha até minha família. Quando cheguei ao

primeiro degrau de cabeça baixa percebi minha mãe parada à minha frente. Ela

colocou a mão em

meu queixo e ergueu.

— Nunca fique de cabeça baixa, minha filha. Não há motivo para ter vergonha, você é uma

vencedora. Eu tenho orgulho da minha menininha.

Meu coração se encheu de amor, joguei-me nos braços dela e me senti como uma criança

novamente. Minhas irmãs e Layla vieram em um abraço grupal, protegendo-me de todo o mal.

Estávamos emocionadas e abaladas, mas o carinho da minha família levou embora toda a dor

que ainda restava em mim. Estaria sempre marcada, uma tragédia como a que aconteceu comigo

nunca iria sumir da minha mente. Mas tendo amor, compreensão e apoio, conseguiria ultrapassar

qualquer barreira. Eu era feliz por ter seres maravilhosos que me amavam incondicionalmente.

Murmúrios de promessas e declarações de amor me elevaram a um estado pleno. Prometi ali no

abraço das minhas meninas viver cada momento único de amor e carinho. Sentir apenas as coisas

boas, além de felicidade. Por isso, decidi fechar essa página da minha vida e dar uma chance para

ser feliz.

Não iria mais chorar por algo que não valia a pena. Eu estava curada de toda raiva e mágoa que

possa ter sido plantada em meu coração e alma.

Separamo-nos e encarei as minhas garotas. Cada uma com seu jeitinho singular, que eu amava.

Ana era a mais abalada visivelmente. Mesmo Larissa sendo a mais velha, com a minha irmã do meio

eu tinha uma relação de amizade e cumplicidade. Senti-me mal por ter escondido tudo dela.

— Sinto muito! — eu disse com a voz baixa.

Ela sacudiu a cabeça e me olhou zangada.

— Não tem o que se desculpar. Não vou dizer que é uma vítima, porque tenho certeza que não

quer ser vista assim. Você é uma lutadora, pois viveu por esses anos sem se entregar à solidão e à

dor, minha irmã. Quantos não aguentam, mesmo tendo tratamento psicológico? E você evoluiu e

viveu. Realizou seus sonhos.

Sorri e olhei para trás onde Lucas e Bruno estavam parados.

— Menos um. — Voltei minha atenção para elas. — Eu o perdi por muito tempo.

Layla sorriu carinhosa e passou a mão por meu braço.

— Você nunca o perdeu, Sabrina. Lucas sempre te amou e esperou o tempo que precisava para

se curar. Mesmo não sabendo o motivo, ele respeitou sua vontade. Você tem uma vida inteira pela

frente. Ele é louco por você! Olha lá a cara de paspalho, nunca o vi assim.

— E olha sua sorte, menina. Um gatinho que nem ele, não se acha em qualquer canto. Se liga,

hein, ou tomo ele de você. — Ana usava a brincadeira e o sarcasmo como uma armadura, mas já

havia me acostumado com sua personalidade.

Larissa arregalou os olhos e sacudiu a cabeça, em desaprovação.

— Ana Luiza, pelo amor de Deus, o garoto é bem mais novo que você.

— Nem tanto, e eu tenho todo um charme. Dá licença, você está fora do mercado. — Mostrou a

língua pra Larissa.

Essas duas sempre se implicavam. Às vezes, o humor de Ana era irritante e Larissa, sendo tão

responsável, caía em sua provocação.

— Eu não sei como vocês conseguem mudar o rumo da conversa tão fácil. Vamos entrar porque

tem um almoço nos esperando. Os meninos devem estar com fome. — Minha mãe sempre apaziguava

os ânimos sem repreender ninguém.

— Que meninos, mãe?

— O mala careca e os pestinhas da Larissa. Ah, e o estorvo do Alberto. Não sei pra que vocês

ainda o convidam. — Tem um ditado que diz assim: “Quem desdenha quer comprar”.

Vi um brilho diferente nos olhos da minha irmã ao pronunciar o nome de Alberto. Será que ela

já estava pronta para retomar um amor há tanto tempo perdido? Só o tempo diria, relacionamento é

muito complicado.

Bruno e Lucas se aproximaram e seguimos para a sala com minha mãe à frente. Entramos de

mãos dadas, já estava mais relaxada em relação à intimidade em público. Nunca mais negaria o que

sentia pelo Lucas.

Quando cheguei à sala estavam todos em silêncio me observando. Fiquei com medo de ter que

falar algo. Não queria mais relembrar tudo novamente, me explicar. Sei que meu irmão iria entrar

com um processo e teria que dar meu depoimento, mas não pra minha família. Agora queria esquecer.

Lucas deu um aperto reconfortante na minha mão e olhei em seus olhos.

O amor que vi ali me fez querer beijá-lo, e assim fiz. Segurei seu rosto e fiquei nas pontas dos

pés. Um selinho carregado de carinho foi depositado em seus lábios. Afastei-me e sorri. Alberto que

chegara há pouco, mas não sabia do que havia acontecido, estava se aproximando com uma

expressão engraçada.

— Cara, você tem noção do quanto é estranho ver você beijando ela? Faz isso na nossa frente

não, que chato! — Ouvimos um bufo estridente e Ana estava com a cara torcida. — Que foi Ana

Luiza, tá com inveja?

Ela estreitou os olhos e levantou-se ficando cara a cara com Alberto. Afastamo-nos um pouco,

pois desses dois podia vir qualquer coisa.

— Pode até ser, porque Lucas é tudo que uma mulher pode pedir a Deus. Sabe, preciso arrumar

um namorado logo. Será que não tem nenhum amigo no seu estilo no hospital, não, Lucas?

Lucas abriu a boca pra responder, mas me inclinei e sussurrei:

— Não responde, só vai piorar. Ela perguntou para provocar. — Ele assentiu.

— Agora virou papa-anjo, Ana?

— Melhor do que galinha, filho da puta.

— Você não tem jeito. Será que vou ter que falar tudo de novo?

Eles se encaravam como cães raivosos. Poderiam se morder a qualquer momento. Bruno

adiantou um passo e se postou ao lado deles.

— Dá pra parar os dois? Caramba, porque não transam e matam logo essa vontade? Porra, não

conseguem ficar um minuto sem se atacarem mutuamente!

Alberto tinha as narinas infladas e pensei que iria agarrar a Ana e tascar-lhe um beijo, talvez

fosse o que ela queria. Mas ele se afastou virando de costas, colocou as mãos na nuca e respirou

fundo.

— Não se preocupe Ana Luiza, eu vou sumir da sua vida. — Se virou para minha irmã e a

encarou, tinha tanta dor em seus olhos que fiquei com pena. — Só não se arrependa depois. Desculpe

pessoal, não posso ficar aqui. Tchau, Sabrina.

Acenei com a mão e ele saiu disparado pela porta. Ana arregalou os olhos e deu um passo à

frente. Meu coração disparou porque parecia que eu via um filme, achei que ela iria sair correndo

atrás dele e fiquei na expectativa, porém Ana recuou e foi para a cozinha como se nada tivesse

acontecido.

Bruno balançou a cabeça e me observou.

— Ainda bem que você não é cabeça-dura assim. Ana ainda vai perder o cara e se arrepender

depois.

— Mas por que eles ainda ficam brigando tanto, se ela não quer ficar com ele?

— Porque ela sente alguma coisa por ele, e não gosta disso. Alberto vai viajar esse final de

semana e só volta em quinze dias. Acho que vai ser bom ficarem sem se ver por um tempo. —

Suspirou. — Ou morrem de saudade um do outro, ou percebem que não há mais nada a ser feito. —

Afastou-se alcançando sua esposa. Deu um beijo em sua testa e sentou ao seu lado. Depois de todos

voltarem ao normal após a confusão, Lucas me arrastou para a varanda de trás e

parou na escada.

— Vem, vamos dar uma volta.

Assenti e o acompanhei pelo quintal. Andamos de mãos dadas sem dizer nada. Estava um dia

nublado e fresco. Chegamos a um lugar que não tinha voltado desde o casamento do meu irmão.

Estaquei ao ver que Lucas havia me levado ao banco onde o peguei com aquela vagabunda.

Meu peito doeu com a lembrança e olhei para ele, magoada.

— Por que me trouxe aqui?

— Confia em mim? Então, vem.

Droga, não gostava de voltar a esse lugar. Mas eu fiz uma promessa a mim mesma de confiar no

Lucas, então segui adiante. Com o estômago embrulhado, nos aproximamos do banco. Fechei os

olhos quando a lembrança dos dois me assolou.

— Sabrina olha pra mim, por favor.

Abri os olhos e Lucas estava na minha frente com uma expressão séria e os olhos brilhantes.

Cobriu meu rosto com a mão espalmada e passou o polegar pela minha bochecha, em um carinho

relaxante. Estava me contendo para não sair dali. O que me segurou foi ver que tinha lágrimas nos

olhos do meu amado.

— Eu não te trouxe aqui para magoá-la. Queria te pedir perdão para o que

aconteceu nesse

lugar, sei que amava esse banco e não foi legal o que ocorreu aqui. Se eu pudesse voltaria atrás em

muita coisa que fiz e disse, fui um idiota sem noção e um egoísta que só pensou em si mesmo. —

Respirou fundo. — Se eu tivesse prestado atenção teria percebido que você me amava e sofria com

tudo que acontecia, mas eu também estava magoado. Aquele dia do casamento foi o estopim da minha

frustração, fui falar com você, que me tratou friamente enquanto eu queria te beijar a noite toda,

porque estava linda naquele vestido. Então, fui idiota e impulsivo. Eu quero fazer desse banco uma

lembrança diferente. Quero que lembre que foi aqui onde eu finalmente percebi que estava te

magoando e resolvi lutar para ter você. Sei que pode soar estranho, mas eu nunca tinha notado a dor

em seus olhos até aquele dia. Eu te amo demais, Sabrina. Não quero que se negue a ficar em um lugar

onde você usava para relaxar. Então, aqui vai...

Lucas se ajoelhou e pegou uma caixa no bolso. Meu coração acelerou, ele não podia estar

fazendo o que eu imaginei. Arregalei os olhos e dei um passo atrás.

— Calma, princesa. Deixa-me terminar, não saia correndo. — Sorriu malicioso. — Eu quero ter

você para o resto da minha vida, entendo que não está preparada para algo mais

sério e respeito.

Mas eu tenho isso há quatro anos guardado, e achei que estava na hora de dar a você. Eu não farei o

pedido oficial agora, porque acho que você vai desmaiar. Mas você aceita ser minha, e só minha,

para sempre?

Abriu a caixa e, finalmente, vi o que tinha repousado na almofada de veludo. Um colar dourado

com um pingente delicado, um símbolo do infinito com as pontas em formato de coração. Na parte

que atravessava a frente era toda cravejada de pedrinhas brilhantes.

— Lucas, isso deve ter sido muito caro. — Foi só o que consegui pensar, pois há quatro anos

ele era somente um estudante de Medicina.

Ele se levantou e pegou em meu queixo fazendo-me erguer a cabeça para olhá-lo nos olhos.

— Não interessa quanto foi. Ele está esperando para ficar em seu pescoço esse tempo todo. Eu

o comprei porque a única coisa que tinha certeza na vida era que eu te amava tanto, e o “até que a

morte nos separe” não é o bastante. Quando o vi na joalheria não tinha outra opção a não ser vê-lo

em seu pescoço. Então, Sabrina, aceita ser minha até o infinito? Assim como esse colar simboliza,

meu amor por você não tem início, meio ou fim.

Deus, nunca imaginei amar alguém com tanta intensidade. Lucas segurava meu

pescoço,

impedindo-me de desviar o olhar. E só havia uma resposta a isso tudo. Eu era dele a partir do

momento que nossos olhos se cruzaram.

— Quando tudo aconteceu comigo, eu me quebrei e fiquei insensível pelo que acontecia ao meu

redor. Pretendia me tornar alguém diferente. No momento que te vi no bar, meu coração ameaçou

bater novamente, mas eu neguei até onde pude. Não queria ter essa fraqueza, ainda estava magoada. E

depois percebi que não tinha jeito e te amava demais, não pude ficar contigo por medo de te magoar.

Ainda estava quebrada. Após anos me machucando, permanecendo na sua casa e vendo o vai e vem

de mulheres... — Lucas fechou os olhos com o que eu disse, mas eu não queria jogar na cara dele, era

uma explicação que me senti obrigada a dar. — Não fique assim, não estou julgando, só quero que

saiba tudo o que senti. Depois disso percebi que tinha que ir embora, mas o simples fato de não te

ver mais toda manhã, fazia meu coração querer vegetar novamente. Minha mente pedia algo que me

recusava a fazer, mesmo sendo o mais fácil. E a nossa primeira vez eu insisti para que fosse apenas

sexo, porque era o que eu estava acostumada. Era mais seguro assim, só que com você nunca foi só

sexo.

Ele sorriu e encostou a testa na minha. Ficamos nos encarando e percebi que já tinha lágrimas

escorrendo por meu rosto tamanha era a emoção que sentia.

— Você finalmente consertou todos os meus pedaços quebrados, Lucas. Você é meu infinito.

Não temos início, meio ou fim. Somos um.

Fui arrebatada por um beijo maravilhoso. Ele ria dentro da minha boca e me contagiou com sua

alegria. De repente, fui levantada do chão por seus braços, Lucas soltou dos meus lábios e jogou a

cabeça para trás rindo feito um menino. Girou-me, dando gargalhadas e me juntei a ele. Abri os

braços sentindo a plenitude de amar e ser amada.

Enfim, eu pertencia a ele. De corpo e alma.

## CAPÍTULO 20

*Lucas*

Mal cabia em mim de tanta felicidade. Eu a tinha, e era definitivo. Pude ver em seus olhos a

veracidade e a determinação de cada palavra dita.

Ficamos mais algum tempo pelo jardim e voltamos para a casa de mãos dadas, chegando lá foi

bem visível o novo adereço no pescoço da Sabrina. Suas irmãs e a Layla encheram-na de perguntas.

Enquanto as meninas se divertiam fui até o Bruno, que falava ao telefone e não

parecia nada bem.

Aguardei ele terminar a ligação e depois se virou pra mim com o rosto fechado.

— Cara, quando a merda tá feita tudo se fode.

— O que foi?

Ele balançou a cabeça e olhou na direção das meninas, fez um gesto com a cabeça me chamando

para o lado de fora. O acompanhei até a varanda e logo Bruno soltou:

— Acabei de falar com um advogado conhecido, parece que o crime de estupro teria que ser

denunciado imediatamente quando aconteceu. Agora temos que fazer um BO e levar o vídeo como

prova, aí sim o delegado vai analisar as provas e encaminhar ao Ministério Público, ou seja, é

demorado.

— E esse filho da puta continua solto?

— O jeito é esperar que os pais cumpram o que nos disseram, até que a justiça seja feita. —

Assenti e percebi que Bruno me encarava. — Agora a única coisa que quero é ver minha irmã feliz.

Tá me entendendo, Lucas?

Sabia o que ele queria dizer, apesar de nunca falar nada a respeito das minhas escapadas com as

mulheres eu sabia que ele não aprovava.

— Eu sei, Bruno. E quanto a isso pode ficar tranquilo.

— Ok, agora vamos entrar e almoçar. Ou mamãe vai ter um ataque daqui a pouco, porque ficou

angustiada com o sumiço de vocês. Bela jogada aquela do colar, queria ter pensado nisso há quatro

anos.

Tive que rir da cara dele, perdi a conta de quantas vezes Bruno teve seu pedido de casamento

rejeitado ou frustrado, até que, por fim, Layla tomou a iniciativa, mas o importante é que estavam

juntos e felizes. Após muita coisa que passaram, os dois mereciam uma vida de paz.

Entramos e nos juntamos ao restante da família. O almoço foi animado, ninguém mais tocou no

assunto delicado, mas percebia alguns olhares de compaixão em direção a Sabrina. Ela sempre

sorria sabendo que a família só queria ajudá-la.

Apenas Ana se mantinha quieta e reservada. Parecia estar com a cabeça longe. Eu imaginava

que estava em certo pediatra emburrado. Sim, pois o humor de Alberto havia mudado drasticamente,

ultimamente andava sem ânimo algum. Acho que a viagem faria bem.

Sabrina se divertiu como há muito não via. Com o peso do seu passado dividido entre todos que

amavam devia ser mais fácil se soltar. Ficamos um pouco mais após o almoço e fomos para casa.

Bruno nos levou, pois meu carro ficou na garagem para que pudesse dar apoio à

minha mulher.

Havia um problema em tudo. Eu não sabia como agir. Não tinha a mínima noção do que ela

queria nesse dia. A minha intenção era aproveitar o restante da folga e curtir ao seu lado. Mas não

queria apressar nada. Meu desejo por ela nunca seria saciado e tinha receio de assustá-la.

Chegamos rapidamente, despedimo-nos de Bruno e entramos. Sem falar nada fui ao meu quarto

trocar a roupa, ficar mais confortável. Estava nervoso como um virgem. Droga, sentimentos

complicam tudo. Parecia pisar em ovos, não podia estragar tudo.

Desfiz-me da calça e coloquei uma bermuda folgada, resolvi ficar sem camisa mesmo. Afinal

éramos um casal e, mesmo quando não tínhamos nada além de amizade, eu sempre me senti à vontade

com ela em casa.

Voltei para a sala e percebi que Sabrina não estava em nenhum lugar à vista. Experimentei um

misto de decepção e alívio. Resolvi preparar algo para comer, pois já passava das quatro da tarde e

estava com fome. Peguei queijo e presunto na geladeira e pão de forma no armário. Um sanduíche

seria uma boa para me distrair, e depois um banho gelado.

Subitamente ouvi uma música vindo do quarto dela. Identifiquei como *Mirrors*, do Justin

Timberlake, franzi a testa e já ia me levantar para saber o que ela estava fazendo, quando minha

princesa apareceu no final do corredor. Quase tive um ataque cardíaco. Nunca imaginei ver algo tão

lindo, doce e, ao mesmo tempo, sensual.

Sabrina vestia um *shortinho* preto e um top cinza, bem parecido ao que usou na academia.

Quando me viu, ela sorriu e caminhou até a geladeira, depois ficou ali observando o conteúdo com

um dedo na boca.

E eu fiquei embasbacado em ver o quanto minha garota era linda. Seus cabelos negros estavam

soltos e emolduravam seu rosto lhe dando um ar sedutor. Estava com o sanduíche a meio caminho da

boca, quando ele caiu na bancada me dando um susto.

Por que me sentia assim? Nós já tivemos duas noites de amor maravilhosas e ainda ficava

fascinado?

Fiquei observando pelo canto do olho o que ela fazia, em um copo de vidro vi que colocou

algumas pedras de gelo. Queria saber o que iria fazer. Ela se virou pra mim com um sorriso lindo que

chegava aos seus olhos azuis brilhantes.

— Que foi, Lucas? Por que está olhando esse sanduíche e ainda não comeu?

Estava fazendo papel de idiota. Larguei o sanduíche e me levantei do banco, me aproximei

devagar até parar à sua frente. O copo em sua mão tinha uns seis cubos de gelo, levantei o olhar e a

encarei.

Aquela boca carnuda e sensual me convidava e pedia para ser beijada. Quando ela mordiscou o

lábio inferior, me deu um desespero incapaz de controlar.

Abaixei o rosto e tomei entre os dentes aquela carne macia e deliciosa. Seus lábios estavam

gelados. Então entendi sua intenção com os gelos. Ela queria brincar, mas teria que ter certeza. Nunca

a forçaria a nada.

— O que você quer com esse gelo, Princesa? — falei com a boca colada na sua lambendo e

mordiscando.

— Hum... — Ao som do seu gemido percebi que estava distraindo-a, me afastei e a observei.

Sabrina estava com os olhos fechados e sorrindo levemente. Peguei seu queixo e o ergui, ela

abriu os olhos lindos e me encarou.

— Nunca vou me cansar de apreciar como fica linda, quando está relaxada e sentindo prazer. O

que você quer com esses gelos?

— Uma coisa que li em um livro e nunca experimentei. — Corou envergonhada.

Ficava mais linda com as bochechas rosadas. Eu sabia que Sabrina era apaixonada por livros,

mas não sabia que eram os eróticos.

— Sei... E o que era? Não sabia que lia livros eróticos.

Ela baixou os olhos por um segundo. E quando os levantou tinha fogo e expectativa em seu

rosto.

— Sim, leio muitos e aprendi um monte de coisas novas. E esse último era uma brincadeira com

gelo, mas não tinha ninguém pra testar, agora eu tenho. — Sorriu amplamente.

Meu corpo se arrepiou com a expectativa. Não queria saber quem iria brincar com quem. Mas

minha vontade por essa mulher apenas aumentou em um grau insuportável.

— Sou todo seu!

Ela lambeu os lábios e pegou na minha mão arrastando-me para o seu quarto. Lá, eu percebi que

esteve planejando algo desde que chegamos. Na cabeceira da cama havia dois lenços de seda,

arregalei os olhos ao constatar que a minha menina queria me amarrar. Voltei

meu olhar e a encarei,

nunca havia feito isso, mas seu sorriso e seus olhos brilhantes foram impossíveis de recusar.

Entrei no personagem.

— O que você quer de mim, *Ama*? — Sorri malicioso.

Ela suspirou e olhou em volta, parecia meio perdida, porém logo se recuperou.

— Tire a roupa e deite na cama — disse em um só fôlego.

Sorri e depois tirei o *short* e a cueca. Nunca me importei com nudez e adorei quando ela viu que

eu já estava excitado, sua boca abriu e seus olhos se arregalaram. Adorava mexer com a minha

mulher.

Caminhei até a cama e deitei, aguardando o que viria a seguir. Sabrina colocou o vidro com o

gelo no criado-mudo e se aproximou. Subiu em meu quadril colocando uma perna de cada lado e

fechei os olhos quando baixou até se encostar em minha ereção.

— Agora, vamos brincar, eu vou te amarrar para que não possa me tocar. Não é nada como

dominação, apenas li que intensifica o prazer. Gostaria que tentasse comigo depois.

Abri os olhos e a encarei.

— Tem certeza? Não precisa... — Podia incomodá-la, pois estaria à minha mercê e não queria

que se lembrasse do que lhe fizeram no passado.

Ela sorriu percebendo o que minha pergunta significava.

— Tenho sim, confio em você. Eu só sentirei prazer, nada mais. O medo se foi. Eu juro.

Assenti aliviado, pois nunca queria ser comparado ao filho da puta, nem por um segundo.

Sabrina se inclinou e amarrou meus pulsos na cabeceira da cama. Seu perfume doce invadiu

meus sentidos e fiquei louco para abaixar seu top e sugar seus seios deliciosos. Arrependi-me um

pouco por permitir que me amarrasse. Mas mesmo impossibilitado de tocar, meus lábios estavam

livres, abocanhei um seio por cima do tecido e mordi com vontade. Ela gemeu e se esfregou em meu

pau.

Esse lance de ir devagar não era com a gente. Quando nos encostávamos, saíam faíscas que nos

queimavam e acendiam um fogo, que só era saciado quando nossos corpos se uniam.

Ela se afastou bruscamente e tentei acompanhar, sendo parado pelas mãos amarradas. Deitei na

cama frustrado.

— Calma, vamos nos divertir um pouco. — A infeliz ainda tinha o prazer de rir de mim.

Ela se levantou e tirou o *short* ficando com uma calcinha branca de renda, salivei por

antecipação. Imaginei retirar aquele pedaço de pano com os dentes. Droga, eu a

queria com

desespero. Sensualmente, ela rebolou ao ritmo da música que ainda tocava, deve ter colocado em

modo *repeat*. Tirou o top que escondia seus seios lindos e pediam pela minha boca.

— Droga, Sabrina. Para de me torturar. Preciso de você.

— Já disse que eu quero brincar.

— Então começa logo, porra!

— Apressadinho... — Sorriu e pegou o copo com o gelo, sentou ao meu lado da cama e colocou

um cubo na boca.

Arregalei os olhos quando percebi o que iria fazer. Ela passou o gelo pelos cantos da boca com

um sorriso malicioso. Quando ficou satisfeita o colocou no copo outra vez.

— Já ouviu dizer que a pressa é inimiga da perfeição?

Não pude nem falar nada. Sabrina se abaixou e cobriu meu pênis com a boca gelada. Puta

merda, nunca senti nada igual! O frio e a maciez dos seus lábios quase me fizeram gozar e acabar

com a brincadeira cedo demais. Fora que com as mãos amarradas não podia fazer nada.

Sabrina moveu sua boca em meu membro da mesma maneira que fez com o gelo. Sugava forte e

deliciosamente. Minha mente estava vazia, pois só conseguia sentir, porque ela era muito boa no que

fazia, perdição total!

Minha vontade era segurá-la e possuir seu corpo ferozmente. Não conseguia pensar em outra

coisa. Talvez por isso ela resolveu prender meus pulsos. Comecei a mover os quadris tentando assim

aliviar a dor que se formava em minha virilha. Já não aguentava mais até que Sabrina soltou e me

olhou com os olhos pegando fogo.

— Você fica lindo assim, sabia? Nunca tive alguém tão *sexy* na minha vida. Lucas, você é a

encarnação de tudo que eu podia querer. — Engatinhou-se pelo meu corpo até ficarmos cara a cara.

— Doce, gentil, amoroso, sensual, gostoso e delicioso. E todo meu!

Sabrina abaixou-se e me beijou sofregamente. Retribuí com a fome que sentia, estava excitado

ao máximo e mostraria a ela o que era um cara amarrado e louco pela sua mulher.

Acho que nunca a beijei assim, tudo se intensificava pelo fato de estar preso. Nossas línguas

duelavam e podia sentir a ânsia que vinha da Sabrina em me ter. De repente, ela se afastou e

estávamos ofegantes. Seus cabelos bagunçados a deixou ainda mais *sexy*.

— Vem Sá, não aguento mais. Eu quero você agora.

Ela sorriu e negou com a cabeça.

— Eu quero brincar mais. Acho que deve ter um gelo no copo ainda. — Estendeu a mão

pegando o copo, tirou um cubo meio derretido. — Acho que esse dá.

Colocou o gelo em minha boca e passou por meus lábios, capturei-o e briguei com ele, com os

olhos fixos nos dela. Sabia o que estava querendo, só queria poder ter a mobilidade das mãos para

apertar sua bunda gostosa. Mas iria deixá-la brincar.

Quando o gelo derreteu, lambi os lábios e a observei.

— Vem...

Ela respirou fundo e subiu com os joelhos ao redor do meu rosto. Apenas olhei aquela calcinha

branca e já fiquei louco.

— Chega a calcinha para o lado. — Ela fez. — Agora desce devagar até minha boca. Vou

chupar você até gozar.

Sabrina gemeu e desceu até mim. Quando seu sexo quente encostou-se aos meus lábios, eu

passei a língua por ele como se fosse um sorvete. Ela se contorceu e eu fechei a boca em seu clitóris

sugando sofregamente. Sabrina gemia e se movia em meu rosto. De olhos abertos continuei a chupar

sua vagina gostosa enquanto observava minha mulher se derramar em prazer. Tinha a cabeça jogada

para trás e os olhos fechados, com a boca aberta em êxtase.

A senti quase pronta, estava molhada da minha saliva e da sua própria excitação. Mordisquei o

nervo que lhe dava o ponto alto de todo prazer.

Ela forçou o corpo pra baixo e senti sua vagina se contrair quando gozou fortemente, e lambi

cada gota. Depois levantou-se e me observou com os olhos sonolentos, porque parecia não ter mais

forças para nada.

— Solta minhas mãos. — Minha voz estava rouca pela vontade que tinha de possui-la.

Ela o fez e prontamente deitei em cima dela. Abaixei a cabeça e beijei seu pescoço fazendo

carinho, esfreguei meu nariz em seus cabelos apreciando seu perfume gostoso. Pude perceber sua

pele se arrepiando e sorri.

— Você é minha, Sabrina. Não me canso de dizer. Eu te amo.

Entrei em seu corpo e me movimentei ao som da música que ainda tocava. Sabrina enlaçou as

pernas em minha cintura e me acompanhou. Em um ritmo sincronizado nos amamos, cheguei até

cantarolar alguma parte da letra, enquanto minha mente estava sã, o que não durou muito tempo.

Quando cheguei ao ápice, não pensei em mais nada a não ser na mulher linda que tinha em meus

braços, que era minha, deliciosamente minha.

## CAPÍTULO 21

*Sabrina*

Acordei com o corpo pegando fogo. Estava entre o sonho e a realidade porque minha mente

repetia momentos há pouco vividos. Abri meus olhos devagar e percebi que ainda estava escuro,

apesar de uma luz suave entrar pela fresta da porta entreaberta. Olhei para o lado e observei Lucas

dormindo serenamente.

Então constatei o que me acordou: desejo. Em meu sono as lembranças me assolaram, nunca

tinha me sentido tão à vontade com o sexo e meu corpo. Mas com Lucas, eu estava insaciável. Decidi

não ficar esperando ele acordar, iria eu mesma despertá-lo.

Mordi os lábios e o observei atentamente, ele era lindo demais. E minha necessidade por tê-lo

em mim era quase dolorosa. Olhei seu quadril coberto pelo lençol branco da minha cama e percebi

que não estava pronto para o que tinha em mente. Claro, o homem estava dormindo.

Desci a mão por sua barriga e ele se contorceu um pouco, mas não acordou. Afastei o lençol e o

descobri. Nossa, ainda tinha que me acostumar em observá-lo sem deixar o queixo cair. Coisa

estranha achar um pênis bonito, mas o do Lucas era. Talvez por amá-lo eu achava que tudo nele fosse

lindo.

Arranhei sua coxa, fazendo seu membro dar sinal de vida. Sorri e olhei em seu

rosto, ele ainda

dormia. Cerquei sua espessura e acariciei para cima e para baixo. Escutei um murmúrio e levantei o

olhar.

Um par de olhos verdes sonolentos me observava. Sorri e continuei trabalhando, na verdade não

precisou de muito, pois assim que tomou consciência do que eu estava fazendo, logo ficou duro e

excitado.

— O que você está fazendo, Sabrina?

— Não é óbvio? Eu te quero, e não consegui esperar você acordar.

Lucas mordeu o lábio com um sorriso malicioso no rosto.

— E por que está só olhando? Já estou pronto! — disse com voz rouca.

Nem precisou dizer mais nada. Subi em seu quadril e desci meu corpo em seu pênis túrgido,

sentindo cada pedaço da minha carne recebê-lo. Fechei os olhos intensificando o sentimento porque

era muito bom estar plena e saciada.

Subitamente olhei em seus olhos e vi que Lucas me observava sério e deliciosamente sedutor.

— Vem princesa, mova-se.

Não precisava de outro incentivo, sorri delicadamente e comecei a me movimentar. Era um

sentimento indescritível estar com ele assim. Sentia um frio na barriga e meu coração palpitava

descompassadamente. Subia e descia em seu membro pulsante e era o paraíso.

Lucas pegou em meu quadril intensificando o movimento. Me vi como uma amazona. E tive que

rir desse pensamento. Apoiei as mãos em seu peito para dar apoio. E sentei com tudo.

Gememos em uníssono.

— Assim você vai me matar. É isso que está querendo?

De olhos fechados, com apenas uma fresta de luz para que pudesse observá-lo, Lucas parecia

um deus em minha cama. Não queria que saísse dali de maneira alguma.

— Não mesmo, meu desejo por você só aumenta. Eu quero isso por muito tempo — disse quase

sem fôlego, sem parar de me mover.

— Eu tenho a melhor mulher do mundo. Vai, meu amor, mova-se com mais força.

Eu nunca fui de falar durante o sexo, na verdade eu apenas tinha relações para provar a mim

mesma que não tinha morrido e não estava traumatizada. Não sentia prazer, era algo frio e sem graça.

Com ele era diferente. E eu queria mais. Cavalguei em seu pau duro e a cada estocada me partia

em mil para não gozar e acabar com tudo muito rápido. Eu não pensava em nada e tenho certeza que

Lucas também não. Apenas aproveitava a delícia que era estar fazendo amor com o cara que tinha

meu coração.

Prendi meus olhos nos seus enquanto me deliciava do seu corpo, o orgasmo começou a surgir e

estava sendo insuportável segurar. Imaginei estar fazendo caretas, pois Lucas levou uma mão ao meu

rosto e sorriu.

— Não se segure, princesa. Eu quero também. — Sorriu lindamente.

Só precisou sua mão descer acariciando meus seios para me deixar levar. Senti os espasmos

iniciar em meu sexo e subir pela minha barriga, se espalhando pelo meu corpo, me fazendo jogar a

cabeça para trás e gritar o nome do homem que mudou minha vida completamente.

Voltei à terra lentamente e percebi que Lucas tinha os olhos fechados e um sorriso pleno no

rosto. Desabei em seu peito com nossos sexos ainda ligados. Estava exausta, com ele sempre seria

assim. Intenso.

Ficamos em silêncio e eu me distraí com os carinhos que Lucas fazia em meus cabelos e a

melodia suave do seu coração acelerado. Não cansava de me inebriar com o perfume que ele

emanava. Na verdade, nunca me cansaria de nada relacionado a ele.

Essa constatação me fez sorrir e virei a cabeça olhando em seu rosto. Ele parou com a mão em

minhas costas e arqueou as sobrancelhas.

— Por que esse sorriso, princesa?

— Porque eu te amo, só por isso.

Senti seu coração bater mais rápido. Levantei a mão e acariciei seu rosto, que estava com a

barba por fazer.

— Você sabe que dizendo isso eu levo a sério, né?

— E é pra levar mesmo, eu já te disse que sou sua e não estava brincando. Não imagino minha

vida sem você.

Ele mordeu os lábios e sabia que queria falar alguma coisa.

— Você não vai mais embora?

Nossa, com tudo que aconteceu tinha até me esquecido que iria embora. Mas agora não concebia

a ideia de me afastar do meu amor. Olhei em seus olhos e percebi que ele estava realmente

apreensivo quanto a isso.

— Não vou, pode ficar tranquilo. Acho que se eu tivesse ido não aguentaria por muito tempo.

Ele jogou a cabeça pra trás e respirou fundo.

— Graças a Deus. — Sua voz rouca me preocupou.

Puxei seu rosto e vi que tinha lágrimas nos olhos.

— O que foi, Lucas? Por que está chorando agora?

— Sá, o quanto você sabe da minha história de família? Eu não falei muito sobre isso.

— Só que Layla te criou quando seus pais faleceram.

— Sabia que minha irmã não iria falar sobre esse assunto porque ela também se machuca. —

Suspirou e encostou a cabeça no travesseiro. Olhando para o teto, ele voltou a mexer nos meus

cabelos, como se pudesse se distrair. — Nós dois fomos abandonados. Quando meu pai morreu, eu

era muito novo, mas me lembro dele perfeitamente. Era um homem bom e um pai carinhoso, e eu o

amava demais. Eu sofri, claro, mas o amor da Layla me consolou. Só que eu fui abandonado, Sabrina.

Minha mãe esqueceu que a gente existia, eu quase não tive contato com ela devido aos seis anos em

que vegetou, porque simplesmente não quis mais viver. Ela não queria aproximação e se fechou

totalmente. Eu tive a sorte de ter minha irmã que, mesmo sendo ainda uma menina, se preocupou em

me dar carinho e atenção. E por isso sou tão grato a Layla, sempre tão doce e amorosa. Nunca quis

dar-lhe preocupação e me contive, porém amadureci na marra. Mas sempre tive dentro de mim o

medo do abandono. Por isso fiquei tão louco quando você disse que iria embora.

No final, sua voz era apenas um sussurro. Então, eu entendi sua atitude impulsiva há quatro anos,

foi uma maneira de se defender por ser rejeitado e abandonado novamente. Nós dois enfrentamos

problemas sozinhos e quietos mesmo estando um na companhia do outro. Na verdade, acho que

estarmos juntos agora era uma maneira de o universo nos compensar por toda dor que passamos.

— Eu estou aqui agora, amor. Não vou te abandonar, prometo.

***

Após dormirmos e literalmente grudados, nos levantamos, tomamos banho juntos. Depois nos

despedimos e combinamos de nos encontrar mais tarde, já que Lucas tinha muito trabalho por não ter

ido no outro dia.

Eu também, mas nem me preocupei de avisar ao chefe que faltaria. Assim que cheguei tomei

uma bronca e havia mil coisas na mesa me esperando. Fora o fato do Felipe que, pelo jeito, não

havia desistido de me perturbar.

Mas, enfim, o dia terminou e recebi uma ligação do meu irmão assim que coloquei o pé para

fora do escritório a caminho da academia. Peguei o telefone na bolsa e atendi animada. Adorava

falar com ele.

— Fala, Bruno.

— Caramba, mas você só atende ao telefone assim.

Sorri sabendo que ele já iria reclamar.

— É meu charme, mas diz o que você quer. Estou indo pra academia.

— Queria que encontrasse comigo no *Beer* hoje à noite, vamos conversar sobre seu processo.

Tenho notícias meio chatas.

Suspirei e fiquei em silêncio por um momento, não queria levar isso até esse ponto. Mas era

necessário.

— Ok. Estarei lá. Já avisou o Lucas? Ele sai às oito horas hoje.

— Já sim, o encontrei no corredor do hospital e ele ficou de ir direto do plantão.

— Beleza, te vejo lá. Agora vou descarregar umas energias.

— Ok Sá, cuidado com o lobo, tá? O bicho pega se ele entrar em terreno alheio.

— Ai, que horror, nem vou responder. Beijos irmão, te amo.

Desliguei antes que ele dissesse qualquer coisa inconveniente. Mas por um instante eu havia

esquecido o Alex. De certa forma eu dei corda pra ele, estava frágil ainda. Claro, ele era lindo e

*sexy*. Quem não ficaria tentada?

Teria que me desculpar. Não demorou muito e cheguei à academia, era perto do escritório e fui

a pé mesmo. Enfrentar trânsito por vinte minutos de caminhada não estava nos meus planos.

Cheguei ao prédio e caminhei direto para o vestiário. Troquei-me rapidamente e fui em direção

à esteira. Não iria lutar hoje. Queria apenas me exercitar e gastar energia. Fora que não sabia se

seria uma boa ideia ficar corpo a corpo com o Alex. Acho que depois de me explicar seria mais

fácil.

Coloquei os fones e comecei a correr. Esqueci-me de tudo ao redor apenas escutava as músicas

que tocavam. De repente, senti uma presença ao meu lado.

Quase tropecei e caí quando vi o Alex encostado na bicicleta de braços cruzados, me

observando e sorrindo. Nossa, nunca me acostumaria com o efeito que tinha ao vê-lo desde a

primeira vez! O cara tinha sedução emanando de cada poro.

Desliguei a esteira, tirei os fones e aproximei-me.

— Oi, Alex. Queria falar com você.

Ele arqueou as sobrancelhas com desdém no olhar.

— Sério? Não me pareceu, você faltou à aula hoje.

— Me desculpe, mas eu queria conversar com você primeiro.

Descruzou os braços e apoiou-os no guidão da bicicleta. Fiquei meio boba por causa dos seus

braços fortes, mas logo desviei a atenção.

— Sou todo ouvidos.

— Eu queria me desculpar por aquele dia no bar. Não foi legal ter te levado e acontecido aquilo

tudo. Sinto muito.

Ele começou a rir e olhei em seu rosto. Não entendia o porquê de achar graça.

— Sabrina, não tem que se desculpar. Você o ama e eu sabia desde o início, mas não podia

deixar de tentar. Afinal, não é todo dia que se encontra uma mulher linda como

você. Espero um dia

encontrar uma mulher tão especial e que me ame tanto quanto você o ama.

Sorri e o abracei. Apesar de tudo, Alex era um cara legal e poderia ser um bom amigo.

— Obrigada, Alex. Fico feliz que possamos ficar numa boa. Odiaria ter que me mudar de

academia.

Ele sorriu e se inclinou para falar ao meu ouvido:

— Nem pense nisso, então como poderia tirar umas casquinhas sem levar um soco na cara.

Afastou-se e apertou meu queixo. Eu fiquei ali como uma besta observando o cara se distanciar,

fazendo a maioria das mulheres se virarem para olhar. Uma até caiu da esteira.

Depois dessa, era hora de encontrar o meu Lucas.

Tomei um banho e me vesti, ainda era cedo e ele não devia ter chegado ao bar. Mas seria bom

conversar com Heitor e Layla. Adorava aqueles dois.

No *Beer* já estava tudo movimentado, minha cunhada havia feito o bar ferver como também a

administração do Heitor, pois o cara era mestre em entretenimento e organização.

Avistei o ursinho atrás do balcão do bar e o cumprimentei com um aceno. Ele sorriu e me

indicou com a cabeça onde o Bruno estava. Meu irmão parecia hipnotizado vendo a sua esposa se

apresentar. Também pudera, Layla era linda demais. E sua voz maravilhosa de se ouvir.

Ela dedilhava o violão lindamente e cantava com a alma. Minha cunhada escolhia um repertório

bem nacional e eu gostava. Tinha uma paixão pelas músicas da Ana Carolina, e naquele momento ela

tocava *Quem de nós dois*.

Layla fechava os olhos quando se emocionava e quando os abria sorria e observava o marido.

Ao me avistar inclinou a cabeça em minha direção e piscou para ele. Bruno se virou e me viu,

sorrindo ele se aproximou.

— Dança comigo, irmãzinha.

Peguei sua mão e começamos a dançar, apesar de estar com meu irmão fechei os olhos e senti a

música com a alma. Pensei em Lucas e sorri ao perceber que a canção era nossa, sem dúvida.

*“No vão das coisas que a gente disse*

*Não cabe mais sermos somente amigos*

*E quando eu falo que eu já nem quero*

*A frase fica pelo avesso*

*Meio na contramão*

*E quando finjo que esqueço*

*Eu não esqueci nada*

*E cada vez que eu fujo, eu me aproximo mais*

*E te perder de vista assim é ruim demais*

*E é por isso que atravesso o teu futuro*

*E faço das lembranças um lugar seguro*

*Não é que eu queira reviver nenhum passado*

*Nem revirar um sentimento revirado*

*Mas toda vez que eu procuro uma saída*

*Acabo entrando sem querer na tua vida...”*

Não existiam mais meias palavras com ele. Sabia o que sentíamos um pelo outro.

Um arrepio percorreu minha espinha e olhei em direção a um sorriso que encheu meu coração

de felicidade.

O amor da minha vida tinha chegado.

**CAPÍTULO 22**

*Lucas*

Assim que cheguei ao bar, a procurei com o olhar, e encontrei-a dançando com o irmão. Layla

me viu do palco e sorriu, pisquei para ela e me dirigi ao balcão para observar Sabrina de longe. Só

não demorou muito até que me notou, devia ser alguma coisa que nos ligava, pois sempre sentíamos a

presença um do outro.

Sorri amplamente com todo amor que havia em meu coração, e o que recebi em troca valeu todo

o tempo que fiquei louco no hospital querendo vê-la e falar com ela. Perdi a conta de quantas vezes

peguei o celular e desisti no meio do caminho. Não queria parecer pegajoso nem nada, então preferi

refrear minha vontade de ouvir sua voz.

Deixei ter seu tempo com o irmão e me virei para beber algo enquanto a esperava. Dei de cara

com Heitor rindo da minha cara com um sarcasmo evidente no olhar.

— Que foi, cara? Nem vem...

Ele jogou a cabeça pra trás e deu uma gargalhada. Palhaço, sabia o que viria por aí.

— Fala sério, Lucas. Você nem sabe o que eu iria dizer.

— Com essa cara de babaca aí, eu posso até imaginar. — Me sentei no banco e olhei em seus

olhos.

Apesar de nos conhecermos e sermos amigos, sabia muito pouco da vida do tatuado.

— Ah, tipo que você disse que não iria se envolver com ninguém e que preferia ficar sozinho?

— Exatamente. Sabrina não é ninguém. Ela é a mulher mais linda, inteligente e interessante que

eu podia conhecer.

Com a minha resposta ele ficou em silêncio e assentiu com a cabeça. Abaixou-se e pegou no

*freezer* uma lata de refrigerante, estendendo-a em minha direção. Ele sabia que em período de

plantão eu não bebia, não valia a pena o gosto ruim na boca e a ressaca no dia seguinte tendo que

encarar muitos pacientes.

— Tá certo, sempre tem alguém especial, né?

— Você não tem ninguém assim? Nunca disse nada, apesar dos casos que sei que tem, nunca te

vi com alguém por mais de duas vezes.

Ele colocou os cotovelos no balcão com o queixo apoiado nos punhos fechados.

— Não quero sair com alguém mais que esse tempo para que não criem expectativas. Apesar

de, às vezes, ficar tentado pelo sexo ser bom, mas não é para mim. E respondendo à sua pergunta,

uma vez achei que tinha. Mas me enganei!

— Sua esposa?

Ele assentiu e desviou o olhar.

— Existem vários tipos de sentimentos Lucas, aqueles que mexem com a gente de um jeito que

você joga tudo para o alto e corre atrás sem pensar nas consequências, como uma mariposa que vai

para a luz e acaba se queimando. E tem o que você e a Sabrina vivem, que é saudável, pois cada um

sabe o que quer e confia um no outro. A minha ex nunca tentou me entender ou confiar. E isso, meu

amigo, é o fim. Acabou que no final foi tudo uma porra de um desastre total!

Uau, nunca imaginei que tivesse sido tão complicado. Claro, tinha curiosidade de saber mais

dele. Poxa, éramos amigos, mas não iria forçar isso. Pude perceber sua dor em cada palavra.

— Mas quem sabe Deus ainda não tenha guardado alguém especial para você? Que vai te fazer

bem, ao invés de mal?

Ele se ajeitou atendendo um cliente. Depois voltou e me encarou.

— Se isso acontecer, meu amigo, será uma luz na minha vida escura.

Heitor sorriu e inclinou a cabeça. Senti duas mãozinhas me abraçando pela cintura. Conhecia

Sabrina pelo toque e perfume inconfundíveis, virei o rosto e me deparei com seus olhos azuis

brilhantes e lindos.

— Oi. — Me deu um selinho na boca.

— Oi, amor. Como foi seu dia?

Ela bufou, apoiando o queixo no meu ombro. Estendeu a mão e pegou a minha lata de

refrigerante e deu um gole.

— Um tédio! Bronca, muito trabalho e colega chato pegando no meu pé. O que compensou foi a

esteira depois, descarreguei toda a minha energia.

Com a menção da academia, eu fechei a cara porque o ciúme me corroeu.

— Você viu aquele lobo?

— Ah, que fofo! Tá com ciúmes? — Ela viu minha cara fechada e revirou os olhos. — Vi sim,

mas só me desculpei com ele. Não precisa ficar enciumado, Lucas. Eu não sou assim, você sabe.

— É, mas não deixa de incomodar.

Um pigarro nos chamou a atenção e olhamos juntos para Heitor, que tinha um sorriso preso no

rosto.

— Eu estou aqui, vocês sabem, não precisam começar uma briguinha na minha frente —

desdenhou.

Mostrei o dedo do meio pra ele, que o fez rir totalmente. Sabrina se sentou no banco ao meu

lado e se dirigiu a Heitor.

— Então, ursinho, quando vocês vão viajar?

Só era permitido que ela o chamasse assim. O cara se derretia com Sabrina, admito que fiquei

incomodado por um tempo. Mas ele sempre a tratou como uma irmã.

— Amanhã, Alberto adiantou nossos planos. Disse que precisava espairecer. Conversei com a

Layla e a Elisa, que ficaram de tomar conta do *Beer* pra mim. Desde que assumi o bar por completo

tem me dado muito trabalho. Preciso descansar.

Sabrina sorriu e colocou a mão sobre a dele que estava apoiada no balcão.

— Toma cuidado, tá? Vou ficar preocupada com vocês percorrendo essas estradas de moto.

Ele apertou a bochecha dela carinhosamente.

— Não se preocupe, *baby girl*. Vamos ficar bem.

Eu também me preocupava com os dois. Mas percebi que eles precisavam desse tempo. Às

vezes, algo te incomoda tanto que é preciso se afastar.

Ficamos conversando até que vi Bruno e Layla se aproximando.

— Vamos conversar? — disse Bruno sério.

Não vinha coisa boa disso tudo, porque o notei tenso no hospital, mas ele não quis falar. Só ia

contar tudo quando estivéssemos juntos. Despedimo-nos de Heitor e procuramos uma mesa mais

afastada.

Layla sentou ao lado do marido e entrelaçou seus dedos nos dele. Dali eu já percebi que viria

merda, pois ela o estava confortando. Talvez acalmando. Se já estava nervoso antes, depois disso

então parecia que ia explodir.

— Bom, a situação é mais complicada do que imaginamos. O advogado me ligou explicando

depois de estudar o caso. Pela lei o crime de estupro não pode ser mais indiciado porque o prazo

seria de seis meses a partir do ato, o que não ocorreu. Agora a única coisa a ser feita é um processo

por danos morais tendo o vídeo como prova. Então, o cara provavelmente vai se safar com uma

multa a pagar.

Uma fúria que até então não tinha sentido subiu em meu corpo. Arregalei os olhos, minha cabeça

estava a mil. Arrependi-me de não ter socado o cara para não perder a razão, porém minha vontade

era ir lá agora e fazer exatamente isso.

Trinquei os dentes para poder conter um pouco a minha raiva.

— Mais nada, Bruno? Só isso?

Ele respirou profundamente e balançou a cabeça concordando. Parecia estar muito chateado

com tudo também, estava calmo agora por ter tido tempo de extravasar. Sabrina estava em silêncio ao

meu lado. Eu não aguentei.

— Porra, que filho da puta desgraçado!

Levantei-me subitamente ignorando as vozes de Layla e Sabrina me chamando. Tinha que sair

dali antes que delatasse todos os nossos problemas. Provavelmente Bruno escolheu o bar para eu ter

que me conter, mas isso estava se tornando quase impossível.

Toda a angústia que senti pelo que minha princesa passou e o cara ainda se safar com algo leve,

me deixou em fúria total. Encostei-me em um carro e respirei profundamente tentando me acalmar.

O sistema era uma merda! Como alguém se safa dessa porra?! Mesmo que se passe vinte anos,

quem sofre esse tipo de violência nunca vai esquecer. Por que o causador se livra tão fácil?

Escutei um barulho na porta do bar e vi que Sabrina vinha em minha direção com o rosto

preocupado.

Merda, não queria incomodá-la tanto! Teria que me controlar mais.

— Lucas, não fica assim — falou num fio de voz, mas percebi que estava segurando o choro.

A puxei para o meu peito, abraçando seu corpo, oferecendo carinho e proteção.

— Não se preocupa comigo, linda. É só que não foi legal saber que o desgraçado vai se safar

numa boa, mesmo tendo um arsenal daqueles.

Ela assentiu e eu beijei o topo da sua cabeça.

— Bruno disse que, se alguns daqueles vídeos forem recentes e acharmos a vítima, podemos

persuadi-la a prestar queixa. Mas eu não acredito que ela irá se manifestar. Ou teria feito desde o

ocorrido.

Assim como ela não fez.

— Eu sei que você está incomodada com isso tudo, Sá. Não negue.

Ela se afastou, me olhando nos olhos. Seu rosto estava tenso, contendo reações que sabia que

estavam presas dentro de si.

— Claro que estou, me culpo por não ter prestado queixa quando aconteceu. Ele não teria feito

com todas as outras. Não estaria livre para fazer de novo.

Levantei a mão e acariciei seu rosto. Ela se inclinou para o meu toque e passei o polegar

enxugando uma lágrima que descia por sua bochecha.

— Eu sei que se sente mal. E concordo que devia, sim, ter denunciado, mas entendo o que você

passou, Sabrina. Ninguém vai te julgar por isso, já te falei. Vai dar tudo certo, não se preocupe.

Puxei-a novamente e ela se virou ficando de costas para o meu peito. A abracei, enquanto

ficamos observando as estrelas, estava uma noite fresca e o céu estrelado.

— Sabe, quando eu era menino Layla tinha costume de contar histórias na rede da nossa casa

quando a noite estava assim. Eu gostava muito, acho que continuou até meus quinze anos, mais ou

menos. Depois meio que foi estranho ficar ouvindo contos de fadas. — Sorri ao lembrar que já

estava maior que ela e ainda me sentia um garoto quando estávamos juntos. — Me lembro de que na

última vez ela tinha por volta de vinte e um anos e acabava de chegar do trabalho. Eu estava sentado

na escada da frente e Layla estava exausta. Ela me cumprimentou e foi guardar suas coisas em casa.

Depois voltou com o livro do Rei Leão, eu sorri e ela começou a lê-lo. Quando

acabou, me abraçou

pelos ombros e disse: “Você sempre será meu garotinho, Luquinha. Sei que não quer mais ouvir

histórias, mas quando precisar da sua irmã sabe que pode contar comigo”.

— O companheirismo de vocês é lindo.

Sorri e dei um beijo no ombro da Sabrina.

— E ela sempre esteve ali, sabe? Em todos os momentos que precisei, tanto para um colo como

para dividir alegrias ou tristezas. E é isso que eu quero que tenha em mente sobre nós. Eu posso não

te contar histórias de contos de fadas, mas sempre estarei aqui pra você, seja para o bem ou para o

mal.

Ela se virou e cobriu o meu rosto com as suas mãos pequenas e macias.

— Eu sei, meu amor. Você me salvou. Foi o meu príncipe no cavalo branco. Apesar de tudo que

passamos, por todo sofrimento que causamos um ao outro, eu sempre o tive como meu porto seguro.

Sabia que podia contar com você, para o que desse e viesse. — Sorriu docemente. — Só quando

estava envolvido nas garras daquelas vadias que eu te odiava.

— Nem lembre isso. Não gosto de saber que te magoei tanto.

— Ah, isso fez parte da nossa história. Se eu fosse pensar friamente, não tinha motivo para ficar

chateada, afinal não tínhamos nenhum envolvimento amoroso. Éramos apenas

amigos. Mas como não

pensei, eu quase morria com cada mulher que passava por sua cama.

Fechei os olhos ao ouvir a dor em sua voz. Fui um filho da puta que a fez sofrer.

— Não farei mais isso, princesa. Pode confiar.

— Eu confio, meu amor. E também se me sacanear, eu te mato. Você sabe, as baixinhas são as

mais bravas!

Sorri e beijei seus olhos.

— Eu sei, sim. Quantas vezes não brigamos pelos foras que me deu. Já perdi a conta.

Ela riu e deu um tapa em meu peito.

— Você mereceu.

— Eu sei. Mas agora eu vou estar sempre ao seu lado. E se te magoar pode ter certeza que não

será por querer. Nunca mais quero te ver chorar por mim, minha linda.

Abracei-a e guardei no peito tudo de bom que tínhamos. O que era ruim praticamente joguei

fora. Eu a tinha em meus braços, e ela era minha para guardar e proteger.

Não deixaria ninguém magoá-la. Nem mesmo eu.

## CAPÍTULO 23

*Sabrina*

Depois de voltarmos para o bar e nos despedirmos do Bruno e da Layla, nós fomos para casa.

Como cada um tinha ido em seu próprio carro seguimos separados. Cheguei primeiro porque Lucas

iria passar em uma farmácia. Ao pisar na cozinha, meu celular tocou.

Vasculhei sem olhar na bolsa enquanto deixava a chave em cima do balcão. O peguei e atendi

rapidamente antes que parasse de tocar.

— Alô. — Silêncio, ninguém respondeu. Afastei o telefone e olhei para ver se tinham desligado,

mas continuavam na linha. Percebi que era um número desconhecido. — Alô, está me ouvindo?

Alôôô. Ai, vai arrumar o que fazer... — Desliguei e joguei o aparelho novamente dentro da bolsa, e

me esparramei no sofá. Esse povo fica à toa e perturbando a vida dos outros, porém alguma coisa

naquele telefonema me incomodou. Poderia ser coisa da minha cabeça, mas não vou negar que fiquei

assustada.

Fiquei pensando e repensando quem devia ser, se era alguma brincadeira. Ou falha na linha.

Quando Lucas chegou, eu estava na mesma posição, jogada no sofá e roendo as unhas,

preocupada. Ele franziu a testa, colocou a sacola na mesa de centro e sentou-se ao meu lado.

— Que foi, Sabrina? Por que essa cara?

Olhei em seus olhos e respirei fundo, não queria preocupá-lo, mas não podia esconder dele

também.

— Recebi uma ligação estranha, pode não ser nada, mas fiquei assustada.

— Como estranha? — Arqueou uma sobrancelha.

— Ficaram quietos e eu desliguei.

Ele mordeu os lábios e se encostou.

— Pode não ser nada. Mas se acontecer de novo, me avisa.

Virou-se, me encarando. Tinha tanto amor em seus olhos que apenas assenti e me inclinei para

dar um beijo em seus lábios, era uma energia que me puxava em sua direção. Tomei seu rosto entre

minhas mãos e fechei os olhos, apenas sentindo sua respiração calma em meu rosto além da sua boca

quente e macia.

Queria apreciar bem devagar seus lábios, e Lucas deixou ter meu tempo. Não se movia a não ser

para retribuir a doçura que aquele beijo se tornou. Mordisquei levemente passando a língua por cada

canto, sentindo e provando.

Abri os olhos e me deparei com seu olhar sorridente e feliz. Ele sorriu e levou as mãos em meus

cabelos, prendendo-os entre os dedos. Nossa respiração começava a ficar entrecortada e sabia aonde

isso iria nos levar.

De vez em quando, precisamos passar uma noite inteira somente de aconchego e carinho. Agora

eu queria amar seus lábios e sentir esse suave e doce sentimento que se apoderava do meu peito.

Tínhamos muito tempo para o sexo, talvez simplesmente acontecesse, como algo natural levado

por puro amor.

Aprofundei nosso beijo que ainda continuava suave e vagaroso. Arrastei pelo sofá até ficarmos

de quadris colados. Acariciei sua língua e suguei com desejo. Lucas desceu a mão pelas minhas

costas e fez carinhos constantes, subindo e descendo pela minha blusa.

Com um último roçar de lábios nos separamos. E pude sentir que nosso amor crescia. Com um

beijo simples e doce ou algo quente e feroz, nós estávamos cada vez mais ligados. Sorri e me

levantei.

— Você quer comer alguma coisa?

Ele assentiu com os olhos brilhando. Caminhei para a cozinha, iria preparar alguma coisa para

beliscarmos, já que não comemos nada no *Beer*. Já era bem tarde e um jantar não cairia bem.

Peguei na geladeira algumas coisas para um sanduíche saudável.

Lucas tinha se levantado do sofá e levado a sacola para a cozinha. Ainda não tinha visto o

conteúdo e não me importei em questionar. Ele parou ao meu lado franzindo a testa.

— Sá, quando nosso relacionamento sexual começou... eu não perguntei e nem

você falou. Na

verdade, nem importou. Mas pensei em algo hoje quando saímos do bar. Você está tomando

anticoncepcional?

*Droga!* Deixei a alface que tinha nas mãos cair no balcão.

— Não — disse de olhos arregalados e engoli em seco.

Lucas suspirou.

— Imaginei. Bom, passei na farmácia e comprei camisinhas, as que eu tinha joguei fora. Mas me

diz, tem alguma possibilidade de você ter engravidado? Nós tivemos várias relações sexuais sem nos

prevenir.

Olhei para os lados e comecei a fazer as contas. E o que constatei quase me fez cair de costas.

— Bem, sim. Ai, meu Deus. E agora?

Ele me abraçou por trás e me apoiei em seu peito, sentindo a dureza dos seus músculos.

— Calma, princesa. Ainda nem sabemos se aconteceu, não fica com isso na cabeça. E se caso

tiver acontecido vai ser muito bem-vindo. Seremos uma família feliz.

Virei o rosto e vi sinceridade em seu rosto. Não que eu não quisesse um bebê do Lucas, mas

ainda não era a hora. Estava tudo muito recente, tínhamos que nos curtir mais.

— Tudo bem, minha menstruação está para vir em dez dias, vamos ver se ela vai atrasar.

Ele pegou em meus braços e me virou.

— O que acontecer, estarei com você. Ok?

Assenti e resolvi não ficar pensando muito nisso, afinal não iria adiantar nada.

Fizemos nosso lanche conversando amenidades do dia a dia. Adorava essa parte do nosso

relacionamento. Em quatro anos essa conexão e amizade tinha se tornado essencial em nossas vidas.

Decidimos tomar um banho. E que banho!

Lucas ensaboou cada pedaço do meu corpo beijando toda a pele que limpava e enxaguava. Nos

tocamos e amamos vagarosamente debaixo do chuveiro.

Tê-lo dentro de mim era o céu. Encaixamo-nos perfeitamente e, quando o olhei através das gotas

d’água que caíam, foi a coisa mais linda que pude presenciar na vida. Sua boca entreaberta ofegava a

cada vez que me estocava. Nós nos amamos pelo que pareceu uma eternidade. Queríamos protelar o

maior tempo, mas quando não deu mais caminhamos juntos para o êxtase.

Gozei deliciosamente e me senti esplêndida por estar em seus braços. Ele sorriu e acariciou

meu rosto com a bochecha, não precisava dizer nada. Cheguei à conclusão que as palavras já não

eram necessárias, sabíamos o que sentíamos. E nada abalaria esse amor.

Saímos do chuveiro e fomos para o quarto dele. Outra coisa que precisávamos definir, apesar

do quarto dele ser confortável o meu era maior. E eu não sabia se ficaríamos juntos assim, agora era

natural segui-lo. Mas teríamos que decidir se seria constante dividirmos a mesma cama. Porém,

deixaria para outra hora. Agora só queria dormir abraçada a ele e entrar no mundo dos sonhos.

Com um sorriso no rosto, me acomodei em seu braço estendido e encaixei em sua pélvis, nos

colando completamente. Ele aproximou sua boca pecaminosa do meu ouvido e sussurrou:

— Boa noite, minha princesa.

Fechei os olhos e relaxei meu corpo. Lindos sonhos invadiram minha mente o restante da noite.

Em um momento, me vi entrando por um caminho de flores ao encontro do meu amor, que com um

sorriso arrebatador me esperava. Em outro, me via com um bebê doce de olhos verdes em meus

braços. Mesmo naquele mundo paralelo, senti um amor incondicional por aquela pessoinha que fazia

parte de nós dois. Acordei com lágrimas de felicidade em meu rosto.

Talvez a ideia de ter um filho do Lucas naquele momento não era tão precipitada assim. Mas iria

deixar o tempo correr e dizer o que seria das nossas vidas. Afinal, sempre acreditei que tudo tem sua

hora de acontecer.

Lucas já estava se arrumando para trabalhar. Mesmo que o seu plantão tenha

terminado na sexta,

ele teria que trabalhar neste dia por ter faltado na quinta. Aproveitei e me levantei. Iria dar um jeito

na casa e fazer as unhas, talvez uma hidratação nos cabelos. Isso, coisas de mulheres. Só faltava

minhas irmãs e a Layla.

Decidi convidá-las para uma festinha. Mandei mensagem de SMS para cada uma enquanto

preparava o café. Sabia que não responderiam prontamente por ser muito cedo. Depois de tomar seu

café, Lucas partiu afobado porta afora.

Às nove da manhã, recebi as respostas. Só Ana poderia vir, porque Larissa estava às turras com

os meninos e Layla não se sentia bem por causa dos enjoos da gravidez, que a deixaram indisposta.

Ana chegou por volta do meio-dia, trazendo o almoço: pizza. Adoro!

Conversamos e fizemos hidratação nos cabelos uma da outra. Sempre tinha sido assim, apesar

de nossa diferença de nove anos na idade sempre nos demos bem.

Enquanto fazíamos as unhas, recebi uma mensagem de texto do Lucas.

*“Sá, vai ter bota-fora do Alberto e do Heitor hoje à noite.*

*De lá, eles vão direto pra estrada.”*

Respondi com um “ok” e levantei os olhos observando minha irmã.

— Ana, você já está sabendo?

Ela me olhou franzindo a testa.

— Do quê, sua louca? Do nada, já começa falando assim.

— Ah, deixa de ser chata. Vi seu celular vibrando e você fechou a cara, de repente, há uns vinte

minutos.

— Não é nada. Coisa do trabalho.

— Uhum sei, não tem nada a ver com o bota-fora de hoje à noite?

Ela tomou um susto e quase arrancou um dedo do pé fora.

— Droga, não tem não. Por quê? Eu nem quero ir, caralho arranquei um bife. Essa bosta vai

sangrar até amanhã!

— Deixa de ser exagerada, Ana. Cara, o que aconteceu com você? Por que essa raiva toda? Pra

mim parece frustração sexual.

Ana levantou a cabeça, me fuzilando com os olhos estreitos e a boca franzida.

— Para que você saiba, sua fedelha, ninguém está frustrado aqui, tenho tantos homens quanto eu

quero e muito orgasmo com cada um.

— Eca, não foi isso que eu falei. E além do mais nenhum deles é exatamente o que seu corpo e

seu coração pedem.

— Foda-se esses traidores! Eu sigo e sempre segui minha mente. Essa sim não me trai ou deixa

a ver navios.

Nossa, que mau humor. Mas achei que se eu desse mais corda ela falaria mais. Estava muito

curiosa para saber o que rolou com eles e, claro, tentar ajudar.

— Isso quer dizer que você quer o Alberto?

— Porra, quero! — Ela arregalou os olhos e jogou algodão em mim.

Eu ria e tentava me desvencilhar por seu ataque de fúria.

— Calma Ana, não foi difícil assim deduzir isso. Mas por que não fica com ele, então? Ele te

quer, tá mais do que na cara, minha irmã.

Ela suspirou e abaixou a perna do sofá se encostando, depois deitou a cabeça fitando o teto.

— Não é tão simples assim, Sabrina. Ele me machucou demais, eu não consigo só esquecer,

sabe? Por mais que ainda sinta algo por ele, não dá. Sou orgulhosa além da conta.

Olhei minha irmã, ela sofria, mas não dava o braço a torcer.

— Mas foi tão grave assim? Tem mais de dez anos.

Ela suspirou, profundamente.

— Doze, na verdade. Conto todos os anos e por quanto tempo eu amei com todo o meu coração

e ele foi despedaçado. Foi grave, sim. Eu não gosto de falar sobre isso, mas farei para tirar um pouco

dessa sua cara de curiosidade. — Indicou com o dedo para meu rosto, então percebi que estava todo

franzido, porque tentava entender o que se passava com minha irmã. — Quando

se está em um

relacionamento, acima de qualquer coisa, precisa de confiança. Quando ela é quebrada, fode com

tudo. Não tem volta, pelo menos pra mim. Não foi algo legal e indolor. Eu sofri por anos até

conseguir ir para a cama com alguém, e tudo nas minhas condições. Por exemplo, eu não consigo que

um cara me domine. Não dá, eles não mandam na cama. Entende o que eu quero dizer?

Olhou-me por um momento e assenti.

— Não que eu faça esse lance de BDSM, mas no sexo sempre tem alguém que conduz. E sempre

serei eu. Assim é menos complicado, eu não me envolvo, mas nunca mais me deixei levar totalmente.

E isso é uma merda, porque todos os caras que eu saio são um Zé Mané que não sabem foder. E me

contento com essa porra!

Nossa, minha irmã estava mais quebrada do que eu imaginava! Mesmo tendo acontecido tudo

aquilo comigo, consegui dar a volta por cima e tive alguns encontros bons. Apesar de sempre ficar

com um pé atrás, alguns foram legais. Não tanto como me sinto agora. Mas nada do que ela estava me

contando. Ana não se entregava mais completamente.

— E você está feliz com ele indo embora por um tempo?

Ela fechou os olhos e negou com a cabeça.

— Por mais destrutivo que possa ser, eu gosto das nossas brigas. Ficar sem vê-lo vai ser o

inferno. Pior do que já é.

— Talvez seja bom. Quem sabe um não se esquece do outro?

Ana abriu os olhos e me observou. O mel dos seus olhos estava escuro de tristeza.

— Sabrina, em doze anos eu não esqueci a boca e o cheiro daquele homem. Você acha que duas

semanas vão fazer diferença? Só se um de nós morrermos, e acho que ainda assim não teria jeito.

Por mais que aquilo fosse sinistro, eu entendia o que ela queria dizer. Quando se ama de

verdade, por mais que você não queira, outra pessoa não cabe mais naquele lugarzinho que foi

conquistado antes. Esperava que eles conseguissem resolver tudo porque o tempo não espera por

ninguém.

## CAPÍTULO 24

*Lucas*

— Não vejo a hora de pôr os pés na estrada.

Estávamos na sala dos médicos fazendo uma pausa.

Depois de uma cirurgia complicada, eu só queria fechar os olhos e descansar um pouco. Mas

quando cheguei, Alberto estava lá todo animado falando sobre sua viagem. Comentava entusiasmado

dos lugares que iriam visitar. Pareceu-me que ele e Heitor tinham combinado tudo durante a semana.

— Percebi, não para de falar isso há dez dos meus vinte minutos de descanso.

Ele franziu o nariz e sorriu se recostando no sofá enquanto um dos nossos amigos se levantava

dizendo ter terminado sua pausa. Não devia estar muito feliz em perder todo o descanso ouvindo

Alberto falar.

— Ops, foi mau. Mas é que estou empolgado, cara. Faz tempo que algo não me anima assim.

Assenti e resolvi perguntar. Afinal, ele não tinha tocado no assunto ainda. Alberto colocou na

cabeça que iria reconquistar a Ana a qualquer preço. E me parecia muito feliz em se distanciar, não

que eu o estivesse julgando. Ana era realmente muito complicada de lidar, mas quando os

sentimentos falam mais alto não há escapatória.

— E você, não vai sentir falta da Ana?

Seu sorriso morreu e ele abaixou a cabeça, pensativo. Cada vez que tocava no nome dela essa

era a sua reação, parecia que carregava um mundo nas costas.

— Demais para o meu gosto, mas é preciso. Não aguento mais essa vida de merda com ela.

Desde que ele havia me dito sobre o bota-fora no bar à noite, eu fiquei pensando se Ana não iria

aparecer. E se fosse, será que iria dar certo? O cara precisava de tranquilidade

para viajar.

— Entendi, você vai tentar esquecê-la?

Ele levantou a cabeça subitamente, e vi que em seus olhos tinha um brilho diferente. Parecia

determinado, sei lá, não consegui identificar. Suspirou profundamente e coçou o queixo com o

polegar e o indicador.

— Lucas, não esqueci essa mulher em nenhum minuto da porra de vida que levei por doze anos.

E não será em uma viagem que farei isso. Eu vou pra descansar e espairecer, mas quando voltar ela

vai ser minha a qualquer custo. Nem que eu tenha que amarrá-la! — Sorriu malicioso. — E estou

achando isso uma boa ideia de qualquer jeito.

Tive que rir. Eu tinha a impressão que Ana não teria escapatória mesmo. O cara estava

determinado.

— Entendo. E você já ajeitou tudo aqui no hospital?

— Sim, aqui e fora dele. Já está tudo arrumado e com todas as minhas obrigações em ordem.

Franzi a testa com o que ele disse. Que eu soubesse Alberto não tinha mais ninguém para dar

satisfações desde que seus pais foram morar no exterior, mas deixei passar, porque já tinha dado a

minha hora.

— Então vou indo nessa, cara. Muito trabalho pela frente. A gente se vê à noite.

Ele assentiu e se levantou também, caminhando para a máquina de café.

— Beleza, eu tenho mais uns dez minutos. Vou sair mais cedo hoje, era só o tempo de terminar

as horas que ainda tinha a cumprir. Depois das três da tarde estou oficialmente de férias.

Despedi-me e saí para o corredor. Esbarrei logo com Kiara, que me fulminou com o olhar.

Estava evitando-a a todo custo. Aquela mulher era estranha. Não gostava nada daquele jeito, mas

apenas poderia ser uma reação de alguém que foi rejeitada e magoada.

Por mais que tivesse feito aquela ameaça, sabia que era infundada. Resolvi, então, me

desculpar, afinal eu fui um babaca total.

— Kiara, só um minuto. — Ela já virava a esquina e parou ao ouvir-me chamar.

Cheguei ao seu lado e me preparei para os xingamentos que viriam depois de eu falar tudo que

queria.

— Queria me desculpar por ter te tratado daquele jeito, tanto por quando estávamos juntos

quanto por depois. Fui um idiota e peço perdão.

Ela arregalou os olhos e franziu a testa.

— Sério? Você está se desculpando, por quê?

Nunca tinha ficado tão sem jeito na vida. Levei uma mão na cabeça penteando os cabelos pra

trás. Era uma mania que tinha quando ficava envergonhado.

— Eu estava agindo como um babaca porque fui rejeitado pela mulher que amo. E,

inconscientemente, estava descontando nas mulheres com quem saía. Agora percebo que não foi

legal.

Kiara estreitou os olhos e sorriu. Colocou as mãos na cintura.

— Você tá com ela, né? — Concordei com um aceno. — Tudo bem, Lucas. Eu entendo. Está

perdoado, afinal também ganhei no tempo em que ficamos juntos. Mas vê se não faz merda, hein? Se

for rejeitado, corre atrás da sua mulher.

Fiquei surpreso com sua resposta porque estava preparado para uma gritaria. Assenti e sorri pra

ela. Senti como se tivesse tirado um peso das costas.

Voltei ao trabalho, pois muitos pacientes me aguardavam. E eu ainda deveria fazer uma cirurgia

de introdução de parafuso no tornozelo de um rapaz que havia caído de skate.

Estava louco para chegar em casa e dar um beijo na minha princesa.

***

Quando cheguei, Sabrina já estava arrumada e linda. Nunca me cansaria de apreciar a minha

mulher, por isso aproximei-me e dei um beijo em seus lábios doces.

— Vou tomar um banho e já fico pronto, ok?

— Sem pressa. Estamos bem, eles vão viajar depois das onze.

Sorri e fui tomar um banho. Troquei-me rapidamente. Não queria perder essa noite, estava com

vontade até de cantar. Quem sabe não sairia um dueto com a Layla?

Saímos e o trânsito estava bom, chegamos de mãos dadas ao bar, que já estava lotado. O

pessoal tinha juntado uma mesa e estavam todos conversando animadamente. Até o Heitor estava no

meio da bagunça. Percebi que já tinha um substituto no balcão. Senti falta do Maurício e da dona

Marisa, fora a Ana que não estava à vista.

Aproximamo-nos e Sabrina foi cumprimentar Layla e Larissa. Cheguei por trás do Heitor dando

tapas nas suas costas.

— E aí, preparados para aguentarem a companhia um do outro por quinze dias? Vai perder o

posto de barman, tatuado. Quem é o cara?

Heitor fez uma careta franzindo o nariz, olhou para trás observando o bar.

— Muito engraçado, aquele rapaz é o namorado da Elisa. Ela perguntou se podia empregá-lo, e

até que é gente boa. Então, ele tem o posto em minha ausência.

Arqueei as sobrancelhas e olhei para Alberto e Bruno, que deram de ombros.

— Mas você não tinha um caso com a morena?

Como se tivesse chamado o seu nome, ela parou atrás de mim enfiando a cabeça entre nós e

colocando refrigerantes e cervejas na mesa.

— Não Luquinha, nós só transamos algumas vezes. O tatuado aí tem medo de relacionamentos,

então parti pra outra, muito obrigada. — Elisa virou-se para mim e piscou um olho, se afastando.

Fiquei de boca aberta, envergonhado, enquanto Alberto ria da minha cara.

— Você ainda não aprendeu que a Elisa é como um cara? Ela fala pelos cotovelos e escuta pra

caralho. Não pronuncie seu nome em vão.

Heitor continuou emburrado e encostou-se ao banco. Ele e Alberto estavam somente no

refrigerante. Claro, eles iam pegar estrada, então nada de álcool.

— Dá para as *moças* pararem de falar? Que saco, nós não temos nada há anos. Vocês que ficam

imaginando coisas. Bando de *mocinhas fofoqueiras* — disse sorrindo e apontando o dedo para

Alberto e Bruno.

Realmente os dois eram os que mais se envolviam na vida do cara, mas parecia que nem

ligavam pra isso.

A mesa estava dividida: os homens de um lado e as mulheres do outro. Eu continuei de pé sem

saber onde ficar. Havia espaço ao lado da Sabrina e do Heitor. Mas eu não deixaria minha princesa

sozinha. Da mesma forma que fazia Bruno, que estava na curva do banco ao lado da Layla. Os dois

não se largavam; mesmo entretidos em conversas diferentes, ficavam se tocando ou acariciando.

Não havia opção para mim. Sentei-me ao lado de Sabrina, que se virou e sorriu lindamente.

— Preferiu ficar comigo, a matar saudades dos amigos? Vai ficar sem vê-los por duas semanas.

Aproximei-me do seu ouvido, e mordisquei sussurrando:

— Acha que iria deixar outro se acomodar no meu lugar? Não mais. Fora que vou ter muito

tempo quando eles retornarem, vão voltar cheios de novidades. Eles falam pra caramba! Quero

apenas curtir sua companhia, princesa.

Pude senti-la sorrindo.

— Quanto a alguém tomar o seu lugar, não precisa se preocupar. Ninguém me fez queimar como

você.

Arregalei os olhos e me afastei, encarando-a. Ouvimos um pigarro e olhamos para frente. Bruno

fingia cara de bravo, mas podia perceber o sorriso preso em seu rosto.

— Você sabe que ela é minha caçulinha, né? Nada de ficar se agarrando na minha frente —

disse rindo, por fim.

Layla deu uma cotovelada no marido e sorriu virando-se para nós.

— Não liguem para ele, estamos todos muito felizes que estão juntos. Os dois merecem a

felicidade plena. E é mais do que óbvio que só terão se estiverem juntos. É inevitável quando o

coração escolhe.

— Verdade, o Lucas já estava me irritando. Volta e meia ficava reclamando: “A Sabrina saiu

com o lobo, o lobo está dando em cima da Sabrina e blá-blá-blá”, já estava ficando de saco cheio.

Filho da puta! Arregalei os olhos para o Alberto, que sorriu.

— Você vai ver, idiota!

A galera dispersou na conversa e falamos do marido da Larissa que estava trabalhando e não

poderia vir. Dona Marisa tinha ficado com os meninos para a filha se divertir, porém ainda faltava

alguém, estava sentindo falta da Ana. Mas acreditei que não viria. Afinal, não gostava do Alberto,

pois, segundo ela, queria distância.

— Vou pegar um refri. Quem quer? — falou Alberto, se levantando.

Todos se negaram e ele caminhou sorrindo para o balcão do bar. Mas algo aconteceu, Ana tinha

acabado de chegar. O cara parou no meio do caminho, embasbacado.

E não era pra menos.

Ana estava vestida pra matar.

## CAPÍTULO 25

*Sabrina*

— Caralho, agora ferrou geral! — Bruno expressou o que todos nós pensávamos da batalha de

titãs que se formava à nossa frente. De um lado, Alberto estava de queixo caído e com os olhos

vidrados. Do outro, Ana, que estava linda, atravessava o bar em sua direção com uma missão a

cumprir. O que ela iria fazer, eu não saberia dizer. Só esperava menos confusão possível.

Minha irmã tinha se superado na produção, vestia uma calça justa branca e um top tomara que

caia preto, estava linda demais. Seus cabelos revoltos emolduravam seu rosto, enquanto seus olhos

brilhavam. Seu andar decidido mostrou que não teria volta. Alberto estava perdido nas mãos dela.

Preparamo-nos para um ataque no coitado. Acho que ele também, pois, instintivamente, deu um

passo atrás. Mas ela nos surpreendeu ao se aproximar e puxá-lo pelo pescoço falando em seu ouvido.

De tenso, Alberto mudou para surpreso. Seus olhos estavam arregalados e sua respiração

ofegante enquanto ouvia o que minha irmã dizia. Ela se afastou, olhou em seus olhos e sorriu.

Direcionou-se para a nossa mesa cumprimentando a todos com um aceno e se sentou ao lado de

Lucas, que estava tão espantado quanto nós.

Ainda parado a meio caminho do bar, Alberto engoliu em seco e olhou para a nossa mesa,

diretamente para minha irmã. Ela sorriu maliciosamente e ele piscou aturdido. Jesus, o negócio

estava pegando fogo entre eles. Saindo do seu estado catatônico, ele foi para o bar.

Eu, Layla e Larissa debruçamos juntas como se tivéssemos ensaiado e fuzilamos Ana de

perguntas.

— Que merda é essa, Ana? O que você falou pra ele? — Sempre fui a mais curiosa.

— Você tá brincando com fogo. — Larissa arregalou os olhos.

— Mulher, deve ter sido uma sacanagem, né? Deu pra ver a eletricidade daqui. — Layla era

muito perceptiva.

Ela só sorriu e arqueou as sobrancelhas. Em seus olhos havia um brilho diferente.

— Não tenho nada a dizer. Dá para o bando se afastar?

Virei-me para o Lucas que tinha o rosto alinhado com o meu por conta de estar quase deitada na

mesa para alcançar minha irmã. Ele sorriu e levantou a mão acariciando meu rosto.

— Deixe-a em paz, princesa. Tá na hora deles se acertarem.

Assenti e me sentei novamente. Iria dizer que ela não iria se safar fácil, quando Alberto voltou à

mesa com duas latas de refrigerante e estendeu uma para Ana.

— Obrigada, Beto. — Sorriu.

Beto? Mas que porra é essa?!

Estávamos todos embasbacados. E, mais uma vez, Bruno deu voz ao que todos nós pensávamos.

— Quem é você e o que fez com a minha irmã emburrada?

Ela virou pra ele e mostrou o dedo do meio. É, acho que ainda estava ali. Layla deu uma

cotovelada no marido fazendo-o ficar quieto, pois já iria rebater o gesto da Ana. Eles eram sempre

assim. Iguais até nas provocações.

— Então, nós não vamos mais viajar? — Heitor, que estava em silêncio só observando,

perguntou fazendo Alberto se virar pra ele com o cenho franzido.

— Vamos sim, por quê?

— Nada, só por isso. — Apontou com o dedo de um para o outro.

Alberto respirou fundo e olhou para Ana. Parecia confuso e magoado, enquanto ela tinha um

sorriso vencedor no rosto.

— Nada mudou, cara!

Vixi, a porcaria era mais complicada! Só não entendia a expressão da minha irmã. Ela parecia

feliz e empolgada enquanto ele estava em uma batalha interna.

— Então pessoal, eu estava pensando em fazer um dueto. Que você acha, Lala? Vamos?

Percebi que Lucas tentava desanuviar o clima tenso. Layla sorriu.

— Ainda pergunta? Adoro cantar contigo, Luquinha.

De repente, Ana se levantou e pediu licença para ir ao banheiro. Semicerrei os olhos e fiquei

olhando-a se afastar, mas a caminho do corredor ela olhou pra trás e sorriu para Alberto, que abaixou

a cabeça balançando-a devagar.

Olhei em volta e ninguém percebeu. Estavam concentrados na escolha da música que Lucas e

Layla iriam cantar. Parecendo resignado Alberto se levantou e saiu de fininho, ninguém notou que ele

tomou o mesmo rumo que Ana.

Puta merda!

Se os dois foram para o corredor, que levava ao banheiro feminino e ao camarim da Layla, só

tinha uma coisa acontecendo.

Tapei a boca para me impedir de falar qualquer coisa. Ninguém tinha nada a ver com a vida

deles. Só esperava que minha irmã não confundisse ainda mais a vida do cara.

— Sabrina, vou para o palco. — Lucas piscou um olho pra mim e sorriu.

Assenti e observei-o caminhando de mãos dadas com a irmã. Mudei de lugar e me sentei ao

lado de Heitor, que ficava de frente para o palco.

— E aí, ursinho? Fui só eu que percebi que o casal nitro foi para o mesmo caminho? — falei

olhando para frente.

Ele riu baixinho.

— Ah, bonequinha, você é perspicaz. Não, eu também, mas acho que só nós dois percebemos,

pois o restante do pessoal estava distraído.

Assenti e me virei para encará-lo.

— E o que acha disso tudo? Será que vão se acertar?

Heitor respirou fundo e coçou o queixo.

— Ainda não, *baby girl*. Tem muita mágoa rolando, só que tensão sexual também. Não sei que

tipo de merda isso tudo vai resultar.

Franzi a boca, pensativa.

— Acho que o jeito é deixar o tempo correr e ver no que vai dar, né, ursinho? — Ele sorriu

mostrando seus dentes brancos e alinhados e as covinhas na bochecha. Heitor era lindo. — E você,

não vai deixar ninguém fazer merda com você?

Seu sorriso morreu.

— Já fiz muita. Acabou minha cota de merdas.

Fiquei olhando em seus olhos escuros e imaginando que dor era essa que ele mantinha dentro de

si. O que aconteceu com alguém tão bom para deixá-lo tão fechado para o amor?

Acariciei seu braço dando qualquer conforto que ele pudesse precisar. Heitor tinha se tornado

tão especial em nossas vidas quanto Lucas e Layla. Estava sempre pronto para

ajudar, porque tinha

um coração enorme, mas o ursinho também sabia ser um leão quando era provocado. Desviei meu

olhar à procura de Bruno e Larissa. Vi que estavam de pé perto do palco. Ele não ficava longe do seu

anjo enquanto ela cantava.

Olhei para o Heitor.

— Vamos lá ver os dois nos emocionar no palco?

Ele concordou com um aceno e se levantou, me estendendo a mão. Caminhamos de braços dados

até onde meus irmãos estavam.

Layla e Lucas conversavam com o *DJ* que procurava em sua *playlist* a música que eles

solicitavam.

— Oi, pessoal. Hoje é um dia especial, nosso chefe está partindo para uma viagem e vamos

fazer um dueto em sua homenagem. Eu e meu garotinho ali. — Apontou para Lucas atrás dela com o

polegar por cima do ombro. — O que acham de uma música nacional? *Pra você guardei o amor*, do

Nando Reis.

Nesse meio tempo percebi Ana saindo do corredor com as bochechas vermelhas e os lábios

inchados. Estreitei os olhos e ela me encarou, abaixou a cabeça e andou em direção à mesa. Ia evitar

o confronto a qualquer custo. Safada! Nem um segundo depois Alberto também se aproximava, mas

não parecia feliz.

Em vez de segui-la, se aproximou de nós. Observei seu semblante e constatei que estava

nervoso. Ele me olhou e sorriu, triste.

— Não pergunta nada, Sabrina. Deixa como está. — E se virou para frente olhando o palco.

O que Ana fez mexeu demais com o cara. Então, Layla começou a dedilhar o violão de pé

enquanto olhava para Lucas. Ele sorriu e se preparou para a música que era linda.

Começaram em uníssono e eu me arrepiei, esqueci-me de todos ao redor, minha atenção estava

voltada aos irmãos cantando no palco.

*Pra você guardei o amor*

*Que nunca soube dar*

*O amor que tive e vi sem me deixar*

*Sentir sem conseguir provar*

*Sem entregar*

*E repartir*

*Pra você guardei o amor*

*Que sempre quis mostrar*

*O amor que vive em mim vem visitar*

*Sorrir, vem colorir solar*

*Vem esquentar*

*E permitir*

De olhos fechados, Lucas cantava com todo o coração, ele tinha mais da sua irmã do que

imaginava. Eles cantavam com o coração e a alma, percebi que todos no bar pareciam emocionados

porque a canção falava de amor puro e simples. Em sua forma mais límpida.

Eles se viraram juntos e encararam a plateia, automaticamente encontrei os olhos verdes que

tanto amava.

*Achei*

*Vendo em você*

*E explicação*

*Nenhuma isso requer*

*Se o coração bater forte e arder*

*No fogo o gelo vai queimar*

*Pra você guardei o amor*

*Que aprendi vendo os meus pais*

*O amor que tive e recebi*

*E hoje posso dar livre e feliz*

*Céu cheiro e ar na cor que o arco-íris*

*Risca ao levitar*

Sorriam ao encontrar as pessoas que deram o amor lindo que tinham um pelo outro. As lágrimas

desciam pelo meu rosto, dessa maneira transbordando o que meu coração estava cheio. Eu amava

tanto o homem quanto a mulher que o criou e fez dele o ser humano maravilhoso que havia se

tornado.

Terminaram a música olhando um para o outro. Foram ovacionados de pé. Nunca vi na vida

tanto sentimento junto sendo doado em forma de uma canção que por si só já é linda.

Ao meu lado, Alberto tinha se virado e observava a morena que tinha perdido o sorriso nos

lábios e olhava as mãos abertas em cima da mesa. Ele fechou os olhos e respirou fundo. Depois se

voltou pra mim e sorriu.

— Garotinha, ame com todo seu ser aquele cara. Ele arrancaria seu coração por você. Esse tipo

de amor não acontece duas vezes. — Sua voz estava embargada, e sorrindo tristemente se virou. —

Está na hora, tatuado.

Heitor assentiu e foi até o balcão, pegou uma mochila e se aproximou do palco. Subiu e se

postou ao microfone, antes ocupado por Layla.

— Galera, estou indo para uma viagem com meu amigo Alberto agora. Cuidem

bem do meu bar,

volto em breve.

Sorriu e desceu do palco. Lucas se aproximou e enlaçou meus ombros, nós os seguimos para o

lado de fora e paramos no estacionamento onde estavam as motos. Senti um arrepio na espinha, como

se tivesse um mau pressentimento. Mas devia ser preocupação excessiva.

Todos estavam receosos por causa da hora em que eles pegariam a estrada. Alberto mal olhava

Ana, que estava ao meu lado com os braços cruzados.

Lucas me abraçou por trás apoiando o queixo no meu ombro.

— Que foi, princesa? Está toda arrepiada. Sente frio?

— Não, Lucas. Estou com medo por eles.

Ele suspirou e beijou o meu pescoço, logo abaixo da minha orelha.

— Não fica assim, eles vão voltar sãos e salvos. Ou senão eu meto porrada nos dois.

Sorri com a brincadeira. Layla e Bruno se aproximaram dos caras e se despediram com um

abraço. Eu e Lucas fizemos o mesmo.

Abracei os dois ao mesmo tempo, meu coração estava apertado, sentia lágrimas em meus olhos.

— Se cuidem, por favor, muita atenção na estrada.

— Pode deixar, bonequinha, vamos ficar bem. — Heitor se afastou dando um beijo na minha

testa.

— Não se esquece do que eu te falei, Sá. Não se prenda a nada que não seja o amor que sente

pelo Lucas. — Engoli em seco com o que Alberto disse e assenti.

Afastei-me e deixei Lucas se despedir. Larissa fez o mesmo. Então Ana se aproximou e deu um

abraço em Heitor, mas quando chegou perto do Alberto ela olhou em seus olhos e esperou.

Ele apenas a encarou e balançou a cabeça, em sinal negativo. Ela mordeu os lábios e se afastou

com os olhos lacrimosos, observando de longe.

Eles subiram na moto e partiram, deixando ali nossos corações aflitos para que retornassem

logo.

## CAPÍTULO 26

*Lucas*

Apesar de ter tentado tranquilizar Sabrina, também senti algo estranho ao vê-los se afastando.

Mas decidi não me preocupar demais, não aconteceria nada, eles eram prudentes e espertos.

— Vocês vão ficar mais? — Bruno parou ao nosso lado, com os olhos voltados para a entrada

do bar.

— Acho que já deu, estou cansado e quero cama.

Ele assentiu e olhou para Sabrina parada à minha frente.

— Você está bem? Parece preocupada.

Ela respirou fundo e balançou a cabeça.

— Estou bem, só queria que eles voltassem logo.

Bruno sorriu e apertou seu queixo.

— Eles vão ficar bem, Sá. Eu vou entrar porque temos que fechar hoje. Layla vai revezar com a

Elisa. — Olhou para a porta do *Beer* novamente. — E a Ana, vai ficar? Ela parece prestes a

explodir.

— Bom, eu vou lá dentro pegar sua bolsa para irmos, ok? — Ela assentiu e me afastei, porque

era conversa de irmãos.

Ana Luiza estava parada no mesmo lugar olhando a estrada que Alberto havia sumido. Cheguei

ao seu lado e olhei em seus olhos, a mulher estava perturbada. Resolvi dar um conselho a ela,

exatamente como ela me deu quando eu estava às turras com Sabrina.

— Ele vai voltar, Ana. E quando acontecer deixa de ser cabeça-dura. O passado ficou onde

deve estar, não se prenda a ele.

Ela me encarou com os olhos arregalados.

— Não sei do que está falando, e na verdade nem você. Então, deixa que eu sei resolver minha

vida. Bom, vou indo porque pra mim já deu. Tchau.

Saiu e foi para o seu carro no estacionamento, se despediu dos irmãos no caminho. Ela era osso

duro de roer, não seria fácil para o Alberto dobrar a fera.

Entrei, peguei a bolsa da Sabrina e dei um tchau para a Layla. Quando voltei, ela estava me

esperando encostada no seu carro com Bruno ao seu lado. Quando me viu, ela sorriu, enquanto seu

irmão se aproximou de mim.

— Até segunda, Lucas. Descanse, hein?

Assenti e observei minha princesa. Tinha um sorriso brilhante em seus lábios que não consegui

resistir. Aproximei-me e larguei a sua bolsa no chão. Levei as duas mãos ao seu rosto, mas antes de

tomar sua boca olhei em seus olhos e me perdi. Sorri de lado e a beijei forte e apaixonadamente.

Sabrina gemeu e enlaçou minha cintura, puxando meu corpo ao dela. Fiquei duro

instantaneamente. Segurava seu rosto enquanto chupava sua língua, na verdade era um duelo, não

sabia quem tinha mais fome do outro. Seus lábios quentes imploravam por uma mordida, então não

me fiz de rogado. Mordisquei com vontade lambendo logo em seguida.

Desci por seu rosto dando beijos molhados enquanto ela gemia em meu ouvido. Porra, estava

louco de tesão! Com a gente era assim, um momento doce se transformava em pura luxúria. Afastei-

me olhando em seus olhos.

— Temos que ir embora, ou vou transar com você aqui mesmo.

Sabrina ofegou e assentiu. Abaixou-se pegando a bolsa, tirou de dentro a chave do carro. Com

as mãos trêmulas apertou o alarme e destravou a porta. Peguei seu braço a puxando, grudando nossos

corpos mais uma vez.

— Eu vou demorar uns cinco minutos aqui. Quando chegar, eu quero você nua em cima da

bancada da cozinha. Entendeu?

Ela mordeu os lábios e balançou a cabeça. Arrebatei sua boca com mais um beijo intenso. Em

minha cabeça uma nuvem de desejo havia tomado todo o meu juízo, me afastei antes que cumprisse a

promessa de provar seu corpo ao ar livre.

Sabrina piscou os olhos, estava tão abalada quanto eu. Entrou no carro dando partida. A

observei se afastar e contei no relógio o tempo para que ela pudesse chegar antes de mim. Passei as

mãos pelos cabelos impaciente.

— Foda-se que eu vou ficar aqui esperando.

Saí em disparada com o carro do Heitor, que havia deixado sob meus cuidados. Como ficava

estacionado no *Beer* e ele não estaria na cidade, me pediu que eu o levasse para minha casa.

Rapidamente dei partida, e em alta velocidade atravessei a cidade. Quando cheguei à garagem de

casa nem me importei em trancar o carro. Entrei louco de vontade em tê-la. Ao abrir a porta quase

morri. Meu coração disparou em meu peito e ofeguei. Se havia uma visão mais linda do que minha

mulher entregue e à minha espera eu não tinha visto.

Sabrina estava sentada na bancada nua, maravilhosa, com as pernas abertas apoiadas em cada

banco. Olhava-me séria e *sexy*. Não existia mulher mais sensual, pois com o seu rosto inocente e o

corpo para o pecado, ela me colocava de joelhos.

Percorri o olhar por seu corpo, e fiquei mais duro. Morria por um gosto dela. Mas faria tudo

vagarosamente. Iria foder dessa vez, não seria apenas amor, sentia uma selvageria, vontade louca e

incontrolável de mostrar a Sabrina o que podia fazer com ela e o quanto a faria gritar.

Puxei a camisa pela gola e desabotoei a calça descendo pelas pernas junto com a cueca. Depois

tirei o tênis e as meias. Aproximei-me e percebi que sua respiração estava acelerada, enquanto a

minha se manteve calma.

— Tá pronta para me receber? — minha voz estava grave e rouca. — Já tá molhadinha,

Sabrina?

Ela assentiu. Sorri, se achava que iria se safar fácil com um aceno de cabeça estava enganada.

— Me mostra o quanto está molhada. Toque-se, eu quero ver.

Sabrina arregalou os olhos e mordeu os lábios, suas bochechas começaram a se avermelhar,

envergonhada. Provavelmente não estava acostumada a ser tão à vontade no sexo, mas isso iria

mudar.

— Vamos princesa, me mostra. Quero sentir o seu gosto.

Ela engoliu em seco e levou uma mão à sua vagina, que de onde estava dava pra ver o brilho de

excitação. Ela circundou o clitóris com o polegar enquanto colocava o indicador na sua entrada.

Fechou os olhos e gemeu.

— Oh, Lucas. Assim que você quer?

Sorri de lado, ela aprendia rápido.

— Isso, princesa. Agora mais rápido um pouquinho, mas nada de gozar. Quero sentir seu

orgasmo na minha boca.

— Porra, como vou conseguir segurar com você falando assim?!

Eu ri e me aproximei, dando a volta e ficando atrás dela.

— Vai gostosa, dê prazer a si mesma que eu quero ver. — Levantei um braço enlaçando-a pela

cintura e cobri um dos seus seios com a mão. Puxando devagar seu mamilo túrgido, ela gemeu e

encostou a cabeça em meu peito. Abriu os olhos e vi que puro fogo refletia nos meus. — Hoje, eu

vou te foder bem gostoso.

Ela sorriu.

— É bom mesmo, ou eu vou te foder.

— Pode fazer isso também.

Com a mão livre a segurei pela garganta, apenas para prendê-la no lugar. A visão era linda,

aquilo ficaria gravado na minha memória por muito tempo, talvez para o resto de nossas vidas.

Sabrina estava entregue ao desejo com seu corpo todo exposto a mim, enquanto ela se tocava, eu

massageava seus seios, enquanto sua boca vermelha pedia por um beijo meu. Abaixei a cabeça e

mordisquei seus lábios, passei a língua por toda extensão. Beijei sua boca com vontade sugando sua

língua, exatamente como iria fazer onde ela se tocava. Mordi seu queixo e percebi que Sabrina estava

quase gozando.

Afastei-me e soltei seu seio. Ela abriu os olhos, sorri e dei a volta na bancada novamente.

Parando à sua frente, eu retirei a mão que estava se tocando e levei aos meus lábios, sugando seu

gosto e me deleitando de como era bom.

— Deliciosa, quero que se segure na bancada, Sabrina. E não me toque. Vai sentir tudo sem me

apressar e sinta-se à vontade para gritar, quero vê-la cantar meu nome.

Sabrina ofegou e engoliu em seco, eu ri e me abaixei ficando de joelhos à sua frente enquanto

meu rosto estava alinhado com sua vagina molhada e gostosa. Puxei-a pelas nádegas acomodando-a

mais à beira da bancada. Nem dei tempo dela pensar. Lambi todo seu sexo gostoso e provei do seu

mais doce sabor, ela estava quase gozando já e muito molhada. Circundei seu clitóris durinho e

fechei a boca em volta do nervo, sugando devagar e forte. Ouvia seus gemidos, mas nem me importei

porque meus ouvidos zumbiam com tanto desejo que tinha dentro de mim.

Segurei suas coxas com as mãos, pois ela se mexia tentando se aliviar. Prendi Sabrina quietinha

e invadi sua boceta com a língua do mesmo jeito que iria fodê-la, duro e gostoso.

— Lucas, mais forte. Me fode com essa boca deliciosa.

Sabia o que faltava pra ela se entregar totalmente. Voltei ao seu clitóris e chupei mordiscando

levemente. Senti seu corpo todo em espasmos fortes, em consequência ela gritou meu nome. Era

como música aos meus ouvidos. Foi tão intenso que Sabrina acabou deitada de costas na bancada.

Levantei-me e deitei pelo seu corpo, beijando sua boca e dando a ela um pouco do seu próprio

gosto. Meus lábios estavam quentes e formigando. Queria muito mais, era viciante seu gosto e cheiro.

Mas meu pau doía de tão duro. Estendi uma mão e peguei seus pulsos a

prendendo no lugar. Com a

outra direcionei meu membro e entrei em seu corpo em uma estocada só. Deslizou fácil por estar tão

molhada.

— Ah, que boceta gostosa. Esse é o lugar que queria estar para o resto dos meus dias. Morreria

feliz estando dentro de você.

— Me fode, Lucas. Faz-me gozar de novo.

Segurei seu pulso com força e arremeti sem pena, fazendo seus seios balançarem. Era

hipnotizante, porque eles subiam e desciam a cada movimento que eu fazia. Ela levantou as pernas e

as prendeu em mim, me dando mais acesso à sua vagina apertada e gostosa.

Estoquei em seu corpo como um homem com fome. E realmente estava morrendo de fome, pois

sentia tudo: amor, luxúria, desejo e loucura. Era isso, ela me deixada insano. Totalmente fora de mim.

Abocanhei seu seio e suguei com força enquanto meu pênis entrava e saía. Ela gemia e gritava.

Soltei suas mãos e a primeira coisa que fez foi arranhar minhas costas. Levantei a cabeça e a joguei

para trás, e um gemido rouco escapou do meu peito.

Louco de desejo, olhei em seus olhos e apoiei a palma da mão na superfície da bancada.

Transamos por muito tempo, não tinha vontade de gozar, queria ficar dentro do seu calor eternamente.

Mas percebi que minha princesa estava sofrendo.

Desci a boca em seu pescoço sugando a pele cheirosa e suada. Suguei e arremeti diversas vezes

com mais força. Mordi seu pescoço e ela gritou. Sentia-me selvagem, o orgasmo começou a surgir

em mim e sussurrei em seu ouvido:

— Vem pro paraíso, princesa.

Gozamos juntos, gritando, enquanto Sabrina estava arqueada totalmente grudada em mim e eu

enterrado até o talo dentro dela.

Arremeti mais uma vez e caí exausto em cima da minha mulher, que era o meu céu. Um êxtase

invadiu meu peito e tive vontade de gritar.

Foi o que fiz, em meio a gargalhadas de felicidade e prazer. Gritei como um louco extravasando

tudo o que sentia. Para mim, a felicidade tinha um nome: Sabrina Petri.

## CAPÍTULO 27

*Sabrina*

Depois do sexo quente e selvagem, vê-lo gritar meu nome rindo foi simplesmente perfeito. Ele

abaixou a cabeça ainda com um sorriso no rosto e cobriu minha boca com a sua. Entreabri os lábios

para recebê-lo dentro de mim. Será que tinha algum jeito de se ligar mais a alguém? Sentia como se

pudesse flutuar. Quanto mais me entregava a ele, mais me sentia completa.

Nosso beijo era a coisa mais gostosa que existia, claro que o sexo é maravilhoso, mas a

intimidade de encostar uma língua na outra, de sugar os lábios e sentir a maciez da carne quente era

incrível! Nós não nos beijamos apenas, mas eu senti com o coração aquela boca gostosa, entreguei

minha alma, dei tudo o que podia. Fui amada com um roçar de lábios.

Lucas levantou a cabeça e pude ver no homem que amo a mesma felicidade que estava

estampada em cada célula do meu corpo. Levou uma mão aos meus cabelos e sorriu.

— Suas costas não estão doendo? Eu sou pesado e a bancada é dura.

Balancei a cabeça. Estava sim, incomodando um pouco, mas eu ainda queria tê-lo exatamente

ali.

— Estou bem, pode ficar quietinho. Quero sentir você dentro de mim mais um pouco.

Lucas sorriu malicioso e beijou a minha testa.

— Sabe que por mim eu fico enterrado em você o tempo todo, né? Aqui é meu lugar preferido.

— Se afastou um pouco e observou meus seios, que ficaram em alerta prontamente. — Ainda mais

com uma visão dessas. Porra, mulher, você foi feita para admirar e degustar. Eu quero transar com

você a todo instante.

Soltei uma gargalhada com sua admissão tão sincera. Sabia o que ele sentia, pois

eu tinha a

mesma impressão. Nunca me cansaria.

— Eu não sei o que te impede. Acho que ainda não reclamei de excesso, mas se diminuir o

ritmo e a fome, eu vou reclamar.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Minha linda, uma coisa pode ter certeza, meu tesão por você só vai aumentar. Não me canso

do seu corpo, da sua boca... — Se aproximou do meu ouvido, com seu hálito quente fazendo cócegas

na minha bochecha. — e do seu gosto.

— Oh, meu Deus. Já estou ficando excitada de novo. Acho que você tá me transformando em

uma ninfomaníaca.

Ele riu fazendo seu peito vibrar em meus seios, causando assim uma sensação nova na pele tão

sensível e exposta.

— Isso é apenas resultado de muito tempo só querendo. Mas depois que te provei viciei,

quando estamos longe um do outro só consigo pensar em como você é linda e gostosa. Tenho que me

controlar para não me envergonhar em pleno hospital. Ficar duro de tesão em meio a um monte de

paciente não é confortável.

Fechei a cara na hora.

— Claro que não. Isso tudo aqui é meu.

— Hum, tá com ciúme. Eu gosto disso. — Sorriu e acariciou meu rosto com as costas dos

dedos. — Mas, por mais que eu ame ficar assim com você, nós precisamos tomar um banho. Hoje o

dia foi cansativo e suas costas devem estar machucando.

Saiu de dentro de mim se afastando, já de pé estendeu os braços e me levantou da bancada.

Agarrei em seu pescoço sentindo seu perfume delicioso misturado com suor e sexo.

— Eu vou te dar banho, princesa. Quero cuidar de você.

Colocou-me de pé no chão do banheiro e abriu o registro do chuveiro, testou a água e estendeu a

mão. Entrelacei nossos dedos sem pestanejar. Olhei em seus olhos e sorri. Lucas me ensaboou e

massageou minhas costas.

— Por mais que não resista a seu corpo, agora só vou cuidar da minha menina. — Beijou meu

ombro e sorriu em minha pele. — Mas isso não é nada fácil.

Fechei os olhos e me deixei ser amada e cuidada. Suas mãos firmes passavam por meu corpo

sensualmente, mas era suave, fiquei excitada obviamente, mas o amor que enchia meu peito a cada

toque distraía minha cabeça. E um sono se instalou em meus olhos. Encostei-me em seu peito e me

permiti relaxar, não sei dizer quanto tempo ficamos ali. Quando dei por mim já

estava na cama com

Lucas deitado atrás de conchinha.

Aninhei-me em seu peito e fechei os olhos. A partir daí, sonhos bons povoaram meu sono.

***

Na manhã seguinte acordei sozinha na cama, mas seu cheiro permanecia nos lençóis, travesseiro

e no meu corpo. Um medo repentino de perdê-lo se apoderou de mim. Algo irracional e sem motivo,

mas sabia que se quatro anos sem ele foi um inferno, agora seria pior. Eu tinha provado a força do

nosso amor e não queria perder.

Quase sufoquei sem ar com esse pensamento. Levantei rapidamente e vesti uma camisa do Lucas

que estava jogada no criado-mudo, e fui à procura dele. Queria ter certeza que nada daquilo era um

sonho, que nosso amor era real, e que estávamos juntos de verdade.

Com os pés no chão saí em disparada para a sala à procura do Lucas. Parei no meio do caminho

quando o avistei na cozinha só de cueca *boxer* preta fazendo café. Na verdade, já tinha tudo pronto.

Ele estava arrumando um monte de guloseimas em uma bandeja. Café na cama. Não iria estragar sua

surpresa. Nas pontas dos pés voltei para a cama e retirei a camisa. Deitei de novo e fechei os olhos.

Minutos depois senti o colchão se afundar. Lucas se inclinou e beijou meu

queixo, subindo em minha

bochecha enchendo meu rosto de selinhos delicados.

— Acorda, princesa.

Abri os olhos devagar fingindo despertar naquele momento, me espreguicei e sorri. Ele estreitou

os olhos e franziu a boca.

— Você já estava acordada — ele constatou. Droga, eu não sei fingir!

— Ah, eu vi você todo bonitinho arrumando café na bandeja que não queria estragar sua

surpresa. Desculpe.

— Não tem problema. — Acariciou meu rosto com o polegar. — Aqui está seu desjejum,

senhorita.

Eu ri da voz de mordomo que ele fez.

— Hum, posso me acostumar mal, hein? Primeiro sou comida na cozinha, depois como na

cama... Estou gostando demais disso.

Lucas arregalou os olhos, pois parecia espantado com o que eu disse.

— Acho que você tá passando muito tempo com sua irmã. Você não tinha uma boquinha suja

assim

— Você não gosta? Apenas estou feliz, e me sinto à vontade para o que me vem à cabeça.

— Não princesa, gosto de te ver assim. Você estava se tornando alguém muito

travada. E gosto

de sarcasmo, não esqueça que convivi com a Layla por anos, apesar de minha irmã ser um anjo ela

tem uma língua ferina. Só o Bruno pra aguentar.

Eu ri com a lembrança da minha cunhada e amiga. Ela e o Bruno eram muito engraçados de se

ver. Parecia uma batalha quando discutiam, teimosos nenhum dava o braço a torcer.

— Acho que sou mais parecida com os meus irmãos do que imaginava. Eu gosto de ser assim.

Ser triste e me segurar, por medo do que os outros vão achar, é péssimo. Não quero me tornar uma

sombra do que sou.

— Muito bom, gosto disso. Eu estava pensando de fazermos um programa diferente hoje.

Ficarmos em casa de boa, só nos curtindo e à noite pegar um cineminha. O que acha? Nós nunca

tivemos um encontro.

Seus olhos verdes brilhavam em expectativa. E realmente nós nunca saímos para um encontro

comum de namorados.

— Eu topo.

Levantou-se e olhou meu corpo encoberto pelo lençol.

— Tentação, que porra! Não consigo ficar longe. — Passou a mão pelos cabelos, chateado.

— E por que está chateado? Podemos incluir na programação uma rapidinha.

Ele sorriu e respirou fundo.

— Cara, eu tenho a melhor mulher do mundo.

Se jogou na cama tirando a cueca. O café esfriou quando nos perdemos um nos braços do outro.

O dia passou deliciosamente. Fizemos almoço juntos, entre risadas e brincadeiras. Contei a ele

sobre minha infância, o pouco que me lembrava do meu pai. Eu sentia falta, mas não muita, pois

Bruno supriu toda a carência que tive. Não gostava muito de tocar nesse assunto com o Lucas. Mas

dessa vez ele não pareceu imerso em lembranças tristes. Sorria o tempo todo e contou-me as poucas

traquinagens que aprontou.

Layla ficava meio louca quando isso acontecia porque ela também era uma menina, então ele

evitava. Mas, às vezes, era impossível.

Estava conhecendo mais dele nesse tempo em que estávamos realmente juntos do que nos quatro

anos que fomos amigos e colegas de quarto. Acho que a intimidade o deixou mais relaxado para

contar seu passado

Planejamos nossa saída e não via a hora. Percebendo minha ânsia, ele me despachou para me

arrumar. Ainda eram quatro horas da tarde, mas segundo o Lucas, ele não aguentava mais me ver

ansiosa. Então, resolvemos ir mais cedo. Corri para o chuveiro, sozinha, tinha um encontro e estava

animada.

Quando saí ele estava parado na porta do banheiro com o ombro encostado na parede, braços

cruzados sobre o peito nu e musculoso, me olhou de cima a baixo. A toalha enrolada no meu corpo

não foi páreo para o seu olhar raio-X.

— Se nós não fôssemos perder a sessão eu iria te comer agora.

— Caramba! Você tem que me provocar, vou ter que me masturbar antes de ir.

Ele arregalou os olhos e ofegou se desencostando da parede. Aproximou-se e pegou meus

cabelos em punho. Aproximou a boca do meu queixo e mordiscou.

— Não brinca comigo, Sabrina. Ou te encosto nessa parede e te fodo antes de irmos.

Por mais que eu estivesse tentada, queria sair um pouco. Respirei fundo e olhei em seus olhos.

— Quando voltarmos, eu quero sim. Mas não podemos perder o cinema.

Ele sorriu de lado e beijou minha testa.

— Ok, mas eu vou ter que dar um jeito nisso aqui. — Apontou para o pênis duro que levantava

o tecido do *short*.

— Então, acho melhor eu ir.

Saí rapidamente antes que ele me agarrasse de novo. Eu não iria resistir. Peguei a roupa que

havia separado. Um vestido tomara que caia azul-turquesa curto e simples, com um decote em forma

de V na frente drapeado na cintura e a saia acompanhava as curvas do meu quadril. Calcei sandálias

de salto médio e sequei os cabelos. Eles ficaram volumosos e brilhantes. Maquiei-me levemente, não

gostava de nada muito pesado.

Joguei os cabelos para frente e voltei, adorava esse efeito. Espirrei um pouco de perfume e fui

ao encontro do meu namorado. Ainda achava engraçado chamá-lo assim. Ele me esperava na sala.

Estava lindo demais, vestindo uma calça marfim e uma camisa verde de botão com as mangas

dobradas.

Perdi a fala e acho que ele também. Aproximamo-nos e ele acariciou meu rosto.

— No mundo inteiro não existe mulher mais linda. Vamos? Estamos em cima da hora.

Percorremos a cidade até o *shopping*. Realmente estávamos em cima da hora, só deu tempo de

comprar um balde de pipoca e um refrigerante. Nos sentamos naquelas poltronas sem divisão. O

filme que escolhemos era uma estreia, aqueles filmes da Marvel de super-heróis. Eu adorei, claro.

Mas o melhor de tudo foi a sensação de normalidade com o braço do Lucas no meu ombro, e em

como me sentia bem.

Me diverti bastante. Cada vez que o galã aparecia na tela podia ouvir suspiros espalhados pelo

cinema. A mulherada adora esses caras. E eu não ficava pra trás. Lucas achou engraçado e sorriu

tirando sarro de mim.

Saímos do cinema, abraçados, e fomos passeando olhando vitrines. Sabia que ele podia estar

entediado, afinal homem não curte essas coisas.

— Se quiser podemos ir, não precisa aguentar olhar vitrines por minha causa.

— Eu estou acostumado, Sá. Minha irmã me trazia com ela quando fazia compras, desde

pequeno aprendi a dar palpites nas escolhas da Lala.

Arqueei as sobrancelhas, surpresa.

— Legal, Bruno nunca suportou isso. — Lucas riu.

— Mas tenho certeza que agora é obrigado. Layla não nos deixa escolha.

Estávamos em frente a uma joalheira quando parei. Fiquei observando o conteúdo exposto,

tentava disfarçar os olhares das alianças, mas era meio difícil, minha mente apaixonada estava

fervilhando.

— Princesa, aguenta aí que eu vou ao banheiro.

Assenti e dei um beijo na sua boca. Observei-o se afastar e olhei melhor. Tinha uma linda, de

três cores: ouro branco, amarelo e rosa, e ainda com um diamante no meio. Perfeita!

Afastei-me antes que começasse a fantasiar demais. Meu celular vibrou na bolsa e peguei para

verificar, tinha uma mensagem da minha mãe e de um número desconhecido. Abri e era um áudio.

Coloquei os fones e escutei. Gemidos roucos denunciava que era sexo, mas o que me causou um

calafrio foram algumas palavras desconexas e choramingos.

Joguei o celular dentro da bolsa novamente e aguardei Lucas voltar do banheiro. Não sabia se

contava pra ele. Estava com medo, mas podia ser engano.

Quando ele se aproximou, na hora percebeu minha tensão.

— Que foi, Sabrina? — Segurou meu queixo entre o polegar e o indicador.

— Nada não. Só estou cansada. E doida para aquela coisa no corredor.

Eu queria distraí-lo e deu certo. Ele sorriu malicioso e disse:

— Vamos, então. Vou comprar uma pizza para jantarmos. Vem.

Andamos de mãos dadas, tentei ao máximo parecer bem, mas no fundo estava com muito medo.

O que seria aquilo? Meu Deus, nem queria pensar!

Só esperava que não fosse nenhum fantasma querendo me assombrar.

## CAPÍTULO 28

*Lucas*

— Lucas, o advogado marcou uma reunião hoje à noite. Ele está com algumas pendências e só

conseguiu esse horário para nos atender. Você pode pegar a Sabrina? — Bruno

me parou no meio do

corredor do hospital enquanto ia em direção ao laboratório pegar um exame. Olhei em seu rosto e vi

que ele parecia cansado e preocupado.

— Ok, mas por que essa cara?

Ele passou as mãos pelos cabelos.

— Nada de mais, é que a Layla vem passando mal frequentemente. E não dormi direito esses

dias.

Franzi a testa.

— Mas enjoo não é matinal?

— E alguma coisa na sua irmã é comum? Não, ela passa a noite inteira vomitando e tem

dormido de dia. Acho que é porque trabalha no bar e o organismo dela se acostumou a trocar a

rotina. E eu não consigo deixá-la sofrendo sozinha.

Sorri satisfeito. Bruno era um bom marido para a minha irmã.

— Pensa só, daqui a alguns meses o bebê tá aí, e você vai dormir menos ainda.

Ele respirou fundo fazendo uma careta, mas sorriu. Estava mais que radiante por ser pai. Me

despedi prometendo levar Sabrina ao prédio que ele indicou. Não seria difícil encontrar, ficava bem

no centro comercial. Enviei uma mensagem dizendo que iria pegá-la no serviço e ela respondeu para

encontrá-la na academia, tinha aula de *Muay Thai* essa noite.

Nem preciso dizer que não gostei nada, pois aula queria dizer que o babaca do Wolf estaria lá.

Com o passar das horas fui ficando mais nervoso e ansioso. Queria resolver logo essa merda de

processo e ver o filho da puta do Rick na cadeia. Caras como ele mereciam passar a vida toda

trancafiados.

Depois do plantão tomei um banho e me troquei. A caminho da academia sintonizei em uma

rádio que só tocava MPB. Não era muito fã, pois era ligado nas internacionais. Mas música nacional

me lembrava da minha irmã. E lembrar da Layla me fazia ficar calmo porque ela tinha esse poder

sobre mim.

Estacionei e tranquei a porta acionando o alarme, subi os degraus de dois em dois. A academia

estava cheia para uma segunda-feira, me desvencilhei do pessoal que estava se exercitando. Quando

cheguei à sala de *Muay Thai* um ciúme doentio me corroeu.

Sabrina estava conversando com o Alex e ria do que ele falava. Quando o cara levou a mão ao

seu rosto, eu tive que agir. A passos largos atravessei a distância e parei ao seu lado.

— Vamos?

Ela sorriu sem graça porque sabia que eu estava com ciúmes. Inclinou-se e deu

um beijo na

minha boca.

— Vou me trocar e já volto.

Sabrina se afastou e eu cruzei os braços, encarando o filho da puta à minha frente. Alex tinha um

sorrisinho debochado no rosto. Sabia que vinha merda.

— Então, Lucas — Coçou o queixo e inclinou a cabeça de lado. —, tá cuidando direitinho da

Sabrina? Cuidado, hein? Se bobear, eu tomo de vez.

Segurei-me para não socar sua cara. Olhei em seus olhos e deixei bem claro para não haver

mal-entendido.

— Desiste, já te disse que ela é minha, melhor se conformar.

Ele sorriu e se aproximou dando tapinhas nas minhas costas.

— Você é um cara legal, Lucas. Só estava te provocando, sabe que vou fazer isso mais vezes,

né? Não consigo resistir — Deu de ombros. —, porque é mais forte do que eu. Mas não precisa se

preocupar, eu entendi que a gata é sua, afinal ela te escolheu. Relaxa. Eu não sou fura-olho.

Estreitei os olhos e fiquei pensando se podia confiar nele. E... não. Sua mulher e cueca não é

coisa para confiar aos amigos, muito menos para um cara que a desejava, e ainda deseja. Não é

porque ela está comigo, que ele ficou cego.

— Vamos, amor. Tchau Alex, até sexta.

Ele acenou e Sabrina foi me puxando pela mão. Ao passar na recepção, a mesma menina que

havia visto nossa briga semanas atrás estava sentada atrás do balcão. Sabrina me olhou com os olhos

brilhantes.

Depois me puxou rapidamente e assolou meus lábios. Sabia que ela estava querendo mostrar

para a garota que estávamos juntos. Não ficava confortável em deixar os outros sem jeito, mas pouco

me importei quando sua boca quente colou na minha.

Apertei sua cintura com a mão e invadi seus lábios abertos com a língua. Acho até que Sabrina

se esqueceu da garota, porque se entregou totalmente. Nossos beijos sempre eram os melhores.

Quando a soltei, Sabrina cambaleou para trás e levou uma mão aos lábios inchados. Olhei em volta e

vi que a recepcionista tinha sumido.

— Porra, amor, se isso é marcação de território eu adorei.

Ela sorriu e me puxou pelo cós da calça fazendo-nos colar novamente.

— Deixa de ser convencido. Isso é pra evitar problemas, agora ela sabe que você é meu.

Semicerrei os olhos.

— Aquele lobo também sabe.

Ela jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Vamos, senhor esquentadinho. — Saiu andando à minha frente. — Você tinha que ver sua cara

quando chegou. Estava horrenda, se o Alex fosse um pouco frouxo teria corrido.

— Mas ele ficou bem esperto com o que lhe disse. Não vai bobear, não.

Ela sorriu e descemos as escadas. No carro entramos e seguimos em um silêncio confortável.

Em um momento Sabrina se virou para mim franzindo a boca.

— Lucas, será que vai dar certo esse lance do processo?

Desviei o olhar do trânsito e a observei. Sabia que estava preocupada de ter que encarar o filho

da puta novamente.

— Sabrina, depois de conversar com o advogado, nós vamos ficar mais tranquilos e saberemos

qual caminho seguir. Relaxa, de qualquer maneira eu vou estar do seu lado para qualquer coisa. Ok?

Ela assentiu e respirou fundo.

— Eu só não queria ter que contar tudo de novo. Sabe, depois que a gente conversou foi como

se jogasse tudo fora, quase não me lembro mais disso. E se eu tiver que falar e todos os fantasmas

voltarem? E se eu ficar no inferno de novo?

Parei ao lado do prédio e soltei o cinto de segurança. Peguei seu rosto entre minhas mãos e

olhei em seu oceano azul, me perdendo por um momento.

— Não vão. Sabe por que eu sei? Eu não vou deixar. Quando eles voltarem, eu

exorcizo todo

mundo. E se for para o inferno, eu vou atrás e te levo para o céu.

Ela riu docemente e cobriu minhas mãos em seu rosto com as dela.

— Eu sei, vou ficar bem então. Desde que você esteja comigo.

Assenti e me afastei, olhei para o prédio e vi que Bruno estava parado em frente à porta,

encostado na parede com os braços cruzados. E dormindo.

— Sabrina, olha seu irmão. Dormindo em pé, e a Layla nem ganhou bebê. Imagine quando

nascer?

Ela se virou e cobriu a boca segurando um sorriso. Arregalou os olhos e saiu devagar. Ela ia

aprontar. Como eu sabia? Caçulas sempre aprontam. Desci do carro e me aproximei. Sabrina parou

do lado do irmão e enfiou o dedo no nariz dele, que levou um susto e ficou encarando a gente de

olhos arregalados.

— Mas que porra garota, você não cresce, não?! Lucas por que você deixou?

Levantei as mãos para o alto em sinal de rendição.

— Eu não posso fazer nada, cara. Você estava dormindo em pé Bruno, pelo amor de Deus!

Ele passou a mão pelo rosto, parecendo realmente cansado.

— Eu preciso de uma noite longa de sono tranquilo. Está acabando comigo.

— Por que você não tá dormindo? — perguntou Sabrina colocando as mãos na

cintura.

— Meu Anjo trocou o horário dos enjoos. Ela os tem de noite e eu não a deixo sozinha.

Ela assentiu e ficou pensativa

— Isso é bom, ela não fez sozinha. Tem que passar perrengue junto.

— É, mas ela dorme a manhã inteira. Bom, mas chega desse papo que a gente tem hora marcada.

O advogado já está esperando.

Entramos no prédio e subimos de elevador, quando ele parou no andar saímos com Bruno à

frente, me deparei com um andar bem arrumado e de bom gosto. Pelo jeito era uma firma que

ocupava o local inteiro. Deviam ser figurões da advocacia. Paramos na recepção e nos sentamos

enquanto Bruno falava com a recepcionista, que o olhava com malícia no olhar.

Mas, como sempre, alheio aos olhares de outras mulheres, nem percebeu o interesse da garota.

Voltou e se sentou ao nosso lado deitando a cabeça no encosto do sofá. Sabrina olhava tudo com

interesse evidente.

— Nossa, que lugar bonito. Se meu escritório fosse assim estava bom demais. Como você

conheceu esse advogado, Bruno?

Ele levantou a cabeça esfregando os olhos.

— O irmão dele estava internado no hospital quando o conheci. E foi assim,

acabamos

mantendo contato ocasionalmente e quando precisamos de um advogado só pensei nele. É o melhor

do ramo.

Ela assentiu e continuou observando ao redor, percebi que estava nervosa. Puxei a mão da

Sabrina entrelaçando nossos dedos. Queria dar conforto a ela de alguma maneira.

— Senhor Petri, já pode entrar — disse a recepcionista sorrindo.

Levantamo-nos e fomos até a sala que a recepcionista indicou. Bruno deu duas batidas na porta

e escutamos alguém respondendo de dentro da sala. Ele abriu e entrou.

Um homem jovem se levantou dando a volta na mesa para nos receber. Notei Sabrina parada no

lugar e olhei em seu rosto. Estava embasbacada. Depois homens que são óbvios quando veem mulher

bonita. Ela só estava faltando babar no advogado. Estalei os dedos na sua frente e ela piscou

corando. Virei-me e vi que o cara sorria.

— Ei, Bruno, quanto tempo, hein? Vejo que trouxe reforços. Prazer, sou o Dr. Alexandre Ferraz.

## CAPÍTULO 29

*Sabrina*

Ao sair do elevador percebi que o lugar era de alto nível. Tudo de muito bom gosto e arrumado.

Aguardei ansiosa e nervosa para conhecer o advogado. E se ele me julgasse de alguma forma? Meu

Deus, não via a hora que esse suplício terminasse logo.

Quando a recepcionista disse que podíamos entrar quase tive um ataque de ansiedade, se estava

assim por falar com o advogado que iria me defender, imagina quando fosse dar depoimento.

Quando adentramos na sala parei por um momento. O cara que vinha sorrindo em nossa direção

era lindo de viver, aquele tipo de homem que te deixa embasbacada e sem reação: alto, forte, vestido

em um terno bem feito e caro, cabelos castanhos, olhos azuis penetrantes e um sorriso safado. Acho

que era dele mesmo, porque não vi nenhuma malícia em seu olhar. Quando percebi que Lucas estava

estalando os dedos na minha frente, eu pisquei envergonhada por ter sido pega em flagrante.

— Ei, Bruno, quanto tempo, hein? Vejo que trouxe reforços. — Virou-se para nós e sorriu. —

Prazer, sou o Dr. Alexandre Ferraz.

Ele estendeu a mão para o Bruno e o Lucas, e quando chegou a minha vez já havia me

recuperado do choque inicial.

— Obrigado por nos receber Ferraz, essa é minha irmã Sabrina e seu namorado Lucas, irmão da

minha esposa.

Cumprimentamo-nos com um aceno. O Dr. Ferraz colocou as mãos na cintura e sorriu.

— Sem formalidades, por favor, nos conhecemos há tempos. Sentem-se, vamos conversar.

Deu a volta na mesa, acomodando-se em uma cadeira revestida em couro preto. Lucas puxou a

cadeira pra mim e se sentou ao meu lado.

— Então, pelo que o Bruno me disse ao telefone seu caso aconteceu há quatro anos, e por isso o

crime de estupro prescreveu. Com o vídeo podemos dar entrada ao processo de danos morais. Mas

ele não será preso por isso, Sabrina — disse me olhando nos olhos, era tão profissional e sério, mas

emanava uma energia calmante. Não estava mais nervosa na sua presença. — Mas, pelo que eu

analisei dos vídeos que o Bruno me enviou, coisa que não foi fácil, tem um recente de três meses

atrás.

Arregalei os olhos com essa informação. Deus, Rick era mais doente do que eu podia supor.

Cobri a boca com a mão e tentei sufocar o soluço que ameaçava sair.

— Se eu tivesse prestado queixa logo que aconteceu teria evitado muitos desses estupros.

Alexandre me olhou carinhosamente e balançou a cabeça.

— Acho que sua família já te disse isso. Eu vejo que você está cercada de amor, mas vou falar

mesmo assim. — Respirou fundo. — Você não é culpada Sabrina, é totalmente compreensível tudo

que aconteceu. Eu já vi vários casos, e posso dizer com certeza que você é uma mulher e tanto. Não

se deixou abalar, claro que o trauma não passou, porém seguiu sua vida e enfrentou tudo sozinha.

Lucas pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus.

— Verdade. Ela arrebentou a cara do filho da puta.

Ao ouvir isso, o Dr. Ferraz arregalou os olhos sorrindo.

— Boa menina, gosto disso. Conheço algumas mulheres assim. — Sorriu suavemente. — Então,

querida, não se sinta dessa maneira. Talvez quando aconteceu contigo ele não tivesse sido preso,

sabe como é o nosso sistema judiciário, e as mulheres de que abusou seriam maltratadas da mesma

maneira. É muito complicado!

Assenti, mas no fundo ainda me sentia culpada. Bruno me olhou e sorriu suavemente.

— Então, Alexandre, como vamos prosseguir? Onde acharemos essa garota?

Ele passou a mão entre os cabelos e suspirou.

— Além do desgraçado e filhinho de papai gravar essas merdas... Desculpe o linguajar, mas eu

fico revoltado. Ele também deixa nomes das meninas além da data, então nós já a localizamos e ela

está aí fora. — Inclinou o queixo para a porta.

— Oh, Deus. Ela vai me culpar.

— Não, Sabrina. Eu já conversei com ela, e disse o básico por telefone. Ela quer te conhecer,

apesar de parecer chateada, achei que estava mais curiosa. Talvez queira saber como seguir em

frente, como já disse nem todas conseguem.

Olhei em seus olhos azuis e desviei para encarar o olhar lindo do meu amor.

— Alexandre, mesmo que eles não soubessem eu tive apoio, porque sentia o amor emanando

deles a todo instante.

— Muito bom isso. Parece-me que ela está na cidade sozinha e não tem ninguém. Bom, ela está

aí fora, posso mandar entrar?

Engoli em seco e assenti. Alexandre apertou a tecla do telefone.

— Ana, peça à menina para entrar, por favor. — Ele olhou pra mim sorrindo. — Fica calma

Sabrina, vai dar tudo certo, nós vamos conseguir pegar esse cara.

Assenti, porque de alguma maneira eu confiava nele. Devia ser implacável quando agia em sua

profissão, seu olhar presunçoso devia fazer os adversários tremerem de raiva.

Escutamos uma batida na porta e me levantei junto com o Alexandre. Aguardamos e uma jovem

de cabeça baixa entrou devagar. Quando ela levantou os olhos, eu senti meu coração comprimido

dentro do peito.

Eu conhecia essa menina, ela andava com a turma do Rick, sempre atrás dele. Aproximei-me

devagar com medo de uma rejeição ou algo parecido. Percebi os olhares dos caras à minha volta,

mas minha atenção estava voltada na garota. Estendi a mão e falei baixo:

— Prazer, sou Sabrina Petri. — Ela olhou para a minha mão estendida e seus olhos

transbordaram lágrimas presas, mostrando sua mágoa em relação a tudo que lhe aconteceu.

— Por que você não o denunciou? Por que deixou um monstro daqueles solto?

Abaixei a cabeça envergonhada. Por mais que minha família e meus amigos me dissessem, eu

sabia que poderia ter evitado que ele fizesse isso com as outras jovens. Por isso iria carregar essa

culpa para sempre. Percebi Lucas se aproximando e parando ao meu lado.

— Olha, sei que você sofreu e sofre, mas a Sabrina passou por isso igualmente. E acho que

você também não o denunciou, então não pode julgá-la.

— E o que você tem a ver com isso? — gritou a garota, exasperada.

Lucas já ia responder, mas eu olhei em seus olhos e balancei a cabeça, pedindo para que

permanecesse quieto. Voltei meu olhar para a menina.

— Sim, eu sou culpada quanto a isso. Mas creio que ele a ameaçou como fez comigo. Então,

nesse caso, se não fosse pelo Alexandre te procurar você não estaria aqui e o Rick continuaria

impune. — Ela engoliu em seco abaixando a cabeça.

— Me desculpe, eu me descontrolei. Não tenho ninguém aqui e não consigo superar.

Soltei a mão do Lucas e me aproximei colocando a mão em seu braço, dando um aperto

carinhoso.

— Olha, isso não acontece de uma hora pra outra, não. Eu demorei muito tempo para querer

tocar minha vida. Quase perdi a coisa mais importante do mundo e não me perdoo, porque ainda acho

que sou culpada e que podia ter resistido mais. Mas, querida, você tem que ser forte por você mesma

e mais ninguém. Se apegue a algo e siga em frente.

Ela levantou os olhos e sorriu tristemente.

— Eu tenho algo a me apegar. Ver aquele nojento atrás das grades.

Assenti e olhei para o Ferraz com os olhos suplicantes, estava doida que acabasse tudo de uma

vez. Ele assentiu entendendo o que eu queria.

— Ok, Patrícia, sente-se que eu vou explicar o que vamos fazer.

Lucas deixou que Patrícia se acomodasse ao meu lado e postou-se atrás de mim com as mãos

nos meus ombros. Alexandre colocou os cotovelos sobre a mesa e juntou os indicadores na frente dos

lábios.

— Como tem menos de seis meses o que aconteceu com você, podemos tentar

uma denúncia de

estupro e com os vídeos será mais garantido. Mas quero que saibam que não é certo que ele vai

cumprir pena atrás das grades. Ele pode responder em liberdade até o julgamento, que pode demorar

anos. Não vou dar essa garantia a vocês, ainda mais se ele tiver influência e conseguir um bom

advogado.

— Mas será que conseguimos? — Bruno, que até então só observava, perguntou com o cenho

franzido.

Ele sorriu de lado e encostou-se à cadeira.

— Olha, Bruno, eu sou o melhor do ramo. Modéstia à parte, não tem ninguém que se iguala, mas

você sabe que tem muitos corruptos por aí. Mesmo os pais dele dizendo que vão apoiar e denunciar o

filho, acho meio difícil porque vão fazer o possível para que o garoto fique solto.

Bruno me olhou com os olhos cheios de dor e pesar por toda a situação, além de estar cansado.

— Não fique assim, vai dar tudo certo! — tentei confortá-lo.

— Isso, não adianta ficar se estressando. Tudo vai se encaminhar, de alguma maneira esse cara

vai se dar mal. Vou fazer o meu melhor, podem ter certeza! Com o depoimento da Patrícia ele

receberá uma intimação em breve, porque na verdade eu vou levá-la na delegacia agora.

— Eu preciso ir, Dr. Ferraz? — Mesmo não querendo pisar naquele lugar, eu iria se fosse

preciso.

Ele levantou os olhos azuis lindos, sorrindo.

— Não querida, eu estarei te representando. Você vai receber a intimação para depor também,

mas quem vai fazer a primeira denúncia é ela.

Assenti e olhei para a garota ao meu lado.

— Quer que eu te acompanhe?

— Não precisa. Estou acostumada a ser sozinha. Você pode me dar seu telefone para o caso de

eu querer conversar?

Fiquei na dúvida, não era de dar meus dados pessoais assim. Mas a menina era sozinha e eu

poderia ajudá-la com alguma coisa que precisasse, peguei na bolsa um cartão e estendi em sua

direção.

Ela agradeceu e guardou na bolsa que levava no ombro. Alexandre se levantou e olhou para o

meu irmão.

— Eu vou à delegacia e te dou notícias pelo celular quando chegar em casa. Ok?

Ele assentiu, caminhou até a porta e estendeu a mão para o advogado.

— Obrigado pela atenção e pelo seu tempo. Aguardo sua resposta.

— Imagina, quando precisei você também esteve a postos. — Depois se virou

para nós e sorriu.

— Te vejo de novo Sabrina, fique bem. E Lucas, cuide da princesa. Elas são joias raras. — Sorriu

amplamente, acho que o cara estava apaixonado. Pude ver em seus olhos o mesmo brilho que via no

espelho todos os dias.

Despedimo-nos e voltamos para o carro. Cansado, Bruno disse que iria para o bar e pegar a

Layla, pois quem fecharia hoje era a Elisa. Coitado do meu irmão, estava exausto!

Seguimos para casa em silêncio. Eu estava olhando mensagens nas redes sociais pelo celular e

vi uma de um nome estranho, devia ser *fake*. A mensagem era meio sinistra, com imagens estranhas

de corpos nus. Apaguei e disfarcei, não queria que Lucas visse.

Quando ele estacionou na nossa garagem, eu desci e fui direto tomar um banho. Quando saí,

Lucas estava sentado na minha cama aguardando-me voltar, depois se levantou e pegou meu queixo

segurando firme.

— Nunca mais diga que foi culpa sua. Entendeu? Nunca! Nem pelo que ele fez, nem porque não

o denunciou. Já passou da hora de abandonar essa mentalidade. O único culpado de um estupro é o

estuprador. Não há motivos que incitam esse ato horrendo, só uma mente doente tem coragem disso.

— Engoli em seco e olhei em seus olhos verdes, sinceros. — Você é forte e guerreira, suportou anos

com isso só pra si e continuou firme. Não quero se culpando nunca mais. É bom tirar isso da sua

cabeça. Entendeu? Diga!

— Entendi — falei em um fio de voz.

Ele me puxou para os seus braços, acariciando meus cabelos molhados. Acomodei-me em seu

abraço carinhoso e senti seu perfume. Fechei os olhos e tentei imaginar minha vida sem ele. Não

existia! Sorri com esse pensamento. Com Lucas ao meu lado, talvez conseguisse deixar de me culpar.

Mas sabia que isso não iria acontecer de uma hora pra outra.

— Lucas, você acha que eu preciso de terapia?

Ele se afastou me segurando pelos braços.

— O que você acha? Você é inteligente e lúcida. Acha que precisa de ajuda profissional?

Desviei o olhar do seu, vasculhando pelo quarto em busca de uma resposta. Em meu coração, eu

sabia que sim. Não que eu fosse louca ou desequilibrada. Mas por mais carinho e atenção eu

recebesse da minha família, eu sentia que eles diziam que não era culpada por me amarem.

— Acho que sim.

Ele puxou meu rosto e deu um beijo suave em meus lábios entreabertos. Seu hálito quente era

um bálsamo para a angústia dessa noite.

— Se é o que você quer, princesa, que assim seja. Tem uma psicóloga muito boa no hospital e

vou marcar uma consulta pra você, ok?

— Tudo bem, mas não quero que o Bruno saiba.

Ele franziu a testa, mas concordou com um aceno. Passou a mão em meu rosto e sorriu.

— Eu acho que o advogado te surpreendeu, não? Percebi seu olhar embasbacado — provocou,

balançando as sobrancelhas.

Corei na hora. Droga, creio que todos perceberam!

— Ficou com ciúme?

— Não, percebi pelo olhar que o cara já está laçado.

Fiz biquinho e dei de ombros indo até o armário. Soltei a toalha e peguei uma camisola de seda

na gaveta.

— O que eu posso fazer? Aquele Alexandre Ferraz é lindo!

— Engraçadinha. Ele não é nenhum príncipe encantado, viu? Tá na cara que o cara é pegador.

Sorri com o pensamento que tive.

— Não, nada de príncipe pra ele. Tá mais pra lobo mau mesmo.

Mas, como disse o Lucas, era mais do que óbvio que o cara já estava caidinho por alguém.

Garota sortuda!

## CAPÍTULO 30

*Lucas*

Após a tensão no encontro com o advogado, conseguimos a confirmação que a denúncia havia

sido feita. Cinco dias depois recebemos uma mensagem do Ferraz dizendo que o Ricardo tinha

recebido a intimação.

Estava apreensivo com o desenrolar dessa história. Não sabia como seria dali para frente,

quanto tempo iria levar. Não gostaria que Sabrina tivesse que suportar meses ou anos de processo.

Indo e voltando, tendo que encarar sempre aquele filho da puta e ainda não ter o veredito merecido e

esperado.

Essa sexta-feira foi extremamente cansativa, o hospital estava lotado e enfrentei várias cirurgias

ortopédicas. Cheguei em casa exausto, Sabrina ainda não estava, pois tinha aula de *Muay Thai*. Não

me importava muito mais em relação ao Alex, porque eu confiava completamente nela.

Tomei um banho relaxante e fui preparar um jantar gostoso para nós. Meu celular tocou em cima

da bancada. Era Alberto.

— E aí, cara? Já cansou do tatuado, ou tá de casinho com ele? — atendi sorrindo.

— Rá, como você é engraçado. Tá andando muito com o Bruno, hein?!

— Deixa ele ouvir você falando isso. Mas diz aí, como estão as coisas? — Caminhei até a

geladeira tirando os mantimentos que usaria no jantar.

— Tudo tranquilo, já passamos por quatro cidades litorâneas, bem legais. Heitor não é uma

garotinha como você... Nada de reclamar.

— Ah, cala a boca. Mas fala, ligou só pra papear ou algo específico?

Escutei ele suspirar e fazer uma pausa.

— Como ficou a Ana Luiza depois que fomos embora?

Sorri com o telefone preso entre a orelha e o ombro. Segurei o peito de frango tirando da

sacola.

— Você quer a verdade ou uma resposta enfeitada?

— O que você acha, idiota? Se eu tô perguntando...

— Sei lá... Bom, Ana ficou arrasada e puta comigo quando dei um chega pra lá nela. —

Coloquei o frango em cima da tábua de carne.

Escutei Alberto pigarrear e percebi que um barulho de carros e o mar ao fundo podia ser

ouvido.

— Sei... — Suspirou pesadamente. — Você tá ocupado, cara? Queria conversar.

— Não, tô legal, preparando um jantar, mas estou te ouvindo.

— Se você não estivesse com a Sabrina e pudesse tê-la pela metade, o que faria?

Franzi a testa e larguei o frango em cima da tábua. Tentava entender o que ele quis dizer.

— Olha, Alberto não sei se entendi bem, mas qualquer chance de ter alguma coisa com a

Sabrina eu pegaria, cara. Ela que nunca deu espaço. Acho que seja qual for a tentativa é válida. Eu

tendo ela em meus braços está bom demais.

Ele ficou em silêncio por um tempo, e eu aguardei.

— Hum, é complicado essa merda de coração, né?

— Alberto o que está acontecendo? Cadê o Heitor?

— Está no hotel, eu vim para a praia pensar. Precisava esvaziar a cabeça. Eu saí pra me afastar

e relaxar, mas não adianta porque aonde eu vou, a Ana tá comigo. Cara, isso é tortura demais!

Fiquei com pena dele. Amar desse jeito por tanto tempo sem ser correspondido ou com

esperança de ser, devia ser doloroso. Na verdade, eu sabia que era. Eu não sofri a metade que ele e

foi horrível.

— Se eu posso te dar um conselho é que relaxe aí. Quando voltar, dê uma decisão nela. Já

passou da hora de acertarem os pontos. Se não for para ficarem juntos, que se separem de vez. Sendo

amigos, isso só vai piorar.

— Você tem razão! — falou com a voz embargada. — Farei isso, se ela não quiser nada eu vou

embora, cara. Acho que não quero a metade de um amor. Valeu pela conversa, avisa o pessoal que

voltamos na quarta, beleza?

— Ok, fica bem. Relaxa a cabeça e pensa muito antes de tomar qualquer decisão.

— Pode deixar. Dá um beijo na bonequinha. Tchau. — Ele desligou e eu fiquei ali olhando para

o frango em minhas mãos. Alberto acabaria se tornando um cara amargurado com essa briga de gato e

rato entre ele e Ana.

— Nossa, que concentração no frango. — Olhei pra cima ao escutar a voz da minha princesa.

Sorri e lavei as mãos na pia indo ao seu encontro. Beijei seus lábios doces, saboreando cada

pedacinho com a língua. Sentia no peito uma angústia, devia ser pela conversa com o Alberto e por

sentir em sua voz a dor que havia nele. Afastei-me e olhei em seu céu azul.

— Como foi seu dia, amor? — Ela sorriu acariciando meu rosto com as costas da mão.

— Foi bom, cansativo, mas me revigorei na academia. Por que essa carinha?

Abracei seu corpo e afundei o nariz em seus cabelos negros, gravando seu perfume na memória.

— Eu estava falando com o Alberto ao telefone. Eles voltam na quarta.

— E você ficou triste por isso?

Balancei a cabeça negando.

— Não. Ele me fez uma pergunta sobre ter um amor pela metade e fiquei chateado por ele e Ana

não se entenderem.

Sabrina se afastou com os olhos tristes.

— Eu também fico. Apesar de não saber o que rolou, acho que eles deviam se dar uma chance.

Afinal, se passou tanto tempo e, mesmo assim, é óbvio o que sentem um pelo outro.

Assenti beijando sua testa. Soltei seu corpo e sorri, pois tinha que dar a outra notícia para ela.

— Recebi um recado do advogado, o Rick já recebeu a intimação.

— Eu sei. Eu também recebi. — Andou até o sofá e se sentou ali. — A primeira audiência foi

marcada para daqui a dois meses.

Levantou-se, pegando o meu rosto entre as mãos, e disse:

— Não fica assim, amor. Vai dar tudo certo. Eu não estou nervosa, tá? Agora, o que você está

fazendo de gostoso para o nosso jantar?

— Surpresa. Vai tomar um banho e vem para conversarmos.

Ela sorriu dando um selinho em meus lábios e saiu em direção aos quartos.

Voltei à cozinha para terminar de preparar o fricassê de frango que ela adorava. Eu aprendi a

cozinhar desde pequeno, tinha que ajudar Layla em alguma coisa e, às vezes, gostava disso.

Cortei o frango e preparei todo o restante. Essa receita era fácil e rápida.

Distraído, pensei em

minha vida com e sem a Sabrina. Uma nostalgia me abateu, fazendo-me ficar tonto. Sentia falta de

quando eu, ainda garoto, e Layla ficávamos horas na cozinha preparando almoços e jantares, em

festas comemorativas apenas para nós dois. Nunca fui de fazer amigos, acho que tivemos muitas

perdas em pouco tempo e isso nos deixou cautelosos em relação a laços afetivos.

Quando Layla conheceu o Bruno acabou a solidão. Fomos literalmente adotados por aquela

família louca, barulhenta e linda. Apesar de amar a Sabrina como homem, tenho muito carinho por

ela também porque sou grato por sua amizade esses anos todos. Tê-la ao meu lado fez-me

amadurecer e me tornar o ser humano que sou hoje.

Não fui nenhum santo. Errei muito. Mas no final as coisas se encaminharam para a felicidade

plena que havia em meu coração. Tudo tem um propósito e motivo. Aprendi a duras penas a não

questionar demais. Deus sabe o que faz.

Quando Sabrina retornou, eu já estava colocando o fricassê no forno. Ela se sentou na bancada

sorrindo e pegou um pouco de batata palha dentro do saquinho.

— O Alex perguntou de você...

Levantei uma sobrancelha e apoiei as mãos afastadas na bancada, me inclinando para frente.

Sabia o que Sabrina iria ver, e não me decepcionei. Estava sem camisa e ela devorava meu tórax

com os olhos.

— Ah, é? E o que ele queria? Por acaso se apaixonou por mim?

Ela sorriu sem desviar os olhos.

— Pode ser. Não é muito difícil. Você sabe?

— Não sei, não. O quê?

Sabrina riu e estreitou os olhos.

— Você sabe que me deixa sem chão quando fica exibindo esses músculos definidos?

— Não sabia.

— Aham, engraçadinho. Ele só perguntou onde estava o meu defensor ciumento. Eu disse a ele

que devia estar me esperando em casa, nu e com um lacinho pra presente.

Arregalei os olhos e não pude evitar do meu queixo cair.

— Sério que você disse isso?!

Ela gargalhou jogando a cabeça para trás e se engasgou logo em seguida. Entre tosse e risada

saíam lágrimas dos seus olhos.

— Claro que não. Mas você devia ver a sua cara agora, Lucas. Hilário!

— Você é muito engraçadinha. Sabe que merece um castigo por ser tão impertinente? — Dei a

volta indo devagar, estava em modo predador. E minha presa tinha os olhos azuis arregalados e ria

descontroladamente. — Acho melhor correr, princesa. Quando eu te pegar vai ser castigada.

Sabrina levou um dedo à boca sorrindo.

— Eu vou gostar desse castigo?

Semicerrei os olhos, captando exatamente o que estava insinuando.

— Não sei. Será? Corre pra ver.

Ela deu um grito e correu pela sala. Como nossa casa era pequena não tinha muito lugar para ir.

Acabei pegando-a rápido demais. Joguei-a deitada no tapete, pairando em cima do seu corpo e me

esfregando devagar. Apenas provocando. Inclinei-me, abaixando o rosto e mordendo seu queixo e

pescoço. Sabrina gemia e se agarrava a mim.

Mas se ela pensava que seu castigo era sexual estava muito enganada. Por mais que eu estivesse

tentado a transar com ela até o mundo acabar, a gatinha merecia um pouco de tortura. Afastei-me e

sorri. Ela arregalou os olhos com a expressão em meu rosto.

— Que cabecinha suja. Eu vou me acabar de rir vendo você sofrer.

Nem a deixei falar nada, ataquei sua barriga de cócegas fazendo-a gritar e tentar se

desvencilhar. Não dei trégua, dava gargalhadas vendo-a tão alegre. Minha menina precisava disso,

alegria em sua vida.

Quando a soltei, ela se curvou em uma bola me olhando como uma garotinha

brincalhona.

— Só foi salva porque tenho que olhar o forno. Mas não me provoque, mulher, as consequências

são gravíssimas.

Sorri me virando e deixando-a com resquícios da diversão nos olhos. Nosso jantar estava

pronto e coloquei em cima da bancada arrumando tudo: pratos, talheres... Coloquei um pano no

antebraço e fiz uma mesura de garçom quando ela se aproximou.

— *Mademoiselle*, seu jantar está servido.

Sabrina riu e segurou meu queixo com uma mão aproximando a boca da minha.

— Vou adorar saborear o jantar, meu garçom, e depois você.

— Caramba, mulher! Assim você me tira dos trilhos. Agora, vamos com esse jantar para ter o

outro logo.

Terminamos a noite dançando no meio da sala coladinhos. Adorava tudo que envolvia meus

braços ao seu redor.

Era completamente apaixonado pela Sabrina.

## CAPÍTULO 31

*Sabrina*

— Como vamos ficar daqui para frente, princesa?

Lucas estava deitado de lado com sua cabeça apoiada na mão, enquanto traçava com o dedo

contornos e desenhos em minha barriga nua. Olhei em seus olhos verdes e percebi que estava tenso,

com medo da minha resposta.

— Como assim, amor?

— Moramos na mesma casa e não vamos nos mudar. Desde que decidimos ficar juntos mesmo,

dormimos todos os dias no quarto um do outro. Só estou curioso, vamos continuar assim? Ou

aprofundar a relação? Sei lá, tô confuso. — Abaixou os olhos constrangido. Ele ficava lindinho

assim.

Peguei seu queixo fazendo-o me encarar.

— E que diferença faz, Lucas? Estamos juntos, nos amamos. Não estou entendendo.

Ele suspirou e deitou na cama olhando para o teto. Lucas estava mesmo chateado.

— A diferença é que mesmo sabendo que é minha, eu ainda estou inseguro. Não queria te

incomodar com isso, mas não consigo tirar da cabeça. Até então a diferença dos quatro anos que

vivemos na mesma casa é que estamos transando, dormindo juntos e abrimos nossos corações. Mas

não sei, preciso de mais, tenho que ter a certeza de que é minha. Nós vivemos como pessoas casadas

Sabrina, mas não estamos. Ah, eu estou confuso.

Sorri e subi em seu corpo pairando sob seu rosto, meus cabelos caíram à frente

fazendo uma

cortina entre nós dois.

— Olha, eu te amo demais. O que quer? Que eu me mude pro seu quarto ou você mude para o

meu? É isso? — Ele ergueu uma mão tirando o meu cabelo de um lado e, ao mesmo tempo,

acariciava meu rosto e pescoço.

— O que eu quero de você, não sei se está pronta para me dar. Está?

Abaixei a cabeça roçando meus lábios nos seus deliciosamente macios. Chupei sua boca

vagarosamente, mostrando ali o quanto eu pertencia a ele. Afastei-me e seus olhos refletiam o amor e

a luxúria dos meus.

— Precisa de mais alguma resposta? Eu quero você intensamente todos os dias e todos os

minutos. Vamos fazer o seguinte... Compramos um guarda-roupa maior e você se muda pra cá. O que

acha?

Lucas sorriu como um menino. Então eu percebi que, por ter passado anos sofrendo com a

rejeição da mãe, ele tinha que ter uma certeza de que não seria abandonado, mais como uma garantia.

Mesmo após tantos dias juntos e tantas noites de paixão, ele ainda se sentia inseguro. E eu iria

dedicar todo o meu tempo para fazê-lo entender o quanto o amava.

Passamos a manhã de sábado na cama nos tocando e aproveitando nosso tempo juntos. Conosco,

as palavras já não eram necessárias, pois com olhares significativos e toques carinhosos

demonstrava o meu amor por aquele ser incrível que tinha ao meu lado. O quanto Lucas era frágil e

inseguro ninguém percebia, pois estava sempre pronto a lutar por quem se importava. Mas ele tinha

cicatrizes de rejeição entranhadas nele. Ter perdido o pai e a mãe indiferente o feriu profundamente,

já que nem o amor da irmã foi capaz de suprir essa falta.

Ele tinha um modo todo lindo de fazer amor, inclusive, as músicas estavam sempre presentes.

Às vezes colocava uma no *iPod* e se movia de acordo com a batida. Outras vezes cantarolava em

meu ouvido. Antes de tomarmos banho, transamos tão devagar que me deu vontade de chorar. E a

canção que ele dedicou àquele momento não me deixou segurar. Cantou baixinho no meu ouvido com

a voz embargada *Just The Way You Are*, do Bruno Mars.

Lucas acariciava meu rosto enquanto entrava em mim e derramava sua alma. Afastou-se,

olhando em meus olhos:

"Quando eu vejo o seu rosto

Não há nada que eu mudaria

Pois você é incrível

Exatamente como você é

E quando você sorri

O mundo inteiro para e fica olhando por um tempo

Pois, garota, você é incrível

Exatamente como você é

Os lábios dela, os lábios dela

Eu poderia beijá-los o dia todo se ela me permitisse

A risada dela, a risada dela

Ela odeia, mas eu acho tão *sexy*

Ela é tão linda

E eu digo isso pra ela todo dia"

Eu me derreti toda e senti meu corpo todo se elevando a um nível totalmente diferente de amor

por mim e por ele, que me fazia completa e realizada.

***

À tarde resolvemos passear, e aproveitamos para visitar Bruno e Layla com o intuito de ver se

meu irmão tinha recuperado seu sono, coitado! Quando chegamos lá, ele estava na garagem lutando

para montar um armário pequeno. Descemos do carro e ele nem nos percebeu, pois parecia de mau

humor.

— Droga de parafuso que não entra, mas que porra! — bradou, jogando a chave

de fenda longe.

Arqueei as sobrancelhas e olhei para o Lucas que tentava segurar a risada.

— Cara, o que é isso? Acordou do lado errado da cama, é?

Ele nos olhou surpreso por ter notado nossa presença só naquele momento. Suspirou e sentou no

chão apoiando os braços nos joelhos.

— É que eu posso ficar horas com o bisturi na mão sem me cansar, mas não consigo montar a

porra de uma sapateira para minha mulher. Sou um imprestável!

Eu tive que rir, e Lucas me acompanhou. Ver o Garanhão, tão seguro de si, chateado por não

conseguir montar um móvel era pra lá de hilário. Ele estreitou os olhos e me fez uma careta.

— Irmão, você já olhou o manual? Lá tem explicação para essas coisas. — Apontei o armário

com as portas frouxas.

— Manual?

Jesus, homens não sabem de nada!

— É, querido — Resolvi falar com ele como se fosse criança. —, dentro da caixa sempre vem

um manual de instruções.

Ele franziu a testa e se levantou, pegou a caixa jogada no canto ao lado do carro e procurou.

Ergueu um papel que havia lá dentro e observou atentamente, abrindo um sorriso envergonhado. Que

fofo! Não resisti e aproximei-me, apertando sua bochecha.

— Que bonitinho que você fica encabuladinho.

— Você é muito engraçadinha... — Levantou os olhos mirando no Lucas. — Como você aguenta

essa espertinha?

Lucas se aproximou, enlaçando minha cintura e beijando o topo da minha cabeça.

— Porque eu a amo. Exatamente como você aguenta a Lala.

E nisso minha cunhada apareceu na porta com uma colher na boca e um pote de sorvete de

chocolate na mão.

— O que tem eu?

Bruno a observou e seu sorriso aumentou mais, se é que isso era possível. Largou tudo e

abraçou a esposa cochichando em seu ouvido, ela corou e deu um tapa no seu braço. Eu conhecia

aqueles dois, tinham um fogo que não acabava. Desviei o olhar da cena íntima e puxei Lucas pela

mão.

Ele me acompanhou sem hesitar, pois sabia como era o casal apaixonado. Sentamo-nos na

varanda e ficamos observando a rua enquanto o casal se agarrava na garagem. Era lindo de ver que,

após quatro anos juntos, eles tinham a mesma paixão e o mesmo amor do início do relacionamento.

Alguns bons minutos depois, Layla apareceu toda envergonhada nos convidando a entrar.

Almoçamos e conversamos sobre a volta repentina dos meninos, eles ficariam duas semanas fora,

mas resolveram voltar antes.

O palpite do Bruno era que Alberto estava muito mexido com o lance da Ana e não conseguia se

divertir. Heitor, prestativo como sempre, deve ter tomado a decisão por ele de voltar pra casa.

Meu coração estava apertado com essa viagem. A todo o momento que me lembrava dos dois

sentia calafrios. Mas não me manifestei, não queria assustar ninguém com minha neurose.

Tivemos uma tarde ótima regada a risadas e brincadeiras. E, claro, música. Layla e Lucas juntos

com um violão era sucesso na certa. Voltamos pra casa e dormimos nos braços um do outro.

O domingo também foi divertido. Eu e Lucas nos enfurnamos em casa, vimos filmes e seriados

na televisão, sempre com um balde de pipoca entre nós. À noite, ele teve plantão de 24h e sairia só

na segunda às sete da noite. Combinamos de ele me buscar na academia, porque precisava deixar

meu carro na oficina para revisão e seria o momento perfeito.

Passar a noite sem o calor do seu corpo foi mais difícil do que imaginei, rolava na cama à

procura do seu abraço e não encontrava. Cheguei a cogitar de ligar para ele de madrugada, apenas

para ouvir sua voz, mas não quis atrapalhar. Acabei pegando no sono às quatro da madrugada para

levantar às sete da manhã.

Nem preciso dizer que passei o dia de segunda como um zumbi, o pior foi aguentar meu chefe

buzinando na minha cabeça. Pelo menos o Felipe me deu trégua, parou de me procurar. Deve ter

caído na real.

O dia todo sem receber notícia do Lucas estava me deixando louca, até que chegou uma

mensagem. Felicidade era ver o seu nome piscando no celular.

*Oi, princesa. Estou morrendo de saudades, não vejo a hora de te ver, pego você no estacionamento*

*às sete em ponto. Não se atrase. Beijos.*

E esse tempo que se arrastava era enlouquecedor! Então, enfim, deu cinco da tarde e fui para a

academia. Alex estava pegando pesado, não sei se foi a falta de sono, mas senti meu corpo todo

doendo. No final não tive coragem nem de trocar de roupa, fui de top e bermuda esperar o Lucas no

estacionamento.

Faltavam cinco minutos e queria que quando chegasse eu estivesse à sua espera. Parei no

estacionamento e percebi que estava deserto. Não gostava de ficar em lugares

assim, mas ali era bem

tranquilo. Então nem dei muita atenção.

Já tinha se passado dez minutos e nada do Lucas. Peguei o celular e resolvi ligar. Quando

terminei de discar percebi um vulto parado à minha frente. Levantei os olhos e, se eu tivesse coração

fraco, teria morrido de susto ali mesmo.

Rick estava com o rosto contorcido em uma máscara de fúria. Os punhos fechados ao lado do

corpo traduziam toda sua tensão. Instintivamente dei um passo atrás, mas não conseguia desviar o

olhar.

— Achou que ia fugir de mim, vadia? Não, Sabrina. Acho que você tá querendo mais do que eu

te dei tempos atrás, né? — Sorriu como um louco.

Engoli em seco e fui me afastando.

— O que você quer? Se encostar em mim vai ser preso!

— Por isso estou aqui, sua filha da puta. Quem mandou me denunciar? Eu te disse que você iria

pagar caro por isso.

Nem pude dizer mais nada porque ele avançou em minha direção fazendo-me derrubar a bolsa e

o celular no chão. Tentei gritar, mas minha boca estava coberta por sua mão, ele apertava minha

bochecha com força, dolorosamente eu tentava me desvencilhar. Mas o pânico

me dominou,

deixando-me indefesa e sem saída.

Levou-me para um canto mais afastado da rua e me jogou no chão. Bati a cabeça com força,

contudo, mesmo assim, tentei gritar. Ele tirou um pano, não sei de onde, e amarrou em volta da minha

boca. Com o coração acelerado percebi sua intenção, ele queria me estuprar de novo. As lágrimas

caíam furiosamente no meu rosto.

Rick tirou outra tira de pano do bolso e amarrou meus pulsos atrás do corpo. O cascalho

machucava os meus braços e as minhas costas. Eu só pedia a Deus por algo que me salvasse daquele

pesadelo.

— Agora, eu vou te pegar de novo. E você vai gritar como uma louca. — Se levantou puxando o

meu *short* e a minha calcinha.

Gritei sem sair nenhum som. Chutei seus braços e, então, ele me deu um soco deixando-me tonta

por um minuto, e senti alguma coisa quente escorrendo por meus cabelos. Pisquei tentando voltar à

realidade, não queria perder a consciência, não podia deixar tão fácil.

Entrei totalmente em pânico quando Rick, sorrindo, abriu o zíper da calça e tirou seu pênis

nojento pra fora.

— Dessa vez, vadia, vai sentir muita dor. Eu vou acabar com você!

Eu saí do corpo. Anestesiei-me. Não queria sentir aquilo. Só podia pedir a Deus que saísse viva

de tudo. Ou quem sabe, morrer de uma vez fosse melhor?

## CAPÍTULO 32

*Lucas*

Caramba, não queria ter me atrasado tanto. Era para estar de prontidão na porta da academia

quando Sabrina saísse, porque preparei todo um cronograma. A levaria para um passeio e depois nos

amaríamos em casa até o amanhecer, mas uma cirurgia de emergência me segurou. Olhando para o

relógio, vi que não estava muito atrasado, pois eram sete e cinco.

Meu celular tocou no banco do passageiro. Olhei para a tela e o rostinho da minha princesa

sorria para mim. Peguei o celular e atendi sorrindo.

— Fala, princesa. Já estou chegando, minha linda, acabei me atrasando no hospital. — Escutei

um baque e uma voz masculina ao fundo. — Sabrina? O que está acontecendo?

Ela não respondeu, mas um som abafado se infiltrou na linha:

*— Achou que ia fugir de mim, vadia? Não, Sabrina. Acho que você tá querendo mais do que*

*eu te dei tempos atrás, né?*

*— O que você quer? Se encostar em mim vai ser preso!*

Arregalei os olhos e senti meu coração gelar. A porra do Rick estava atrás dela.

— Caralho! — Bati com a mão aberta no volante em desespero.

Não queria desligar o telefone, mas precisava chamar alguém. A primeira pessoa que veio à

minha cabeça foi o Bruno. Terminei a ligação com ela e apertei a discagem rápida para o meu

cunhado. No segundo toque, ele atendeu.

— Bruno, o Rick tá com a sua irmã. Eu estou a caminho, chame a polícia. Ela está na academia.

Nem esperei ele responder e joguei o celular longe, que caiu em qualquer canto no chão.

Afundei o pé no acelerador, estava quase lá. Devo ter ultrapassado alguns sinais vermelhos, mas nem

me importei, pedia a Deus que protegesse minha menina e que eu não sofresse nenhum acidente por

conta da alta velocidade. Não podia deixá-la nas garras daquele otário.

— Estou chegando. Estou chegando... — repetia esse mantra a mim mesmo como se assim

pudesse acalmá-la de alguma forma.

Graças a Deus não tinha trânsito, parecia até brincadeira, mas o caminho estava livre.

Estacionei de qualquer jeito em frente à academia. Abri a porta do carro e saí sem fechá-la, porque,

se fosse necessário, estava preparado e pronto pra matar aquele cara de cacete. A procurei sem fazer

barulho, ou ele poderia tentar algo contra Sabrina para impedir que eu me

aproximasse, até que ouvi

um grito abafado e uma voz sinistra, que o acompanhou:

— *Dessa vez, vadia, vai sentir muita dor. Eu vou acabar com você!*

Segui aquele som e o que vi me fez quase vomitar. Sabrina estava sem o *short*, enquanto um

pano cobria sua boca, e seus braços estavam presos atrás do corpo. O filho da puta tinha as calças

abaixadas e se preparava para machucar a minha princesa. Desgraçado!

Ela não esboçava mais nenhuma reação. Parecia conformada com o que iria lhe acontecer,

contudo as lágrimas podiam ser vistas descendo por seu rosto incontrolavelmente. Eu nem pensei,

uma fúria me invadiu e dei um urro de raiva. Nunca em minha vida senti tanto ódio assim. Aquilo me

invadiu e eu corri impulsivamente, derrubei aquele desgraçado no chão e enchi sua cara de socos.

Ele tentava me segurar e ainda conseguiu me acertar, mas eu estava anestesiado. Não sentia dor, só

cólera por aquele ser desprezível. Imaginei que, se não tivesse ninguém para me interromper eu faria

alguma besteira, pois não pensava em nada. O que me chamou a atenção foi um murmúrio baixo da

Sabrina.

Com os olhos arregalados e injetados de raiva, virei o rosto e vi sua expressão triste e

magoada. Ela chorava tentando se levantar. Voltei meu olhar para o filho da puta

que se contorcia de

dor e meu ser gritava para que acabasse com ele, mas Sabrina precisava de mim. Peguei em sua

camisa fazendo-o me encarar.

— Eu só não vou te matar, desgraçado, porque quero ver você virar mulherzinha na cadeia.

Filho da puta, você vai sofrer por cada minuto de desespero que causou. — Joguei-o no chão e me

afastei.

Aproximei-me devagar a olhando nos olhos, então senti meu rosto molhado de lágrimas. Engoli

em seco e tentei ser forte. Procurei não olhar para suas pernas e seu quadril, pois ela estava nua da

cintura pra baixo. Tirei a minha camisa e cobri seu colo. Ela me olhou agradecida, eu a sentei e

desamarrei seus braços e soltei o pano da sua boca.

Com as duas tiras em mãos, olhei para o monstro que estava tentando se levantar. Virei-me para

a minha princesa e pedi desculpas por deixá-la sozinha por um segundo. Andei até ele, pronto para

terminar o serviço, enquanto me passava pela cabeça milhares de dores que podia lhe causar, mas o

bem-estar da minha mulher vinha em primeiro lugar, por isso amarrei os seus braços e, em seguida,

as suas pernas. Ele me olhou horrorizado.

— Puxa minha calça, cara.

Por pouco não voei em cima dele e terminei o que havia começado. Eu nem respondi, dei-lhe as

costas, pois estava totalmente com a minha atenção voltada na Sabrina. Vesti a camisa nela, que ficou

no comprimento das suas coxas, então avistei seu *short* jogado no chão e ajudei-a colocá-lo, pois

assim se sentiria mais confortável. Ao longe, eu já ouvia a sirene da polícia.

Abracei-a forte e Sabrina desabou em meu peito. Acabamos sentados no chão com ela no meu

colo. Com calma analisei seus ferimentos: a cabeça sangrava e seu rosto estava coberto de

hematomas. Minha raiva e repulsa só cresciam.

Sabrina soluçava de tanto chorar. Eu sofria em silêncio, dando o amor que ela precisava.

— Achei que você não chegaria a tempo. Eu... estava morrendo... de medo.

— *Shhh*... meu amor, estou aqui. Perdoe-me, fiquei preso no hospital, mas vim o mais rápido

que pude quando atendi sua ligação.

— Oh, meu Deus, que pesadelo. Aquele desgraçado! Lucas, ele iria me estuprar de novo. Eu só

queria morrer.

Afastei-a do meu peito e olhei em seus olhos azuis tão lindos.

— Não diga isso, meu amor. Você está viva e nada vai acontecer com você. Ok?

Ela assentiu e me abraçou de novo. Logo os policiais chegaram junto com um Bruno

desesperado. Quando ele viu a cena, eu pude perceber exatamente a raiva que senti quando

presenciei tudo. Viu o Rick estirado no chão amarrado com a calça arriada. Achei que iria acabar

com o cara de vez, mas foi contido por dois policiais.

Meu cunhado estava descontrolado.

— Eu vou acabar com você, seu desgraçado. Me solta, porra, eu vou matar ele. Me solta!

Sabrina se desvencilhou dos meus braços e correu para o irmão tentando contê-lo. Ela o

abraçou e, então, Bruno se acalmou envolvendo o corpo pequeno dela em seu abraço protetor.

Ambos caíram ajoelhados no chão, enquanto Bruno chorava e acariciava os seus cabelos.

Enquanto isso, dois policiais pegaram o cara e o levaram para o camburão. Ele foi jogado lá de

qualquer maneira e trancafiado. Outro policial se aproximou de mim.

— Já pedimos uma ambulância pra ela. Você chegou a tempo? Ela foi abusada?

Suspirei e agradeci a Deus por não ter me demorado.

— Ele não a tocou sexualmente, provavelmente estava se vangloriando antes do ato. Mas bateu

muito nela... — falei com o coração apertado.

O policial assentiu e olhou para trás.

— Ele tá fodido, com a denúncia já formalizada e esse flagrante vai ficar trancafiado até o

julgamento.

— Que morra na cadeia!

— Bom, eu vou aguardar a ambulância chegar e vou ao hospital pegar seus depoimentos. Tudo

bem?

Fiz uma careta e assenti, por mais que não quisesse fazer Sabrina passar por isso, era

necessário para que tudo corresse de acordo com a lei. Vi a ambulância estacionar e dois

paramédicos se aproximarem dela. Eu cheguei ao seu lado e a abracei. Sabrina me olhou com a

cabeça apoiada em meu peito.

— Vem comigo? Não quero ir sozinha. — Assenti e nos afastamos.

Olhei para trás e vi que Bruno estava desolado, voltei e toquei seu braço. Parecia desabar a

qualquer minuto.

— Ele não conseguiu, Bruno. Eu cheguei a tempo. — Ele suspirou soltando soluços sofridos.

— Levanta e se acalma. Te vejo no hospital. Ok? Vai ficar bem?

Ele passou a mão pelo rosto enxugando as lágrimas que desciam.

— Vou sim, preciso de um tempo para me acalmar antes de dirigir.

— Beleza. Tranca meu carro, por favor. Depois eu pego.

Bruno balançou a cabeça e se afastou, ficando de costas para nós com as mãos na cintura.

Olhava para o céu e quase pude ouvir sua prece de agradecimento por nada de mal ter acontecido à

irmã.

Quando voltei, Sabrina estava deitada na maca e os paramédicos faziam perguntas a ela. Sentei-

me ao seu lado e peguei sua mão frágil, que tremia descontroladamente, sabia que devia estar à beira

de um ataque. Tentei acalmá-la para que não tivesse de ser sedada.

Chegamos ao hospital rapidamente e Sabrina foi levada para longe de mim. Mesmo eu sendo

médico não pude acompanhá-la, pois sabia o procedimento. Ali, naquele momento eu era membro da

família, não um da equipe.

Entrei em desespero por estar tão longe dela. Queria abraçá-la até sua angústia

ser retirada do

peito. Queria mimá-la, beijá-la até que toda a dor desaparecesse. Enfim, trocar mágoa por carinho,

porque meu coração queimava na necessidade de acalentá-la.

— Lucas, Lucas. — Olhei para a porta do hospital.

Ainda estava parado no meio do caminho olhando para a porta onde ela tinha sumido. Minha

irmã vinha em minha direção, com o semblante preocupado. Senti-me um garotinho de novo. A

abracei e ela me levou até os bancos que tinha no canto.

Layla não disse nada. Acariciou meu rosto dizendo para me acalmar que tudo daria certo. O

pior tinha passado. Que eu a tinha salvado.

— Lala, tira essa dor do meu peito. Não aguento. Por favor, faz passar. — Sei que pedia

demais, mas era algo incontrolável. Sentia-me impotente e inútil.

— Oh, meu menininho... chore, eu estou aqui. — Sua voz emocionada me acalmou e eu me

deixei levar.

Minha raiva pelo que aconteceu se transformou em amor por minha menina. Podia chorar aqui,

mas teria que ser forte por ela depois. Quando dei por mim, Bruno entrava na sala com as irmãs e a

mãe. Estavam todos desolados.

Não via a hora de poder vê-la e abraçá-la.

— Vem, Lucas. Vamos atrás de informações. Isso está demorando demais — disse muito sério.

Levantei-me, enxuguei meu rosto com o dorso da mão e sorri levemente para as meninas.

Entramos no corredor da emergência e fomos à procura do médico responsável.

Encontramos com Priscilla, a plantonista da emergência, que nos encaminhou onde Sabrina

estava sendo acomodada.

— Ela tá com a cabeça e as costas muito feridas, além de vários machucados no rosto. Fizemos

exames de sangue padrão e também ginecológico. Ela não sofreu abuso de qualquer tipo, mas está

muito abalada emocionalmente, por isso eu encaminhei um pedido para a psicóloga. Amanhã a Jeny

estará aqui.

Bruno assentiu e olhou para Priscilla.

— E quando ela vai ter alta?

— Creio que depois da avaliação psicológica, ela ficará mais um dia. Queremos Sabrina em

observação para evitar qualquer ataque de ansiedade ou pânico.

— E se eu cuidar dela? Acho que ficará mais confortável com suas coisas em casa.

Ela franziu a testa e suspirou.

— Trabalhar com médicos é um problema. Vamos ver o que a Jeny vai falar depois da

avaliação. Se ela liberar amanhã, Sabrina poderá ter alta.

Assenti. E observei-a se afastando. Olhei para o Bruno, que estava pálido e com olheiras nos

olhos.

— Vai pra casa. Eu vou passar a noite aqui, Layla não pode ficar. E você sabe que ela só vai

embora se você for, deve estar preocupada.

Ele engoliu em seco e assentiu.

— Lucas, não sei como te agradecer por ter salvado minha irmã. Não sei o que teria feito se

aquele desgraçado tivesse machucado ela de novo. — Ele me abraçou emocionado e se afastou

olhando em meus olhos. — Agradeço a Deus por ter colocado você e a Layla em nossos caminhos.

Serei eternamente grato por tudo.

— Eu que agradeço por ter nos recebido em sua família. Eu e minha irmã sempre fomos

sozinhos, conhecíamos o amor porque nosso sentimento sempre foi grande, mas vocês nos acolheram

com tanto carinho que é impossível não se emocionar. Você é um irmão para mim, Bruno.

Ele sorriu e me abraçou.

— Vamos vê-la agora?

Assenti e antes de entrar questionei sobre o que aconteceria ao Rick.

— Liguei para o advogado, e ele disse que já entraria com um pedido de prisão

formalmente.

Pelo que me falou, o cara tá ferrado sem possibilidade de defesa satisfatória. — Seu maxilar estava

trancado de raiva.

— Queria ter batido mais. O filho da puta merece tudo que certamente irá passar.

Bruno concordou comigo e entramos no quarto. Sabrina estava deitada com a roupa trocada e de

olhos fechados, mas quando nos ouviu, abriu seu mar azul e sorriu devagar.

Foi quando meu coração, mais uma vez, se entregou a ela.

## CAPÍTULO 33

*Sabrina*

Reviver aquele pesadelo foi um inferno. As mãos daquele nojento em mim, me machucando, foi

terrivelmente assustador. Já tinha por certo um novo ataque. Se Lucas não tivesse chegado a tempo eu

teria sido abusada novamente. Homens como o Rick não têm pena de ninguém, são egoístas e

monstruosos, só pensam em si e gostam de fazer dano, machucar. Acho que seu maior prazer é ver o

sofrimento da sua vítima.

O estupro é um crime que se repete, o estuprador se torna um viciado e seu prazer é o

sofrimento e a dor. Normalmente, eles são pessoas de aparência tranquila que não deixam

transparecer perigo, mas são extremamente violentos. Se encontram muita

resistência para a

consumação da sua atrocidade, eles costumam ser drasticamente agressivos, chegando a matar suas

vítimas. A pressão psicológica que eles impõem é muito forte. Por ficarem tão abaladas, o medo se

apodera delas e muitas vezes um estuprador fica livre por anos pela falta de denúncias. Há quem

pense que o abuso sexual é apenas de homens contra mulheres, mas há muitos casos fora do

conhecimento público de mulheres atacando outras do mesmo sexo e até homens. Um criminoso não

tem sexo definido, mas sua mente é perversa e inescrupulosa.

Eu era agradecida por ter escapado dessa. Minha cabeça estava a mil. Quando Lucas chegou

experimentei uma mistura de alívio e vergonha. Saber que ele me viu naquela posição e naquele

estado, simplesmente me deixou arrasada. Mas seu carinho e seu conforto aliviaram um pouco a

angústia em meu peito.

Meu coração se partiu em pedaços ao ver Bruno tão descontrolado. Não precisava ser

confortada por ele. Eu tinha que dar colo ao meu irmão.

Quando chegamos ao hospital me levaram à emergência e examinaram-me minuciosamente.

Usaram um kit pós-estupro para comprovar que não havia tido nenhum tipo de penetração. Não, essa

parte não tinha ocorrido novamente, graças a Deus.

Uma enfermeira jovem e bonita se aproximou com um sorriso solidário.

— Querida, precisamos cuidar da sua cabeça e das suas costas. Ok?

Assenti e me virei de lado. Ela limpou e desinfetou, fez curativos em meus machucados nas

costas por conta de ter sido arrastada no chão. Em minha cabeça havia um corte superficial e ela

limpou cortando o cabelo em volta para que não atrapalhasse a cicatrização, cobrindo com gaze.

Meus braços estavam arranhados e percebi que estavam ficando roxos dos dedos daquele monstro.

— Agora, meu anjo, vou limpar o seu rosto. Depois vou coletar sangue para exames.

Procedimento padrão, tudo bem?

Balancei a cabeça, concordando. Não queria falar muito. Apenas o necessário. Senti meu rosto

dolorido e o olho inchando, não conseguia ver direito por ele.

— Meu amor, você está bem? A doutora está te achando muito quietinha. Não quer conversar?

Olhei para a enfermeira simpática à minha frente, e prestei mais atenção. Então, a reconheci...

Era a loira que estava com o Lucas no casamento do Bruno. Engoli em seco. Como esse mundo é

pequeno! Quem diria que alguém que tanto odiei iria me tratar tão bem?

— Você não está me reconhecendo? Claro, estou horrível assim.

Ela franziu a testa e tombou a cabeça para o lado. Quando pareceu me reconhecer vi seu queixo

caindo.

— Meu Deus, você é a garota do Lucas. Desculpa, não te reconheci. Mas o que aconteceu? Eu

não fui muito bem informada, não foi ele que te fez isso, foi?

— Não, nunca. Foi um ex meu. Lucas me salvou!

Ela sorriu e seus olhos brilharam, não gostei. Morri de ciúmes, porque a menina era linda e pelo

que pude ver simpática também. Percebendo o meu desconforto, balançou a cabeça.

— Não fique pensando demais — falava enquanto limpava meu rosto. —, eu desisti dele assim

que percebi que te amava. Também não tivemos nada muito sério. Eu fui meio louca nesses tempos,

tive uma desilusão amorosa de um cara que amei por muito tempo. E quando conheci o Lucas vi nele

a oportunidade de me recuperar, talvez de ser amada. Fui meio vadia, na verdade, não me orgulho de

ter desviado da minha personalidade. Mas todo mundo erra, né?

— Verdade. Mas você não me fez nada.

Ela abaixou os olhos e sorriu triste.

— Eu meio que o ameacei no corredor um dia, estava pra baixo e queria descontar em alguém.

Mas já me desculpei e ele também. Então, sem mágoas.

— Lucas se desculpou com você?

— Sim, ele disse que foi muito cafajeste por um tempo, mas que quando teve você em seus

braços finalmente percebeu o mal que fez e quis se redimir.

Meu coração se encheu de alegria, o ciúme continuava ali porque aquela linda mulher já tinha

transado com meu namorado, mas saber pela boca de outra mulher o quanto eu era importante, foi

libertador.

— Agora, querida, quanto ao que lhe aconteceu, creio que vão indicar um psicólogo pra você e

sugiro que não recuse. É bom conversar com quem pode te entender, sabe? Já vi muitos casos de

meninas que não quiseram ajuda profissional e acabaram surtando. Algumas tiram até a própria vida

por não aguentarem quando as lembranças as sufocam

Bom, a enfermeira não sabia que isso já tinha acontecido e eu tinha seguido em frente. Mas ela

tinha razão, eu já havia decidido que procuraria ajuda. Agora mais do que nunca seria preciso.

— Não recusarei. Agradeço sua atenção.

Ela sorriu com os olhos tristes.

— Imagina, é meu trabalho. Mas sou solidária a casos como o seu. Já passei por algo assim com

alguém próximo e sei como é difícil. Mas vamos lá, agora seu rosto está limpinho e vai demorar

alguns dias para os hematomas sumirem. Vou tirar seu sangue. Amanhã deve receber o resultado.

Assenti e ela pegou a seringa, virei o rosto porque não gostava de agulhas. Tirou duas ampolas

de sangue e acomodou em uma base de isopor. Depois se virou pra mim, sorrindo.

— Vou indo, Sabrina. Acho que vão te acomodar em um quarto particular em breve. Espero que

fique bem. Posso passar pra te ver amanhã antes de ir embora?

— Claro, pode sim.

— Ok, até mais. — Saiu me deixando ali de queixo caído.

Às vezes, julgamos as pessoas por momentos tensos e difíceis. Nunca sabemos o que estão

passando ou sentindo. Não que eu fosse virar amiga íntima dela, mas nada me impedia de ser

simpática com alguém que me tratou tão bem. Independente de ela ter dormido com o meu namorado

ou não.

Depois de uns vinte minutos me transferiram para um quarto particular. Quando estava sendo

acomodada, eu escutei uma batida na porta. Abri os olhos e sorri levemente, Bruno e Lucas entraram

com os rostos tristes e abatidos. Eu observei os dois e me ressenti por causar essa dor novamente.

Mesmo sem ter culpa de tudo, me sentia mal.

Mas não iria demonstrar mais essa fraqueza, tinha que ser forte para eles e para

mim também.

Lucas se aproximou da cama com os olhos marejados, mas segurou a emoção. Ele beijou cada

ferimento do meu rosto antes de chegar aos meus lábios. Sua presença era como um calmante, ele era

uma luz em minha vida.

— Você está bem, princesa? Precisa de alguma coisa?

— Estou bem, obrigada. Fui muito bem cuidada. — Omiti por quem, não queria perturbá-lo.

Poderia achar que a garota se aproveitou para tripudiar, e do jeito que Lucas era impulsivo iria atrás

dela antes de me deixar explicar.

Meu irmão continuava parado na porta, cabisbaixo. Estendi a mão e chamei seu nome. Ele veio

e me abraçou, acariciou meus cabelos e beijou minha testa.

— Sei que você não vai querer ouvir isso, mas ele foi preso Sabrina, e vai continuar assim. Não

vou deixar aquele desgraçado solto.

Meu coração apertou só com a menção daquele cara. Mas fiquei aliviada por continuar

encarcerado.

— Que bom, fico mais aliviada. Você já falou com a mamãe e as meninas?

— Elas estão lá fora. Vou mandar entrar.

Assenti e observei-o saindo. Lucas permaneceu ao meu lado com o cenho franzido.

— Sabrina, eu queria pedir perdão por ter me atrasado. Se não tivesse ficado preso em uma

cirurgia, você não teria passado por aquilo.

Arregalei os olhos e olhei para o Lucas, ele falava sério.

— Meu amor, pelo amor de Deus, não se culpe! Ninguém é culpado por isso, aquele desgraçado

estava me seguindo. Tenho certeza que as ligações e as mensagens eram dele.

— Que ligações?

Droga! Deixei escapar sem querer. Não queria dizer ao Lucas, mas já era tarde demais.

— Há uma semana, eu estava recebendo umas ligações estranhas, às vezes, ficavam em silêncio;

e nas outras, eu ouvia mensagens sinistras de gemidos e sussurros. Fiquei assustada, mas achei ser

engano.

Lucas passou as mãos entre os cabelos mostrando claramente seu nervosismo, ficou sério e me

encarou.

— Por que não me contou, Sabrina? Isso é muito sério e podia ter sido pior. Não quero nem

pensar o que teria te acontecido se eu não chegasse a tempo.

— Eu sei, me desculpa. Só não queria te deixar preocupado.

Ele pegou meu rosto entre as mãos e olhou dentro da minha alma.

— Nunca me esconda nada, meu amor. Se me preocupo é porque te amo, aliás, tem muita gente

aqui que te ama. Então não fique escondendo nada, nem o que está sentindo. Sabe que pode se abrir

comigo.

Assenti e esperei um beijo nos lábios, que veio com muito carinho e cuidado, pois minha boca

estava ferida. Escutei um barulho na porta e Lucas se afastou. Minha mãe, minhas irmãs e a Layla

estavam ali querendo me ver.

Mamãe se aproximou preocupada e quando viu meu rosto não pôde conter um soluço. Cobriu a

boca com a mão e se aproximou deitando a cabeça em minha barriga. Acariciei seus cabelos claros,

tão parecidos com os da Larissa e a acalmei. E assim foi com as outras. Acho que o sofrimento era

tanto que elas precisavam ser consoladas também.

— Sabrina, você está bem?

Por mais que não gostasse de ouvir isso repetidamente, entendia a preocupação delas.

— Estou sim. Agora está tudo bem. Cadê o Bruno?

Layla se sentou ao meu lado e sorriu.

— Tá lá fora tomando um ar. Ele ficou muito abalado com tudo.

Olhei minha cunhada tão linda, a gravidez tinha feito muito bem a ela. E seu carinho com a

minha família e meu irmão era incansável. Era muito grata a ela por muita coisa, principalmente por

ter criado um ser tão lindo como o Lucas.

— Cuida dele, Lala? Não o deixe sofrer demais.

Ela assentiu e ficamos conversando por mais um tempo sobre amenidades. Acho que ninguém

queria estender aquele assunto por muito tempo. Lucas se afastou um pouco sentando na poltrona

próxima ao banheiro. Deixou as meninas terem seu tempo ao meu lado.

Estávamos distraídas quando Bruno entrou todo esbaforido procurando Lucas com o olhar. Seus

olhos azuis arregalados estavam em pânico. Meu corpo todo se arrepiou, não era uma boa notícia.

— Alberto e Heitor sofreram um acidente de moto.

## CAPÍTULO 34

*Lucas*

Quando as coisas começam a desandar é de uma vez só. Pela cara do Bruno, o acidente devia

ser sério. Observei Ana que estava pálida e procurava um lugar para se apoiar. Não emitia nenhum

som. Comecei a me preocupar. Ela se fazia de durona, mas quando envolvia o Alberto era como uma

bomba prestes a explodir.

— Ana, você está bem? — perguntei me aproximando devagar. Parei à sua frente e levantei seu

rosto, vi que seus olhos castanhos refletiam muita preocupação.

Ela engoliu em seco e assentiu. Por via das dúvidas, a puxei pelo braço para que

se sentasse na

poltrona que eu tinha ocupado. Voltei minha atenção ao Bruno que parecia embasbacado.

— Já sabe da gravidade da situação?

— Parece que eles estavam próximos à cidade e um carro em alta velocidade pegou os dois em

um cruzamento. Eu não estou tendo boas perspectivas não, cara. — Passou a mão no rosto em

nervosismo.

A sala estava em silêncio pela notícia, ninguém esboçou reação. Mas tinha que fazer alguma

coisa.

— Vamos lá, a gente procura saber mais informações. — Bruno assentiu e saiu para o corredor,

voltei para a cama onde Sabrina estava deitada e beijei sua testa. — Volto logo, meu amor. Qualquer

coisa manda me chamar, e se a Ana passar mal não hesite em procurar ajuda. Ok?

— Tudo bem. Traga notícias. Meu Deus, eu não tive um bom pressentimento dessa viagem.

— Eu sei princesa, mas vamos torcer para que nada muito sério tenha acontecido aos nossos

meninos. Volto com notícias. Ok?

Saí dali pra encontrar Bruno, que estava meio abalado no corredor. Além de ser muito ligado ao

Alberto, seu amigo de anos, teve o lance com a Sabrina e ainda o Heitor, que

tinha se tornado tão

importante para nós. Um amigo de verdade.

Chegamos à recepção e logo assaltamos a garota do plantão com perguntas:

— Patrícia, tem notícias do acidente do Alberto?

Ela balançou a cabeça concentrada, e digitou algumas coisas no computador com uma expressão

triste no rosto.

— Eles estão sendo trazidos para cá e chegam ao máximo em dez minutos. O acidente foi grave

e estão desacordados. Só isso que foi informado no sistema. Sinto muito.

Bruno se virou com as mãos na cabeça. Estava muito abalado, a noite não tinha sido fácil. E eu

suspeitava que estivesse longe de acabar.

— Porra, aqueles filhos da puta tinham que pegar a estrada à noite. Que merda, nós avisamos a

eles, Lucas. Por que tinham que ser tão teimosos?

Aproximei-me e coloquei a mão em seu ombro.

— Vem, vamos nos trocar para cuidar dos nossos amigos quando chegarem.

Ele se virou com os olhos brilhando de lágrimas não derramadas.

— Você acha isso prudente? Por estarmos tão envolvidos? Tem todo um protocolo.

— Foda-se o protocolo, ambos são nossos amigos. Temos que cuidar deles. Você é o melhor na

sua área e modéstia à parte eu sou bom também, estamos sem ortopedista no

plantão de hoje e

provavelmente eles têm ossos quebrados.

Bruno balançou a cabeça e mais que depressa corremos para o vestiário, trocamos nossas

roupas pelos uniformes da emergência. Voltamos apressadamente para a entrada do hospital, agora

era só esperar a ambulância. Quando chegamos tinha vários amigos de profissão à espera. Alberto

era querido por todos no hospital. Estavam tensos e preocupados.

Minutos depois escutamos a ambulância se aproximando e não demorou muito para que parasse

no acostamento. Eu e Bruno agimos rapidamente, estávamos com o equipamento todo em mãos e

prontos para a realização da triagem, que era o principal a ser feito.

Dois paramédicos saíram rapidamente e deram a volta abrindo a ambulância, onde desceram

primeiramente uma maca e notei ser Heitor, porque o reconheci pela cor da sua pele, pois seu rosto...

Deus, ele estava muito machucado! Seu braço estava em um ângulo estranho, enquanto o rosto, o

pescoço e as pernas... estavam esfolados e ensanguentados. Por ser careca podia ver a ferida aberta

em sua cabeça coberta com gaze para o estancamento do sangue, porém ele já estava entubado e no

balão de oxigênio.

A segunda maca foi retirada do veículo e Bruno se aproximou. Depois de fazer a

triagem de

Heitor iria verificar como Alberto estava. Levantei suas pálpebras para ver se estavam reativas, ele

mostrou uma pequena contração na pupila. Provavelmente estava com traumatismo craniano.

— Paciente negro, 32 anos, com possibilidade de traumatismo craniano, pulsação baixa, braço

direito quebrado. Encaminhar urgente para a sala de ressonância magnética — dei ordens para os

residentes responsáveis, de lá seria feito o exame completo para encaminhar o melhor tratamento.

Voltei minha atenção para o Alberto e Bruno já estava fazendo a triagem. Ele não estava nada

bem, machucado por todo o corpo. Seu rosto estava muito ralado.

— Paciente caucasiano, 33 anos, pupilas reativas, descarto possibilidade de traumatismo

craniano. Pulsação forte, mas continua inconsciente. Fratura exposta na perna direita, cirurgia

urgente. — Ele me olhou mostrando em seus olhos o significado disso. Apesar de ser jovem era

muito competente, deixando a modéstia de lado, afinal eu trabalhei muito para isso.

Assenti e já fui dando ordens.

— Encaminhem Alberto para a sala de Traumatologia o mais rápido possível, não podemos

demorar, há risco de infecção e amputação da perna. — Me virei para o Bruno

enquanto levavam

Alberto para a cirurgia. — Vá ver o Heitor, estou muito preocupado. Ele me parece péssimo, quase

não teve reação cerebral, Bruno.

— Ok. Cuide do nosso amigo.

Assenti e corri hospital afora. Estava nervoso, já havia feito cirurgias sérias e de emergência,

mas ali na mesa de operação estaria meu amigo. Ele dependia de mim para ter sua perna no lugar.

Não que os outros pacientes fossem diferentes, porém sempre ficava concentrado em meu trabalho,

mas naquele momento tinha muitos sentimentos duelando em meu coração. Preparei-me rapidamente

esterilizando as mãos, vesti a roupa descartável, colocando uma máscara e a touca.

— Dr. Lucas, o paciente apresenta fratura exposta cominutiva no fêmur da perna direita, o osso

foi quebrado em três pedaços. A carne foi lacerada. O restante dos órgãos encontra-se intactos. O

paciente está sedado, mas responde bem a estímulos. O Dr. Ricardo está a caminho para

supervisionar a cirurgia.

Assenti e me posicionei ao lado do paciente. Sua perna estava coberta por um pano com

abertura só no ferimento. Observei atentamente e vi que o negócio estava feio. Se a cirurgia não fosse

bem feita, ele poderia perder a perna se infeccionasse. Sua recuperação seria dolorosa, o osso estava

quase esmigalhado. Olhei para o seu rosto. Naquele momento o diretor do hospital entrou todo

equipado para acompanhar o procedimento.

— Aguenta aí, amigo, porque vou te ajudar. — Virei-me para a equipe médica presente. —

Vamos lá, pinos e placas aqui, por favor. Vamos esterilizar esse ferimento para que fique fora de

infecção. Drenagem para o sangue, já tem a intravenosa da transfusão?

Com tudo no lugar foquei totalmente em meu trabalho. Reposicionei os ossos dilacerados

tomando cuidado para não ter nenhum pedaço preso à carne, e esterilizei tudo. Pedi a Deus para que

me desse sabedoria, nunca tinha ficado tão nervoso em uma cirurgia. Coloquei a tala por baixo a fim

de manter a perna reta e começar a fixação dos parafusos. Fiz uma incisão para trabalhar melhor e

fixei os pinos com finalidade de manter o osso no lugar posteriormente à placa, era algo complicado

e meticuloso. No total foram oito parafusos e a haste.

Quando a parte mais complicada acabou, dei mais uma esterilização geral e fechei a incisão.

Ele iria ficar com uma boa cicatriz na coxa. Imobilizei sua perna em uma tala e enfaixei com o intuito

de que ele não se mexesse e danificasse o osso. Com tudo terminado, respirei

fundo e olhei para o

teto fazendo uma prece silenciosa pelo sucesso do tratamento.

— Ok, pessoal. Levem-no para um quarto particular e o deixe sedado por horas, para que seu

corpo se cure sozinho, sem fortes emoções. Amanhã podem tirar a sedação para que ele acorde. Eu

vou avisar os familiares e amigos.

As enfermeiras assentiram e me aproximei do rosto de Alberto que, apesar de machucado e um

pouco pálido pela perda de sangue, estava bem.

— Você vai sair dessa, meu amigo. Agora vou ver nosso careca tatuado. — Levantei-me e olhei

para o diretor do hospital. — Ricardo, obrigada pela supervisão, sem você eu teria burlado o

protocolo.

— Sem problemas, Lucas. Você foi brilhante, ainda bem que não vou ter que demiti-lo — sorriu

e foi junto com a equipe.

Saí da sala e retirei a roupa descartável. Olhei meu rosto no espelho e percebi o quanto estava

abalado com tudo aquilo, estava pálido e com olheiras. A noite não tinha sido fácil para ninguém...

Engoli em seco e fui ver a Sabrina, dar notícias, pois deviam estar preocupadas. Depois veria como

Heitor estava. Apesar de ter ficado por cerca de duas horas na sala, o caso dele era mais grave e,

provavelmente, a cirurgia demoraria mais.

Bati na porta e entrei, todas me olhavam com expectativa, retirei a touca do cabelo e passei os

dedos para acertar. Sentei-me na cadeira ao lado da porta e respirei fundo.

— Ah, porra Lucas, fala logo. Estou enlouquecendo sem saber nada. Como eles estão? — Ana

tinha os olhos vermelhos e arregalados.

— Alberto teve a perna quebrada com fratura exposta. Eu fiz a cirurgia, mas o deixei dopado

para que descanse. Nada mais sério do que isso, vamos administrar antibiótico para conter qualquer

infecção que ele venha a ter. O problema é o tatuado.

Layla ofegou e se aproximou, além de obviamente cansada, estava preocupada e assustada.

Acidentes mexiam conosco, perdemos nosso pai assim e a lembrança machucava muito.

— O que aconteceu com o Heitor, Luquinha?

— Ele foi o mais atingido, está todo machucado e com o braço evidentemente quebrado, mas o

pior é a sua cabeça. Vim lhes dar notícias antes de procurar por ele. Ainda deve estar em cirurgia.

— Ah, meu Deus, quanto desastre! — Dona Marisa estava horrorizada e sentada ao lado de

Sabrina na cama.

Levantei-me e fui ver minha princesa.

— Você está bem, querida? Não aprontou nada, né?

— Não, eu saí e tentei procurar respostas, mas não me deixaram ir para muito longe. Tive que

voltar.

Balancei a cabeça sorrindo, Sabrina era impossível. Mesmo abalada e machucada era teimosa.

— Trata de ficar quietinha aqui. Eu vou buscar por notícias e volto.

Olhei todas as meninas e voltei para o corredor, andei de cabeça baixa com a touca na mão,

teria que colocar de volta para entrar na sala de cirurgia. Não podia acreditar em tudo que acontecia.

Alberto estava fora de perigo de morte, mas seu estado ainda era preocupante. O corpo teria que

reagir caso houvesse infecção. E teria que ser forte, pois a recuperação seria dolorosa, fora ainda os

meses de fisioterapia.

Minha preocupação maior era o tatuado. Cheguei à sala de Neurocirurgia e me vesti com

material esterilizado novamente. Entrei e vi que Heitor ainda estava em cirurgia. Pelo visto, teve

vários remendos, mas naquele instante era a sua cabeça que estava sendo operada. Bruno me viu e se

aproximou, chamando para a parte envidraçada do outro lado. Não era prudente barulho naquele

ambiente.

— Ele tá mal, Lucas. Teve o baço perfurado por uma costela, o braço esquerdo

fraturado e, o

pior, a concussão na cabeça. Seu cérebro está inchando consideravelmente. Pascoal está retirando um

tampão para que ele não tenha pressão intracraniana, o risco de AVC está altíssimo. Estou

preocupado, cara. — Ele balançou a cabeça, respirou fundo enquanto ainda olhava por detrás do

vidro. — E o Alberto?

— Fora de perigo. A fratura no fêmur foi bem feia e sua recuperação não vai ser fácil, fora isso

muitos arranhões e machucados. Mas nada sério, agora é torcer para ele ficar fora de infecção.

Bruno assentiu e suspirou.

— Já falou com as meninas? Devem estar preocupadas. Eu não pude ir lá. Depois de estancar a

hemorragia no baço dele, preferi ficar.

— Eu fui lá. Estão bem nervosas. Ana parecia bem abalada e Layla ficou preocupada com o

tatuado.

Olhamos na sua direção. Pancada na cabeça é complicada, porque não depende apenas do

cérebro desinchar para que tudo acabe bem, pode haver sequelas irreversíveis, fora o fato que

depende também do paciente ter força de vontade.

— Espero que esse pesadelo acabe logo. Você vai ficar? Vou ver se Layla está bem. Espero por

você quando acabar do lado de fora. Ok?

— Tudo bem. Só saio daqui com notícias concretas. Vai tranquilo ver a sua mulher.

Observei Bruno sair de cabeça baixa e observei nosso amigo. Heitor era um cara legal, mas

triste. Ainda merecia uma chance de ser feliz. Só podíamos esperar que tudo desse certo.

## CAPÍTULO 35

*Sabrina*

Quando Lucas saiu atrás de informações, Ana desabou em meio a um desespero que chegava a

doer em quem estava próximo. Era muito difícil de assistir ao sofrimento da minha irmã. Acho que

ela só não saiu com o Lucas para esperar a ambulância por falta de forças. As lágrimas desciam pelo

seu rosto e os soluços dolorosos ecoavam altos pelo quarto. Mamãe correu e a abraçou, tentando

acalmá-la.

Ana falava coisas desconexas, mas entendi um pouco. Ela pedia a Deus para não levá-lo, que

ainda tinham muita coisa para resolver. Que poderiam recuperar o tempo perdido. Que o passado não

tinha mais importância, mas ela não podia perder o único homem que amou.

Não sei se ela tinha a intenção de que ouvíssemos isso tudo, mas Ana estava perturbada demais

para prestar atenção ao que dizia. Estava ansiosa e preocupada com eles, resolvi

ir atrás e procurar

informações. Como as meninas estavam cuidando de Ana, nem perceberam a minha saída.

Porém, não fui muito longe, um enfermeiro me colocou de volta no quarto prometendo nos trazer

informações. Sentia uma angústia pura em esperar sem fazer nada, pois imaginava mil cenas na

cabeça, boas e más. Mas não queria cogitar a hipótese de acontecer algo muito grave com meus

amigos.

Tive um mau pressentimento quando falaram da viagem, mas achei que fosse coisa da minha

cabeça. Ou saudade antecipada. Mas existem situações que fogem do nosso alcance e entendimento.

Elas simplesmente têm que acontecer.

Lucas entrou depois de mais ou menos duas horas, parecendo extremamente cansado. Ana

relaxou totalmente com a notícia de que Alberto estava bem, mas dopado; o que me preocupou foi

Heitor. Ainda nada conclusivo. E, mais uma vez, senti algo estranho no ar, uma tensão que antes não

estava ali.

Mais algum tempo se passou e todos estavam tensos, Bruno voltou para o quarto atrás de Layla

querendo tranquilizá-la, mas não quis contar nada, só que o caso dele era grave. Depois saiu dizendo

que iria esperar Lucas na porta da sala de cirurgia para ver se pegava mais informações.

Quando retornaram, ambos estavam com os semblantes fechados e muito cansados. Já devia ser

de madrugada, mas ninguém quis ir pra casa. Estavam todos muito preocupados.

— E então? Como foi tudo?

Desci da cama, me aproximando do Lucas e o abracei de lado encostando a cabeça no seu peito

musculoso.

— Bom, ele passou por uma cirurgia para aliviar o inchaço do cérebro. Sofreu traumatismo

craniano, um baço perfurado, a costela e o braço esquerdo quebrado. A cirurgia foi bem-sucedida

agora resta esperar pra ver se ele reage, vai continuar dopado para a recuperação.

Nossa, pelo jeito Heitor estava mesmo arrasado. Bruno abraçou Layla, que chorava baixinho, e

beijou o topo da sua cabeça, dando conforto à esposa.

— E já sabem como tudo aconteceu? Teve alguma testemunha? O carro que os atingiu foi

identificado?

Lucas encostou a cabeça na parede onde estava parado e fechou os olhos. Estava visivelmente

cansado.

— Não sabemos, parece que o motorista não prestou socorro. Alguém que passava pelo local

disse que eles estavam dirigindo corretamente e o carro avançou sinal. Nem parou para anotar placa

nem nada, apenas pediu socorro.

Deve ter sido algo muito rápido para pegar os dois de uma vez. Mamãe se aproximou pegando

meu rosto entre as mãos.

— Querida, eu vou pra casa levar a Ana, ela não está bem.

— Como assim? Quem disse que eu não estou bem? Estou ótima. Por que não estaria? — Todos

olharam pra ela estranhando sua atitude tresloucada.

Há pouco tempo chorava se lamentando por ter perdido tempo... Agora dizia como se não se

importasse com nada. Minha irmã era complicada, para entendê-la totalmente precisaria saber de

tudo que aconteceu em sua vida. Como não era uma opção, pois ela não se abria, nós ficávamos a ver

navios.

Só que, às vezes, chegamos ao limite, por mais que ninguém queira se intrometer. Minha mãe

encarava Ana com o rosto que conhecíamos bem, estava pronta para uma bronca. Encolhi-me ao lado

do Lucas antecipando o que viria.

Dona Marisa sabia ser intimidante quando queria. Colocou as mãos na cintura e andou até parar

em frente de uma Ana com os olhos arregalados.

— Olha, minha filha, eu sei que você pode estar sofrendo, e sempre teve essa atitude maluca de

desdenhar do que te magoa. Não sei o que aconteceu entre você e o Alberto, que te magoou tanto,

porque você não diz. Mas acho que já tá na hora de deixar de ser tão hipócrita e admitir que está

morrendo de vontade de vê-lo, que você o ama. Todos aqui sabem. Não é segredo pra ninguém. Mas

tenha em mente que vai acabar perdendo o seu homem por causa de um orgulho besta. — Suspirou

pesadamente, balançando a cabeça. — Depois que alguém passa por algo como o Alberto acabou de

passar, vê a vida de outra maneira e tende a querer aproveitar cada segundo dela. E, se ele perceber

que está perdendo mais tempo com você, vai acabar dando no pé. Então, Ana Luiza, use os neurônios

que eu te dei e essa inteligência que tanto se orgulha, e dê um jeito na sua vida. Ninguém aqui aguenta

mais seus desfiles com manés que só sabem abaixar a cabeça para você.

Uau, olhei para o rosto da Ana, que estava sem reação. Branca como papel, achei que ela fosse

desmaiar. Mas a única coisa que fez foi se virar, pegar a bolsa na poltrona e sair batendo a porta.

Mamãe se virou e franziu a testa.

— Alguém tinha que dizer isso a ela, depois que perder de vez não adianta chorar. Mas não se

preocupe, ela deve estar lá fora me esperando. — Se aproximou de mim e alisou o meu rosto. Seu

carinho é sempre bem-vindo. — Venho te ver amanhã. Ok? Fique bem, minha filha.

Virou-se para o Lucas, passou e o abraçou sussurrando em seu ouvido, ela o adorava assim

como a Layla. Depois saiu com Larissa atrás. Ficamos os quatro no quarto meio aéreos. A noite não

tinha sido fácil. Saindo do seu devaneio, meu irmão soltou a esposa e se aproximou.

— Nós vamos embora, ok? Lucas disse que vai ficar. Preciso levar Layla pra casa.

— Claro, coloca ela pra descansar. Foi tudo muito tenso hoje. E Lucas, você podia muito bem ir

pra casa, pelo menos pra tomar um banho.

Ele sorriu de lado e coçou a cabeça parecendo ofendido.

— Por acaso eu tô fedendo? Vou tomar um banho aqui, visto algo limpo do hospital. Não sairei

do seu lado, princesa.

Layla parou ao lado de Bruno, enlaçando sua cintura com o braço, e me encarou com seus olhos

verdes carinhosos.

— Acho que você não vai conseguir se livrar dele tão cedo, Sabrina. Lucas é pior que uma

mamãe-galinha. — Ele sorriu e mostrou a língua pra ela. — Fica bem, tá? Amanhã, à tarde, eu volto.

Assenti e sorri.

— Acho que virão tomar seu depoimento de manhã, Sá. Eu pedi para que não incomodassem

hoje.

Não fiquei confortável com a notícia, mas dessa vez não seria como a outra que fiquei quieta e

deixei aquele monstro livre.

— Tudo bem, Bruno. Conversarei com eles.

Ele se abaixou beijando minha testa como fazia quando eu era criança. Bruno sempre foi

carinhoso e preocupado. Imaginei como estaria seu coração com tudo o que estava acontecendo, pois

sempre se sentiu responsável. Mesmo sendo mais novo que Larissa, lembro-me que, quando ela

conheceu o Maurício, ele fez uma entrevista assustadora com nosso cunhado.

Eu nunca me incomodei com essa superproteção, sempre tive em mente que era porque ele nos

amava. Observei-os saindo e admirei o amor que emanava deles. Você quase podia ver ondas de

bons sentimentos saindo dos seus poros.

— Vou tomar um banho no vestiário e volto, guarda um lugarzinho para mim na cama. — Lucas

piscou sensualmente e sorriu.

Sabia que ele estava brincando, porque a última coisa que queria naquele momento era sexo.

— Ok. Não demora.

Quando ele saiu, me deitei e encostei a cabeça na cama, pensei em toda a merda que aconteceu

naquela segunda-feira amaldiçoada. A única coisa boa era o desgraçado do Ricardo estar preso.

Por mais preocupados que todos estivessem com minha sanidade mental, eu me sentia bem.

Claro que fiquei assustada e mortificada por ter aquele monstro me tocando, mas dessa vez estava

com a cabeça no lugar, não me culpava pelo que aconteceu porque eu sabia que o único responsável

era ele.

Eu não era mais uma vítima, mas uma sobrevivente!

Agora, nossa única preocupação era os meninos terem sofrido esse acidente. Droga, por causa

da imprudência de alguns, pessoas inocentes acabam pagando por isso.

Uma batida na porta me tirou dos pensamentos que invadiam minha mente, e uma enfermeira

entrou sorrindo.

— Olá, está se sentindo bem? — Parou ao lado da cama ajeitando o cobertor no lugar. A moça

parecia ter seus trinta anos, era baixinha, tinha cabelos castanhos presos num coque e um sorriso

gentil.

— Estou sim. Obrigada por perguntar.

— Imagina. Vim trazer seu exame para dar uma olhada, tem algo ali que precisa saber. Esperei o

Dr. Lucas sair para trazer, mas se quiser esperar eu ir também pode ser. Fiquei sabendo que você é

conhecida do Dr. Alberto. Pobrezinho, ele e o amigo. Tsc, tsc... Tomara que se recuperem. Bom, já

falei demais, tenho essa mania. Vou sair e esperar o doutor voltar. Qualquer coisa, me chama. —

Colocou um envelope em minhas mãos e saiu.

Franzi a testa estranhando a atitude da mulher. Por que esperar o Lucas sair? Será que eu estava

doente? Ai, que droga, odeio ficar curiosa. Sentei-me melhor, cruzei a perna, e abri o envelope

tirando dali uma folha com o resultado.

Passei o olhar pelo que estava escrito e arregalei os olhos. Deus, isso era real? Não conseguia

acreditar. Era demais para uma noite só. Não sabia até quando meu coração aguentaria tanta emoção

contraditória.

Engoli em seco e olhei em volta do quarto tentando assimilar tudo que vi naquela folha de

papel.

— Puta merda! — gritei exasperada.

Guardei o envelope com o exame e a enfermeira colocou a cabeça para dentro do quarto.

— Você está bem? Viu o exame?

Balancei a cabeça, e ela sorriu.

— Quer conversar?

— Agora não. Preciso digerir tudo primeiro.

Ela sorriu amigavelmente e saiu. Deitei na cama e cobri os olhos com o braço. Como contaria

para o Lucas? Estávamos em um momento tão delicado. Tanta confusão acontecendo. Teria que

enfrentar depoimentos, julgamentos, processo longo. Ai, meu Deus...

— Por que está com essa carinha, princesa? Já está com saudades de mim?

Arregalei os olhos e virei a cabeça para ver se o envelope estava no seu campo de visão.

Tomara que ele não tenha percebido. Então, voltei a olhá-lo e sorri.

— Só estou cansada, meu amor. Vem dormir comigo. Estou louca para ir pra casa. Não sei por

que me seguraram aqui até agora.

Ele deitou-se atrás de mim e ficamos de conchinha. A cama não era grande, mas cabíamos nela.

— É porque a Jeny vem te ver amanhã cedo. Quer dizer, hoje. Daí vai receber alta.

— Tô louca para ir pra casa. Aqui está se mostrando uma caixinha de surpresas.

Lucas pegou meu queixo, fazendo com que eu olhasse para o seu rosto.

— Tá preocupada com os caras? Vai dar tudo certo. Não se preocupe.

Assenti e deitei a cabeça no travesseiro. Esperava que desse tudo certo mesmo. Mas, quanto à

surpresa, Lucas não perdia por esperar. Acho que abalaria a nossa vida para sempre.

## CAPÍTULO 36

*Lucas*

Dormir abraçado naquela cama de hospital não foi muito confortável, mas ao lado dela era

sempre muito bom. Acordei sobressaltado com um barulho no quarto. Sabrina já estava sentada

conversando com alguém. Quando me virei, quase caí da cama. Kiara estava ali no quarto.

— O que você está fazendo aqui, Kiara?

Elas pararam de falar como se notassem a minha presença só naquele momento. Kiara sorriu

envergonhada e abaixou a cabeça.

— Ela me atendeu ontem quando cheguei, amor. Por isso não seja ignorante em falar assim com

a garota. Você foi o cafajeste! Ela veio me ver porque pegou no plantão agora.

Arregalei os olhos e me virei para a Sabrina, que estava calma até demais. Fiquei com medo

dessa reação. Mas que porra é essa?!

— Hum, e não tem problema com isso?

Sabrina apenas arqueou uma sobrancelha, me desafiando a dizer o porquê do “problema”. Eu

que não iria tocar naquele assunto. Virei-me para a enfermeira que continuava no mesmo lugar. Kiara

havia mudado da água para o vinho, quando tivemos o rolo ela era atirada e cínica, agora parecia até

tímida em estar na minha presença. Coisa estranha...

— Não Lucas, está tudo certo. Eu não vou incomodar sua namorada. Só queria saber se ela

estava bem.

— Desculpa Kiara, não queria te ofender, porém acordei assustado. — Levantei-me e dei um

beijo na testa da Sabrina. — Bom dia, amor. Eu vou ver como estão todos. Você tem alguma notícia

do Alberto, Kiara?

— Não, eu cheguei e vim direto pra cá.

— Tudo bem, vou lá. Daqui a pouco Jeny deve passar por aqui, e vou ver se consigo sua alta.

Dos seus machucados superficiais, eu cuido direitinho em casa.

Sabrina segurou meu rosto entre as mãos e sorriu, dando um selinho na minha boca. Um beijo

tão suave e doce que derreteu o meu coração.

— Volta logo, que vou morrer de saudades — falou com os lábios encostados nos meus.

Sorri e me afastei. Entrei no banheiro, fiz todo o ritual da manhã e fui para o corredor. Fiquei

feliz em saber que Sabrina estava bem o suficiente para rir, brincar e conversar. Acho que dessa vez

daria tudo certo.

Àquela hora, o hospital estava tranquilo por causa da troca de plantão. Aliás, eu estaria

trabalhando agora, mas decidi pedir uma dispensa para cuidar da minha princesa.

Primeiro, resolvi olhar como o Heitor estava. No dia anterior, quando saí da sala, a perspectiva

não era boa. Ele respondia pouco aos estímulos e o medo da equipe era que ficasse com sequelas, se

sobrevivesse. Ele estava internado na UTI, me aproximei da porta de vidro e apertei o botão para

chamar a enfermeira. Quando ela apareceu, sorriu e destravou a porta.

Entrei e esterilizei as mãos.

— Tudo bem? Vim ver o Heitor Teles.

— Ah, sim. Segunda cama à direita, ele ainda está dopado.

Assenti e fui até lá. Quando abri a cortina que separava do resto do corredor, meu coração se

apertou. O tatuado estava meio irreconhecível. Quando se sofre uma pancada na cabeça mexe com

tudo, seu rosto estava inchado e machucado, o braço engessado. Muito triste presenciar aquilo.

— Porra, cara! Vê se reage, amigo, porque ainda temos muitas coisas pra aprontar. E o *Beer*,

como vai ficar sem você? A Layla vai surtar. Vai deixar sua estrela sozinha? Alberto tá acabado, todo

fodido e de perna quebrada. Tem que levantar pra dar uns tapas na cabeça dele. — Suspirei olhando

para o seu rosto. Mesmo sabendo que estava dopado, eu ainda tinha esperança

que ele abrisse os

olhos e me respondesse. — Não se entrega, irmão. Ainda é muito cedo.

Existe uma coisa que se chama vontade de viver, e muitas pessoas perdem isso ao longo da

vida. Por acontecimentos diversos, a escuridão toma conta de nós que nos esquecemos de caminhar

para a luz. E, em casos como o do Heitor, é imprescindível que tenhamos vontade de viver. Esperava

que ele se apegasse a algo, porque pelo que conhecia do tatuado, ele ainda caminhava nas sombras.

Fiquei ali por mais alguns minutos e fui embora, não poderia permanecer na UTI por muito

tempo. Agradeci a enfermeira e pedi que se houvesse qualquer alteração no quadro dele, que

mandasse me avisar. Agora era a vez de eu ver o Alberto, que já devia estar acordado.

Quando parei em seu quarto, o circo estava armado. Ele tentava se levantar enquanto dois

enfermeiros o mantinham no lugar.

— Mas que porra é essa?! — Ao ouvir minha voz, Alberto se virou com o rosto transformado

em fúria.

— Ainda bem que você chegou Lucas, esses brutamontes não me deixam ir ver como o Heitor

está.

— Eu não sei que ideia de louco é essa, cara. Você não pode sair andando agora,

tem que

esperar pelo menos 24h da cirurgia. Tem noção de quantos pinos tem na sua perna? Eu tenho!

Ele bufou e recostou-se na cama parecendo exausto. Claro que estava, todo esforço para se

levantar, ainda mais em seu estado, era no mínimo cansativo. Alberto abriu os olhos e me encarou.

— Como ele está, Lucas? Fiquei sabendo por alto.

Respirei fundo e me sentei na cadeira ao lado da sua cama. Coloquei os cotovelos no joelho e

abaixei a cabeça.

— Ele está em coma induzido por traumatismo craniano. Fora as outras merdas que aconteceu,

mas o mais sério é isso. Agora é esperar pra vê-lo reagir.

— Droga! Que merda, e tudo culpa minha. — Alberto socava a cama parecendo atormentado.

Levantei a cabeça e percebi que ele realmente estava, porque seus olhos brilhavam de lágrimas

não derramadas.

— Como culpa sua, cara? Foi culpa daquele motorista, filho da puta, que avançou o sinal.

Ele me olhou e suspirou.

— Eu quis vir embora antes do programado, não aguentava ficar longe. Heitor concordou e,

como estávamos sempre viajando à noite, não quis esperar. Não conseguimos nem pensar, quando

percebi estava voando longe e senti uma dor da porra na perna, daí só acordei hoje.

— Cara, não se martirize! Não tinha como saber que essa merda toda iria acontecer. —

Balancei a cabeça e suspirei, tanta coisa tinha ocorrido que não sabia por onde começar. — A Ana

esteve no hospital ontem.

Alberto ficou estranho, fechou a cara e olhou para o outro lado, parecendo incomodado por eu

ter mencionado o nome dela.

— Por minha causa? Rá, claro que não. Deve ter vindo pelo Heitor.

— Não, ela veio pela Sabrina. Aquele louco atacou minha princesa de novo, mas cheguei a

tempo, porém ela ficou muito machucada. O desgraçado bateu nela. — Cada vez que me lembrava

disso sentia uma repulsa no peito, além de uma vontade insana de ter matado aquele filho da puta.

— Mas que merda para um dia só. Ah, se eu pego esse cara nem sei o que faço, melhor mantê-lo

longe mesmo. Mas ela está bem?

Assenti e contei a ele que estava melhor do que eu esperava. Que até estranhei Kiara estar no

quarto de manhã e me assustei. Mas parecia que Sabrina estava tranquila com tudo.

— Se eu pudesse, ia lá ver a bonequinha. Traga ela aqui quando tiver alta.

— Ok. Não vai perguntar da Ana?

Ele virou o rosto e comprimiu os lábios.

— Não tenho porque saber dela.

Sorri, já tinha passado por essa fase: a negação. Era uma merda, porque você queria saber, falar

e tocar na pessoa, mas não dava o braço a torcer. Aqueles dois teriam muito trabalho pela frente, já

podia até ver a briga de gato e rato, porque alguma coisa me dizia que o tempo deles estava

chegando.

— Mas eu vou falar mesmo assim. Quando ela ficou sabendo do seu acidente entrou em choque,

e segundo a Sabrina me contou à noite quando elas foram embora, Ana chorou como uma louca

balbuciando coisas, como tempo perdido e toda essa merda. E depois entrou em negação assim como

você... — Sorri e ele fechou a cara. — Aí, dona Marisa entrou em ação, e isso eu vi. Ela deu o maior

chega pra lá nela. A garota ficou perturbada.

Os olhos arregalados do meu amigo foram hilários de se ver, abria e fechava a boca como um

peixe fora d’água.

— Não precisa dizer nada. O problema é exclusivo de vocês, mas reforçando o que minha

sogrinha linda disse, está na hora de deixarem a hipocrisia de lado e ver o quanto são loucos um pelo

outro.

— Dona Marisa disse isso?

Levantei-me sorrindo e arqueei as sobrancelhas.

— Disse sim, e é válido para os dois idiotas. Bom, vou indo que a Sabrina já deve ter recebido

a Jeny. Tomara que dê tudo certo e possa levar minha princesa para casa. Se cuida e nada de

aprontar. Seu osso esmigalhou em três pedaços, tem noção de como essa merda vai doer?

Ele fez uma careta antecipando o processo que seria dali pra frente. Saí dali deixando o cara

com seus pensamentos e fui ver a minha mulher.

Quando cheguei ao quarto, Sabrina já estava com uma roupa limpa que Bruno havia trazido,

aliás, meu cunhado estava ali com o policial pegando o seu depoimento.

Peguei o final do seu relato, ela estava emocionada, mas firme. Quando disse sobre eu ter

chegado e a salvado senti um novo aperto no peito, uma vontade louca de embalar Sabrina nos meus

braços e não deixar que nada a machucasse. Observei seu rosto contorcido com as lembranças que a

assolavam. Não via a hora de esse pesadelo acabar.

O investigador saiu e me aproximei. Não disse nada, e a beijei. Nem me importei do Bruno

ainda estar no quarto, só queria mostrar à minha princesa que dessa vez ela não estava sozinha e que

eu nunca iria abandoná-la. Aspirei seu perfume doce e apreciei seus lábios com

delicadeza e amor,

aquele beijo era ao mesmo tempo suave e intenso, mas carregado de sentimento e emoção. Deslizei

meus lábios pelos dela entreabertos pedindo passagem, ela abriu a boca um pouco e acariciei sua

língua doce com a minha.

Levei a mão ao seu rosto deslizando pela pele macia da sua bochecha e pescoço, garganta e

queixo. Entrelacei os dedos em seus cabelos massageando devagar. Pude sentir Sabrina relaxando,

aquilo que sentíamos era hipnotizante, não tínhamos noção de onde estávamos quando nos

concentrávamos um no outro. Afastei-me um pouco da sua boca e dei beijos por seu rosto subindo até

os olhos. Encostei minha testa na dela e aguardei aqueles faróis azuis se abrirem. E sempre que

acontecia isso, meu coração acelerava loucamente no peito, como agora.

Sorri e ficamos assim por alguns minutos.

— Q-que foi isso, amor? Fui ao céu e voltei só com um beijo.

Passei o polegar pelos hematomas em seu rosto e quis chorar, mas não faria isso; se ela estava

sendo tão forte, eu também seria.

— Só quis te beijar, sabe que não resisto a essa boca vermelhinha e linda. — Sabrina sorriu e

corou levemente.

— Nem me olhei no espelho ainda. Devo estar horrível. Ainda sinto meu rosto latejar.

Porra, eu daria um braço para não ouvi-la falando assim. Ainda mais sentir tudo isso.

— Tá linda, meu amor. Mas, e aí? Como foi com a Jeny?

— Legal, conversamos e ela me liberou. Estava esperando só você voltar. O Bruno também. —

Ela inclinou para o lado procurando o irmão. — Ué, cadê o Bruno?

Sorri maliciosamente.

— Deve ter se queimado com o nosso fogo. — Balancei as sobrancelhas.

— Caramba, esqueci-me dele. Deve ter ficado envergonhado.

Dei de ombros, já presenciamos tantos momentos dele com a Layla que merecia ter de volta.

— Então, já que está de alta, vamos pra casa. Eu peguei folga de três dias para cuidar da minha

princesa. O Alberto me pediu pra te levar lá.

— E o ursinho?

Respirei fundo e fui juntar suas coisas na bolsa, enquanto ela se levantava da cama.

— Está estável, mas você não pode ir lá hoje. Ele está na UTI. Ok? Outro dia trago você. — Eu

queria esperar ele melhorar, porque não sabia a reação da Sabrina ao ver seu amigo tão destruído.

Ela concordou e fomos visitar o Alberto. Quando entramos, os dois ficaram abalados com a

aparência um do outro. Bruno, que tinha saído do quarto anteriormente, se encontrava com o amigo.

Com a chegada de Sabrina, ele se postou ao meu lado.

Sabrina e Alberto se consideravam irmãos e estavam conversando baixo um com o outro. Ela

estava deitada em seu peito lamentando o que tinha acontecido com todos. Enquanto isso, Alberto

acalentava a minha menina.

Depois de melhorarem do susto, prometi trazê-la no outro dia. Chegamos em casa e estava louco

por um banho. Coloquei as coisas dela no quarto e fui para o banheiro. Deixei a água escorrer por

meu corpo tirando toda a tensão. De olhos fechados, relaxei. Quando os abri, Sabrina estava do outro

lado do boxe, nua e linda.

— Quero que você me ame, Lucas!

## CAPÍTULO 37

*Sabrina*

Quando acordei senti tanto amor dentro de mim que mal conseguia ficar parada. Fiquei

observando Lucas dormir ao meu lado quietinho e sereno. Apesar da cama do hospital ser apertada,

para nós foi uma noite sem igual.

Chegamos em casa e eu só pensava em uma coisa. Ser amada. Ele foi para o banheiro e não

perdi tempo, retirei toda a minha roupa e fui atrás dele. Eu não estava no meu melhor estado, pois

tinha hematomas e machucados pelo meu rosto e corpo. Porém, me sentia segura para ficar de

qualquer maneira perto dele. Sentia-me sempre linda!

Parei na porta do banheiro observando aquele homem lindo no chuveiro. Minha intenção não era

me juntar a ele, mas mostrar-lhe o tanto que eu o queria, Lucas podia estar com receio de me tocar, e

por isso mesmo eu o queria. Substituir lembranças e dor por amor.

Ele abriu os olhos e me percebeu ali, vi o exato momento que notou que eu estava nua. Seus

olhos se arregalaram e sua boca entreabriu. Podia jurar que ouvia seu coração disparar no peito.

— Quero que você me ame, Lucas!

Ele engoliu em seco e fechou os olhos. Devia estar pensando na consequência de fazermos sexo.

Provavelmente achava que eu estava sensível e abalada.

— Olha pra mim — pedi com a voz embargada. — Eu quero sentir suas mãos no meu corpo.

Quero sentir seu carinho, seu amor. Quero ser cuidada, preciso sentir seu corpo junto ao meu. Por

favor, não me negue isso.

Ele fechou o registro e abriu a porta do boxe parando à minha frente, olhou-me de cima a baixo.

Senti como se estivesse sendo acariciada, meu coração acelerou e foi minha vez

de ofegar e respirar

fundo.

Ainda de olhos fechados, senti seu rosto molhado bem próximo ao meu, enquanto as gotas

mornas caíam em meu ombro, fazendo-me arrepiar todinha. Lucas deu beijos suaves em meu

pescoço, aproximou-se do meu ouvido e sussurrou:

— Eu te amo mais do que a mim mesmo, Sabrina. Faço o que você pedir, e desejar. A única

coisa que nunca iria cumprir por ser impossível é me afastar, não vou mais te deixar. — Mordiscou

minha orelha, esfregando o nariz em meu pescoço. — Vou beijar cada pedaço do seu corpo gostoso,

lamber e sentir o seu gosto, além de me inebriar com esse cheiro cítrico que me deixa louco. Vou

transar com você lentamente, colocando em cada investida o amor que tenho dentro de mim. Vou te

fazer gozar tão devagar, vai durar uma eternidade. E, quando acabar, começarei tudo outra vez.

Oh, meu Deus! Meu corpo estava em chamas, sentia uma eletricidade subindo em minhas pernas

e se instalando em meu peito, além de um frio na barriga em expectativa. Sabe quando seu peito está

tão cheio de sentimento que parece que vai explodir?

Abri os olhos e Lucas estava me beijando delicadamente. Levei a mão até seus cabelos,

entrelaçando meus dedos em suas mechas macias e molhadas. Virei o rosto e sussurrei:

— Sou toda sua!

Ele sorriu na minha pele e enlaçou minha cintura, me levantando do chão. Fomos em direção ao

meu quarto que era mais perto. Lucas me depositou em cima da cama e se ajoelhou à minha frente.

Ergueu uma mão e acariciou cada parte dolorida do meu rosto com beijos, que sabia ser o modo de

me consolar sem falar nada. Seus lábios tocaram cada um dos meus machucado, tirando a dor deles

com carinho.

O ato de amor é isso. Em cada toque, palavra ou sensação, você demonstra o tamanho do seu

sentimento. Sentia naquele gesto tão importante, uma renovação; e com a surpresa que nos aguardava,

seria o começo de uma vida maravilhosa.

Lucas me abraçou, enlaçando meus ombros, e esfregou seu rosto no meu.

— Você é a pessoa mais importante da minha vida. A mulher mais linda, forte, guerreira e

inteligente que conheço. Admiro-a demais, princesa.

Será que um amor pode ser tão grande que ele transborda? Sim, a prova disso era o que me

acontecia. Sorri amplamente com a revelação que teria que contar a ele. Esperava que ele amasse

assim como eu.

— Você é o homem mais doce, lindo, gentil, atencioso e forte que eu conheço. Eu amo cada

parte sua, Lucas. Cada pedacinho, qualidade e defeito. Te amo por inteiro, não trocaria nada do que

passamos, mesmo o que sofremos separados, porque tudo isso serviu para que nos amássemos com

todo o coração e alma como é agora. — Ele se afastou e coloquei a mão em seu rosto, admirando o

quanto era lindo. — Você me salvou desde o primeiro momento que te vi. Entrou em minha vida

quando mais precisei, tenho certeza que, se não fosse por sua presença constante, eu não estaria aqui

hoje. Obrigada por existir e me amar.

Ele assaltou minha boca em um beijo maravilhoso. Seus lábios quentes, e ainda úmidos do

banho, brincavam com os meus. Sua língua gostosa entrelaçava na minha e aquele frio na barriga

voltou com tudo. Senti a excitação se formando em meu ventre e descendo até o meu sexo, estava

molhada e pronta para recebê-lo.

Lucas desceu beijando o meu rosto e, ao mesmo tempo, o meu colo. Acariciou meus seios com

as mãos enquanto devorava meu corpo com a boca. Seus lábios desceram até meu mamilo túrgido.

Sugou delicadamente fazendo espasmos elétricos percorrer minhas veias. Mordiscou brincando e

sorrindo a cada gemido que eu dava.

— Você está me enlouquecendo. Não consigo enxergar ou ouvir nada. Só sentir. Ai, isso é bom,

não para.

— Não vou, princesa — falou com a boca colada em meu seio.

Desceu a mão pela minha barriga alcançando minha vagina pulsante. Precisava urgentemente ser

preenchida. Com o polegar, ele circundou meu clitóris e eu gritei tamanha era a sensação, porque,

enquanto sugava meu seio, ele brincava com o ponto mais sensível do meu corpo. Colocou um dedo

dentro do meu sexo molhado, entrando e saindo.

Caramba, eu sentia tudo, precisava ser tomada com força e carinho, selvagem e doce. Pensei

que iria pirar quando Lucas mordeu meu mamilo e, ao mesmo tempo, apertou meu clitóris. Gritei

pelo seu nome em um orgasmo gostoso e forte.

Escutei sua risada baixa e o rosto do meu amor pairou sobre o meu.

— Sabe que o som mais excitante do mundo é ouvir você gozar? Não tem nenhum pudor, grita e

enlouquece me levando junto. Você é a perfeição, mulher.

Deitou-me lentamente com uma mão espalmada em meu tórax. Fiquei ali olhando puro músculo

de homem gostoso, com uma ereção mais do que dura. Podia vê-lo pulsando, pois do seu pênis saía

líquido pré-ejaculatório, prova do quanto estava excitado.

Lucas deu beijos molhados em minhas coxas fazendo-me contorcer e me segurar para não tocá-

lo. Sei que ele queria seu tempo para cumprir o que eu lhe pedi: que me amasse. Seus lábios

torturadores subiram e senti sua respiração em meu sexo, só aquilo já renovou minha vontade.

Depois deslizou a língua lambendo dolorosamente devagar, eu não sabia se iria suportar. Meu corpo

parecia entrar em combustão a qualquer instante. Sugou, mordeu e me acabou com qualquer resquício

de autocontrole. O orgasmo veio quando ele ria dos meus gritos e gemidos, a vibração fez algo

totalmente novo no meu clitóris sensível e inchado. Foi realmente delicioso.

Estava acabada. Sentia meu corpo todo mole. Meus braços estavam esticados para os lados,

minhas pernas não se aguentavam nem arqueadas. Levantei a cabeça dando de cara com olhos verdes

brilhantes e um sorriso pra lá de safado. Lucas lambeu a boca.

— Já te disse que seu gosto é maravilhoso?

— Você acabou comigo. Não consigo nem falar.

Ele mordeu os lábios e pegou sua ereção, acariciando-se e movendo a mão para cima e para

baixo.

— Tem certeza que está cansada? Eu não terminei de te amar. Temos a tarde e a noite inteirinha

— falou com a voz rouca de desejo.

Engoli em seco e não conseguia desviar o olhar, vê-lo se acariciando era muito *sexy*, Lucas não

tinha nenhum pudor. O sorriso sem-vergonha no seu rosto denunciava isso.

— De repente, me sinto revigorada. — Lucas soltou uma gargalhada que desconcentrou seu

“trabalho”.

Ele deitou ao meu lado entrelaçando a perna direita na minha, enquanto sua ereção descansava

dura em meu quadril. Passou a mão por minha barriga subindo até meus seios, minha garganta e meu

rosto. Em seguida, deslizou o polegar em meus lábios.

— Sua boca é muito gostosa, Sá. Não me canso de olhar, beijar e morder. Vou possuir seu corpo

beijando sua boca, chupando sua língua. Será que esse é o significado de possuir por inteiro?

Mordi seu dedo, surpreendendo-o.

— Você me possuiu por inteiro desde o primeiro beijo e o primeiro toque. Quando eu te pedi

para que fizesse só sexo, isso não aconteceu, porque eu sempre te amei. Naquele dia, eu me entreguei

totalmente e me assustei com a força do que sentia. Tinha medo. Agora chega de conversa, gato. Me

leva, me entrego, sou sua!

Lucas grunhiu e posicionou-se de joelhos na cama no meio das minhas pernas abertas, que já

tinham recuperado a força.

— Sim, é minha! — E entrou de uma vez só, fazendo-me gritar de prazer.

Arqueei meu corpo de encontro ao seu peito forte, Lucas enlaçou minha cintura com um braço,

prendendo-me. Era algo diferente e muito *sexy*, pois ficávamos colados, pele com pele. Era demais!

Prendi as pernas em volta do seu quadril e acompanhei seus movimentos preguiçosos. Ele passou a

língua em meu pescoço, provocando arrepios por todo o meu corpo.

Lucas olhou em meus olhos enquanto fazíamos amor, sempre nos entregávamos totalmente ao

ato. Sentia tudo ao mesmo tempo, e minha mente ficava em branco. Seus olhos tão brilhantes e felizes

me amavam, assim como seu corpo com suas estocadas firmes e constantes. Em meu ventre começou

a se formar o ápice daquele amor, o que deixava tudo ainda mais claro: eu pertencia a ele.

— Amor, estou quase... Vem comigo?

— Sempre!

Ele prendeu os joelhos com firmeza no colchão e sentou-se, me puxando para o seu colo sem

nos desligar. Apoiei as mãos em seu ombro e me movi, subindo e descendo por seu pau gostoso.

Enquanto isso, Lucas lambia e mordia meu pescoço.

Ele desceu, beijando meu colo e capturou um seio com os lábios sugando com força. Segurei

sua cabeça no lugar porque estava bom demais ser estimulada em dois lugares ao mesmo tempo. Ele

mordeu forte na mesma hora que eu desci. O orgasmo me pegou desprevenida fazendo-me desfalecer

em seus braços. No mesmo instante, pude senti-lo se derramando dentro de mim.

Deitei a cabeça em seu ombro, respirando forte e pesadamente. Estava sem fôlego. Lucas

acariciou minhas costas suadas e seu hálito fazia cócegas em meu pescoço. Quando me recuperei

parcialmente, me afastei e olhei em seus lindos olhos verdes, sorrindo.

— Nossa, essa felicidade toda e esse sorriso lindo são para mim? Eu sou a causa? — Acariciou

meu rosto colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Lucas era tão carinhoso que

chegava a achar ser de mentira, talvez um sonho.

— Você sempre é a causa do meu sorriso, felicidade e amor. Quando penso que não, acontece

algo novo que aumenta ainda mais o que sinto por você. Tenho que agradecer a Deus por ter

colocado sua irmã no caminho do Bruno, e então eu ganhei você.

Ele beijou minha testa, sorrindo.

— Eu te amo, minha princesa. Nunca vou me cansar de dizer isso. Mas você está um pouco mais

sentimental hoje. Por quê? Não que eu esteja reclamando, mas estou curioso.

Meu coração acelerou, já estava na hora de contar a ele o quanto nossas vidas iriam mudar.

— Bem, sim. Tem um motivo especial...

Ele arqueou as duas sobrancelhas, curioso.

— Posso saber o que é? Estou ficando com ciúmes, porque se fosse eu e meu poder sexual

incrível você já teria dito. — Bateu com o dedo na ponta do meu nariz.

Tive que rir. Realmente, seu poder sexual era incrível. Tanto que...

— Você é muito engraçadinho. Mas até que tem a ver sim. — Respirei fundo. Peguei seu rosto

entre minhas mãos e beijei seus lábios. — Eu tô grávida!

Observei suas reações com a notícia. Ele abriu os olhos arregalados e sua respiração parou.

Pegou-me pelos braços, me afastando um pouco. Engoliu em seco e olhou para baixo. Depois voltou

a me olhar.

— Sério?

— Sim, recebi ontem o exame de sangue. Quis te contar em casa depois de nos amarmos, não

em uma cama de hospital.

Ele desviou o olhar. Estava meio perdido. Um medo invadiu meu coração. Será que tinha ficado

chateado?

— Lucas, nós não usamos camisinha nenhuma vez. Mesmo depois de percebermos isso, acho

que nunca passou por nossa cabeça. Se você não gostou, desc...

Ele me beijou, fazendo-me calar. Desesperado, devorou minha boca soltando um estalo ao se

afastar

— Eu já disse que você fala demais? Eu não gostar? Estou em choque, mas feliz pra caramba.

— Gargalhou com a cabeça jogada para trás. — Porra, eu vou ser pai!

Sorri ao ver seu entusiasmo. Ele me olhou com tanto amor e levantou-me pela cintura

colocando-me de pé à sua frente. Minha barriga ficou na altura do seu rosto.

— Oi bebê, é o papai. Eu sei que ainda é muito pequenino, provavelmente um feijãozinho. Mas

quero que saiba que a gente te ama demais, não vejo a hora de te pegar no colo. — Abraçou minha

cintura deitando a cabeça em minha barriga.

Meus olhos se encheram de lágrimas e as deixei cair. Acariciei seus cabelos fazendo o carinho

que ele procurava.

Lucas era minha felicidade plena!

## CAPÍTULO 38

*Lucas*

Duas semanas se passaram depois daquele dia complicado. O ataque da Sabrina, o acidente do

Alberto e do Heitor, mas algo aconteceu para amenizar toda a má sorte: eu vou ser pai! Caramba, é

inexplicável o que senti e ainda sinto. Fiquei abobado quando Sabrina me deu a

notícia, mas agora

estava igual um paspalho. Conversava com o bebê todos os dias. Um amor sem igual por alguém, que

ainda era tão pequenino, me tomou por completo.

Depois de uma semana longa em que Sabrina teve que ir à delegacia prestar uma queixa formal,

ficamos sabendo que estava tudo caminhando bem. Rick aguardaria seu julgamento na cadeia, pois

várias denúncias de estupro foram feitas contra ele. Meu amor estava levando as coisas muito bem,

depois da descoberta da gravidez ela emanava felicidade, e nada a abalava. Estava fazendo terapia

com a Jeny desde que saiu do hospital, por insistência minha, claro, já que ela dizia não precisar.

Mas eu ficava mais seguro com essa ajuda extra.

Alberto estava prestes a sair do hospital. Já tinha retirado os pontos e iria para casa terminar o

tratamento. Graças a Deus não tinha dado nenhuma infecção, mas seu caso ainda exigia cuidados.

Meu plantão tinha acabado de começar, mas antes eu iria verificar o Heitor.

Cheguei à porta da UTI e aguardei que a enfermeira me deixasse entrar. Lá encontrei a Liz

Queiroz, uma neurocirurgiã amiga do Bruno e do Alberto, porque eles fizeram faculdade na mesma

época. Depois de retirar o sedativo, Heitor não acordou, continuou em coma. Como ela era a melhor

na área, decidimos chamá-la para avaliar o caso.

Parei ao lado da cama e fiquei observando, Liz estava sentada bem próxima do Heitor

conversando com ele. Falava baixinho por causa dos outros pacientes, mas pude ouvir uma boa parte.

— Você tem que reagir, Heitor. Seus amigos estão preocupados. Tem que lutar, rapaz. Tanta

coisa para fazer e viver. Encontrar um amor, quem sabe? Queria tanto ver esses olhos chocolates

brilhando. Vai, quero ver seu sorriso de covinhas que a Sabrina me falou. — Acariciou seu rosto com

a ponta do dedo.

Arqueei uma sobrancelha ao escutar aquilo. Se eu não soubesse, diria que a Dra. Liz estava

tendo uma quedinha pelo seu paciente. Pigarreei para fazer minha presença notável, antes de escutar

mais coisas que não devia. Ela me olhou assustada e se afastou do meu amigo.

— Olá, Dr. Lucas. Veio ver o seu amigo? Ah, mas é claro que veio, pergunta boba a minha. —

Sorri ao perceber que ela estava nervosa. — Droga, já estou falando demais. Desculpa, não posso

evitar.

— Tudo bem, Liz, mas pode me chamar só de Lucas. Como ele está hoje?

Aproximei-me da cama observando o tatuado. O inchaço na cabeça e no rosto havia diminuído,

o braço ainda estava engessado. Os machucados no rosto estavam quase

inexistentes.

— Bom, está reagindo a estímulos cerebrais, mas não acorda de jeito nenhum. Respiração ok,

coração e tudo.

— Entendo. E qual o prognóstico, Liz?

Ela fez uma careta olhando para ele. Liz era uma mulher bonita com o rosto gentil e doce,

cabelos castanho-avermelhados presos em um rabo de cavalo e olhos num tom violeta, muito raro.

— Ai Lucas, sua condição física está em perfeito estado. Mas o seu emocional provavelmente

está abalado. O cérebro já se curou, agora depende dele. — Suspirou. — Infelizmente, não posso

fazer mais nada. Droga!

Toquei seu ombro oferecendo conforto. Sabia o quanto era ruim se sentir impotente,

principalmente na nossa profissão. Às vezes, não há o que se fazer.

— Não fique assim. Heitor vai sair dessa, tenha fé! Ele é um cara forte. Você vai embora, já que

seu trabalho terminou?

Ela balançou a cabeça negando, sem tirar o olhar dele.

— Vou ficar mais um tempo. Consegui uma transferência pra cá. Quero acompanhar seu

desenvolvimento. Não consigo me afastar.

Nossa, ela estava mesmo envolvida com o tatuado.

— Que bom Liz, fico feliz em saber que ele tem você. — Ela arregalou os olhos, corando.

Sim, eu disse com duplo sentido. Joguei verde para colher maduro. E consegui o meu intento,

ela ficou muito sem graça denunciando seu desconforto com o que falei.

— Mas ele também tem a vocês. Nunca fica sem visita. Aliás, Alberto esteve aqui hoje, parece

que vai ter alta agora na parte da manhã.

Assenti e deixei por isso mesmo. Heitor precisava de uma mulher bonita e gentil. Só faltava o

mané acordar.

— Estou indo vê-lo agora. Bom Liz, vou indo, tenho plantão de 12 horas. Qualquer coisa, já

sabe. Pode mandar me chamar.

— Tudo bem, vou terminar os testes com ele.

Sorri e me despedi, dando uma última olhada no meu amigo. Esperava que ele realmente saísse

dessa. Caminhei devagar ao quarto de Alberto, que devia estar louco para ir pra casa. Quando

cheguei à porta, tive que parar e rir um pouco. Ele estava de pé, pulando num pé só, guardando

roupas na mochila.

— Cara, cadê sua muleta? Acha que só porque é médico pode fugir das exigências?

Ele virou-se e me olhou assustado. Sabia que estava fazendo errado, forçando a perna.

— Ah, essa porcaria é muito chata. Sei muito bem me virar.

— Aham, ainda acho que devia arrumar alguém para te ajudar. Sei lá, contratar uma enfermeira.

Ele franziu a boca em uma careta engraçada.

— Não quero! Não sou um inútil, posso cuidar de mim mesmo.

— Porra, mas você é teimoso. — Me aproximei da cama e sentei, observando a sua afobação.

Estar no hospital como paciente era diferente do que como médico. Não era legal, não. Sabia

como ele se sentia. Quando terminou, sentou-se na poltrona com dificuldade por causa da tala na

perna.

— Você foi ver o Heitor? — Assenti e ele continuou. — Estou muito chateado com isso, chamei

a Liz para avaliar o cara porque é a melhor. Mas não adiantou, segundo ela depende dele. E sabe

como ele é? Não sei se tem vontade de continuar.

— Você percebeu certo interesse dela?

Alberto arregalou os olhos e sorriu.

— O que você viu? Achei que era coisa da minha cabeça.

— Acho que ela se envolveu demais. Não quer ir embora. Pegou transferência pra cá.

— Sério? Porra, se eu tivesse uma doutora daquelas cuidando de mim, e não um chato como

você, acordava rapidinho. — Deu um sorriso sarcástico.

— Rá, rá. Muito engraçadinho você. Não se esqueceu da Ana, né? Ela veio te ver?

Alberto fechou a cara e respirou fundo, olhando para o teto.

— Nem uma vez, não sei o que aquela louca quer. Acho que eu vou desistir, velho. Não aguento

mais ficar esperando, apesar de ter tido vários encontros ao longo dos anos, minha vida está

estagnada.

— Vai desistir mesmo?

Ele fechou os olhos e, quando os abriu, pude ver a dor e a saudade estampadas em seu rosto.

— Acho que sim, mesmo não parando de pensar nela por nem um segundo. Não aguento essa

vida, estou envelhecendo e quero algo mais certo para o futuro. Mesmo meu coração pertencendo à

outra... — Suspirou e deu um tapa na perna. — Mas, e aí? Como estão as gravidinhas lindas?

Sorri ao lembrar-me da Layla e da Sabrina, elas estavam muito felizes que as crianças

cresceriam juntas. A família ficou em êxtase com a notícia. Layla estava de quase quatro meses e

Sabrina completando um.

— Estão bem, Layla cismou que já tem barriga aparecendo, mas não tem nada lá. Sabrina exala

felicidade, cara. Me sinto o filho da puta mais sortudo do mundo.

— Bom, porque realmente é. Dê sempre valor a isso, ter um filho é o melhor

sentimento que

existe.

— Verdade. Vamos indo? Tem alguém pra te buscar?

Ele se levantou todo torto e fez uma careta de dor.

— Nossa, isso dói. Tenho, sim. O Bruno ficou de me buscar porque está de folga. Deve estar lá

fora me esperando.

Peguei sua mochila e coloquei no ombro. Entreguei a muleta que estava encostada na parede.

Alberto não parecia nada confortável andando com aquela coisa debaixo dos braços.

— Tem certeza que não vai chamar ninguém pra te ajudar?

— Tenho, não quero mulher perto de mim, enquanto estou tão confuso. Sabe como é? Quatro

anos na seca.

Arregalei os olhos, achei que fosse sacanagem que ele estava esse tempo todo sem ninguém,

mas pelo jeito não era.

— Achou que eu estava brincando, Lucas? Não, eu realmente tentei esse tempo todo. Mas

parece que não adiantou. Bom, paciência. Depois do que passei, comecei a enxergar a vida diferente.

Não vou me martirizar por algo que foi há muito tempo. Agora, chega desse papo de sentimento, cara.

Você tá ficando todo bobo só porque está apaixonado e vai ser pai.

— Foda-se, estou mesmo!

Rindo, fomos para o corredor. Por onde passava, Alberto era cumprimentado. As enfermeiras se

ofereciam para cuidar dele, mas o cara recusava.

Ele parou para conversar com o diretor do hospital e meu celular tocou. Era Sabrina.

— Fala, minha linda!

— Lucas, você está com o Alberto? — falou exasperada.

— Estou sim, levando ele lá pra fora. Bruno está esperando.

— Não tá, não.

— Ué, então vou chamar um táxi.

Ela riu do outro lado da linha.

— Não precisa, tem outra pessoa esperando por ele. Só liguei para você ficar preparado. A

cobra vai fumar!

— Que porra é essa, Sabrina? De onde saiu essa expressão?

— Ah, aprendi por aí. Mas fica preparado. É briga de cachorro grande.

Soltei uma gargalhada.

— Caramba, hoje você está inspirada. Mas tudo bem, estou preparado. Nenhuma pista do que

possa ser?

— Nãooo. Você vai ver. Estou com saudade de você, ainda sinto seu corpo em mim.

Bati na testa com uma mão, a mulher acabava comigo.

— Ok, nem vou responder ou sou capaz de largar tudo aqui pra ir te ver. Já está no serviço?

— Tô sim, na minha sala, com muita vontade de você.

— Ai porra, vou desligar ou acabo me envergonhando. Tchau, depois te falo como foi.

— Boa sorte. — Desligou

Que merda era essa agora? Esperei Alberto terminar sua conversa com o diretor do hospital.

Devia estar querendo voltar a trabalhar, mas não voltaria tão cedo.

Ele saiu carrancudo e Ricardo só ria se afastando, mas cumprimentou-me com um aceno e foi

embora. Aproximei-me.

— Vamos, cara. Já está muito tempo de pé, forçando essa perna.

Ele assentiu e caminhamos até a porta do hospital. Alberto andava de cabeça baixa, devia estar

chateado por não poder fazer tudo que estava acostumado.

Quando chegamos à saída percebi o motivo de Sabrina ter me ligado. Ana estava encostada no

carro. Mesmo sendo minha cunhada, eu sempre a achei linda, aliás, as meninas Petri eram

maravilhosas, sem exceção. Tinha os braços cruzados, vestia uma calça preta e uma blusa azul de

botão, e usava óculos escuros que escondiam seus olhos castanhos. Em seu rosto, como sempre,

havia um sorrisinho doce e sarcástico.

Notei exatamente a hora que Alberto notou sua presença. Várias reações passaram pelos olhos

do meu amigo: felicidade, saudade, tristeza e, por fim, raiva. Fiquei olhando de um para o outro

prevendo briga de cachorro grande, como disse Sabrina.

— Que porra você tá fazendo aqui, Ana Luiza? — vociferou Alberto.

Ela descruzou os braços e desencostou do carro, andou sensualmente até parar na frente dele,

retirou os óculos, e vi que tinha um brilho desafiador em seus olhos. Vixi, ia dar merda!

— Vim te buscar. Eu vou cuidar de você.

## CAPÍTULO 39

*Ana Luiza*

Dizem que você vê sua vida passar diante dos seus olhos à beira da morte. Eu vi tudo que

vivemos e perdemos, passando como um filme na minha frente. Tudo o que fiz e disse voltava para

me assombrar naquele momento aterrorizante, quando achei que nunca mais iria vê-lo novamente.

Desesperei-me e tenho certeza que, em meu ataque de remorso, disse coisas que não devia. Eu e

Alberto passamos por tanta coisa, só que ninguém sabia. E depois que minha mãe me falou tudo o que

eu já sabia, me fez refletir. Fiquei em casa os quatorze dias em que ele permaneceu internado,

enquanto vários *flashbacks* invadiram minha mente fazendo-me quase sufocar em tantas lembranças,

mas o que mais me incomodou foi o nosso último encontro.

Depois de passar o dia com Sabrina conversando e admitindo a mim mesma o quanto meu

coração pertencia a ele, tomei uma decisão. Não seria o que ele estava esperando, claro que em parte

sim, mas decidi levar adiante essa ideia maluca. Arrumei-me minuciosamente para mexer com ele,

vesti uma calça branca colada no corpo e um top tomara que caia preto, que deixava meu colo à

mostra. Alberto sempre dissera que minha pele branquinha era uma delícia de se apreciar.

Assim que desci do carro, fiquei nervosa e quase desisti, mas não aguentava mais, de quatro

anos pra cá estava sendo insuportável resistir. Suas investidas estavam cada vez mais ousadas, e

minha vontade de senti-lo novamente chegava a doer. Em todo esse tempo separados eu nunca tive

um amante como ele, era vergonhoso admitir que para ter um orgasmo verdadeiro eu fechava os

olhos e imaginava que era seu corpo quente e forte em cima de mim, sua boca macia que me beijava,

seus olhos azuis que me enlouqueciam. Só assim eu tinha prazer.

Às vezes, parece que as coisas se encaminham a nosso favor, assim que entrei vi que ele estava

parado no meio do bar, rindo por algo que Lucas lhe dizia, mas quando se virou e me viu ficou

embasbacado. Exatamente a reação que eu esperava, então coloquei meu plano em prática. Caminhei

em sua direção o mais sensual possível, olhei seu corpo gostoso de cima a baixo. Sorri com a

perspectiva de que poderia colocar as mãos nele novamente. Ignorei meu irmão falando, pois poderia

me fazer desistir.

Aproximei-me e o puxei pelo pescoço, minha intenção era tomar aquela boca, mas não tinha

coragem de me expor com tanta gente olhando. Mesmo não sabendo do nosso passado, eu tinha medo

que alguém caçoasse de mim; e que as lembranças, que eu preferia esquecer, viessem me assombrar

novamente.

Senti seu perfume, cheirei mesmo, passei o nariz por sua pele causando um arrepio nele e em

mim. Mordisquei o lóbulo da sua orelha e sussurrei:

— Tenho uma proposta pra você, te espero no banheiro feminino. Não se atrase, Beto.

Afastei-me e sorri, dei as costas para ele e me sentei como se nada tivesse acontecido. Tentei

ignorar os olhares à minha volta, coisa que era um pouco impossível de se fazer já que todos estavam

em silêncio. Quando Alberto voltou à mesa, não me olhava e tinha o rosto

confuso e retraído. Não sei

o que ele esperava, talvez que eu me declarasse publicamente? Não, ainda mais depois de tudo que

ele me fez no passado.

Aguardei ansiosa, tentei parecer normal enquanto ele estava com aquela cara de tacho. Acho

que desconfiava do que eu tinha para falar. Levantei-me subitamente e fui em direção ao banheiro,

mas, antes de me virar para o corredor, olhei para trás e o peguei me observando intensamente. Meus

joelhos fraquejaram, quase perdi o rebolado. Mas iria ser forte.

Entrei no banheiro e aguardei, tinha que ficar calma para não estragar tudo. Encostei-me à

beirada da pia e cruzei os braços. A porta se abriu e Alberto entrou sem me olhar. Passou a chave, a

trancando e só assim se virou.

Seus olhos azuis elétricos me encaravam, tinha uma mistura de sentimentos em seu olhar que me

deixou apreensiva. Não entendi aquela frieza toda. Afinal, ele não me quis por quatro anos? E,

segundo ele, se manteve fiel ao que seu corpo e alma pediam.

— Eu não sei por que, mas desconfio que não vou gostar dessa conversa. — Encostou-se à

porta mantendo distância.

Acho que se ele estivesse muito perto eu não conseguiria falar. Era muito difícil conseguir

atingi-lo, ainda mais com a proximidade do calor daquele corpo que estava gravado em minha mente

a ferro e fogo.

— Hum... não sei. Mas eu estou muito animada — falei olhando seu corpo sugestivamente.

— Fala logo que estou perdendo a paciência, daqui a pouco vou pegar estrada.

Engoli em seco, e tomei coragem. Não era fácil com aqueles olhos de aço entrando na minha

alma como se assim desvendasse o que guardava dentro de mim. Mas não deixaria. Nunca mais me

entregaria por inteira novamente.

— Eu quero fazer uma proposta a você, já que disse querer ficar comigo. Quero ser seu

encontro casual, quando eu quiser transar eu te ligo e nos encontramos. Eu tenho o controle de toda a

relação, não quero que ninguém saiba desse acordo. Não quero ser vista em público contigo. Simples

assim, a gente fode e continuamos nos odiando normalmente.

Disse toda essa palhaçada olhando para os lados, quando me arrisquei olhar para ele tive

vontade de sair correndo. Uma raiva que nunca havia visto estava direcionada a mim. Em doze anos

o desprezando e maltratando, ele nunca tinha tido essa reação. Temi por minha integridade, sabia que

nunca me agrediria, mas a indiferença machucava mais.

— É sério isso, Ana Luiza? Você quer foder e nada mais? Está preparada para as

consequências? E quanto à exclusividade? — Alberto praticamente cuspia as palavras.

Não tinha pensado nessa parte, mas eu não aguentaria vê-lo com ninguém.

— Enquanto estivermos nos vendo não podemos ter mais ninguém.

Ele semicerrou os olhos e assentiu, meu coração batia descontroladamente, mas enlouqueceu

quando Alberto desencostou da porta e caminhou até mim com passos decididos. Ele apoiou as mãos

na pia, se inclinando e mantendo o rosto na altura do meu. Sua respiração pesada soprou em minha

boca, e automaticamente a abri esperando o que viria.

— Que porra de homem você acha que eu sou pra aceitar essa merda de proposta? Acha que eu

não tenho sentimentos, Ana? Acha que eu quero ficar com você assim? — Meu coração pararia de

bater a qualquer minuto, minha barriga parecia ter mil borboletas. Deus, esse homem iria me

enlouquecer! — Quero ficar com você direito, poder te beijar quando eu quiser, transar com você de

noite e de dia, mas algo gostoso e natural. Não com horário marcado!

No final ele estava sem fôlego e seus olhos estavam pegando fogo. Engoli o nó que se formou

em minha garganta e tentei manter minha voz firme.

— Por que esse dedo todo, Alberto? Nunca escolheu demais suas companhias e não passou

tanto tempo com alguém. Eu quero você, mas tem que ser dessa maneira. — Dei

de ombros, tentando

parecer indiferente.

Alberto fechou os olhos parecendo derrotado, eu estava quase desistindo dessa ideia maluca

quando ele falou com a voz embargada:

— Porque nenhuma delas era você.

Tomou minha boca com a sua, feroz e esfomeado. Nossa, como senti falta disso! Cada minuto do

meu dia, as lembranças dos nossos momentos juntos me tirava a vontade de continuar negando e

evitando. Naquele momento, eu me entreguei.

Enlacei seu pescoço, gemendo e percebendo o quanto era bom estar em seus braços novamente.

Ele me apertou entre a pia e o seu corpo forte e quente. Nossas línguas brigavam gulosas. Nossa

respiração forte e nosso batimento cardíaco estavam sincronizados. Meu sangue virou lava nas veias.

Um fogo e uma vontade que há muito tempo não sentia, me consumia.

Mas, quando me dei conta, ele estava se afastando como se tivesse sido queimado. Olhava-me

friamente e, de repente, me senti a pior pessoa do mundo.

— Eu vou pensar nessa sua proposta, mas não se aproxime de mim até eu procurar você.

Saiu batendo a porta sem me deixar questionar nada. Ele me ignorou o resto da noite. Eu me

senti um lixo, quando na verdade foi ele que causou tudo isso. Se eu era a rainha do gelo agora, a

culpa era exclusivamente dele. Quando partiu de viagem eu tentei me aproximar, mas ele apenas

balançou a cabeça. E eu fui embora, já desistindo da loucura toda. Quando veio a notícia do acidente

quase enlouqueci pensando que perdi a oportunidade de tê-lo novamente, porém, graças a Deus, não

tinha lhe acontecido nada muito grave.

E agora eu estava na porta do hospital pronta a fim de levá-lo para casa e cuidar dele até que

melhorasse e pudéssemos seguir com nossas vidas. Não sei se conseguiria ter aquele tipo de

relacionamento que propus. Eu não sabia separar as coisas. Na verdade, me senti uma farsa por ter

escondido todos esses anos o que sentia, quando tinha vontade de jogar tudo para o alto e me entregar

a ele. Mas meu orgulho era grande demais. Não conseguia simplesmente esquecer.

Ainda mais pelo fato que minha dor era maior do que Alberto imaginava, porque o próprio não

sabia de certa parte do que aconteceu. E nunca saberia se dependesse de mim.

Ele apareceu na porta com as muletas debaixo do braço e com Lucas ao seu lado, que foi o

primeiro a me notar. Coloquei meu sorriso sarcástico no lugar e aguardei que ele me visse. E quando

aconteceu eu sabia que viria ofensa, mas não estava preparada para a raiva em sua voz.

— Que porra você tá fazendo aqui, Ana Luiza? — disse com a voz grossa e a cara fechada.

Desencostei do carro e andei até ele com meu olhar mais sensual. Mas por dentro estava

morrendo de nervoso.

— Vim te buscar. Eu vou cuidar de você.

Ele estreitou os olhos azuis deixando apenas uma fenda.

— O caralho que você vai. Eu vou de táxi se o Bruno não veio, aquele traidor! Não quero você

perto de mim.

Senti como se uma faca tivesse se enterrado no meu peito. Mas não ia deixá-lo ter esse gostinho.

— Deixa de ser teimoso! Eu sou enfermeira e vou cuidar de você, precisa de alguém pra te

ajudar. E fora, querido, que sua virgindade não está em risco comigo, fica tranquilo porque não abuso

dos meus pacientes.

Ouvi Lucas rindo e direcionei um olhar do mal pra ele, que parou na hora desviando os olhos

para o outro lado.

— Merda! Eu vou matar o Bruno. Ok, você pode me levar pra casa. Mas de lá, eu me viro.

Arqueei as sobrancelhas e sorri vitoriosa. Olhei para o Lucas e pisquei mandando um beijinho

no ar.

— Tá vendo Luquinha, a Cinderela tá com medo de mim. Isso me torna o dragão da torre?

Lucas não aguentou e caiu na gargalhada. Eu sorri e dei as costas para eles. Assim que me virei,

fiquei séria. Estava morrendo de medo do que essa decisão de ajudá-lo me traria. Abri a porta do

carro e Alberto se aproximou, mas antes de se sentar inclinou-se para perto do meu ouvido e

sussurrou:

— O dragão é da história da Bela Adormecida, ou seria do Shrek? Não importa, mas se você

quiser *Ann baby* eu posso te comer no almoço e no jantar. — Sorriu e entrou sentando-se.

Filho da puta! Meu corpo ficou em chamas logo que ele disse isso. Virei-me, tentando disfarçar

e dei um tchau pro Lucas, que tentava a todo custo não rir. Nem dei ideia. Agora tinha um baita

problema nas mãos, só esperava não me entregar ao *ímpeto* que poderia me destruir.

## CAPÍTULO 40

*Sabrina*

— Sabrina, sem desculpa, nós vamos pra casa do Alberto fazer uma visitinha de boas-vindas.

— Layla riu baixinho e continuou. — Você não pode faltar.

Suspirei cansada, o dia tinha sido exaustivo e só queria cama.

— Tudo bem. Vou chamar o Lucas e passamos por lá, mas não vou demorar.

— Ok, entendo. Também não estou a fim de madrugar. Como foi tudo? E seu trabalho na ONG?

Sorri amplamente ao lembrar... Tinha se passado duas semanas do dia fatídico do segundo

ataque, eu estava fazendo terapia três vezes por semana com a Jeny. E, em meio a uma sessão, ela

sugeriu que eu fizesse algum trabalho relacionado ao que sofri. De início fiquei receosa, mas depois

cedi e procurei na internet algum local nas proximidades, acabei achando um instituto que fazia

trabalhos e reuniões com mulheres que sofreram abuso sexual. Marquei uma visita e fui esperançosa.

Encontrei mulheres de todas as idades, meninas e meninos tão jovens quanto meus sobrinhos de

oito anos. Fiquei arrasada em ver tantos casos semelhantes, mas ao mesmo tempo distintos. Como

alguém que se diz ser um ser humano é capaz de uma atrocidade daquelas, tinha histórias de pessoas

da família que ganhava a confiança e, então, cometia esse crime dia após dia por anos.

A diretora do local me chamou até a sua sala e me ofereceu um “cargo”, para que eu pudesse

ajudar as pessoas que ainda não conseguiram reerguer suas vidas e seguir em frente. Então fui

convidada a participar de uma palestra, tipo aquelas reuniões dos alcoólicos anônimos.

Levantávamo-nos e relatávamos nossas experiências, com o apoio recíproco de quem já sofreu

aquilo, porém, ao mesmo tempo, eu sentia que também estava sendo ajudada por aquelas pessoas.

Tinha frequentado três reuniões e eu me emocionava em todas. Fiquei sabendo que ali eram só

mulheres, além de alguns meninos e meninas, mas tinha muitos garotos adolescentes passando por

essa situação. Eu fiquei chocada com isso, porque muitas pessoas pensam que o estupro é causado

apenas por homens, mas existe um número alarmante de casos em que mulheres adultas abusam de

meninos na puberdade. E nesses casos as vítimas se sentem duplamente culpadas, pois a fisiologia

masculina é simples, se estimulada há ereção. Então a própria vítima acaba não considerando um

abuso, mas a partir do momento que alguém força uma situação, seja homem ou mulher, ela está

cometendo o crime.

Eu frequentei todas as reuniões e passei o que estava aprendendo nas consultas, como também

tentei ajudar da melhor maneira possível, porque na verdade eu ainda estava fragilizada. E para

sempre estaria marcada por aquele ato hediondo.

— Tudo ótimo. Muita coisa triste que tem por ali Layla, mas é bom ver essas pessoas tentando

se reerguer.

— Estou muito orgulhosa de você, Sabrina. Além de ter se tornado uma mulher forte e guerreira,

ainda ajuda outras que passaram por situação semelhante. Você é incrível!

Meus olhos lacrimejaram, eu não me achava forte. Tinha medo de muitas coisas, mas só pelo

fato de tentar e seguir em frente, me fez conseguir ter minha felicidade de volta.

— Eu só consegui porque tinha o apoio de vocês. Mesmo não sabendo de nada, nunca deixaram

de me amar. Bom, Lala, vou tomar um banho e esperar pelo Lucas. Beijo.

Desliguei o telefone e fiquei sentada no sofá pensando em minha vida, que tinha se transformado

totalmente. Meu coração estava cheio de amor, minha alma leve. Eu tinha o homem mais maravilhoso

do mundo, um bebê a bordo e uma família linda que me amava incondicionalmente.

Levantei-me e fui para o banheiro, tomei uma chuveirada relaxante e demorada. Caminhei nua

para o quarto e parei em frente ao espelho enorme que tinha ao lado do guarda-roupa.

Observei meu reflexo com cuidado. Estava com um mês de gestação, claro, não tinha nada

aparecendo, mas podia muito bem imaginar. Certo? Fechei os olhos e coloquei as mãos sobre minha

barriga e senti um amor emanando de mim, que me fez sorrir.

Visualizei-me de sete, oito meses... E depois com um bebê lindo em meus

braços. Não via a

hora de isso acontecer.

Algumas pessoas, tenho certeza, poderiam achar cedo demais para sermos pais. Novos? Talvez.

Porque nosso relacionamento havia apenas começado... Mas o amor que Lucas e eu tínhamos um pelo

outro ultrapassava as barreiras do tempo. Sofremos “separados” por um período muito longo.

Relacionamo-nos com outras pessoas. Vivemos juntos, mas não de verdade. E não havia alegria

maior do que saber que o fruto desse amor tão intenso e impulsivo estava por vir. Nós amávamos

nosso filho com todo o nosso ser, assim como sempre foi conosco.

Desde o início não pensamos, apenas agimos. Tivemos momentos de tristeza absoluta que achei

não ter jeito, perdia as esperanças de poder amá-lo sem moderação, mas a felicidade por um gesto

simples compensava a dor e voltava a esperar pelo melhor. Apenas pelo simples fato de cada um

existir.

Ser amada e valorizada, mesmo que em parte desse tempo tenha sido apenas como amiga, foi o

ingrediente principal para me tornar quem eu sou. Foi o pontapé inicial para a minha superação.

Já sentia uma conexão com aquela pessoa que ainda nem conhecia, o bebê que crescia em mim

era resultado de um amor tão grande que transbordou, um pedacinho meu e do Lucas que se

transformaria em um ser diferente e lindo. Meu filho seria amado incondicionalmente. Não, esse

acontecimento não foi cedo nem por impulso. Mas na hora certa, porque foi concebido no momento

em que mais nos amamos.

Senti um par de mãos quentes e fortes por cima das minhas. Abri um sorriso e senti seu perfume.

Eu estava tão perdida em meus pensamentos que nem notei sua aproximação. Abri os olhos e encarei

aquele amor que sempre via refletido em seus olhos verdes.

Durante anos eu procurei um amor sublime, e quando o encontrei quase o perdi. Lembrar-me

disso fazia um nó se formar em minha garganta, mas eu não deixava essa depressão tomar conta de

mim. Sabia o quanto ele me amava.

— Há quanto tempo você estava me observando?

Lucas sorriu e encostou o queixo em meu ombro. Estávamos de frente para o espelho, nos

encarando.

— O suficiente para perceber o quanto eu sou sortudo de ter uma mulher maravilhosa como

você, e um bebê também lindo a caminho. Você tem noção da minha felicidade e quão grande é meu

amor por vocês?

Sorri amplamente, ele sempre dizia coisas assim. Emocionava-me saber como eu o fazia feliz. E

a recíproca era verdadeira.

— Que bom, pois nós também amamos demais o papai. — Me virei, enlaçando-o pelo pescoço.

Ele ainda vestia a roupa branca do hospital e tive que me segurar para não levá-lo pra cama e

esquecer qualquer jantar na casa do Alberto. Eu já estava nua mesmo, seria bem fácil. Mas tínhamos

que ir, tinha certeza que se não aparecêssemos a Layla estaria batendo na nossa porta logo, a mulher

tinha ficado impossível com os hormônios da gravidez. Coitado do Bruno!

— Temos que ir para a casa do Alberto. Se não fosse isso, te jogaria naquela cama.

— Hum... Dizem que a libido das mulheres aumenta na gravidez. Será que é verdade? —

Mordeu os lábios sensualmente, fazendo-me latejar em antecipação.

— Amor, se for verdade você tá perdido. Pode tomar uns energéticos para aguentar o tranco,

temos oito meses pela frente. E toda vez que te vejo todo gostoso tenho vontade de devorar cada

pedacinho.

E era verdade, Lucas era uma tentação de homem. Com uma barba rala e um sorriso travesso no

rosto, ele sempre me deixava em chamas.

— Temos que ir nesse jantar mesmo? Creio que vai ser um caos. — Riu

gostosamente. — Você

tinha que ver a confusão que teve na porta do hospital. Alberto não queria Ana próxima a ele, mas

sabe como ela é. Turrona, teimosa e orgulhosa. O cara está ferrado!

— Sério? E será que ela vai estar no jantar?

Lucas deu de ombros e encarou meus lábios entreabertos.

— Agora só uma coisa me interessa. Seus lábios quentes nos meus.

Beijou-me de um jeito distinto, parecendo esfomeado. Mas, apesar de nos beijarmos tanto, era

sempre novo e diferente. Sua língua acariciava a minha e sugava vorazmente. Senti meu corpo

formigar. Decidi que talvez um atraso de algumas horas não fizesse mal. O puxei pela gola da camisa

polo e o arrastei até a cama. Joguei-me de costas e Lucas caiu por cima.

Assustado, ele separou-se de mim, apoiando os cotovelos na cama.

— Você é louca, e se eu amassei o bebê?

— Não amassou nada, agora cala a boca e faz amor comigo!

Ele sorriu e olhou-me com malícia, mordendo a boca com gosto.

— Seu desejo é uma ordem!

Nos amamos por meia hora, sem pausa. Não conseguia resistir estar tão perto e não poder tê-lo

dentro de mim, tocando e amando. Corremos para a casa de Alberto, pois estávamos atrasados. E

provavelmente Layla e Bruno já estavam lá. Apertamos a campainha com um

sorriso culpado no

rosto. E imagina qual foi a minha surpresa ao ver quem atendeu a porta com roupa informal, descalça

e com os cabelos em um rabo de cavalo: minha irmã Ana Luiza, que nos olhava com aquele jeito

durão e sarcástico dela.

— O que você está fazendo aqui, Ana? — disparei de uma vez.

Ela bufou e revirou os olhos.

— Nossa, você não tem outra coisa pra perguntar? Bruno disse a mesma coisa. O que é tão

surpreendente assim?

Arqueei as sobrancelhas, como se dizendo: *Sério que você não sabe?* Olhei para o Lucas

pedindo uma ajuda, mas ele apenas deu de ombros.

— Ah, cara. Já vi que vou ter que me explicar pra cada um de vocês. Mas que gente chata! Bem,

o mala do Alberto vai precisar de uma enfermeira, e aqui estou eu. Tirei férias e vou ajudá-lo.

— Sei... Tudo bem. O pessoal já está aí, né?

Ela assentiu e nos deu passagem, caminhamos até a sala onde tinha várias caixas de pizza na

mesa, Layla e Bruno estavam ao lado de Alberto. Larissa e Maurício com os gêmeos e mamãe

acariciando a barriguinha que minha cunhada ostentava.

Ana passou por nós e sentou de frente para Alberto. Cumprimentamos a todos e

fui logo me

servindo de uma fatia de pizza calabresa e de quatro queijos. Hum, delícia.

— Então Sá, já fez sua primeira ultrassonografia? — Layla perguntou sorrindo.

— Não, está marcada para a semana que vem. Não vejo a hora. Sei que ainda é pequenino, mas

estou ansiosa.

Ela sorriu amplamente e olhou para o marido. Bruno pegou seu queixo, o apertando levemente e

deu um selinho em seus lábios. Depois se virou para nós, sorrindo como um idiota.

— Bom, nós fizemos e conseguimos ver o sexo, ainda não é 100% certo, mas sentimos que está

correto.

Olhei com expectativa para eles e fiquei animada instantaneamente, tudo bem que eu também

desconfiava, porém como iria saber?

— Fala logo, cara. Quero saber se serei padrinho de uma gatinha ou de um garotão — disse

Alberto levando um pedaço de pizza à boca.

Ana o encarou, fuzilando-o com os olhos.

— E quem disse que você será padrinho do meu sobrinho?

Ele sorriu amplamente e piscou. Caramba, não sei como minha irmã aguentava. Alberto tinha um

sorriso safado e era tão sedutor que aquele olhar poderia ser proibido.

— Não fique assim *Ann baby*, serei junto com você. De alguma maneira, nós estaremos juntos

no altar.

— Você é um babaca!

— E você, uma frígida.

Minha irmã grunhiu e já ia levantar com uma espátula na mão. De onde ela tirou aquilo, meu

Deus? Mas, antes de qualquer coisa, Bruno olhou para os dois repreendendo-os:

— Dá pra parar vocês dois? Que merda, já disse o que precisam para liberar essa tensão! E

sim, serão os dois padrinhos do meu filho, assim como Larissa e Maurício, Sabrina e Lucas. Então,

engulam essa merda e se aturem — bufou, se sentando e massageando a testa como se assim se

acalmasse. Layla sorriu amavelmente e balançou a cabeça.

— Bem, nós teremos uma menina.

Ficamos felizes com a notícia, e meu palpite estava certo. Bruno teria uma menina para cuidar,

seria bem engraçado vê-lo com uma filha adolescente. Mas ainda era muito cedo, porém tenho

certeza que já estaria tomando providências para manter os gaviões longe.

— Já escolheram o nome? — disse Ana sorrindo.

Bruno abraçou Layla dando um beijo em sua testa.

— Sim, Ângela, pois tenho certeza que será outro anjo em minha vida.

Gente, onde iríamos imaginar que Bruno Petri, o garanhão da parada, ficaria com os quatro

pneus arriados por uma mulher e agora viria mais uma para deixá-lo babando. Alguns podiam achar

esse cuidado todo pela Layla muita rasgação de seda, mas pra mim o que meu irmão tinha com a

esposa era lindo de se ver. Acho que falta no mundo homens completamente apaixonados e que

demonstrem isso, que deem carinho e atenção.

Ficamos mais algum tempo, e senti muita falta do Heitor. Nosso grupo sem ele era muito vazio.

Seu sorriso sincero e doçura para com todos eram simplesmente encantadores. Segundo Alberto e

Bruno, Liz era a melhor “neuro” da área e ficaria até que ele se recuperasse. Meu coração se encheu

de alegria por ter alguém para cuidar do ursinho. O cara era muito sozinho e triste, uma amizade nova

seria boa para ele.

Despedimo-nos do pessoal e fomos para casa, eu estava cansada e só queria cama. Lucas foi

dirigindo e acabou tomando o caminho mais longo, não entendi, mas também nem perguntei. Quando

percebi estávamos parados em frente à pracinha que rolou o nosso primeiro beijo. Lucas desligou o

carro e virou-se para mim.

— Lembra-se da primeira vez que viemos aqui?

Engoli em seco e assenti. Aquele dia eu tinha jogado aquela vaca dentro da piscina e saí como

uma louca, acabamos parando na praça e quase transamos em um dos bancos.

— Sim, foi nosso primeiro beijo. Como ia esquecer?

Ele sorriu e levou a mão até meu rosto, acariciando carinhosamente com o polegar.

— Aquele dia eu tive que me segurar para não te possuir naquele banco. Se eu tivesse insistido,

você teria cedido. E o que teria sido de nós? Será que teríamos ficado juntos? Ou você jamais me

perdoaria por não ter esperado seu tempo? — Segurou meu queixo, pois tinha abaixado a cabeça ao

lembrar aqueles momentos angustiantes que sentia como se meu coração tivesse sido arrancado do

meu corpo. — Olha pra mim Sá, eu amo você. Te amei desde a primeira vez que a vi. Já te disse

isso. E pra mim aquele beijo foi o mais gostoso que provei. Sabe, eu sonhei com ele por anos

consolando-me por não ter mais. Foi o que me fez seguir em frente e continuar te amando porque

precisava de mais, pois tinha esperanças de provar sua boca novamente.

— Eu teria mesmo me entregado a você naquela noite. Uma névoa tomou conta de mim naquele

momento e me esqueci de tudo, mas depois em casa me senti absurdamente ridícula. Ainda tinha

feridas abertas que sangravam sempre. E por isso te dei aquele fora na última

vez, por isso não podia

deixá-lo tentar mais, pois eu cairia em seus braços e não sabia se te odiaria ou a mim mesma. Tinha

que ter tempo. E mesmo sofrendo e morrendo de raiva de você, no fundo eu era agradecida por ter

respeitado essa decisão.

Ele suspirou e sorriu triste.

— Se eu soubesse não teria feito a metade das merdas que fiz. Nunca quis te magoar. Mas eu

também fico feliz por não ter sido precipitado. Acho que tudo aconteceu no tempo certo,

amadurecemos e podemos, enfim, viver nosso amor plenamente. — Sorriu lindamente. — Só que

uma coisa nunca vai mudar, Sabrina.

— O quê? — Arqueei as sobrancelhas, curiosa.

— Somos impulsivos, e acho que isso é muito bom. Nunca viveremos em uma rotina, e acho que

está na hora de refazermos aquele beijo. O que acha?

Meu coração bateu descompassadamente dentro do peito. Se eu conhecia bem aquela carinha de

safado, ele estava propondo revivermos totalmente. O que significava ir até o fim, assim como

queríamos. Engoli em seco e sorri. Tenho certeza que meus olhos pareciam dois faróis, pois Lucas

tinha a expressão mais pura de felicidade.

— Sim, meu amor. Vamos seguir mais esse “impulso”.

## EPÍLOGO

*Lucas*

Enfim, iríamos ver o nosso bebê. Tudo bem que ainda era muito pequeno, mas já tinha coração

batendo. Mal podia esperar para ver esse milagre. Deus, como eu amava os dois, era algo

inexplicável e lindo.

Estávamos na sala de espera e só tinha mulher ali, alguns maridos (namorados) acompanhavam

suas esposas (namoradas), mas eram poucos. Sentia-me estranho, pois elas não tiravam os olhos de

mim. Tinha vindo direto do hospital e ainda vestia branco. Inclinei-me para Sabrina e sussurrei:

— Por que elas estão me olhando?

Sabrina sorriu e olhou em volta, percebendo que metade das mulheres nos encarava, depois se

voltou pra mim e sussurrou, aproveitando para morder minha orelha:

— Você fica lindo de branco. Elas estão apenas imaginando o que tem por baixo.

Droga, corei como um pimentão! Sabrina riu da minha cara e voltou sua atenção para o celular.

Percebi que navegava nas redes sociais para passar o tempo.

Fomos chamados e, mais do que depressa, me levantei para fugir daquele monte de grávidas

com os hormônios em ebulição. Na sala de ultrassonografia, Sabrina se trocou e

deitou aguardando a

médica que realizaria o procedimento. Sentei-me ao seu lado e tentei confortá-la, sabia que estava

ansiosa.

— Olá, sou Fernanda Simões. Então, animados pra ouvir o coraçãozinho do bebê?

Acho que perdemos a fala, pois apenas assentimos e a doutora sorriu. Sentou-se no banquinho

em frente às pernas da Sabrina e colocou as luvas. Pegou o transdutor colocando uma camisinha.

Ligou o aparelho e olhou para nós, calmamente.

— Sabrina, quero que relaxe, não vai doer. Mas se ficar tensa pode incomodar. Tudo bem?

— Ok. — Apertei a mão da Sabrina e aguardei.

A médica colocou o aparelho entre as pernas dela, e logo fiquei incomodado. Apesar de

conhecer bem o corpo da minha mulher, fiquei sem graça. Era diferente estar com uma estranha

mexendo na intimidade da Sabrina.

— Bom, tá tudo bem. Vocês podem ver aqui que o colo do útero está fechadinho, vou fazer

alguns cálculos para ver de quanto tempo você está, Sabrina. — Eu tinha alguma experiência naquele

tipo de exame e podia ver algo diferente, mas não me arrisquei a dar nenhum palpite.

Sabrina estava encantada olhando pra tela. Sabia que não entendia muita coisa,

porque a ultra

era um pouco confusa.

— Está vendo alguma coisa, meu amor?

Ela balançou a cabeça e sorriu.

— Não muito, mas é lindo. Tudo é lindo.

Sorri e acariciei seus cabelos. Agradeci a Deus por me dar aquela mulher linda e por estar

prestes a ter uma notícia ainda mais surpreendente. Sabrina também não esperava por isso.

Fernanda virou-se para nós, e me olhou.

— Tenho certeza que já percebeu o que estou tentando ver, mas vamos escutar o coração para

ter certeza?

Assenti e meu peito parecia explodir. Ela ligou o áudio e uma barulheira poderia ser escutada

do outro lado da sala. Meu Deus, era verdade! Sabrina franziu a testa e olhou para nós dois.

— O que está acontecendo? Vocês estão me assustando.

— Você quer falar, Lucas?

Virei-me, olhando naqueles olhos azuis que tanto me encantavam.

— Amor, nosso bebê está bem, aliás, acho que até demais. Bom, quantos batimentos você pode

ouvir?

— Dois. Mas um é meu.

Balancei a cabeça, sorrindo.

— Não, minha linda. O seu batimento não pode ser ouvido pelo transvaginal. São dois bebês,

tem dois sacos gestacionais. Teremos gêmeos.

Sabrina arregalou os olhos e virou-se para a tela novamente. Parecia tentar identificar os dois

embriões ali. Ela abriu um sorriso enorme enquanto as lágrimas desciam por seu rosto.

— Meu Deus, dois meninos?

— Como assim, meu amor? Ainda não dá pra ver o sexo, você está com oito semanas — falei

rindo.

Ela sorriu ainda mais e colocou a mão sobre a barriga.

— Eu sinto, Lucas. São dois meninos lindos, meus filhos. Ai Deus, eu mereço isso tudo? Três

homens maravilhosos na minha vida. Estou tão feliz.

Fernanda sorriu e balançou a cabeça, concordando com o que Sabrina disse.

— Se a mamãe diz, eu acredito. Nós sempre sabemos dessas coisas. Então, já que você tem

tanta certeza, escolheu o nome?

Sabrina se virou para mim e sorriu timidamente.

— Já sim, Eduardo e Gustavo. Não tem problema, né? Eu ter escolhido sozinha? É que tenho

pensado muito nisso.

Inclinei-me beijando sua testa. Como eu iria me importar dela escolher o nome das crianças?

Sabrina resplandecia de tanta felicidade. E, na verdade, eu também fiz algo sem ela saber. Esperava

que ela gostasse, e agora teria que dobrar tudo.

— Claro que não, eu amei o nome dos nossos meninos. Mas acho que devia pensar em nome de

meninas, só para garantir.

— Ok. Mas são meninos, eu sei.

O exame foi concluído e fomos embora com um sorriso no rosto e uma foto dos nossos filhos em

mãos. Meu coração estava acelerado e morria de nervoso. Esperava que Bruno tivesse arrumado

tudo. Seria um desastre encontrá-lo lá ainda.

Ao entrar no carro mandei uma mensagem dizendo que estava a caminho. Dirigi com o coração

na mão. Estava nervoso e feliz. Tinha mais duas pessoas importantes na minha vida.

Quando chegamos em frente à nossa casa respirei aliviado ao notar que meu cunhado não estava

mais lá. Descemos e aguardei que ela chegasse à porta da cozinha para abrir.

— O que foi, meu amor? Está abismado ainda com a notícia?

— Não, esperando você abrir. Estou sem a chave. — Ela franziu a testa, mas pegou sua chave

na bolsa abrindo a porta.

Entramos e olhei de esguelha, a luz no meu antigo quarto estava piscando exatamente como pedi

que ficasse. Aproximei-me da bancada da cozinha e encostei, mas percebi a hora exata que Sabrina

notou. Ela caminhou até o cômodo e abriu a porta devagar.

Parou e colocou a mão na boca. Virou-se com os olhos arregalados e o sorriso brilhante.

Aproximei-me e a enlacei pela cintura. Lá dentro havia tudo transformado. Como estávamos

dormindo no quarto dela, aquele seria naturalmente o quarto do bebê.

Comprei tudo na semana que soube da sua gravidez. Berço, cômoda, decoração, poltrona de

amamentação. Móbiles decorativos e musicais. Cortinas e tudo o mais. Era um quarto dos sonhos

para os bebês e a mamãe. Agora teria que acrescentar só mais um berço.

Peguei seu queixo aproximando nossos lábios.

— Gostou da surpresa, meu amor? — falei com a boca colada na dela.

Sabrina fechou os olhos e sorriu. Assentiu e se virou admirando o quarto.

— Mas como você fez? Estávamos no consultório.

— Bruno arrumou tudo. Disse que precisaria de um favor meu em um futuro próximo e já estava

garantindo que eu aceitaria sem pestanejar.

Sabrina fez uma careta e balançou a cabeça.

— Você está ferrado! Mas, amor, eu amei. Esse berço é um sonho, e esse ursinho? Ai Deus,

maravilhoso. Escolheu tudo sozinho? — Assenti e me aproximei levando-a comigo. Parei ao lado do

berço e olhei para ver se a outra surpresa estava no lugar.

— Mas ainda não acabou. Olha ali. — Apontei para o urso amarelo que segurava uma caixinha.

Sabrina ofegou e cobriu a boca, me olhando abismada.

— Pega, meu amor.

Ela estendeu a mão e pegou o objeto, me olhou com os olhos brilhantes e voltou à atenção para

a caixa de veludo. Pegou com delicadeza e quando a abriu, seu queixo caiu. Observei cada reação

naquela mulher que eu tanto amava e me fazia o homem mais feliz do mundo.

Ajoelhei-me e peguei sua mão acariciando seu pulso com o polegar, demonstrando o conforto

que queria que sentisse.

— Como você está careca de saber, eu te amo com todo o meu coração e a minha alma. Você me

faz cada dia mais feliz, eu amo tudo em você. Defeitos, qualidades, seus momentos felizes e tristes.

Mulher, eu te amo por inteiro. Quero estar com você cada um desses momentos. Aceita se casar

comigo, princesa?

Sabrina se ajoelhou à minha frente e pegou meu rosto entre suas mãos suaves. Beijou meus

lábios sorrindo, com as lágrimas descendo por seu rosto.

— Eu aceito ser sua esposa. Mas saiba que sou sua desde que meus olhos encontraram com os

seus, meu amor. Você é tudo e muito mais que eu poderia querer. Agora tenho três homens na minha

vida que me farão a mulher mais feliz do mundo.

Beijamo-nos ajoelhados no quarto dos nossos filhos. E não poderia ter amor maior do que

aquele, um sentimento que começou com um olhar agora era eternizado com os seus lábios em uma

promessa silenciosa de estar sempre juntos e se amar louca e profundamente.

Seria sempre dela como ela era minha. E assim como fiz quando tive a certeza do seu amor —

quando Sabrina se entregou totalmente, naquele dia no jardim da sua mãe —, levantei-me com ela

nos braços rodopiando, joguei a cabeça para trás e gargalhei com a felicidade que explodia em meu

peito.

Estávamos juntos para nunca mais nos separarmos.

**FIM**

**CAPÍTULO BÔNUS**

*Antes do fim*

*Lucas*

Nunca pensei que mudar de quarto daria tanto trabalho. Acho que por nunca ter me mudado, não

tinha ideia de quanta tralha acumulei ao longo dos anos. Mas tinha que levar

tudo para o quarto que

dividia com Sabrina para que a surpresa pudesse ser montada, Bruno estava com tudo pronto e

precisava deixar o quarto vazio.

Puxei uma caixa empoeirada de cima do guarda-roupa e a coloquei no chão. Passei um pano em

cima dela e abri para ver se poderia jogar fora ou se iria para a garagem. Dentro tinha alguns álbuns

velhos e diplomas, troféus e toda a parafernália da nossa infância. Porém, um envelope cor-de-rosa,

desbotado e um tanto amarelado chamou minha atenção, além do fato de ter o meu nome e o da Layla

nele, vi que era a letra da minha mãe. Engoli em seco e não poderia imaginar o que encontraria ali.

Só que por ter o nome da minha irmã, eu tinha que abrir em sua presença. Levantei-me imediatamente

e decidi procurar a minha irmã para que pudéssemos ler juntos.

Entrei em meu carro e dei partida, quando cheguei à casa da Layla a vi sentada na escada da

varanda, olhando Elvis correndo atrás de uma bola. Quando me viu, ela sorriu e acenou. Entrei,

passei a mão na cabeça do Elvis e sentei ao seu lado na escada.

— Que foi, Luquinha? Tá com uma cara estranha!

Olhei em seus olhos verdes e sorri.

— Estava limpando o meu antigo quarto e encontrei uma caixa velha, e dentro tinha esse

envelope. — Estendi para Layla, que o pegou e reconheceu a letra da nossa mãe. Ela me encarou com

os olhos arregalados e suspirou. — Eu vim aqui para que possamos ver o que tem dentro. Pronta?

Layla assentiu e abriu o envelope, retirando de lá duas folhas de caderno, velha e amarelada.

Desdobrei e a letra da nossa mãe me deu um aperto no peito. Minha irmã começou a ler em voz alta,

palavras tão carregadas de sentimentos, que era como se ouvisse a sua voz doce outra vez:

*Para meus amados filhos, Layla e Lucas.*

*Eu não sei como começar a dizer tudo que tem dentro de mim para que entendam o que passei*

*esses anos que vivemos sem o pai de vocês. Não sei explicar ou me desculpar por tê-los deixado*

*pela dor que me consumiu. Mas eu resolvi escrever essa carta para que saibam o quanto foram*

*especiais em minha vida. Não como redenção para algo que sei que não há perdão, mas como uma*

*maneira de me despedir. Sei que pouco tempo me resta... Então acho que vou começar de quando*

*conheci o homem mais lindo do mundo.*

*Fábio me encantou desde o primeiro segundo que pus os olhos sobre ele. Era um rapaz de*

*bem com a vida, extrovertido, lindo e muito simpático. Tornamo-nos amigos e logo percebemos*

*que tudo se encaixava desde que estivéssemos juntos. Começamos a namorar e dois meses depois*

*fui pedida em casamento. Tínhamos dezessete anos, claro que meus pais não permitiram. Exigiram*

*que eu terminasse a escola, pelo menos. E quando a tortura de não poder ficar com meu amor do*

*jeito que eu desejava acabou, nos casamos numa cerimônia simples no civil. Não tínhamos muito*

*dinheiro e Fábio ainda precisava terminar a faculdade. Eu não continuei estudando, trabalhei na*

*loja de uma amiga até que um ano depois de me casar com a minha alma gêmea recebi a notícia*

*que nosso amor havia gerado um fruto.*

*Os preparativos para a chegada do meu bebê foi feito com muito cuidado, não quis saber o*

*sexo até o dia do nascimento. Então tudo era de cores neutras. Nove meses depois vi nos olhos da*

*menina mais linda do mundo um amor tão grande que ainda não consigo explicar, e não havia*

*outro nome para a minha boneca: Layla, bela como a noite.*

*Logo tive que fazer uma reforma no quarto da minha menina, a princesa merecia tudo em*

*rosa e lilás. A pequena crescia a cada dia e se tornava meu maior orgulho, seu dom para a música*

*pôde ser percebido em seus primeiros anos quando um dia fui surpreendida por sua voz doce*

*cantando a música de ninar que entoava para ela todas as noites. E quando achamos que nossa*

*vida era perfeita, ela se tornou ainda melhor. Estava grávida novamente, Layla ficou tão feliz e*

*disse que seu irmãozinho se chamaria Lucas. Mesmo sem sabermos se seria menino ou menina, ela*

*tinha certeza que seria seu Luquinha.*

*Quando Lucas nasceu, a nossa vida estava completa. Nós quatro tornamo-nos um. A*

*felicidade estampada no rosto do Fábio ao observar suas crianças brincando, ou apenas*

*adormecidas no sofá de casa, exaustas por um dia inteiro de brincadeiras, era de puro amor. O pai*

*de vocês os amou intensamente.*

*Agora, meus filhos amados, ser mãe de vocês foi a maior realização da minha vida. Nada*

*pode ser comparada à felicidade que me invadia, ao ver o sorriso de vocês a cada manhã. Receber*

*seus abraços carinhosos, ouvir suas vozinhas e gritarias pela casa. Ver Lucas se tornando um*

*homenzinho responsável e preocupado com a irmã. Perceber em Layla o mesmo amor de mãe que*

*eu tinha pelo nosso menino. Vocês não fazem ideia do orgulho que sinto ao ver que vocês seguiram*

*em frente, que apesar de toda a dor não desistiram, além de perceber que em seus olhos ainda vive*

*a alegria e a vivacidade do meu Fábio.*

*Quando perdemos o pai de vocês, uma parte de mim foi junto. Tudo foi desestruturado e não*

*consegui seguir em frente. Sei que os desapontei, que não consegui ser a mãe que vocês*

*precisavam. Não pensem que meu amor por vocês diminuiu ou que não são importantes para mim.*

*Eu os amo com tudo o que tenho, mas infelizmente sobrou pouco de mim. Preciso reencontrar*

*minha alma gêmea para ser completa novamente.*

*Não sei quando encontrarão essa carta, mas peço a Deus que um dia possam ler essas*

*palavras para saberem o quanto foram amados por mim e seu pai. Vocês dois são o nosso maior*

*orgulho e amor. Antes de me despedir quero dizer algumas coisas que devia falar pessoalmente,*

*mas não tenho mais forças para tal.*

*Layla, minha pequena, não se esqueça de amar intensamente, sei que carrega a*

*responsabilidade por seu irmão, e não é fácil. Mas, minha filha, não deixe de viver, realize seus*

*sonhos e fantasias. Seja feliz! Não deixe que o medo a impeça de amar. E, quando encontrar*

*alguém que faça seu coração disparar loucamente, se entregue. Não me tome como um exemplo,*

*você tem a força do seu pai. Tenho orgulho da mulher que se tornou.*

*Lucas, meu doce menino, seja responsável e cuide da sua irmã. Leve com você o*

*amor e a*

*integridade do seu pai, saiba que não há nada mais importante que a família. Seja íntegro. Espero*

*que encontre uma garota que o faça feliz, que reconheça o tesouro que é, e a ame, meu filho. Ame*

*com cada fibra do seu ser. Deixe-a saber o quanto é especial e importante, todos os dias das suas*

*vidas diga à sua amada que tem sorte por tê-la encontrado. Seja feliz, meu menino!*

*Amo tanto vocês que dói. Cada minuto que não consigo prosseguir e ter a certeza que não os*

*verei mais velhos, com seus filhos... Meu Deus, como eu queria ver meus netos, eu me desespero e*

*me afundo em tristeza.*

*Juro que eu queria ser alguém melhor, queria merecer o amor de vocês. Mas não tenho mais*

*forças. Perdoem-me se puderem, e saibam que foram tão amados, que acho que não merecem*

*apenas parte do que sou. Sei que meu fim está próximo, posso sentir meu coração cada vez mais*

*fraco. Por isso resolvi deixar essa mensagem para que no futuro saibam do nosso amor por vocês.*

*Do meu amor por vocês.*

*Espero de todo meu coração que sejam felizes. Que tenham encontrado um amor pleno e*

*perfeito. Amo vocês demais, minhas crianças.*

*Estaremos olhando por vocês, para sempre.*

*Sua mãe que os ama muito, Laiana.*

***

Ao fim daquela carta, meu coração se livrou de qualquer mágoa que poderia restar da minha

mãe. Ela amou tão intensamente que não restou muito depois que papai se foi. Olhei para Layla e

sorri, ela chorava silenciosamente e acariciou meu rosto, entrelacei meus dedos nos dela e dei graças

a Deus por ter me dado uma irmã tão especial.

De mãos dadas olhamos para o horizonte e soubemos com certeza que *eles* estavam, sim,

olhando por nós.

**BÔNUS EXTRA**

*Casamento de Layla & Bruno*

*Layla*

Eu estava muito nervosa. A semana foi uma loucura, casar dá muito trabalho. Mas estava

ansiosa para que chegasse logo o momento de contar ao Bruno o segredo que eu guardava. Ele iria

surtar!

O vestido que escolhi era diferente, apesar de ser um branco tradicional, tomara que caia com

pedras bordadas no busto, eu insisti numa faixa vermelha que descia junto com a cauda. Por mais que

eu parecesse doce e gentil, ainda assim era uma mulher fogosa e cheia de vontades, e meu futuro

marido sabia muito bem disso. Minha personalidade nunca foi fácil de decifrar, e o vermelho me

traduzia completamente.

Meu coração batia descompassado no peito. Olhei para o lado e vi que Lucas sorria

amplamente para mim. Meu irmão estava lindo de terno preto, camisa branca e gravata vermelha.

Contudo, em seus lindos olhos verdes havia uma tristeza que tentava esconder a todo custo, Queria

tanto que ele fosse feliz, e só havia uma pessoa capaz disso. Esperava que eles se dessem conta disso

antes que fosse tarde demais.

— Pronta, Lala?

Assenti e sorri, lembrei-me de uma coisa que o Bruno me disse no dia anterior antes de

dormirmos nos braços um do outro, nus e saciados.

*— Não se esqueça, eu vou ser o cara de pé no altar com o sorriso mais idiota do mundo.*

Como confundi-lo? Não existia homem igual na face da Terra. Bruno era tudo na minha vida. Ele

foi a pessoa que me ensinou a viver plenamente, amar e me entregar. Sempre seria a minha

inspiração!

Peguei no braço do meu irmão e fomos caminhando para o quintal atrás da casa

da minha sogra.

Dona Marisa insistiu que nosso casamento fosse lá, e eu não podia estar mais feliz. Assim que

chegamos à esquina da casa, a música começou. Meu coração virou uma bagunça e fiquei com medo

de ter um treco antes do “sim”.

Lucas deu um aperto na minha mão e sorriu amavelmente. Assenti de leve e começamos a

caminhar para o tapete vermelho que me levaria até o meu garanhão.

A decoração tinha ficado perfeita, orquídeas de todas as minhas cores preferidas adornavam a

passagem. Um arco decorava o início da passarela. Os convidados estavam bem acomodados e

sorriam me observando. Quando levantei o olhar, tive vontade de chorar de emoção.

Bruno tinha o seu olhar fixo em mim, nem piscava. Seus olhos azuis, que tanto amei desde o

início, brilhavam emocionados, seu sorriso safado estava ali. Só pra mim. Nossa, como eu amava

cada pedacinho daquele cara sarcástico e sedutor! Prendi meus olhos nos dele e caminhei em sua

direção. Nada mais existia, só nós dois.

Ele sorria lindamente e disse sem que saísse som: *Eu te amo*. Senti minhas pernas bambas. Era

sempre assim ao ouvir aquelas palavras. Perguntava-me o que tinha feito de bom para merecer um

cara como ele.

Quando dei por mim estava parada à sua frente e Bruno apertava a mão do Lucas com um meio

abraço, fraternal.

— Você está levando a única família que tenho, Bruno. Sei que estão juntos há muito tempo, mas

agora é pra valer. Faça o que estiver ao seu alcance para fazer minha irmã feliz. Você é o melhor que

poderia ter acontecido a ela, seja sua fonte de inspiração todos os dias.

Lucas me emocionou com suas palavras, Bruno sorriu e assentiu entendendo o que ele quis

dizer. Então, meu irmão se encaminhou para o lado de Alberto e de Maurício, nossos padrinhos.

Bruno sorriu e beijou minha testa, olhou em meus olhos e acariciou meu rosto com o dorso da mão.

— Pronta para ser minha pro resto da vida?

Assenti, pois era incapaz de falar tamanha a emoção que existia dentro de mim. Paramos em

frente ao cerimonialista que logo deu início à cerimônia. Ele falou sobre amor e casamento, confesso

que fiz um esforço para escutar e entender, mas como? O calor do corpo do Bruno me distraía e meu

peito estava repleto de tantos sentimentos que achei ser meio impossível, então apenas curti o

momento.

Quando chegou a nossa vez de fazer os votos, nos viramos um de frente para o

outro sorrindo,

mas ele falaria em primeiro lugar:

— Uma coisa que poucas pessoas sabem é que eu conheci a Layla muito antes do bar, eu salvei

a vida de quem ela mais amava e tive o meu anjo enviado por Deus. E no dia que ouvi sua voz rouca

cantando com tanto sentimento naquele palco... ah, eu tinha que tê-la. E desde aquele momento em

que coloquei meus lábios sobre os seus nunca mais fui o mesmo. Enfim, tinha encontrado o que me

faltava e eu nem sabia que era apenas metade até você aparecer. Você me completa e transborda, sem

seu sorriso sou só mais alguém na multidão. Nosso amor aconteceu tão rápido que nem vimos o que

nos acertou, mas eu não mudaria nada da nossa história. Fomos felizes demais esses quatro anos, e

seremos muito mais o resto da vida. Eu te amo com tudo que eu tenho, sou capaz de qualquer coisa

para ver sempre esse olhar lindo de felicidade. E prometo, meu anjo, te amar e respeitar, na alegria e

na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias e além das nossas vidas aqui na terra.

As lágrimas desceram por meu rosto e nem me preocupei de enxugar, como eu sabia que iria

chorar minha maquiagem era à prova d’água. Bruno se superou em sua declaração, sentia como se

meu peito fosse explodir. E eu pudesse voar de tanta felicidade. E, então, era minha vez:

— Quando eu te vi a primeira vez no meio daquelas pessoas que estavam no bar se divertindo

com os amigos, eu pensei: “Olha, aquele cara tem os olhos mais lindos que já vi”. Então, imaginei

como seria ser amada por um cara tão intenso, mas tinha muito medo de perder mais alguém que

importava. Contudo, meu coração traiçoeiro não me ouviu, ele se apaixonou perdidamente. Eu te

achei totalmente atrevido no início do nosso relacionamento, mas sabe, não mudaria nada. Porque

talvez se você fosse diferente eu não teria permitido me entregar. E eu estava certa, Bruno. Você foi o

que eu mais pedi a Deus, que me fez plena e inteira. Como você, eu também era apenas metade. Sim,

eu te amo com todos os defeitos e virtudes, meu garanhão sem-vergonha que me conquistou e

arrebatou o meu coração, o cara de olhos azuis que me seduziu e enlouqueceu. Então, sim, eu

prometo te amar todos os dias de nossas vidas e além, em todos os momentos felizes e tristes, ser fiel

e te apoiar em tudo que fizer. E como já dissemos uma vez, o para sempre é pouco, te amarei ao

infinito.

Aplausos e gritos eram ouvidos. Bruno me puxou pela cintura e beijou meus lábios com calma e

vontade. Saboreando cada pedacinho da minha boca, nossas línguas se encontraram e como sempre

acontecia um choque percorreu por todo o meu corpo. Uníamo-nos intensa e calorosamente, em um

simples beijo. Ele sorriu na minha boca e falou:

— Você é a coisa mais linda da minha vida. Te amo demais, anjo.

Nos viramos para nossa família e amigos e recebemos as felicitações. Meus olhos encontraram

com os do Lucas e pude ver a felicidade dele por eu estar realizando mais um sonho. Sempre me

preocupei com a felicidade dos outros e nunca tive nada, mas há quatro anos tomei meu garanhão e

decidi fazer da minha vida a sua.

Fomos abraçados e congratulados por muita gente. Quando, enfim, conseguimos sentar meus pés

estavam me matando, porém ao olhar o sorriso feliz do amor da minha vida não me importava com

mais nada. Ver Bruno feliz me fazia feliz.

Ao olhar ao redor percebi que tudo valeu a pena, todos os problemas que tivemos nos

prepararam para esse dia perfeito. Apenas meu irmão me preocupava, ele e Sabrina não se entendiam

e meu medo era que a mágoa se tornasse maior que o amor. Seria uma pena, pois eles se encaixavam

como poucas vezes vi.

Ana e Alberto continuavam no mesmo arranca rabo de sempre, e alguém teve a

feliz ideia de

colocá-los sentados juntos. O que não foi muito legal, pois no momento eles estavam em uma

discussão acalorada sobre qualquer bobagem.

Heitor se mantinha distante de todos, sério, e com o semblante entristecido de sempre. Tinha

pena do meu amigo, o que quer que tenha acontecido em sua vida deveria ter sido sério. Esperava

que tudo se resolvesse, ele merecia ser feliz.

Uma mão forte e quente envolveu a minha por debaixo da mesa e entrelaçou nossos dedos. Olhei

para o lado e aqueles pontos azuis que tanto amava, me encaravam com amor e cumplicidade.

— Está feliz, meu amor?

— Demais! — Bruno sorriu roubando todo ar dos meus pulmões, nunca me acostumaria com o

efeito que ele exercia sobre mim.

Ele se aproximou e seus lábios roçaram o lóbulo da minha orelha causando arrepios em meu

corpo e me acendi completamente.

— Não vejo a hora de levar a minha mulher pra cama. — Riu roucamente. — Mas me parece

que vamos ter que esperar, temos muita festa ainda pela frente. E se prepare, é hora dos brindes.

Ele afastou-se com os olhos brilhantes e olhou para frente, virei-me e percebi Alberto com uma

taça na mão, que começou a tilintar porque ele estava batendo um garfo para chamar atenção.

— Por favor, pessoal, preciso que vocês ouçam o que tenho para falar. Sei que estão esperando

discursos e conselhos para o casal, mas esse é um casamento distinto de muitos. Layla e Bruno não

precisam de conselhos, pra quem não sabe esse dois foram feitos um para o outro, sem sombra de

dúvidas — Sorriu levantando a taça nos brindando. —, e por isso não vou dar nenhum conselho

amoroso, mesmo porque eu não sou a pessoa mais indicada para isso. — Os convidados riram da sua

gracinha e Alberto piscou para mim, que logo acenei em resposta. — Porém, eu gostaria de falar

algumas coisas... Quando conheci o Bruno encontrei meu melhor amigo, o irmão que não tive.

Vivemos muitas aventuras e farras, mas nunca durante o nosso convívio, o vi tão feliz do que quando

encontrou seu anjo. Layla transformou meu irmão no cara que ele devia ser, o amor tem dessas

coisas. Faz-nos melhor do que somos, faz com que queiramos ver o sorriso da pessoa amada e ter a

certeza que foi você que colocou lá. E vejo o orgulho no Bruno cada vez que sua amada esposa sorri.

Obrigado, Layla. Por fazer do meu irmão de coração um homem realizado!

Nesse ponto meus olhos estavam marejados e apenas sorri para ele, Alberto tinha se tornado tão

essencial na minha vida como todos da família. Ele realmente fazia parte de nós e o agradeci pela

amizade com meu amor.

Bruno me abraçou e cheirou meu cabelo. Outra voz se fez mais alta que toda a balbúrdia da

festa. Meu irmão havia se levantado e repetia o gesto de Alberto com a taça de champanhe. Meu

coração se apertou, toda vez que Lucas falava me preparava para grandes emoções.

— Depois desse monte de baboseira, preciso salvar o brinde dos padrinhos. — Lucas riu para

Alberto, que fez um gesto feio para ele, arrancando risadas de todos na festa. — Bom, o que eu tenho

para dizer não é um discurso ou conselho que, como meu amigo ressaltou, eles não precisam. O que

eu vou falar é um agradecimento. Eu fui criado pela minha irmã desde os cinco anos, Layla foi minha

amiga, irmã, companheira e mãe. Meu porto seguro, sempre esteve ali para o que eu precisasse. Com

o passar dos anos, vi minha irmã trabalhando muito para me dar um futuro decente e fiz o meu melhor

para ser merecedor de tudo isso. Só que me lamentava todos os dias por ela não ter tido a

oportunidade de viver sua própria vida. Poder errar como qualquer jovem, sair e namorar, fazer

amizades... Nossa vida começou com muitas perdas e sei que foi o que pesou para se tornar tão

receosa quanto a envolvimentos. Eu e Layla sempre tivemos um ao outro, mas mesmo assim era um

pouco solitário. Nem sempre conseguia suprir toda a carência que minha irmã precisava. E quando

ela encontrou o Bruno foi como ver uma flor desabrochar, tudo que eu sabia que ela era capaz foi

realizado ao lado da sua alma gêmea. Layla e Bruno provaram para mim que amar não precisa ser

triste, não precisa ter medo, que é apenas se entregar e aproveitar cada dia o máximo que puder.

Porque, na verdade, não sabemos quando chegará o nosso fim. Independente da vida ou da morte, sei

que o amor de vocês prevalecerá. Então, minha irmã, eu sou grato por cada milésimo de segundo que

passei ao seu lado, por tudo que me ensinou e continua me ensinando. Obrigado, mãe! Aos noivos.

Lucas levantou a taça e brindou a nós com seu sorriso lindo de menino; e eu, que já chorava

desde que ele começou a falar, devolvi seu sorriso. Ouvir aquilo tudo do meu irmão foi como

finalizar um ciclo, aquele que eu tinha medo. Mesmo que tenha passado tantos anos ao lado do Bruno,

o medo de perdê-lo ainda estava presente. Com as palavras do Lucas percebi que independente do

que acontecesse nosso amor estaria ali, dentro de mim.

Senti Bruno se aproximando e sua respiração fez cócegas em meu pescoço.

— Te amarei ao infinito, anjo. Eternidade é pouco para nós.

E eu apenas poderia concordar e meu coração foi acalentado com a promessa que nem mesmo a

morte nos separaria. Nosso amor era muito maior do que imaginávamos, nossa alma era uma só.

***

*Lua de mel*

*Bruno*

Nós pegamos um final de semana de folga, Layla não queria se distanciar muito do bar e eu tinha

que trabalhar no hospital. Mas tudo bem, porque estava me deliciando na praia. Minha mulher, linda

como sempre, ostentava um biquíni vermelho que contrastava com sua pele branca e macia. Assim

como seu vestido de noiva, ela era uma contradição sem tamanho, e eu a amava. Eu a observava da

areia, brincando na água. Decidi, então, me juntar a ela.

Devagar e silenciosamente me aproximei por trás. Layla estava de costas olhando para o mar

sem fim à sua frente. Enlacei-a pela cintura e prontamente ela se recostou em meu peito sorrindo.

— Como você sabia que era eu? E se fosse um tarado?

— Porque eu sinto o calor do seu corpo de longe, garanhão.

Sorri e beijei seu pescoço salgado e quente.

— O que você está pensando, meu amor? Tá olhando tanto pra água.

Layla suspirou profundamente.

— É que estou feliz demais. Minha vida tem sido linda e perfeita, não quero que termine nunca.

Sinto-me cada vez mais completa. Ainda mais com o amor maior que carrego dentro de mim.

— Uau, eu sei que me ama, anjo. Mas caramba, que palavras lindas!

Ela se virou com um brilho diferente em seus olhos verdes. Sorriu lindamente como nunca tinha

visto, estava diferente e parecia serena.

— Você me deu tudo o que eu queria e ainda não sabe, e agora mais do que nunca sou uma

mulher realizada. Daqui a sete meses vamos ter mais alguém em nossa família.

Fiquei olhando pra ela sorrindo e absorvendo o que me disse, fiz algumas contas e arregalei os

olhos. Olhei seu corpo lindo e gostoso e me distraí um pouco, mas logo sacudi a cabeça e observei a

barriga plana da minha mulher. Engoli em seco.

— Você... está grávida?

— Estou sim, de dois meses. Fiquei sabendo semana passada e queria te contar nesse momento

especial.

Eu não podia acreditar na felicidade que estava vivendo. Era bom demais, tinha medo que fosse

um sonho. Não disse nada. Peguei-a nos braços e gritei tão alto em agradecimento por ter a família

mais perfeita do mundo.

Eu tinha tudo o que merecia e muito mais.

— Ai, meu Deus! Eu vou ser pai, porra, estou feliz demais. Anjo, muito obrigado, não sabe o

quanto me sinto realizado ao seu lado.

— Sei sim, meu garanhão. Porque a sua felicidade reflete em mim.

**AGRADECIMENTOS**

Quando escrevi “Inspiração”, não tinha ideia do que a história me proporcionaria. Esperava uma boa aceitação, mas não

imaginava que o livro me traria tanta felicidade e autorrealização.

A série intitulada com o nome do primeiro livro contará a história de cada personagem, não deixando de lado, claro, os primeiros

protagonistas. *Impulso* foi, sem sombra de dúvidas, mais intenso que o seu antecessor. A história fala de confiar, principalmente em si próprio. E que talvez o maior monstro que temos que enfrentar se encontra dentro de nós mesmos; cabe a cada um lutar e assim poder

viver plenamente o que desejar.

A cada nova linha, parágrafo, capítulo e livro que termino é uma nova jornada que se inicia. Sim, pois no momento que coloco o

Fim na última página é quando tudo começa. Sou grata por cada pessoa que separa algumas horas dos seus dias para ler o que escrevo.

Agradeço a Deus por me dar força e inspiração, para que eu continue nessa carreira que escolhi e que possa seguir por muitos

anos. Ao meu marido, meu fã número um (palavras dele). Obrigada, Gu, por tudo. Seu apoio e amor são fontes essenciais para que eu

siga em frente. Ao meu menino lindo, Eduardo, o garotinho mais doce e sincero

que conheço. Obrigada por me permitir te amar, pois cada dia que passa me sinto mais orgulhosa de você. À minha irmã por estar sempre do meu lado, Jé te amo. Aos meus pais, por seu

carinho, amor e por serem aqueles que me fizeram amar a literatura.

Não posso deixar de agradecer à Carla Fernanda, minha amada amiga e revisora de todos os meus livros. Muito obrigada por

seus conselhos, sugestões e tudo o mais que ajuda com que a história fique perfeita. E, acima de tudo, por sua amizade e apoio.

Às minhas betas queridas, que são muitas, mas sabem que são especiais para mim. Vocês foram maravilhosas, obrigada por tudo!

À Erika Romani pelos conselhos jurídicos que foram essenciais na trama. Obrigada por sua ajuda e apoio.

Aos meus amigos de letras, deixo a minha gratidão e admiração.

E não posso deixar de mencionar as minhas amigas que estão diariamente comigo, surtando e incentivando que eu termine mais

uma história: Gracileni Melo Aguiar, Pitty Bonadio, Andréa Titericz, Fabi Rodrigues, Lais do Vale, Marlene Guimarães, Sandra Regina,

Iza Corat, Paula Giannini e Flávia Andrade. Obrigada por fazerem os meus dias mais divertidos e especiais, adoro vocês.

E, lógico, aos leitores maravilhosos que tenho. Muito obrigada pelo carinho e apoio que me oferecem; sem isso eu não conseguiria

chegar onde estou. De verdade, vocês são muito especiais.

Fico por aqui. Espero não ter me esquecido de ninguém e que tenham curtido essa linda história de amor!

Beijinhos, Gisele Souza.



**A AUTORA**

**GISELE SOUZA**

Nasceu em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, em 1 de maio de 1987. Leitora compulsiva,

apaixonada por livros filmes e séries. Começou a se aventurar no mundo da escrita em 2013 e assim

encontrou sua verdadeira vocação. “Inspiração” é seu primeiro romance publicado. Considera-se

uma pessoa simples com uma vida descomplicada. Casada e mãe de um menino lindo de cinco anos.

**CONTATO**

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

**Blog oficial | FanPage | FanPage de Impulso**

Gostou do livro? Curta a **FanPage** da série *Inspiração* e compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.




**OUTRAS OBRAS NA AMAZON**

Conheça outros romances contemporâneos da autora:

**INSPIRE!**

Conheça Layla Bonatti em seus doze anos, uma menina doce e feliz.

E seu irmão Lucas, um encanto de herói.

*Prequel* do livro *Inspiração*. Inspire-se e se emocione!




**INSPIRAÇÃO**

Para Layla Bonatti, não havia pessoa mais importante do que o seu irmão, Lucas. Criá-lo desde pequeno cobrou seu preço e seus

próprios sonhos foram anulados, exceto um: a música, paixão que cultivava desde que era uma menina.

Cantar no bar era o seu único prazer, em suas apresentações deixava transparecer todos os seus sentimentos. Desta forma,

encontrou a recompensa tão sonhada: ser amada e valorizada, seus anseios mais secretos.

Porém, o fantasma da perda ainda rondava o seu coração.

Layla será capaz de esquecer toda a dor e finalmente abrir o seu coração para um intenso romance?

**Table of Contents**

NOTA DA AUTORA

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

EPÍLOGO

CAPÍTULO BÔNUS

BÔNUS EXTRA

AGRADECIMENTOS

A AUTORA

CONTATO

OUTRAS OBRAS NA AMAZON

INSPIRAÇÃO

# Document Outline


- NOTA DA AUTORA
- PRÓLOGO
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29
- CAPÍTULO 30
- CAPÍTULO 31
- CAPÍTULO 32

- CAPÍTULO 33
- CAPÍTULO 34
- CAPÍTULO 35
- CAPÍTULO 36
- CAPÍTULO 37
- CAPÍTULO 38
- CAPÍTULO 39
- CAPÍTULO 40
- EPÍLOGO
- CAPÍTULO BÔNUS
- BÔNUS EXTRA
- AGRADECIMENTOS
- A AUTORA
- CONTATO
- OUTRAS OBRAS NA AMAZON
- INSPIRAÇÃO